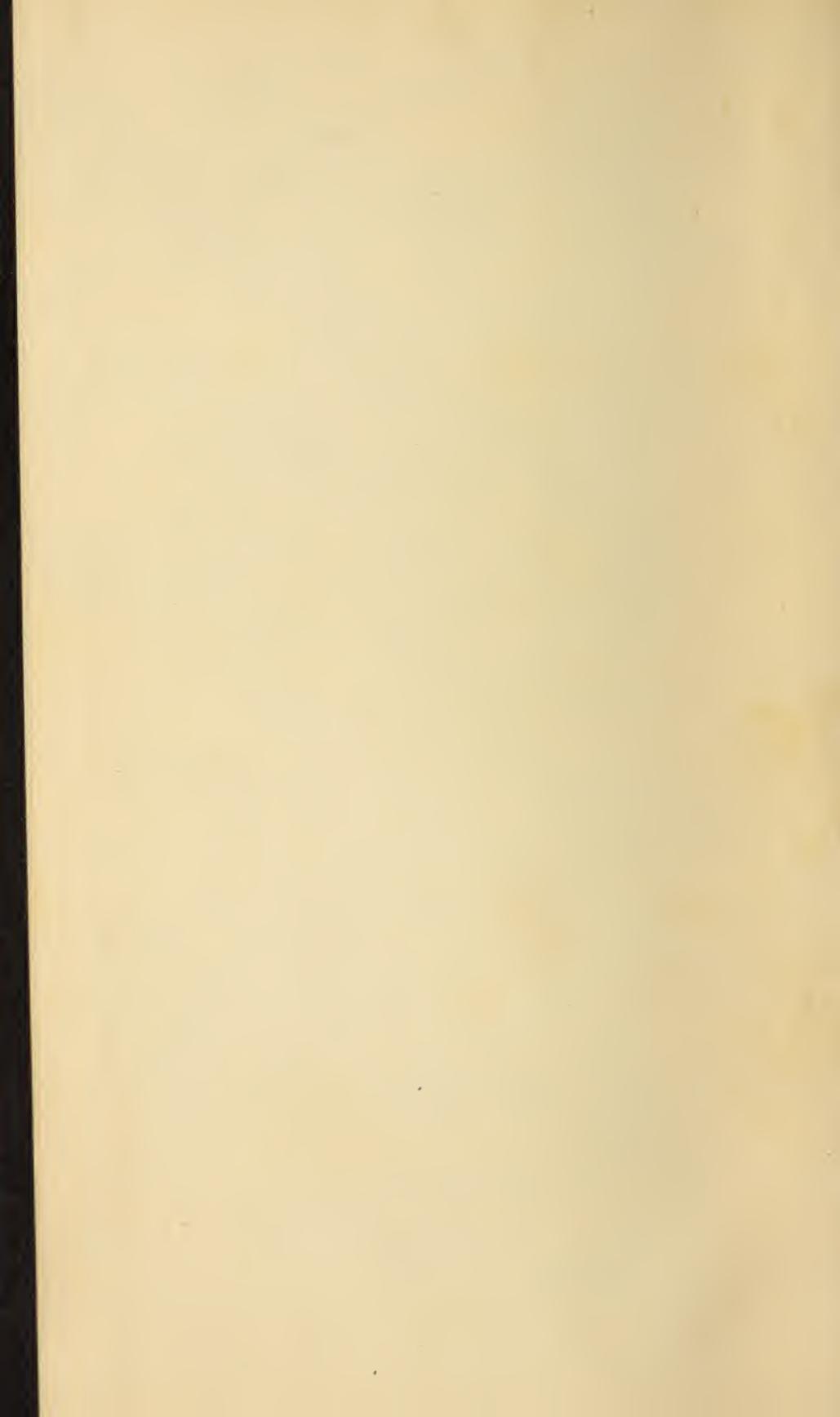




Class PQ9261

Book .P54N7



2
BIBLIOTHECA MORE

2075
4224

PINHEIRO CHAGAS

NOVELLAS HISTORICAS



S. H. Monteiro

PORTO

Viuva More — Editora

PRAÇA DE D. PEDRO

1869



NOVELLAS HISTORICAS

PORTO — IMPRENSA PORTUGUEZA,
Rua do Almada, 161.

PINHEIRO CHAGAS, *Manuel*

vi

NOVELLAS HISTORICAS



Manuel Pinheiro Chagas
Camdeão 1869
70
709

PORTO

Viuva Moré — Editora

PRAÇA DE D. PEDRO

1869

PQ 9261
.P54N7

387270

'29

AMK 18033

O WALI DE SANTAREM

I

Ⓞ ultimo arabe

Quão longe estava já o imperio sarraceno na Hespanha da sua primitiva grandeza e do seu antigo esplendor! O sol do dominio islamita pendia para o occidente, e o seu occaso afogueava-se no rubor do sangue derramado em discordias civis. Quem diria que essa faxa do Andaluz, mera dependencia do Maghreb africano, era o que restava d'esse formidavel imperio occidental, que, irradiando de Kordova para os Pyreneos e para as Asturias, além atravessava os montes que o separavam das terras do Afranc, e estabelecia a sua guarda avançada dentro dos muros de Medina Narbonna, como os chro-nistas arabes chamam á antiga capital da Gallia Narboneza, do outro lado comprimia nas agruras selvaticas dos montes de Al-Djuf, como elles escrevem tambem, as debeis reliquias do imperio visigothico,

agrupadas em torno do intrepido Pelayo! Quem diria que esse povo, ebrio de sangue e agitado pelas paixões mais brutaes, era o mesmo povo culto cuja civilisação resplendia com tão intensa luz no meio das trevas em que estava sepultada a Europa, quando Abd-er-Rahman III, o feliz e victorioso emir, o poeta mimoso, o protector das artes, o adorador do bello, recebia no seu palacio de Azzahrat, entre os esplendores do luxo, os embaixadores que lhe enviava de Constantinopla o imperador grego, o herdeiro dos Cesares, quando nas universidades de Kordova entrava humildemente, para ouvir com mudo respeito as lições dos doutores musulmanos, o estudante Gerberto, que depois, com o nome de papa Sylvestre, devia governar a egreja christã e catholica! Então o imperio mahometano das Hespanhas era potente e forte, ainda que do lado septentrional já uma larga zona lhe fôra arrancada pelo gladio infatigavel dos foragidos das Asturias, ainda que o brado de alerta das sentinellas avançadas do conde de Castella Fernão Gonçalves já podia ser ouvido nos muros de Toledo, ou Tolaitola, como os arabes diziam, a cidade sempre inquieta e buliçosa, e sempre querida dos kalifas. Mas o grito de guerra dos cavalleiros zennetas da guarda do emir fazia descórar os mais intrepididos entre os guerreiros da cruz, e para o lado do sul as suas bandeiras victoriosas tremulavam na Africa revolta, e as tribus do deserto curvavam-se respeitosas ao ouvirem pronunciar o seu nome. Se-

nhor do Andaluz e do Maghreb, olhando com desdem para os christãos que lhe tumultuavarn ao norte dos seus dominios sem ousarem ultrapassar a fronteira traçada pela cimitarra do emir, olhando sem inveja para o throno dos kalifas do Oriente, a cuja altura erguêra o seu solio occidental, Abd-er-Rahman III, orgulhoso da sua não interrompida prosperidade, podia exclamar com ufania: «A este imperio consolidado pela minha mão poderosa assegura a Providencia resplandecente immortalidade!»

E, contudo, o seu reinado foi o ponto culminante do poderio e da civilização musulmana, ponto culminante onde não se demorou um momento só, começando logo, logo a desabar com a rapidez de uma avalanche pelo pendor da decadencia. Debalde o hadjeb El-Mansur, levando o terror e a assolação ao seio das monarchias christãs, fazendo recuar todos esses godos impetuosos diante dos relampagos da sua espada, illuminava com o esplendor da victoria os ultimos dias da dynastia dos Ommyadas; a sentença estava lavrada, e não havia coisa alguma que a impedisse de se cumprir. O imperio musulmano da Hespanha ia succumbir; tinha dentro de si mesmo o germen da dissolução — o despotismo. Quando aos despotas intelligentes succederam os despotas idiotas; quando, como na familia dos Merovingios em França, se sentaram no throno kordovez reis *fainéants*, em nome dos quaes governavam tambem esses *maires du palais* arabes, que se chamavam

*

*hadjeb*s, então pôde-se vêr como o despotismo em putrefacção produz a anarchia, e como da anarchia brota a morte de uma nacionalidade. Os walis arabes sublevaram-se por todos os lados, cada provincia se transformou em reino, cada régulo quiz governar só; como succede sempre em casos semelhantes, houve um rei imprudente ou mais exaltado que chamou os estrangeiros em seu auxilio; foram estes os almoravides de Africa, que de auxiliares em breve se tornaram dominadores. Assim tinham estabelecido a sua supremacia em Hespanha os arabes de Tarik e de Musa, *simples aliados* do conde Julião de Sebta e do partido dos filhos de Witiza. Mas o governo almoravide não se estabeleceu sem grandes luctas. O Andaluz tornou-se theatro de uma guerra feroz entre irmãos; muitas vezes os velhos adversarios da raça musulmana foram chamados pelos chefes dos differentes bandos para favorecerem a sua parcialidade, e assim o inimigo natural, o christão, era introduzido, pelos proprios que tinham interesse em desvial-o, no amago do imperio de Abd-er-Rahman.

A ponto de complicar estas discordias, surge na Africa a seita e a dynastia dos almohades inimigos dos almoravides. Então divide-se o Andaluz em centenaes de facções; é difficil distinguir o amigo do inimigo. Esta fortaleza toma voz pelos almohades, n'aquella tremúla ainda o pendão dos almoravides; este wali quer a sua independencia, aquell'outro sus-

pira pela apparição de algum ramo ignorado da dynastia ommyada. E entretanto os quatro reinos christãos, Portugal, Leão, Aragão e Navarra, sem deixarem de ser dilacerados pelas discordias internas, vão ampliando sempre o seu territorio, ampliação que está sendo para alguns d'elles uma condição essencial da sua existencia. A invasão christã, ameaçadora e triumphante, a alargar cada dia as suas fronteiras; a discordia civil a banhar de sangue musulmano os fertes plainos da Andaluzia e do Al-Gharb, eis os dois abutres que pairam sobre o cadaver ainda palpitante do antigo imperio kordovez.

Entre os differentes reis nazarenos que abriam com o seu montante, cada vez mais ao sul, novas extremas ao seu territorio, um havia, cujo nome inspirava profundo terror aos musulmanos. Era o rei de uma nova monarchia desabrochada no occidente da peninsula, era o rei de Portugal. O tyranno Ibn-Errik, nome pelo qual as chronicas arabes designam sempre o nosso heroico Affonso Henriques, não lhes deixava um momento de socego, e quasi que não havia mez em que o seu pendão não tremulasse nas ameias de mais alguma fortaleza rendida. Os arabes do Al-Gharb escutavam com terror ao longe o tropear do cavallo de Ibn-Errik, viam relampaguear nas sombras o seu rude montante, e a realidade quasi sempre seguia o sonho. Um grito de victoria, soltado no adarve de uma fortaleza surprehendida, assignalava a cada instante a apparição de Affonso

Henriques, subita e fulminante como um raio. Era um leão na batalha campal, era um tigre nas surpresas nocturnas; era verdadeiramente o anjo das vinganças do Omnipotente, o anjo Azrael das crenças mahometanas sulcando com as suas azas silenciosas a profundeza da noite, ou apparecendo em pleno dia, terrivel e resplandecente, a ceifar com a sua espada a lugubre seara dos campos de batalha.

E, comtudo, Affonso Henriques tinha adversarios dignos d'elle. As hostes musulmanas das fronteiras conservavam todo o seu vigor antigo; sabiam militar os seus chefes, e entre outros o nome de Abu-Zakaria, o wali de Santarem, era bem conhecido entre os christãos pelas terriveis algaras com que pagava as correrias do joven monarcha de Portugal.

Como o Tejo lá corre em baixo limpido e susurrante, reflectindo nas suas aguas a casaria branca da arabe Chantaran, e espelhando a muralha rugosa da alcaçova erguida no pincaro da sua montanha! Debruçando-se das ameias do velho castello moirisco, quem não sentiria uma suave sensação, de todo estranha aos agros jubilos da guerra, vendo espraiaem-se ao longe pela margem do Tejo tantos vergeis opulentos, tantas campinas verdes, tantas searas loirejantes, que ondeiam e se acamam, como um vasto mar de espigas de oiro, ao sôpro da fresca brisa do sul. E que doces pensamentos de voluptuosidade suave e encantadora não inspira tambem essa longa fita azul do rio que vae deslizando caminho

de Lisboa, embalando no seio a barca indolente do pescador mosarabe, que parece ir dormindo á sombra da vela triangular, como um passarinho á sombra da aza branca! E o sol ri no ceo tambem azul e sem mancha, e as gaivotas pairam sobre o rio descrevendo no ar os seus graciosos circulos, e ao longe ouve-se uma vaga toada de cantiga de barqueiro, e do lado da terra vem como que n'uma bafagem a cantilena monotona do lavrador guiando os bois melancolicos e vagorosos! Quem pensaria em guerra e em combates no seio d'essa natureza pacifica e fecunda, debaixo d'esse ceo tão luminoso, á beira d'esse rio palreiro!

Pois eram os pensamentos de guerra e de combates os que pairavam sobre essa paizagem tranquilla, porque nos muros de Santarem tremulava ainda a meia-lua musulmana, e além, ao norte, no seio dos sombrios retiros de Coimbra, o terrivel Ibn-Errik, por algum tempo adormecido nos braços da sua joven esposa, Mafalda de Maurianna e Saboya, começava a espreitar com olhos cobiçosos a formosa filha dos arabes.

Estamos em 1147, e o Al-Gharb da Hespanha vê-se, mais do que nunca, dilacerado pelas discórdias civis dos seus possuidores. Entre almoravides e almohades está-se travando a lucta mortifera, e os walis da Hespanha, desconfiados uns dos outros, rasgam por todos os lados a tunica sumptuosa do Andaluz. Aqui no occidente tres walis principaes

formam entre si uma alliança que lhes assegure a independencia, o wali de Mertola, o de Badajoz e o de Silves ; o ultimo heroico defensor da dynastia almoravide, Ibn-Ganyah, semeia, para os dominar, entre elles a discordia. O wali de Mertola, Ibn-Kasi, alvo da desconfiança dos seus dois alliados, chama para o salvar o mais terrivel inimigo dos musulmanos, Affonso Henriques. Depois invoca o auxilio do emir almohade de Africa, e este, que ainda não veia estabelecer o seu dominio em Hespanha, acceita o representante que se lhe offerece. Assim como Ibn-Ganyah, o wali de Valencia, é o ultimo chefe almoravide, é Ibn-Kasi o primeiro chefe almohade. De um lado e de outro se enfileiram os walis do Andaluz ; só Abu-Zakaria, o wali de Santarem, olhando com desprezo profundo para todas estas discordias, immovel no seu posto de combate, espreita ancioso a tempestade que se accumula ao norte, e do seu ninho de fraguedos sae, como a aguia que não teme o raio, a pairar sobre as campinas dos christãos.

É uma tarde de primavera, pura e suave. A brisa enruga levemente as aguas do rio ; as atalayas moiriscas velam indolentes nas guaritas da forte alcçova. Dentro da fortaleza ergue-se o palacio do wali, rodeado de jardins pequenos, mas deleitosos, que penduram os seus canteiros de flores, como taboleiros aéreos na rocha alcantilada, sobre o rio murmurante. Pequenos são, dissemos, mas alli como que em miniatura se reflectem todos os esplendores dos ma-

ravilhosos jardins de Kordova ; alli, entre bosquesinhos frondosos, brilham na sombra as limpidas aguas de pequenos lagos ; alli se encontram as thermas de abobada estrellada, por onde se insinuam frouxos raios do sol, que derramam luz suavissima n'esses asylos da voluptuosidade. No meio dos jardins divisa-se um pavilhão, a cuja porta uma estatua de pórfido, lavrada por mãos de artista primoroso, representa a imagem do silencio. No centro d'esse pavilhão, onde ainda talvez cheguemos a penetrar, ouve-se cá de fóra o murmurio delicioso da agua batendo n'uma bacia de marmore, som argentino que espalha em torno de si uma suave sensação de frescura.

Era esse o retiro predilecto de Zuleyma, a filha querida do velho wali de Santarem, Abu-Zakaria.

A esta hora em que a tarde vae declinando; em que as vastas sombras do arvoredado se prolongam até ondearem lá em baixo na corrente palreira do rio, Zuleyma não está no pavilhão predilecto. Sentada á beira do terraço que domina o Tejo, contempla com tristeza uma arvore estranha que vegeta debilmente junto d'ella. É uma palmeira. A filha do wali teve o capricho de transplantar para a sua nova patria a arvore das regiões do sol, onde teve a sua raça o berço. Mas a verdejante filha d'essas terras abraçadas não pôde vingar n'este solo mais frio do occidente; pediu de balde á brisa o calido bafejo, ao ceo a chamma abrazadora dos seus raios, e, privada

d'essas caricias ferventes, feneceu em breve, estendendo apenas, como braços enfezados, os seus ramos murchos sobre o frescor do rio.

Zuleyma tem entre os dedos a harpa melodiosa. Contempla tristemente, ora a palmeira rachitica, ora as vastas campinas verdes que se desenrolam aos pés do alcaçar, e onde a luz alterna com as sombras, que augmentam a cada instante. Involta no véo estrellado, com as tranças negras apanha las na coifa moirisca, a fronte cingida por uma faixa de perolas, a formosa filha do wali parece verdadeiramente uma das fadas que os contos arabes devaneiam fluctuando na transparente nebrina da tarde. No rosto levemente moreno scintillam com melancolico fulgor os seus rasgados olhos negros. Volta-os de novo para o rio, e com tristeza o contempla; para a vela branca do barco de pescador que voga em direcção a Lisboa, e a sua alma parece querer seguir-lhe a espumea esteira; crava-os na arvore enfezada, e, sentindo lagrimas involuntarias escorrerem-lhe nas faces, empunha a harpa de oiro, e canta com voz melancolica estas sentidas endechas, compostas por Abd-er-Rahman I, o fundador da dynastia ommyada na Hespanha arabe, por elle desmembrada da monarchia dos kalifas orientaes:

Tambem tu, insigne palma,
'stás sendo aqui forasteira;
beija-te os ramos do Algarve
a brisa doce e ligeira.

Lançando fundas raizes
n'este fecundo terreno,
ergues a copa frondosa
ao firmamento sereno.

Tristes lagrimas choráras
se como eu sentir podesses...

— E d'esta vez advinhou o real poeta, acudiu uma voz junto d'ella. Que motivo ignoto desfiou esse collar de perolas nas tuas faces, rosa? Foi o calor da tua phantasia que dissolveu a faxa que te cinge a fronte, ou a minha querida Zuleyma esconde a seu pai alguma tristeza profunda?

— Meu pai! dissera a gentil Zuleyma apenas sentira a voz do wali.

Era um formoso velho de longas barbas brancas, a cujo porte magestoso davam realce ainda as amplas vestes musulmanas.

— Meu pai, continuou Zuleyma, nada tenho que me afflija; mas, vendo essa triste palmeira sem poder viçar ao sôpro d'estas brisas tão suaves, impressionou-me tristemente o contraste que fazia com os versos do sublime e potente emir. Nada mais.

— Enganou-se em tudo, respondeu com grave e melancolico aspecto o venerando velho, enganou-se em tudo o heroico filho dos Merúan. Era forasteira a palma, e nós forasteiros somos. A terra da Hespanha, que estremecemos tanto, repelle as ar-

vores e os filhos do deserto. Ó Andaluz viçoso, ó terra de esmeraldas, captiva graciosa e meiga, não te adornou de bastantes pompas a mão dos teus emires, não recamou de palacios de oiro e marmore, de mesquitas maravilhosas, de soberbas aljamas, o teu solo que a natureza opulentou? E, desdenhando até os preceitos do propheta, não desprezámos a nossa missão religiosa, não respeitámos as crenças de teus filhos, não os fizemos sentar ao nosso lado no banquete da hospitalidade? Por que assim nos foges então, sultana favorita, para te ires entregar nos braços d'esses homens de ferro, selvagens e rudes, que só brutalisar-te sabem? Ah! triste palmeira foragida, murchou como as tuas folhas a nossa prosperidade, e o nosso dominio está prestes a baquear como o teu carcomido tronco.

E o wali deixou descair na mão a sua larga frente, e pelas barbas alvas de neve deslisou uma lagrima. Zuleyma aproximou-se d'elle tristemente, e poisou-lhe ao de leve a mão no hombro:

— Já as tristezas fugiram, como foge a noite quando raia a aurora, disse elle sentindo-a. E tu és a aurora que derrama sempre um raio de luz nas sombras do meu crepusculo; és a primavera que me acalenta o outono, a rosa fragrante que povôa de aromas, o rouxinol que povôa de melodias a minha sombria e deserta alcaçova. És a perola que sempre encontro a consolar-me quando desço ao fundo dos abyssos de tristeza em que estes pensa-

mentos me mergulham. Ai, rosa pura! nunca te arranque o temporal do teu canteiro abrigado. Ai, perola nacarada! nunca a tempestade revolva as aguas do teu leito.

Ella sorriu-se para elle com um sorriso angelico.

— Não ha perigo, disse, que o vendaval derrube o ninho alpestre das aguias, pelo menos quando é desencadeado pelas mãos dos homens. A vaga irritada dos cavalleiros nazarenos vem bater já sem forças nas muralhas da alcaçova de Santarem; e a nuvem de pó que levantam na investida os pés dos seus ginetes dissipa-se com um sôpro, quando resôa no adarve das torres o grito de guerra de Abu-Zakaria, a aguia do Al-Gharb do Andaluz.

A frente do wali ergueu-se resplandecente de orgulho.

— Ah! não temo os christãos. Posso tambem dizer, como o emir Al-Hakem, que vi fazerem-se os montes em valles quando lhes trepava ao cume, humilharem-se os mais audaciosos entre os chefes nazarenos ao verem resplandecer entre as sombras da noite, como luminosas estrellas, as cotas dos soldados das minhas tropas. Mas, estrella da minha vida, o que me dilacera o coração é ver assim aviltado o imperio dos Beni-Merúan; é ver este imperio poderoso e tranquillo, em vez de dar, como d'antes, á Europa o exemplo da civilisação, dar-lhe o exemplo da selvageria. Os cultos walis do Andaluz são os primeiros a escolherem por dominadores os

rudes bereberes, quer sejam os de Lamtuna, quer sejam os sectarios de Abdallah! Outr'ora o Maghreb era vassallo dos poderosos kalifas de Kordova, e Abd-er-Rahman Annasir, o filho abençoado da escrava nazarena, afagando as ondas da sua barba sedosa, via com desdem ajoelharem-lhe aos pés, nas salas magnificas do alcaçar de Azzahrat, os negros chefes das tribus do deserto. E hoje são elles que dominam; hoje é á pobre Fez que se vae pedir a senha. Já em Kordova se não reune a corte sumptuosa onde os doutos khatibes, os hafites depositarios das tradições, derramavam em torno de si os esplendores da sciencia; hoje são esses escravos do deserto os mestres de theologia dos doutores musulmanos; já se não edificam mesquitas como a de Kordova, com as suas mil columnas de marmore e as suas cinco mil lampadas de prata, mas arrasam-se talvez. Embora! Aqui na risonha Santarem nunca se ha de transigir com os barbaros de Al-Maghreb, nem com os barbaros da Galliza. Aqui ha de sobreviver o que resta da civilisação kordoveza, e dentro d'estas muralhas se ha de conservar resplandecente o sanctuario das nossas tradições, sanctuario de que tu és, Zuleyma, a lampada doirada. Morrerei sepultado debaixo das ruinas da alcaçova, mas ao expirar poderei dizer aos traidores: «Morreu o ultimo arabe.»

E a estatura do velho erguia-se desempenada e altiva, e a sua nobre cabeça, illuminada pelos raios

do sol poente, tinha uma bella expressão de magestosa poesia.

— Não morrereis, meu pae, exclamou a gentil Zuleyma lançando-lhe os braços á roda do pescoço, porque ha de querer o propheta que fiqueis servindo de nobre exemplo aos degenerados filhos de Musa e de Tarik. Deus é grande, e ouvirá as minhas preces.

Abu-Zakaria não lhe prestava já attenção. Inflammava-o um estranho enthusiasmo. Voltando-se na direcção do norte e estendendo o braço para o lado da serra de Albardos, exclamou:

— Ibn-Errik, tyranno suscitado pelo propheta para castigar os crimes e as discordias do seu povo corrompido, vem; por que tardas? Pendem á minha cintura, de envolta com as chaves de Santarem, as chaves de Alisbona, da rainha do Tejo, cuja posse ha tanto cobiças; vem ou extinguir no meu sangue a ultima esperança de resurgimento do Andaluz, ou deixa que eu apague no teu sangue maldito a minha sêde de vingança.»

Um grito que resoou no espaço, cheio de terror e angustia, foi a unica resposta que obteve a apostrophe do wali. Voltou-se com susto, e viu ao seu lado Zuleyma, pallida como flor batida pelo vendaval. Abu-Zakaria apertou-a ao peito, exclamando:

— Oh! nada temas! São altas as muralhas da alcaçova de Santarem; para aqui chegar é preciso ser aguia, e Ibn-Errik é só abutre.

Mas no momento em que o wali pronunciára a

vehemente apostrophe sumira-se de todo o sol no occaso. As sombras melancolicas do crepusculo iam-se espraçando nos campos; o rio lá em baixo murmurava queixoso e plangente; accendiam-se uma a uma no ceo as lampadas da noite; e a brisa suspirava com tristeza nos ramos nús da palmeira.

II

O filho do deserto

Ainda largo tempo ficou Zuleyma debruçada sobre o rio, cujas aguas arrastavam na corrente, como outras tantas perolas, o reflexo das scintillantes estrellas. Salteava-a um vago presentimento, e a audaciosa evocação de Abu-Zakaria parecia-lhe quasi uma blasphemia que o destino não tardaria a punir. Com os olhos cravados na escuridão da noite, receiava ver surgir ao longe o vulto gigante de Ibn-Errik, e vêr scintillarem nas trevas os relampagos do seu elmo. Porém nada viu senão a noite, nada ouviu senão o ramalhar da brisa, o murmurio do Tejo e o grito das aves nocturnas.

Sobraçando a harpa, dirigiu-se então com passo ligeiro para os seus aposentos na alcaçova. Quem a visse atravessar quasi aéreamente os jardins silen-

ciosos, quem visse branquejar entre as arvores, á luz trémula das estrellas, o seu véo bordado a oiro, quem visse accender-se-lhe na fronte como que um pallido fogo, aureola que provinha do vago scintillar da sua faxa de perolas, julgal-a-hia devéras uma d'essas fadas do Oriente que vagueiam nos jardins, procurando, como Titania, o abrigo das rosas.

Subito Zuleyma parou soltando um grito. Erguêra-se diante d'ella um vulto, cuja physionomia negrejava, em contraste com a alvura do capuz do seu albornoz fluctuante. Uma barba negra e espessa povoava-lhe o tostado rosto, e nos olhos negros brilhava um fulgor selvagem.

— Mogbar! exclamou assustada e deitando a correr na direcção do palacio.

Mas, antes que dêsse dois passos, estava Mogbar junto d'ella, e suspendia-a poisando-lhe ao de leve a mão no hombro.

— Por que foge a gazella quando apparece o leão do Atlas? exclamou o berebere, e a sua voz tinha inflexões de extraordinaria doçura; por que se esquivava a palmeira flexivel e airosa ás caricias ardentes do turbilhão do deserto? Sou eu por acaso um d'esses nazarenos descridos, abutres que só ousam empolgar as pombas que arrulham nos terrados da alcaçova?

— Os nazarenos descridos, respondeu ella com certa energia, combatem os inimigos; e tu, Mogbar-

Ibn-Ibrahim, enterras o punhal traiçoeiro no seio dos teus irmãos de crença.

— Não são meus irmãos de crença, respondeu sombrio o berebere, aquelles que, mergulhados na devassidão e no luxo, rasgam com desdem as paginas do Alkoran, motejam, nas suas orgias blasphemias, do santo nome de Allah, e não cumprem os mandamentos do propheta. É impio quem não segue os preceitos de Abdallah-el-Mehedi ¹, e eu desprezo mais o impio que renega da sua crença, do que o cego que nunca abriu os olhos á luz que de Mekka irradia.

— Abdallah-el-Mehedi! tornou Zuleyma com desdem; é pois esse o nome do audacioso impostor que traz revolto o desgraçado Al-Maghreb, e que pretende tambem inundar de sangue musulmano as fertes campinas do Andaluz?

— Abdallah-el-Mehedi, respondeu o berebere com exaltação, é o santo, o propheta que ousou, face a face com o tyranno almoravide, no recinto da mesquita de Fez, estygmatisar a sua impiedade e a dissolução dos seus costumes. É o santo que, expulso da cidade dos vivos, foi soltar a voz inspirada no cemiterio, na cidade dos mortos, e alli concorreram de toda a parte os fieis a ouvir-lhe os salutaes preceitos.

— Sim, redarguiu Zuleyma com suprema amargura, correram ao cemiterio como correm as hyenas,

1 O fundador da seita dos almohades.

porque tu, que te dizes leão, és só a hyena que vens buscar a tua parte no repasto em que vos cevaeis no cadaver do imperio dos Ommyadas.

— A pomba ameaça quando a aguia arrulha, é de regra, retorquiu o berebere com sardonico sorriso; pois eu vinha trazer-vos palavras de paz.

— Nem palavras de paz, nem palavras de guerra me devias fazer ouvir, acudiu Zuleyma com gravidade; sou musulmana, és musulmano, não és nem meu pae, nem meu esposo, e, comtudo, estás-me fallando a sós no jardim, como fallaria um nazareno descrido a alguma das suas virgens impudicas.

— Apagam-se as leis, apaga-se o respeito das velhas tradições no coração que a paixão impetuosa invade. Assim se apagam as palavras escriptas no areial, quando a onda transpõe os limites marcados e vem beijar a praia com os seus labios de espuma fremente. Rosa do Al-Gharb, o teu delicado aroma inebriou os sentidos do filho do deserto, que passava sombrio para cumprir a sua missão fatal. Parou a respirar a fragrancia desconhecida, e não pensou n'outra coisa que não fosse em colher a rosa perfumada e dizer-lhe: «Vem florir, sem rivaes, no meu harem solitario.» Tudo sacrifico a este desejo infrene. Quer teu pae, na sua selvagem independencia, governar o seu forte castello sem render preito a ninguem? por Mahomet te juro que ninguem o perturbará na posse do seu waliado. Quer, pelo contrario, reconhecer a soberania de Abd-el-

*

Mumen, o poderoso emir-al-muminim, discipulo de Abdallah? terá sujeitos ao seu poder todos os walis do Al-Gharb. Juro-o pelos sete dragões do lago infernal. . .

— Não jures; que eu só por Mahomet te juro que te odeio e desprezo como um vil escravo revoltado, e intimo-te para que não ultrajes mais o nome sem mancha de meu pae com as tuas propostas infames.

Mogbar soltou como que um rugido e avançou para ella com gesto ameaçador.

— Queres-me embargar o passo? disse Zuleyma altiva.

— Quero saudar-vos respeitoso, nobre filha do wali de Santarem, disse o berebere com uma subita mudança na voz e nas maneiras.

E, cruzando as mãos no peito, á moda arabe, curvou-se até ao chão, abrindo caminho á donzella.

Esta passou ligeira como corça perseguida, mas pallida e tremente. Conhecendo as fôgosas paixões dos filhos do Maghreb, tremia d'aquelle subito asse- renar. Adivinhava a tempestade por baixo d'aquelle gesto impassivel.

O palacio ainda ficava longe. Zuleyma preferiu abrigar-se no pavilhão, onde algumas das suas escravas a costumavam esperar.

O berebere, entretanto, apenas ella se afastou, ergueu ao céu o punho fechado com ar ameaçador. Os seus olhos negros despediram relampagos de fu-

ror selvagem, e a sua voz soltou um rouco e horrendo grito que nada tinha de humano.

— Imprudente, exclamou elle, que assim brincaste com a colera de Ibn-Ibrahim. Leão ou hyena, eu te juro que ainda lhe has de palpitar nas garras.

A noite desdobrava sobre a terra o seu manto recamado de estrellas, que só pareciam aconselhar serenidade e paz; o rio lá em baixo murmurava tão de manso, que parecia embalar o somno de uma criança. E entretanto os mais sinistros pensamentos tumultuavam na mente do berebere. É porque elle não era da raça d'esses arabes voluptuosos e scismadores, aos quaes as noites suaves da Peninsula inspiravam um continuo enlevo; não, elle nascêra nos areiaes africanos requeimados por um céu de fogo, e as paixões, que sempre no seu espirito bramiam, não deixavam florescer lá dentro um só d'estes suaves sentimentos. O proprio amor, que nos arabes era a suave brisa que dava mais viço e frescor ás rosas do coração e do espirito, n'elle era vento abrazador que deixava crestada e murcha a flor que envolvia com o seu halito de fogo.

Sombriò, soltando ao vento nocturno as pregas do seu branco albornoz, dirigiu-se Mogbar para a alcaçova. Abu-Zakaria, na sala do *meschuar* (conselho de estado), ouvia alternativamente o seu *wali alahdi*, ou inspector das revistas, os *cadis* (juizes) da sua cidade, e os seus *mechtiseb* (recebedores). As participações d'estes funcionarios tinham-n'o dei-

xado satisfeito. As *taifas* dos defensores da cidade andavam pagas em dia, os tributos cobravam-se regularmente, e no bairro de Sesarigo nenhuma discordia grave chamára a attenção dos cadis. Afastando-se d'estes subalternos, Abu-Zakaria aproximára-se do seu *wasir*, ou logar-tenente, e perguntára-lhe:

— Que novas trouxeram os *forénicos* (correios) de Cintra?

— As mesmas que até aqui. Não ha nem rumor de guerra. Os almogavares percorrem o terreno dez legoas em redor sem encontrarem um vestigio só de esculcas nazarenos; na torre dos vigias dorme apagado o fogo das almenaras.

— Pois que velem elles! Nunca vem mais proxima a tempestade do que quando a natureza está assim immersa n'un lethargo profundo.

— Ibn-Errik adormeceu no leito da mulher de além-mar; descança com elle a sua espada, e os seus cavalleiros bocejam de enfastiados nas salas das alcaçovas de Coimbra.

— É o repouso do leão. Será terrível o despertar. Vigilancia, *wasir*!

N'isto entrou um escravo, e, depois dos innumerados salamaleks de rigor, annunciou que Mogbar-Ibn-Ibrahim-Ibn-Sofian pedia uma audiencia.

— Que entre, exclamou o wali de Santarem visivelmente irado.

Mogbar entrou.

Curvou-se respeitosamente diante de Abu-Zakaria, como se curvára diante de Zuleyma.

— Poderoso wali, disse elle, vae findar a minha missão e eu vou partir. Concede-me a graça de uma resposta benevola que eu possa transmittir com jubilo. Com impaciencia a espera o sublime emir-al-muminin.

— Emir-al-muminin, chefe dos crentes! exclamou Abu-Zakaria como se uma vibora o houvesse picado; quem ousa tomar esse titulo sacrosanto?

— Quem ousa tomal-o? redarguiu Mogbar, e o seu olhar frio luzia como a folha de uma espada; quem tem direito a fazel-o! Abd-el-Mumen, o senhor do Al-Magreb e do Andaluz, o kalifa eleito pelo representante do propheta, por Abdallah, o santo iman-el-mahedi.

— Blasphemias! exclamou Abu-Zakaria, e a espuma da colera refervia-lhe á flor dos labios pallidos. Um aventureiro, sagrado por outro aventureiro, ousa ufanar-se do titulo eminente que só pertence aos successores do propheta, aos kalifas de Bagdad, hoje que a raça dos seus legitimos possuidores, os Beni-Merúan de Kordova, se extinguiu no sangue dos ultimos representantes d'essa familia illustre! Ao menos, os almoravides, a quem a fatalidade nos obrigou a obedecer, só tomavam o titulo mais modesto de emir-al-moslemim, chefe dos musulmanos; mas o aventureiro saído da lama não se contenta com menos do que com o titulo de chefe

dos crentes. Vae, vae levar as tuas palavras a Ibn-Kasi, o renegado que chama os nazarenos em seu auxilio, mas não as tornes a proferir diante do wali de Santarem.

— E vou, respondeu friamente Mogbar; prefiro os que se alliam com o estrangeiro para fazer triumphar a causa santa, aos que se revoltam contra os enviados de Allah.

— Pelo monstro do monte Safa juro que a paciencia tem limites. Sahib-el-berid, capitão das vedas, continuou Abu-Zakaria voltando-se para um novo personagem que havia pouco entrára, é teu officio limpar de salteadores as estradas. Olha-me para este berebere, e se elle de hoje em diante se aproximar a tiro de setta dos muros de Santarem, frecha-m'o sem piedade. E agora, Mogbar-Ibn-Ibrahim-Ibn-Sofian, vae-te em paz, e Allah te acompanhe, se te julga digno d'isso.

Mogbar curvou-se de novo com respeito e saiu.

Levava a cabeça em fogo. Ainda mais lh'a tinham abrazado os esforços que fizera para se conter.

— Raça imprudente e cega! exclamou elle assim que se viu só nos jardins. Quão mal conhecem o leão do deserto! Em breve saberão que não se injuria impunemente um filho da tribu dos Beni-Aglab.

Parou á beira de um lagosinho, e deteve-se instantes a contemplar o reflexo trémulo das estrellas. Parecia absorto em cogitar profundo.

— Abd-el-Mumen está longe, disse elle erguen-

do a final a cabeça, e Ibn-Errik está perto. Que me importa qual seja o instrumento da minha vingança, contanto que me vingue!

Caminhou direito á porta ogival dos jardins. Ao passar diante do pavilhão de Zuleyma, viu luz lá dentro.

N'um dos quartos do pavilhão, cujas paredes estavam magnificamente vestidas de azulejos, cujo ambiente se perfumava com as emanações das mais puras essencias da Arabia, reclinada suavemente nos macios coxins, com o olhar como que absorto em vaga contemplação, Zuleyma pensava na sua entrevista com Mogbar, e nos loucos presentimentos que durante esse dia todo a tinham salteado; a seus pés uma formosa escrava syria, cujos artelhos nus eram apertados por braceletes de oiro, esperava, muda e immovel, que a sua senhora saísse d'aquella especie de somnolencia.

De subito ouviu-se uma voz rude e selvagem, que entoava lá fóra com uma inflexão viril uma canção estranha. Levantára-se um vento aspero que zunia lugubrememente, e cujas queixas se confundiam com as ameaças d'esse canto rouco e ameaçador. A voz dizia assim :

Sou como fogo escondido
na dura pedra do val;
se alguem a fere e a excita,
lá brota a chamma infernal.

Sou como o leão que os filhos
guarda ao longe na floresta;
se cão ladrando o irrita,
não tarda a morte funesta.

Sou mar em calma; suas ondas
póde-as o vento alterar.
Temerario navegante,
receia a furia do mar.

Com o olhar espantado, os labios convulsos, as mãos trementes, Zuleyma escutou essa voz sinistra que vibrava cheia de ameaças no silencio da noite; depois, soltando um grito angustioso, sepultou a cabeça nos coxins dos divans, como para fugir á perseguição d'aquelle demonio invisivel.

Mas a noite tornára-se de novo silenciosa, e nos jardins do alcaçar de Santarem não se ouvia mais do que o ramalhar da brisa nas folhas, e o murmuro do Tejo que lá em baixo corria limpido e palreiro.

III

Na alcaçova de Coimbra

É noite, e Coimbra, a rainha do Portugal nascente, dorme recostada nas suas collinas verdejantes, banhando os pés no Mondego, e deixando-se beijar amorosamente pelo luar candido e sereno que lhe branqueia as ameias da sua cathedral torreada, verdadeiro symbolo da egreja militante d'essas eras.

Dorme a formosa cidade escolhida por D. Affonso Henriques para capital do reino, cujos limites a sua valente espada não cessa de ampliar; dorme, e não lhe perturba o somno o galopar dos almogavares partindo para as suas correrias nocturnas, nem tem de acordar sobresaltada vendo accender-se, nos pincaros distantes dos serros meridionaes, a pallida chamma das almenaras moiriscas.

Porque D. Affonso Henriques, o lidador infatigavel, pendurou das paredes da alcova nupcial o seu temido montante, e parece esquecer nos braços de D. Mafalda, a sua gentil noiva italiana, a missão que elle a si mesmo impoz de assentar em bases solidas na Peninsula a nacionalidade que lhe confiou os seus destinos.

Mas não será permittido um momento de des-

canço a quem, desde que vestiu armas, quasi que não conheceu outros folguedos que não fossem as sangrentas pelepas? a quem raras vezes levantou a viseira para limpar o suor que lhe escorria na frente; a quem, á testa dos seus cavalleiros, só atravessava a galope as ruas das cidades, quando partia, ora contra os moiros de Belatha, ora contra os leonezes d'além-Minho?

E depois, quem sabia os projectos que se revolviam na mente do intrepido guerreiro? O tigre não encolhe os membros, não recurva as garras, não arma o pulo em silencio antes de se arrojear ao inimigo? Quando no primeiro impeto Affonso Henriques tinha de encontrar diante de si a linha fortificada do Tejo, Santarem, a bem situada, Lisboa, a rainha do Oceano, guardada, como rainha, pelos muros torreados e pelos adarves das fortalezas, não devia meditar um pouco antes de ir bater com o ferro da lança nos portaes d'essas tão cobiçadas cidades?

Quantas vezes não se teria elle visto em sonhos escalando os muros de Santarem, ou pondo em fim á cinta com as chaves de Lisboa as chaves do seu reino, aberto até ahí ás incursões dos sarracenos? Então talvez a sua joven esposa, acordando sobresaltada e debruçando sobre elle a fronte loira, ouviria com pasmo saírem dos labios do guerreiro adormecido, no sonho bellicoso, os gritos ferozes do combate; então Mafalda empallideceria, como se sentisse de subito ao seu lado o rugido do leão, mas na

seguinte manhã, quando aos clarões da alvorada fugiam os sonhos tumultuosos, filhos da noite, Affonso Henriques acordava com um sorriso, e a rainha de Portugal via outra vez a seus pés o seu namorado cavalleiro.

Por isso os honrados burguezes de Coimbra meneavam as orelhas melancolicamente, e diziam em quanto iam limpando ao jantar a sua escudella cheia de dobrada: «Adeus! adeus! Affonso Henriques já se esqueceu de que ainda ha mouros na Hespanha! Enfeitiçou-o o demonio da romana, saboyana ou que vem ella a ser! Mulheres, mulheres, sois a nossa perdição desde que o mundo é mundo!»

Ora, como os dignos burguezes e homens-bons de Coimbra podiam ser *almotacés* e *alvasis* no municipio, mas habitualmente em casa não exerciam as funcções da governança, succedia muitas vezes que as orelhas, que elles assim meneavam ao proferirem o seu discurso, cresciam meio palmo puxadas violentamente pelas suas Evas, que acudiam em defesa do sexo offendido.

Mas os cavalleiros e homens d'armas, esses sorriam e encolhiam os hombros dizendo: «Ai do primeiro sobre quem desabar a espada, hoje ociosa, de Affonso Henriques! Não tardará muito que o adail nos venha despertar antes do romper d'alva dizendo: — Álerta, cavalleiros, que el-rei de Portugal já corre á desfilada caminho de Lisboa! Vamos arvorar a cruz nas muralhas onde o crescente campeia.»

É porque esses conheciam-n'o por terem lidado com elle desde que o joven principe, á testa dos barões portuguezes, reclamára, com as armas na mão, nos campos de S. Mamede, a governança do reino que um estrangeiro usurpára; sabiam que aquelle espirito era aço fino com que a ferrugem não entra, lamina de Toledo que póde descanzar por instantes na bainha, mas que ao primeiro ensejo favoravel brilha de novo, sempre limpida e fuzilante, ao sol ardente das batalhas.

E os sarracenos partilhavam a mesma opinião, porque temiam despertar o leão adormecido; os seus almogavares não vinham talar os campos dos christãos; e o castello de Santa Olaia, a sentinella avançada de Coimbra, silencioso e sombrio no seio da noite, não soltava o grito de alarma, nem guarnecia de besteiros as suas barbacãs, annunciando a apparição de hoste moirisca; não que as atalayas ismaelitas, immoveis tambem nas guaritas dos seus alcaçares, diziam baixinho entre si: «Quando veremos nós inflammarse o horisonte com a apparição d'esse meteoro devastador, esse flagello de Deus que se chama Ibn-Errik?»

Mas entretanto na corte não se pensava senão em festas e saraus; os cavalleiros de Ourique e Valdevez, encostado o montante ás paredes das salas d'armas, desferiam brandamente as cordas da viola dos trovadores e rendiam finezas ás damas, emquan-

to não chegava a occasião de quebrarem por ellas uma lança no peito dos villãos descritos.

É noite, pois, noite de luar ameno; a brisa da primavera enruga ao de leve as aguas do Mondego, e a lua projecta no chão a vasta sombra das muralhas da alcaçova real. Dorme a cidade já, mas em torno do palacio tudo é borborinho e agitação; é porque lá dentro ha n'essa noite sarau, como o demonstram os jorros de luz intensa, que, insinuando-se através das flores e arabescos das janellas moiriscas, desenham na parede, branqueada pelo clarão mais brando da lua, umas ogivas de fogo. Nas salas tumultuam as danças e ouve-se o som estridulo das musicas; cá fóra os cavallariços, que tem á mão os cavallos dos ricos-homens e as mulas dos preladados, trocam entre si ditos e risadas, com que se vão tambem entretendo, em quanto os seus senhores se desfazem em galanterias cortezãs, ou riem a bandeiras despregadas com os arremedilhos dos truões.

Apesar de não pertencermos a nenhuma das duas classes privilegiadas, nobreza e clero, entremos nós, usando do privilegio dos romancistas, na sala d'onde seriamos, se nos vissem, infallivelmente excluidos na nossa qualidade de *villãos*; entremos, e, escondendo-nos por traz de uma d'estas columnas esguias que sustentam o tecto artezoadado, espreitemos o aspecto geral do sarau.

A quem conhecesse os esplendores dos palacios

arabes devia parecer bem mesquinha a ornamentação da sala onde a corte de Affonso Henriques se entregava ao prazer da dança e da musica; não era possível deixar de se confessar que a rude civilisação neogothica ficava ainda muito áquem da civilisação requintada e luxuosa dos netos de Agar. Os soldados da cruz podia-se dizer que estavam para os arabes como os seus barbaros antepassados das tribus germanicas para os romanos que venceram; mas talvez tambem por isso mesmo a sua energia indomavel superasse n'esta lucta de seculos a raça policiada que possuia o imperio do Andaluz. A civilisação, quando se manifesta apenas pelas pompas e maravilhas do desenvolvimento material, tem por companhia inseparavel a corrupção, e as raças rudes, mas virgens, hão de sempre triumphar das nações que escondem debaixo do lustre exterior da opulencia o germen fatal de uma velhice prematura.

Debalde procurariamos, pois, nas salas da alcova de Coimbra os pavimentos, as paredes e as columnas de preciosos marmores, os tectos pintados de oiro e azul com perolas suspensas, as fontes de jaspe com cysnes de oiro no centro, que opulentavam o palacio de Azzahrat, fundado pelo poderoso kalifa Abd-er-Rahman; debalde relanceariamos os olhos para os cantos do aposento em busca das casoletas de prata onde rescendessem perfumes arabicos: nem tapetes persianos alli veriamos, nem cortinas de damasco, nem os nossos ouvidos seriam de-

liciados pelo som melodioso dos alaudes de oiro e pelas vozes suavissimas de cantores gregos; mas, em compensação, tinham essas reuniões o encanto supremo que faltava aos festejos dos mahometanos, a doce convivencia com as donzellas gentis, cujos meigos olhares derramavam luz mais suave para os cavalleiros que as requestavam, do que a que podia emanar dos milhares de lampadas de oiro da mesquita de Kordova.

Em almaxadrequas enfileiradas ao longo das paredes se sentavam as donzellas encantadoras da corte de D. Affonso Henriques, ouvindo as trovas que, á moda provençal, os seus enamorados lhes descantavam a meia voz. No topo da sala, n'uma cadeira de espaldar posta em cima de um estrado, sentava-se a joven rainha D. Mafalda, cujos olhos seguiam, com uma expressão amorosa e inquieta, o vulto agigantado de seu esposo, que, junto de uma janella, conversava com alguns dos seus cavalleiros. A luz intensa produzida por numerosos lampadarios pendentes do tecto illuminava alegremente o grupo folgazão das damas risonhas e dos cavalleiros descuidados; de quando em quando uma torrente de melodias vinha fazel-os estremecer e convidal-os a revolutearem no turbilhão das danças. Eram as harpas, as citulas, as doçainas, combinadas com instrumentos mais bellicosos, como as charamellas, trombetas e tympanos, que aconselhavam os guerreiros cortezãos de D. Affonso Henriques a esquecerem

por instantes a sua vida austera de combates no louco e inebriante prazer das rodopiantes folias e dos amorosos enlevos.

Affonso Henriques, como dissemos, apartado da turba doidejante, conversava com alguns dos seus cavalleiros. Distinguia-se entre elles pela sua alta estatura; estava no vigor da idade, na flor da vida, em plenos trinta e quatro annos, e a sua organização, que a extrema velhice e os desgostos que a acompanharam não poderam abater, ostentava-se então em toda a sua maravilhosa robustez.

N'essa noite, porém, parecia elle inquieto e preocupado. A miudo voltava os olhos para a porta, como se esperasse alguem. Esta preocupação, contudo, passára despercebida no meio dos folguedos geraes; só não escapára aos olhos perspicazes de D. Mafalda. Com o seu doce instincto de esposa estremecida, adivinhára que a inquietação de seu marido se prendia com os seus projectos guerreiros, e que os sonhos que tanto a assustavam não tardariam a transformar-se n'uma realidade mais afflictiva ainda.

Os cavalleiros com quem então conversava eram dos mais notaveis entre essa épica phalange que tomou parte com elle nas sangrentas luctas que fundaram a nossa nacionalidade; os seus nomes, os seus gloriosos appellidos, vibram, quando os pronunciamos, sons de guerra e de victoria, como os escudos onde bate o ferro das lanças; Gonçalo Men-

des da Maia, o Lidador, Lourenço Viegas, o Espadeiro! Junto d'estes dois vultos todos os outros desmaiam, e chegam a parecer pequenos mesmo os gigantes d'então.

Quando dissemos que D. Affonso conversava com os seus cavalleiros, deviamos dizer antes—deixava-os conversar; elle prestava o ouvido ao minimo rumor que vinha dos longos corredores, e escutava com um sorriso distrahido o dialogo animado dos seus companheiros de armas.

Estes conheciam a distracção, e curiosos de saberem a causa d'ella, tudo era provocarem-n'o a responder ás suas perguntas indirectas, e el-rei, impenetravel, conservava o mesmo aspecto benevolo, proferindo apenas de quando em quando algum monosyllabo vago.

— Voto a Christo, dizia Gonçalo Mendes da Maia n'um tom bastante elevado, dirigindo-se a um ecclesiastico de physionomia energica e varonil, que o ouvia complacientemente, voto a Christo que já me vou enfadando de mirar as aguas do Mondego e de gozar as frescas sombras dos arvoredos de Coimbra! Eu não nasci para isto; não me servem folias nem dançares; tudo quanto for descavalgarem-me do meu ginete murzello, despirem-me a cervilheira e pôrem-me a gastar o lagedo das alcaçovas, é darem connigo de cavalleiro desempenado em dona velha cheia de achaques e esbrugadora de rosarios. Isso é bom para os vossos conegos de Santa Cruz, sr.

D. Theotónio, que se regalava com o descanso, e nunca rezava melhor os seus latins do que depois de dormirem um sono bem dormido.

— Fazei como eu, sr. Gonçalo Mendes, redarguiu o bellicoso prior de Santa Cruz, que me resigno a ver as lanças dos cavalleiros encostadas ainda por mais algum tempo aos lanceiros das salas d'armas; pois bem sabeis, continuou elle sorrindo, que eu nunca rezo melhor os meus latins do que depois de uma refrega bem travada com os inimigos do nome christão.

— Verdade é, retrucou o sr. da Maia, que não ha melhor lança do que a vossa, dom prior, nas hostes do senhor rei; mas em fim, sempre sois homem de egreja, e não sabeis o que é ter sido nado e criado nos campos de batalha, ter vestido armas desde criança, e ter os ouvidos costumados ao silvo dos virotes e ao tropear dos ginetes de combate, que não ha ahi tangeres de doçainas e alaúdes que me sejam mais deliciosa musica. Com os meus setenta annos, que os tenho bem contados, sinto saudades do galopar das arrancadas, do investir tumultuoso, dos assaltos das cidades. Ahi é que eu removo, e me sinto ainda verde e rijo; mas nos saraus, junto das donzellas rosadas, esfriam-me devéras os gelos do meu inverno.

D. Affonso Henriques sorriu-se.

— Deixae estar, meu velho cavalleiro, disse elle, que ainda não acabaram as lides em Portugal.

— Deus vos oiça, senhor rei, redarguiu Gonçalo Mendes, que, se este marasmo continúa, a-la-fé que me sinto com vontade de me alistar na primeira frota de cruzados que ahi se vier refrescar no Douro, e de ir procurar á Palestina as lançadas que por cá me faltam. E frotas não tardam, que, segundo ouvi dizer, o nosso santo padre o papa prérgou nova cruzada.

Affonso Henriques tornou a sorrir.

— Querendo Deus, continuou elle, para outra coisa nos hão de servir os cruzados de Flandres que não seja para nos roubarem um dos mais valentes cavalleiros das Hespanhas. Não é assim, D. Theotónio?

D. Theotónio inclinou-se em signal de assentimento, com um enigmatico sorriso nos labios. Evidentemente el-rei e o prior de Santa Cruz entendiam-se ás mil maravilhas, mas o velho Gonçalo Mendes é que os não entendia a elles; Lourenço Viegas pasmava tambem, e, cravando em silencio os olhos no rosto do monarcha, parecia perguntar-lhe o que significava o seu modo inquieto e mysterioso.

N'isto um pagem entrou na sala, e, depois de relancear os olhos para todos os lados á procura d'el-rei, aproximou-se do grupo e veiu dizer algumas palavras ao ouvido do soberano, que se inclinou para o escutar.

Ao endireitar-se, o rosto de D. Affonso Henriques estava radiante de jubilo.

— Esperae-me aqui, senhores cavalleiros, disse elle com voz vibrante, que boas novas hei de trazer em breve.

E saiu da sala, depois de trocar uma rapida vista d'olhos com D. Theotonio, deixando ficar assombrados os seus dois curiosos fidalgos.

Os rumores do sarau expiram em frouxos echos na sala d'armas abobadada dos paços de Coimbra. Dois ou tres lampadarios apenas, suspensos por grossas correntes de ferro do fecho dos arcos que sustentam a abobada, derramam uma luz mortiça na vasta quadra, accendem uma pallida chamma no ferro das lanças, encostadas aos lanceiros, e matizam de reflexos scintillantes os sombrios corpos d'armas suspensos das columnas, que dão ar de sentinellas silenciosas e immoveis, velando durante as longas noites de inverno na amplidão do aposento sinistro.

Primeiro parece que está deserta a sala, mas quem se affirmar verá projectarem-se no chão lageado sombras gigantes, cujo movimento não é produzido só pela oscillação dos lampadarios; quem estiver bem á escuta ouvirá um ciciar de vozes sumidas que parte de um dos cantos do aposento.

Tres homens conversam, effectivamente, junto de um d'esses feixes de columnas esguias que alli abundam. O primeiro conhecemol-o já pela sua alta estatura, é D. Affonso Henriques; dos outros dois,

um traja como nobre cavalleiro christão, o outro veste as roupas odiadas dos moiriscos. Conhece-mol-o a este tambem; é Mogbar, o sombrio africano, cujo amor Zuleyma repelliu, e que Abu-Zakaria, o wali de Santarem, tão cruelmente offendeu. A sua vingança está-se alli preparando.

Vae no fim a conversação, e, como que resumindo o que anteriormente se fallára, D. Affonso Henriques diz, voltando-se para o cavalleiro christão:

— Então, Mem Ramires, é absolutamente verdade o que nos fôra affiançado?

— Senhor, sim, respondeu Mem Ramires, o saraceno disse a verdade pura; disfarçado em trajos moiriscos, e guiado por elle, que nunca me desamparou, vi e observei tudo em Santarem; a vigilancia nocturna é pouca, e na quadrella indicada não vigiam esculcas nem sobre-roldas. Pelo valle que fica entre a fonte de Atamhar e o monte Iraz discorre o atalho que nos conduzirá á fortaleza. Podeis dizer, senhor rei, que Santarem é vossa.

— Bem, Mem Ramires, tornou Affonso Henriques com gesto soberano, apraz-me a vossa confiança, e, effectivamente, nada me será impossivel, tendo ao meu lado cavalleiros tão audaciosos e tão habéis como vós mostrastes ser. Ide descansar, que bem precisão haveis de ter de repouso depois de tantos dias de fadiga e sobresalto.

Mem Ramires retirou-se, e o seu passo pesado, que acordava os echos d'aquellas vastas abobadas,

não tardou a perder-se ao longe. D. Affonso Henriques e o moiro ficaram sós.

Houve um silencio entre elles; a final, D. Affonso, depois de ter encarado longamente o rosto sombrio do africano, disse-lhe com voz pausada :

— Sarraceno, se fosses da nossa fé, tamanho serviço me prestaste, que não hesitaria em calçar-te as esporas de oiro de cavalleiro; mas professas uma lei inimiga, e, sem querer penetrar o motivo que te levou a auxiliar-nos, reconheço que fielmente o fizeste, e que não ha premio que não mereças; falla pois, e fica certo de que nas arcas da torre albarran dos paços de Coimbra ainda ha oiro bastante para saciar a tua cobiça.

O moiro meneou a cabeça com desdem.

— Nos campos de Al-Maghreb, quando despeço uma setta do meu arco, duzentos cavalleiros correm á redea solta a agrupar-se em torno da minha tenda fluctuante. Meu pae, com os seus proprios dinheiros, levantou a aljama de Cairwan, cujo mihrab, todo de marmore, tem na frente duas columnas de pórfido purpureo, que as não ha semelhantes no Oriente, e que o emir christão de Byzancio offereceu por ellas o seu peso de oiro. Guarda, pois, as tuas riquezas, Ibn-Errik; o leão do deserto não veiu pedir o auxilio da aguia das montanhas de Al-Djuf senão porque ella tem azas para ir buscar a preza aos pincaros aonde não chegaria o leão. Abu-Zakaria, o renegado infame, o que rejeita a santa fé dos

sectarios de El-Mahadi, affronta os verdadeiros cren-tes, e orgulhoso domina em Santarem a formosa; tu, Ibn-Errik, foste o escolhido de Allah para punir o criminoso; cumpre a tua missão, que eu só quero o que te pedi. Segundo as tuas promessas, Abu-Zakaria e sua filha pertencem-me; nenhum dos teus lhes poderá tocar, e tu deixar-me-has completamente dispor da sua sorte.

— Que a tua vontade seja feita, respondeu Affonso Henriques.

O moiro cruzou as mãos no peito, murmurou um salá respeitoso, e saiu vagarosamente.

Affonso Henriques algum tempo se conservou pensativo, como se procurasse sondar estes mysterios do coração humano, depois, erguendo altivo a cabeça, encaminhou-se com passos rapidos para a sala onde tumultuava o sarau.

Iam afrouxando as dansas e as conversações; os bobos, fatigados já, despertavam apenas um sorriso nos labios dos que os ouviam; as violas dos menestres expiravam em languidos acordes, e as damas a custo escondiam mal reprimidos bocejos, quando de subito Affonso Henriques entrou na sala com passo vivo e desembaraçado.

Só ao verem-n'o, todos perceberam que elle acabara de tomar alguma grande determinação; nos seus olhos brilhantes resplendia o jubilo, a sua fronte erguia-se com altivez.

— Senhores cavalleiros, disse elle, e a sua voz

vibrou clara e sonora no meio do silencio que de subito se estabelecêra, ámanhã antes do romper d'alva devemos sair de Coimbra; é necessario despregar-mos de novo á brisa da victoria o estandarte da cruz; é necessario que os infieis saibam que el-rei de Portugal e os seus valentes cavalleiros ainda não esqueceram o caminho das cidades moiriscas.

— Real, real, bradaram com jubilo todos esses heroes de epopéa alli agrupados, e este som de guerra como que foi vibrar ao longe na sala d'armas silenciosa, e acordar echos sonoros nos escudos pendentes.

Com esse brado de entusiasmo confundiram-se alguns flebeis suspiros de donas e donzellas; uma lagrima deslisou pelas faces da gentil italiana, mas enxugou-a logo, que a esposa de Affonso Henriques, a rainha de Portugal, n'essa epocha de heroismo, tinha obrigação de competir com as espartanas em varonil inflexibilidade.

D'ahi a pouco, pelas ruas de Coimbra adormecida ouvia-se o tropear dos ginetes, e 'o riso e as conversações dos cavalleiros que voltavam radiantes de jubilo aos seus solares ou ás suas habitações urbanas.

E na sala, minutos antes cheia de luz e de harmonia, aninhava-se a treva e o silencio; nos maineis e laçarias das janellas, nos artezões do tecto, nos capiteis das columnas, não restava nem um lampejo, nem um echo; apenas se ouvia esse vago zum-

bido que parece a conversação mysteriosa dos espiritos da noite.

E a lua banhava com o seu branco esplendor as pallidas muralhas da alcaçova silenciosa.

IV

⓪ festim

Tinham passado alguns dias depois do sarau dos paços de Coimbra, e ainda nenhuma cidade tomada, nenhum castello incendiado assignalára o cumprimento das promessas de Affonso Henriques. Santarem, a formosa, continuava a reclinar-se indolentemente na sua collina á beira do Tejo, e os atalayas immoveis nos adarves dos castellos, não vendo scintillar no horisonte para o lado da serra de Albardos o ferro das lanças christãs, encostavam-se descuidosos á muralha, e ficavam-se a contemplar as aguas palmeiras do rio que lá em baixo deslisava.

O wali Abu-Zakaria, confiado na fortaleza dos seus muros e na fama do seu nome, conservava a cimitarra na curva bainha, e entregava-se ás voluptuosas diversões, reminiscencias da sumptuosa corte dos emires de Kordova que elle tanto folgava de recordar. Vendo o civilisado imperio do An-

daluz dilacerado de uma banda pelos rudes christãos, da outra pelos barbaros africanos, o wali de Santarem conservava-se no seu isolamento e considerava-se como o ultimo arabe. Um só dos walis das tres provincias de Belatha, Al-Kasar e Al-Faghar, que constituíam o Al-Gharb, já tão cerceado pela espada de Affonso Henriques, um só d'esses walis partilhava as suas idéas e lhe merecia confiança: era o wali de Lisboa, ou Medina Alisbona, como os arabes diziam. Ambos collocados nas fronteiras septentrionaes do imperio musulmano, ambos protegidos contra os christãos pelas fortes muralhas dos seus castellos, contra os seus correligionarios pela ampla barreira do Tejo, tinham formado entre si como que uma tacita alliança, e tinham jurado fazer sempre tremular nas suas fortalezas a bandeira immaculada do crescente.

Laços mais fortes estavam n'essa occasião para ligar os dois chefes. O filho do wali de Lisboa, Ahmed-Ibn-Abdallah, seduzido pela fama da belleza de Zuleyma, a filha de Abu-Zakaria, quizera desposal-a, e Abu-Zakaria acceitára com jubilo a proposta; ia pois Zuleyma ser dentro em breve a rainha do harem de Ahmed.

O joven filho do wali de Lisboa está n'essa occasião em Santarem, e o wali d'esta cidade, em honra d'elle, reúne em torno da mesa do banquete o seu wasir, os seus khatibes, e os seus cadis e al-kaides. É ao cair da noite que o banquete começa, contra

o costume arabe, que marcava para o jantar a hora do meio-dia; mas o wali e seu hospede haviam partido n'essa manhã para a caça, e, arrastados pelo entusiasmo da diversão fragueira, só tinham voltado ao declinar da tarde.

Na sala do festim estão já agrupados os khatibes e os cadis, cuja physionomia revela a fome que os aneia. Pouco dados, pelos seus pacificos misteres de secretarios e juizes, ao divertimento montesino da caça, tinham ficado na cidade, vendo correr as horas sem que o jantar apparecesse; por isso todos os labios se desfranziram n'um sorriso de jubilo quando o velho Abu-Zakaria e o seu joven e elegante hospede appareceram á porta do aposento.

Logo todos, como bons musulmanos, trataram de se ir purificar nas fontes de ablução dispostas ao longo das paredes da sala, e, depois de se perfumarem com agua de essencia de rosas, dirigiram-se para a mesa. Esta, de precioso ebano ricamente marchetado, elevava-se apenas alguns palmos acima do chão alcatifado e juncado de flores; mas em torno coxins de seda, collocados a alguma distancia uns dos outros, esperavam os convivas, que se sentaram cruzando as pernas á moda oriental.

Como o crepusculo ia cada vez declinando mais, e a noite já projectava as suas vastas sombras na sala do banquete, vieram escravos suspender do tecto innumeradas lampadas de oiro, cuja luz intensa alegrou de subito a ampla quadra, e, repellindo para

os cantes do aposento as trevas não, mas a penumbra vaga, deu um vivo realce ao panorama brilhante que apresentava a mesa rodeada dos convidados, todos vestidos com os esplendidos trajes moiriscos, e cingindo cimitarras e punhaes ornados de pedras preciosas, que scintillavam como outras tantas estrellas em volta da mesa oblonga.

Começou o jantar, servido com toda a sumptuosidade e toda a elegancia da velha gastronomia arabe. Além das succulentas viandas, e dos saborosos peixes do rio e do Oceano, que vinham para satisfazer a fome dos convivas, dos variegados pasteis que lhes acariciavam o paladar voluptuario, outros pratos appareceram que deviam servir mais para prazer dos olhos do que para regalo do estomago. Entravam n'esta conta os passaros de plumagem brilhante, servidos, taes como se estivessem vivos, em pratos de ouro e prata. Os vasos de arroz cozido em leite, que os arabes misturavam com todos os manjares, circulavam, por mãos de escravos, em torno da mesa, e, apesar do Koran, os vinhos não faltavam. É verdade que os arabes, com uma subtileza digna de theologos christãos, para se conformarem com o preceito de Mahomet, que prohibe o vinho tinto, a que chamam *ghamar*, só bebiam *sahbá*, quer dizer, vinho branco.

N'uns a fadiga da caça, n'outros a fadiga da espera, tinham despertado bastante o appetite para que não se pensasse em conversação antes da sobre-

mesa. Chegou ella em fim : frutas do novo anno em cestas de prata lavrada, doces magnificos em vasos sumptuosos ; juntamente com a sobremesa vieram graciosas amphoras cheias de mais preciosos vinhos, e taças tambem mais ricas. Era a occasião dos brindes. Abu-Zakaria fez uma saude ao invencivel wali de Lisboa, Abdallah-Ibn-Mondhir-Ibn-Said-Ibn-Alhasan-Ibn-Muhamad, e a seu filho, o heroico Ahmed-Ibn-Abdallah, cuja espada era já o terror dos christãos.

Os convivas acompanharam o brinde erguendo-se, e logo depois fizeram razão ao seu nobre hospede, que propoz uma saude ao wali de Santarem e a sua filha Zuleyma, a perola do Tejo, a rosa orvalhada das campinas de Belatha, a radiante estrella do Al-Gharb.

Depois das saudes, a conversação, até ahi languida, animou-se, ao passo que de um aposento proximo vozes suavissimas de escravas christãs, combinando-se com as melodias dos instrumentos moiriscos, vieram deleitar os ouvidos dos convidados.

O assumpto da palestra foi primeiro um collar precioso de oiro, perolas e diamantes que Ahmed-Ibn-Abdallah tencionava offerecer a Zuleyma. O collar circulou á roda da mesa ; todos elogiaram ou a riqueza do presente, ou a galanteria do presenteador. Quando chegou, porém, ás mãos do wasir de Santarem, velho guerreiro encanecido nas luctas desastrosas com os christãos, que tinham assigna-

lado o recente periodo do dominio arabe na peninsula, o wasir meneou a cabeça com desdem, e não pôde deixar de dizer que uma joia tão rica melhor estaria no thesouro de Alisbona, onde seria recurso precioso nas circumstancias apuradas em que talvez não tardariam a ver-se.

Ahmed-Ibn-Abdallah escutou-o com um sorriso, e redarguiu depois:

— Nobre wasir, essas pedras que te deslumbram tem mais valia pela raridade do que pelo proprio esplendor; como podem ellas comparar-se com a perola humana que o mesmo Deus creou, e a quem deu vida e animação? Estas joias só nos encantam os olhos; Zuleyma encanta os olhos e os ouvidos, delicia o espirito e o coração; é dever meu, se possuo diamantes e perolas, enrolal-os como grinalda de gentis escravos em torno do pescoço alabastrino d'aquella maravilha do occidente.

Todos applaudiram os engenhosos conceitos do joven Ahmed, e Abu-Zakaria disse, evidentemente lisonjeado:

— Ahmed, os teus olhos na peleja tem o scintillar do relampago, e os teus labios no banquete exalam o perfume das rosas da poesia. Ibn-Xamri, continuou voltando-se para o seu poeta predilecto, não merecem estes pensamentos ser engastados como perolas no collar de oiro dos teus versos?

Ibn-Xamri inclinou-se sorrindo, e chamou um escravo, que lhe trouxe o alaúde. Abrindo o melo-

dioso instrumento com uma chavinha de oiro, descantou os seguintes versos :

Junta ao collar maior brilho
quem excede em resplendor
a lua e o sol confundindo
seu brando e ardente fulgor.
Creou-te um sôpro do Eterno;
vences, formosa sem par,
os diamantes e as per'las
da terra e do vasto mar!

Os applausos soaram em torno da mesa, e Ahmed, inclinando-se cortezmente, accrescentou :

— O incenso tem só fragrancia quando, caíndo no fogo que arde em cassoletas de prata, se transforma em aromatico fumo; assim o fogo do teu espirito deu perfume aos meus pensamentos. Não para que haja entre nós certame poetico, porque já te cedo a palma, porém para que seja mais digna de ti a minha resposta, proferindo-a na tua lingua harmoniosa, concede-me, doce emir dos reinos da phantasia, que eu profane por um momento o teu divino alaúde.

Abdallah-Ibn-Xamri apressou-se a passar ao filho do wali de Lisboa o seu instrumento de oiro, e Ahmed, reclinando um pouco para traz a fronte coroada de negros cabellos apertados por uma pequena faixa de seda verde, ornada com a meia lua, e scintillando-

lhe nos olhos negros e realmente formosos o fogo da inspiração, descantou com voz melodiosa, ao som do alaúde, a seguinte poesia :

 Illumina os pensamentos
 o teu verso deslumbrante,
 bem como as sombras da noite
 dissipa a aurora radiante.
 Insinua-se em noss'alma
 sua harmonia tão pura ;
 bem como a graça e beldade
 da formosa creatura,
 que os olhos nos arrebatava
 e enfeitiça o coração.
 Meu coração e meus olhos,
 se meus todavia são,
 desde que vi a Zuleyma,
 quizera-os ir engastar
 entre as perolas e o oiro
 do seu formoso collar.

De novo brotaram os applausos unanimes e sinceros. A noite ia já alta, e os convivas, deliciados com aquelles recreios do espirito, que sempre tanto deleitaram a raça arabe, nem pensavam em retirar-se. Os perfumes que enchiam o aposento faziam sua-vissima a atmospheria ; nos copos scintillavam os topazios dos vinhos generosos ; nas corbelhas de prata, ainda em cima da mesa, as laranjas de Tanger e

os limões doces de Fez encantavam também o olfacto com a fragrancia que exhalavam da casca aromática. Abu-Zakaria, todo entregue a essas doces voluptuosidades do espirito e dos sentidos, julgava-se transportado a Medina Azzahrat, a residencia predilecta de Abd-er-Rahman III, o grande homem da dynastia dos Ommyadas, e pensava assistir a esses sumptuosos banquetes, em que o proprio kalifa, seu filho El-Hakem e os grandes poetas da côrte kordoveza encantavam os convivas com as melodias dos seus versos conceituosos. Só o wasir, guerreiro costumado apenas ás algaras das fronteiras, parecia estar inquieto e preocupado. Ouvira fallar vagamente em movimentos dos christãos, e na noite antecedente houvera um eclipse da lua, o que lhe fizera presentir grandes desgraças, como a bom e supersticioso musulmano que elle era.

— No tempo do emir Abdallah, exclamava entretanto o wali de Santarem Abu-Zakaria, houve um cavalleiro, por nome Sadi-Ibn-Suleyman-Ibn-Gudi, de quem se disse que reuniu em si as dez prendas requeridas para homens de linhagem esclarecida — bondade, valentia, cavallaria, gentileza, poesia, bem fallar, força, destreza na lança, na espada e no atirar do arco. De ti, Ahmed-Ibn-Abdallah, podemos dizer o mesmo, porque és realmente a perola da cavallaria do Al-Gharb. Ah! se me fosse dado ver ainda erguido o solio dos kalifas de Kordova, desejaria também ver-te sentado n'elle, por-

que és em tudo um verdadeiro filho dos Merúan; como elles, és heroico nas pugnas, prudente nos conselhos, e na tua phantasia accessa desabrocham, como no solo ardente da Syria, as flores mais perfumadas.

— Senhor, dizia-lhe ao ouvido o prudente wasir, os forenicos trouxeram novas de que se dizia para as bandas da fronteira que havia movimento de cavalleiros em torno de Coimbra. Bom seria que ao romper d'alva podessem os nossos almogavares ir bater o campo.

— Deixa-os, Muhamad-Ibn-Musa, deixa-os, re-darguiu Abu-Zakaria em voz alta, deixa-os virem saltar-nos as terras, que terão de largar, segundo o nosso velho proverbio, a preza pela volta. Se aquelles falcões mansos se atrevem a vir procurar a aguia no seu ninho, sentirão as garras da ave-rainha.

As reminiscencias da corte kordoveza, e talvez tambem os fumos do *sahbá* e de outros vinhos mais generosos, tinham exaltado até á loucura o orgulho de Abu-Zakaria. Affonso Henriques já era para elle apenas um falcão domesticado!

O wasir meneou a cabeça como quem se não dava por convencido. Abu-Zakaria continuou, voltando-se para o seu poeta:

— A noite vae alta, a lua já afogou no horison-te o seu disco rutilante, e não tardará que brilhe apenas no céo a estrella d'alva precursora da luz.

Ibn-Xamri, antes que nos separemos, transporta-nos aos tempos felizes da dynastia ommyada, cantando-nos alguns dos versos do grande kalifa Abd-er-Rahman Annasir.

Sem motivo algum começava a reinar uma certa tristeza na assembléa. As conversações tinham esmorecido, e uma tal ou qual somnolencia pesava sobre os convivas. Ibn-Xamri, comtudo, afinou o alaúde, e procurou na memoria alguns dos versos do celebre kalifa. Por fatalidade, logo lhe lembraram os mais tristes que elle compoz, e que são os que principiam :

Como suspirar não ha de?

O cantor cedeu á tristeza de que estava impregnada a poesia, e foi com lagrimas na voz que entoou os ultimos versos :

O matiz das minhas rosas
dissipou-se com martyrios;
receio que o vento iroso
venha murchar os meus lirios.

Meus claros dias passaram ;
chega a noite tenebrosa,
que nunca será rendida
pela aurora radiosa. ¹»

1 Esta ultima quadra vem no magnifico (mas infelizmente incompleto) romance do sr. A. de Oliveira Marreca, o *Conde soberano de Castella*. Aproveitei-a, porque não po-

Quando terminou, uma corda do alaúde partiu-se, soltando uma vibração plangente que fez estremecer os convivas.

As luzes mesmo parecia esmorecerem e derramarem sobre a mesa um clarão mais frouxo, que projectava no chão sombras vagas e phantasticas.

Subito um grito longinquo, agudo, vibrante, ressoou nos ares e veiu expirar nos ouvidos dos nobres moiros, ha pouco tão festivos, agora silenciosos e tristes.

Instinctivamente levantaram-se todos, e pozeram o ouvido á escuta. Os mais denodados estavam pallidos, e mãos heroicas houve que tremeram poisando-se no punho das cimitarras.

Um outro grito, mas agora abafado e doloroso, veiu de novo expirar como um tenue murmurio nos ouvidos dos hospedes do wali.

— O que é isto? perguntou Abu-Zakaria dando um passo para a porta.

Mas no mesmo instante a porta abriu-se, e um escravo appareceu, pallido e convulso, soltando logo do limiar o terrivel grito :

— Os nazarenos!

dia traduzil-a mais fielmente do que está. A outra quadra e todas as outras poesias arabes que figuram n'este romancinho são vertidas da traducção hespanhola de D. José Antonio Conde na sua *Historia de la dominacion de los arabes*.

V

No eirado da torre

Em quanto na sala do banquete eram tudo risos e folgares, quando já havia muito se apagára a luz crepuscular, e a lua, alta no ceo, banhava com o seu clarão melancolico as muralhas do alcaçar, Zuleyma, recostada em flacido divan n'um aposento do harem que ficava proximo da sala do festim, prestava curiosa o ouvido ás palavras que se trocavam entre os convivas.

Envolta no véo candido semeado de estrellas de oiro, agitando o pésinho calçado com a alparca de seda, e inclinando para o lado d'onde vem o rumor das vozes a fronte limpida cingida por uma faixa de perolas, a cabecinha airosa coroada de perfumadas tranças que a coifa moirisca prende, Zuleyma, com o seio palpitante, os labios de coral entreabertos por um sorriso extatico, o rosto afogueado pelas vivas côres do jubilo e do pejo, escuta as phrases apaixonadas do seu adorador. Os mais raros perfumes resendem em cassoletas de prata no aposento silencioso, e uma escrava asiatica, tendo as suas longas tranças ennastradas de flores, espera, com a harpa de oiro na mão, as ordens da sua senhora.

Zuleyma repara em fim que não está só, e, envergonhada de se ter deixado surprehender no extasi em que a lançaram as lisonjas do homem a cujo amor ella secretamente corresponde, despede com a mão a escrava attenta aos seus minimos gestos. Ficando sósinha, a filha do wali de Santarem inebria-se á vontade com esse perfume longinquo de poesia e de amor. Escuta arrebatada os versos em que Ahmed-Ibn-Abdallah canta os seus feitiços; e lagrimas silenciosas, lagrimas de alegria lhe deslisam, como perolas, pelas faces côr de rosa.

É porque ama deveras o homem a quem seu pae a destina. Quantas vezes, escondida pelas rechas da avara gelosia do harem, o não viu ella passar meneando com garbo o seu formoso ginete andaluz, rodeado pelos cavalleiros da sua guarda e pelos alkaides de seu pae, e sobresaindo a todos elles pela altivez do porte, pela louçania dos trajos e pela formosura do rosto! Quantas vezes não dissera a si mesma que seria aquelle o esposo dos seus sonhos, o homem a quem desejaria votar o coração e a vida, o senhor de quem desejaria ser a escrava apaixonada e humilde! Mas esses devaneios terminavam sempre por um suspiro, porque para a donzella musulmana, ainda a mais querida de seu pae, não ha liberdade na escolha do homem a quem deve confiar o seu destino; de nada lhe vale mesmo a resplendente formosura, porque não póde captivar com os seus encantos aquelle que a fascinou. Sepul-

tada na obscuridade do harem, vê-se obrigada a esperar do acaso a realisação dos seus votos.

Mas o acaso d'esta vez fôra favoravel a Zuleyma. Quando seu pae lhe disse que a destinava ao filho do wali de Lisboa, arquejou-lhe o seio com violencia, e saltaram-lhe dos olhos involuntarias lagrimas. O velho wali julgou primeiro que a affligira a noticia, e afastou-se um pouco penalizado, ainda que pela mente nem lhe passára a idéa de faltar á palavra já empenhada com o filho do seu collega. É que elle não sabia que os grandes jubilos d'esta pobre humanidade não encontram outra expressão que não seja egualmente a das supremas dores.

Agora, escutando os ardentes versos de Ahmed-Ibn-Abdallah, Zuleyma sentia um contentamento indizivel, e ao mesmo tempo um inexprimivel espanto. Bastava só a fama da sua formosura para que o filho do wali de Lisboa a decantasse com tanto enthusiasmo? Não era possivel uma tal supposição; Zuleyma, como todas as filhas das raças do Oriente, acreditava na influencia magica dos sonhos. Talvez o amor que ella sentira de subito ao vel-o passar nas ruas tortuosas de Santarem, amor férvido e impetuoso, fosse, pelo mysterio do proprio magnetismo, sobresaltar vagamente o espirito do moiro gentil. Talvez n'essa mesma noite, á hora fatidica em que as sombras começam a desfazer-se e deixam fluctuar n'esse crepusculo vago, ainda mal arraiado pelo reflexo da madrugada distante, os

pallidos phantasmas, as figuras nebulosas, filhas da phantasia, que, já desperta, vagueia solta dos laços corporeos, em quanto o involucro material está ainda entregue ao somno, talvez n'essa hora bafejada pelo halito perfumado das sylphides rosadas, filhas do amor e da aurora, talvez então a sua imagem, formosa e radiante, lhe apparecesse debuxada no espelho translucido do sonho; e, quando elle a final despertasse, talvez tivesse já gravada na alma essa formosissima imagem, diante da qual queimava no thuribulo de oiro dos seus versos o fragrante incenso do amor.

Mas não fôra assim. Uma tarde em que Zuleyma, absorta no seu languido scismar, recostada no parapeito de um dos terraços da alcaçova, deixava discorrer os olhos distrahidos pelas veigas risonhas, onde começavam a desdobrar-se, como escuro tapete, as vastas sombras do crepusculo, Ahmed-Ibn-Abdallah, que voltava da caça e que se adiantára aos seus monteiros, deixando, tambem embevecido na belleza da tarde, ir o cavallo a passo com a redea desleixada, viu aquelle vulto gracioso, immovel no cimo do terraço, onde os raios do sol poente, que se apegavam antes de se esconderem ás grimpas dos minaretes e a todas as eminencias da casaria, banhavam com a sua luz moribunda, mas ainda alegre, as fórmas delicadas da filha do wali. Ahmed-Ibn-Abdallah ficou instantes extatico e assombrado; julgou ter diante de si uma das fadas formosissimas,

de que tanto fallam os contos orientaes. A belleza peregrina e etherea d'aquelle rosto melancolico ; a attitude pensativa do seu vulto, que parecia fluctuar, porque em torno d'ella começavam a subir lentamente os vapores que se exhalavam do rio ao esmorecer da tarde ; o aéreo vé descaído sobre os hombros, e cujas estrellas de oiro e rubins, accesas pelos raios do sol, pareciam rodeal-a de uma verdadeira e fulgurante constellação : tudo isso redobrou o enlevo do mancebo, enlevo que foi rapido. O seu sequito venatorio appareceu d'ahi a instantes, e o tropear dos cavallo, acordando do extasi a formosa do eirado, obrigou-a a sumir-se, envolvendo-se á pressa no véo transparente, e conchegando aos hombros a capa moirisca, que lhe caíra no chão. Mas, sumindo-se, a gentil Zuleyma deixára nos ares, como as deusas da *Eneida*, um perfume vago que inebriára o filho do wali de Lisboa, e que lhe inspirára os versos em que elle tanto louvava a formosura da sua noiva.

Zuleyma ouvia-os, e o coração já não podia conter o jubilo que trasbordava. Era amada ! amada, como desejava sel-o, por aquelle a quem tambem consagrára o mais profundo affecto ! Oh ! como ella agradecia a Deus o ter assim ligado corações, entre os quaes as leis do mundo musulmano punham tantos obstaculos, pelos laços invisiveis de uma ignota sympathia ! Levantou-se e passeiou na sala, arrasando as suas longas vestes. Pela gelosia estreita insinuava-se um raio da lua. Zuleyma sentiu um

desejo immenso de confiar as suas esperanças ao luar, á brisa, á noite silenciosa, noite de primavera em cujo silencio augusto e fremente como que se ouvem os murmurios dos anjos e a harmonia das espheras.

Saíu do aposento, e, subindo rapidamente as escadas, respirou desafogada no eirado solitario da torre. Alli não havia sentinellas; o inaccessible do sitio fizera julgar essa precaução escusada. Zuleyma olhou em torno de si. A lua, quasi a desaparecer do firmamento, envolvêra-a toda n'um longo beijo luminoso. A noite estava silenciosa e amena. O Tejo, sereno e limpido, resplandecia ao longe como um escudo de prata. A aragem suspirava muito de manso ao ouvido de Zuleyma, e, agitando-lhe ao de leve as tranças rescendentes, confundia com o perfume de primavera, que furtára nos vergeis ás amendoeiras em flor, esse outro perfume tambem de primavera, porque a moira gentil era como que a incarnação pagã da meiga estação em que os botões de rosa desabrocham.

Por muito tempo Zuleyma, enlevada nos proprios pensamentos, se deixou embalar pelas harmonias, pelas fragrantés exhalações d'essa noite luminosa e divina. Depois, quando o seu ouvido cessou de escutar por um instante as melodias deliciosas do coração, pareceu-lhe sentir ao longe um rumor estranho. Dir-se-hia um tropear abafado de cavallos, um tinir de armas tão sumido e tão vago, que parecia

apenas o echo espirante de uma peleja travada muito ao longe entre combatentes invisíveis. Inquieta, Zuleyma chegou-se ao parapeito e apurou o ouvido para o lado d'onde vinha o som aterrador. O silencio reinava de novo na placida extensão das campinas; nem um murmurio se ouvia que não fosse o tenue ramalhar da brisa nas arvores enfolhadas pelos primeiros bafejos da primavera. O luar, quasi a desaparecer do céo, alastrava ainda pela veiga o seu clarão já debil. Os olhos de Zuleyma, que o susto fizera mais penetrantes, distinguiram de subito ao longe um relampago fugitivo, como a chamma pallida que a lua accende no ferro das lanças ou nos elmos polidos. Quiz-se affirmar de novo, mas o disco luminoso desapareceu em fim no horisonte distante, e as sombras da noite, cortadas apenas pelo mortico clarão das estrellas, envolveram no seu tenebroso manto o rio, os campos e o castello.

Zuleyma ficára suspensa e pavida. O que havia de fazer? Chamar os seus; mas por quê? Porque ouvira um rumor que logo espirára, porque vira scintillar um clarão vago que se apagára rapidamente. Mas se esse rumor é o dos cavalleiros de Ibn-Errik, vindo pela calada da noite saltar o castello? Não é, de certo; é apenas a brisa a suspirar mais lugubre n'algun corredor abobadado do antigo alcaçar. E se essa chamma longinqua denuncia as ferreas armaduras dos nazarenos? Não é possível; foi

o luar expirante que accendeu uma chamma ephemera n'algun charco das campinas. Assim, procurando socegar os pavores da sua imaginação exaltada, Zuleyma fica immovel no eirado da torre, contemplando irresoluta as estrellas que palpitam no firmamento.

De subito acodem-lhe á lembrança as vagas ameaças do africano. Deus! se esse espirito mau vem, como um enviado de Iblis, o Satanaz das lendas musulmanas, lançar a perturbação e o terror na sua felicidade nascente! Então, pallida e inquieta, aproxima-se com passos rapidos do parapeito da torre; mas de subito um vulto sinistro e negro ergue-se diante d'ella, como se brotasse das profundezas mysteriosas da noite, e logo outro o segue, alteando-se pouco a pouco ao longo dos muros do castello. Zuleyma, convulsa e attonita, solta um grito agudo que vibra funebremente no silencio da noite. «Os nazarenos!» ia ella a bradar logo depois, percebendo em fim que genero de inimigos tem diante de si; porém mão de ferro afoga-lhe na garganta o grito, que esmorece n'um gemido plangente e lugubre. Ao mesmo tempo luz um punhal nas trevas, embebe-se no peito da moira gentil, e a filha do wali de Santarem, ferida mortalmente, cae banhada em sangue no eirado da torre.

Foram esses dois gritos os que se ouviram na sala do banquete, e que os convivas escutaram com a pallidez no rosto e a turbação no espirito, até que

um escravo lhes dissipou as dúvidas, soltando do limiar da porta esse brado fatal:

— Os nazarenos!

Eram effectivamente os cavalleiros de Affonso Henriques.

VI

A tomada de Santarem

Pela calada da noite caminha a pequena hoste portugueza na direcção do sudoeste; havia já quatro dias que deixára Coimbra, e, sempre em marchas nocturnas, pouco tinha adiantado; curiosos e aborrecidos, os cavalleiros portuguezes estranham o passo vagaroso a que o seu chefe os condemna. Não são estes, comtudo, os habitos do rei de Portugal; quando determina surprehender uma praça musulmana, mais veloz do que o raio, mal fórma o designio e já está diante dos muros condemnados. Os inimigos pavidos vêem no mesmo instante luzir ao longe no horisonte o elmo e a couraça, e sobre as suas cabeças a formidavel acha d'armas do terrivel Ibn-Errik. Por que motivo segue elle n'esta expedição um tão differente systema? Ninguem o sabe, a não ser, talvez, o prior de Santa Cruz D. Theo-

tonio, Mem-Ramires e um cavalleiro mysterioso, que ninguem conhece, mas que, apesar de vestir armas christãs, parece, pelo tostado do rosto, haver nascido nas faldas ardentes do Atlas, onde a lei de Mafoma impera.

São estes tres os que de mais perto rodeiam Afonso Henriques. El-rei mostra-se, como de costume, sereno e risonho; mas o seu rosto, onde bate de chapa o candido luar, é tão impenetravel como a viseira do elmo, que levantára para gozar mais á vontade a frescura da noite.

Como serpente de escamas de ferro, desenrola-se pelas estradas a pequena phalange portugueza; a lua, alta no céo, accende a cada instante reflexos fugitivos nos escudos, nas lanças, nos capacetes e nas couraças. Quem assim visse passar a hoste silenciosa diria uma longa procissão de espectros, allumiada pela sinistra phosphorecencia dos cemiterios.

Tinham chegado á serra de Albardos, e nem sequer suspeitavam ainda qual era o fim da expedição, quando de repente os vem surprehender nova ordem, a de voltarem para o oriente, colleando ao longo das serras que julgavam ter de transpor.

Que novidade será esta? Ninguem o sabe; continúa a presidir o mysterio a todas as operações d'essa estranha expedição. O caminho que seguem parece conduzil-os a Santarem, mas será possível que para tomar praça tão forte appellidasse el-rei apenas tão pequena porção de homens d'armas?

E mudos caminham ao longo das serras, e os cavallos, como se conhecessem a necessidade do silencio, nem ousam soltar o seu nitrido impaciente.

Ainda a tenue luz da aurora mal arraiava o horizonte, quando a hoste portugueza entrava em Pernes. Algum cabaneiro madrugador, que se encaminhava para o trabalho com a enxada ao hombro, desviava-se assustado, interrompia a sua canção matinal, e dizia, persignando-se:

— Senhor Deus, onde irá rebentar esta trovoadá guerreira?

Foi em Pernes que o mysterio se desvelou; Affonso Henriques reuniu em torno de si os seus cavalleiros, e disse-lhes qual era a expedição projectada. Não se esqueceu de lhes communicar a circumstancia da quadrella deserta, e, para ainda mais disfarçar a temeridade da empreza, inventou que tinha algumas vedetas compradas. Ainda assim, os mais bravos dos seus companheiros enfiaram; era mais do que temerario, era louco verdadeiramente o commettimento; mas as hesitações, se as houve, só se revelaram durante o dia de descanso que tiveram em Pernes; queria D. Affonso que, se o wali de Santarem tivesse pelos espias noticia dos seus movimentos, não vendo rebentar a procella annunciada, caisse de novo no habitual descuido.

Quando á noite se reuniu a pequena hoste, parecia que todos caminhavam alegremente para uma victoria certa; as reflexões tinham cessado, e, no

momento do perigo, os cavalleiros portuguezes não pensavam senão em arvorar a bandeira da cruz nas muralhas de Santarem, ou em morrer briosamente, pugnando ao lado do seu rei pela gloria do seu Deus e pela dilatação da sua patria.

A lua, resvalando no firmamento azul, não tardou a allumiar os ferros das lanças da pequena hoste, caminhando cada vez mais silenciosa e unida. A alguma distancia de Santarem pararam; el-rei ia dar-lhes as suas ultimas instrucções. Doze escadas altas acompanhavam os expedicionarios; por cada escada d'estas deviam subir dez homens á torre desguarnecida que o africano indicára. Apenas chegassem ao eirado, deviam arvorar o pendão real e correr a abrir as portas ao resto da força. N'esse instante decisivo, de que dependia a sorte da surpresa, era necessario que não os movesse compaixão intempestiva, e que o seu ferro cortasse desapiedadamente mulheres ou crianças, se algumas encontrassem no seu caminho. N'outro ensejo se dariam ouvidos á voz da humanidade; n'aquella occasião era sobre tudo indispensavel que não se espalhasse o alarma antes que a hoste portugueza tivesse irrompido em torrente tumultuosa pelas portas estoiradas do castello.

Quando D. Affonso acabou de dar em voz mansa estas instrucções aos seus companheiros d'armas, o cavalleiro mysterioso, de quem fallámos, aproximou-se d'elle, e disse-lhe algumas palavras em voz

baixa. D. Affonso fez um gesto de assentimento, e continuou voltando-se para os seus:

— Sobre tudo não vos esqueça o que passo a dizer-vos: o wali de Santarem e as mulheres da sua familia devem ser para vós pessoas sagradas; tomae-o prisioneiro, mas por Deus não o mateis.

Os cavalleiros ouviram em silencio esta recommendação estranha para essa epocha, e, apeando-se todos, proseguiram na marcha interrompida; mas a lua velava no ceo, como para proteger aquelles em cuja bandeira fluctuava o seu crescente. Era necessario esperar que o denunciador clarão se extinguisse no horisonte, e mesmo que a pesada moldorra do quarto d'alva adormecesse os atalayas dispersos pelas muralhas da fortaleza. Uma seara, que ondulava frouxamente ao sôpro da brisa nocturna, deu seguro abrigo á hoste christã.

A lua foi-se aproximando do horisonte. Impacientes, os cavalleiros portuguezes prestavam o ouvido ao placido susurrar do Tejo, e alguns, levantando a cabeça por entre as espigas ondeantes, espreitavam a sombria massa do castello, aqui e além branqueada pelo luar moribundo. Em fim, de todo expirou o doce clarão nocturno. Silenciosa, mas apresada, a hoste portugueza foi encostar as escadas ao muro da torre. Por entre as sombras da noite mal se distinguiam ao perto esses vultos negros, em cujos elmos polidos apenas de quando em quando o frouxo raio de uma estrella accendia um fugitivo e

descórado relampago. Zuleyma, entretanto, debruçava-se do parapeito, anciosa, sem poder distinguir o que eram esses vagos rumores e esses vagos espectros. Cosendo-se com as muralhas, Mem Ramires, que servia de guia, foi subindo silenciosamente até que deu de cara com um vulto alvejante que não sabia o que era. Denunciou-a o grito de terror que Zuleyma soltou dos labios convulsos. Mem Ramires não hesitou um segundo ; as ordens do seu rei eram terminantes, e o instincto da propria salvação não o aconselharia menos a praticar aquelle acto feroz. Erguendo o punhal, embebeu-o todo no peito da victima infeliz. Ao mesmo tempo as outras escadas amarravam-se ás ameias, e um a um os vultos negros accumulavam-se no eirado, momentos antes quasi deserto. O alferes-mór arvorava na muralha o balsão de Affonso Henriques. Mas entretanto o grito do escravo fazia correr pelo caracol da torre o tropel dos convivas do banquete do wali. Ao assomarem tumultuosos, recuaram com pavor e espanto ; é que tinham visto a bandeira odiada, o pendão de Ibn-Errik fazendo fluctuar ao sôpro da brisa nocturna as suas pregas vencedoras.

Mas logo depois travou-se o combate confuso e medonho. Vinte e cinco eram os portuguezes que estavam já no alto da torre ; poucos mais seriam os moiros que as delicias do banquetear-se e as obrigações do serviço tinham conservado acordados até aquellas horas. « Santiago e rei Affonso ! » bradou

Mem Ramires com energia, e esse punhado de heroes, investindo com os moiros, levou-os de rondão pela escada abaixo. Era indescrível o tumulto. Alguns dos portuguezes correram a abrir a porta ao rei, que de fóra bradava com a sua voz potente, que se ouvia sempre entre o revoltear da peleja : « Santiago, cerra, cerra ! » Mas as portas resistiam aos esforços dos poucos que tentavam arrombal-as, em quanto os outros luctavam com os moiros, excitados ao combate pelo wali de Santarem e pelo filho do wali de Lisboa, que pelejavam como desesperados. A gritaria era immensa, e os soldados do castello, despertando estremunhados, corriam de um para o outro lado, sem saberem o que haviam de fazer, sem tomarem as armas, sem nada perceberem d'aquelle estranho successo. Ao mesmo tempo as portas cediam ao impulso dos portuguezes, e Affonso Henriques, á testa da força principal, irrompia com tremendo impeto, e tornava completamente inutil mais larga resistencia. O ferro portuguez não cortava já senão gente inerme, ou soldados pavidos e convulsos que empunhavam armas com as mãos que o terror da surpresa paralytava.

No meio d'esta carnificina um cavalleiro só passava com a espada embainhada, mas parecendo procurar alguma coisa com anciedade entre os grupos. Era o cavalleiro mysterioso, que tanto dera que scismar aos homens d'armas de D. Affonso; era o africano Mogbar. D. Affonso, por um resto de descon-

fiança, conservára-o junto a si, e com D. Affonso é que elle entrára no castello tomado. Devorára-o surda impaciencia em quanto as portas resistiam aos golpes dos portuguezes; mas, apenas tinham estoi-rado, entrára elle impetuosamente, e corrêra ás salas da alcaçova á procura d'aquelles que eram, um objecto do seu odio, outro do seu amor, quasi como o seu odio terrivel.

Mas, ao atravessar a corredoura da fortaleza, onde fôra mais renhido o combate, parou, soltando um grito. Acabava de ver o cadaver de Abu-Zakaria estendido no chão e vertendo o sangue por dez largas feridas.

— Ah! traidores! ah! vis nazarenos! bradou elle arrancando um punhado de cabellos.

E, desviando com o pé o cadaver, correu como um louco pelos aposentos. Receiava que tambem lhe escapasse Zuleyma, a perola de formosura tão ardentemente cubiçada.

Não tinha razão, comtudo, em accusar de perjuros os portuguezes; a surpresa do castello não fôra completa, e elles não tinham podido escolher os peitos a que dirigissem os golpes. No combate que se travára entre as sombras, Abu-Zakaria, que se arrojava ao sitio onde era maior o perigo, succumbíra varado por dez espadas sequiosas de sangue ismaelita.

E o africano percorria furioso as salas desertas, os aposentos abandonados do harem, bradando: «Zu-

leyma! Zuleyma!»; porém nenhuma voz respondia aos seus brados; apenas se ouvia ao longe um rumor confuso de gemidos e maldições: era a carnificina que continuava.

Um instincto indefinivel impelliu-o a subir pela escada que ia ter ao eirado da torre. Mais de uma vez tropeçou em cadaveres que juncavam os degraus; curvava-se então, e tenteava-os com mão trémula; reconhecendo vestes guerreiras, soltava um suspiro de allivio e continuava a subir a escada tortuosa.

Eil-o no eirado em fim. O primeiro albor da manhã illumina os campos com o seu dubio clarão melancolico; relanceando os olhos em torno de si, o africano vê tudo solitario; mas, affirmando-se mais, descobre junto ao parapeito um vulto envolto em roupas alvejantes; corre para elle e solta um grito de desespero. É o cadaver de Zuleyma.

Quantas blasphemias podem sair da bocca de um homem devorado pelas más paixões, todas espumaram nos labios convulsos do africano feroz. Cem vezes amaldiçoou Ibn-Errik, cem vezes chamou sobre elle e os seus cavalleiros a vingança do céo. Mas de subito soltou um brado angustioso, e após um instante de lucta brotaram-lhe dos olhos torrentes de lagrimas, que lhe inundaram as faces requeimadas.

Nascêra o sol; a sua luz doirada banhava em ondas de alegria os campos verdejantes, e o Tejo

azul e sereno; nas ruas de Santarem, apinhada lá em baixo junto ao rio, ouviam-se ainda o clamor jubiloso dos vencedores e os gritos lastimosos dos vencidos; mas a natureza, indifferente a essas luctas dos homens, ostentava á luz radiante de uma linda manhã de primavera toda a opulencia das suas vestes virginaes; exhalavam o seu aroma a laranjeira e a amendoeira em flor; a olaia, agitada pela brisa matinal, alcatifava o chão com o tapete odorifero das suas flores purpureas; a moldura d'esse quadro de horrores que Santarem apresentava era tão graciosa e risonha, como o podia ser a moldura de uma pastoral deliciosa.

Mas, entretanto, o africano, erguendo instinctivamente os olhos, víra fluctuarem sobre a sua cabeça as pregas, em que os raios do sol brincavam, da bandeira da cruz. Prestando o ouvido, pôde perceber ao longe o confuso Allah com que as moiras de Santarem imploravam a compaixão dos vencedores. Recuou horrorizado. De tudo aquillo era elle a causa, elle, que devia ter jurado odio eterno a esse pendão maldito, e que fôra entregar indefesos aos seus inimigos mortaes os seus irmãos de raça e de crença. Foi então que as lagrimas lhe borbilharam nos olhos. Pensou que a Providencia não podia ter consentido em que traição tão nefanda conseguisse o premio nefando que desejára tambem.

Então, ajoelhando diante do cadaver de Zuleyma, pegou-lhe na mão livida e beijou-a, murmu-

rando: «Perdão!» Ergueu-se depois, e marchou com passo firme na direcção do parapeito que dominava o Tejo; mas uma reflexão o suspendeu; temeu que os ferozes nazarenos, como elle os chamava, deixassem para pasto dos abutres o formoso corpo d'aquella a quem amára até ao crime. Voltou atrás, e, tomando nos braços o cadaver de Zuleyma, dirigiu-se para o adarve sobranceiro ao rio. Por algum tempo mirou com uma especie de jubilo inexprimivel o Tejo que deslisava lá em baixo, placido, risonho, palreiro, e arrastando nas suas aguas palhetas de oiro cambiante. Depois, desempenando a sua alta estatura:

— Já que na vida não pude unir-me a ti, exclamou elle baloiçando o corpo de Zuleyma nos seus braços, una-nos ao menos a morte na mesma sepultura.

Depois precipitou-o e precipitou-se. O Tejo abriu-se por duas vezes para receber aquellas duas prezas, e logo, unindo sobre ellas a sua liquida mortalha, continuou a deslizar placido, risonho, palreiro, e arrastando nas suas aguas palhetas de oiro cambiante.

Ao longe, dentro dos muros da povoação conquistada, ia-se extinguindo o rumor da carnificina; a brisa susurrava docemente entre os ramos da laranjeira florida.

Santarem estava definitivamente e para sempre no poder dos christãos; tomando-a, D. Affonso Henriques como que pozera á cintura as chaves da orgulhosa Lisboa.

Do cavalleiro mysterioso que acompanhára D. Affonso Henriques durante a expedição nocturna é que ninguem mais ouvira fallar. Correram, por consequente, differentes versões sobre a entidade e a desaparição d'esse vulto enigmatico.

Uns diziam que era um anjo disfarçado, ou antes o proprio Santiago, que viera mais uma vez ajudar Affonso Henriques a ganhar as suas inclitas victorias. Com louvavel modestia, os mesmos que, á força de brios e coragem, tinham conseguido abrir as portas aos seus companheiros, diziam tel-o visto estender um dedo, e as portas alluirem-se por si. Outros allegavam que elle era muito tostado para anjo, e que para Santiago lhe faltava o cavallo branco; diziam então esses que não era o cavalleiro mysterioso senão o proprio Satanaz, que, com fingidas promessas, conduzira Affonso Henriques á beira do abysmo da perdição; mas, quando lhe ia a deitar o gadanho, o santo prior de Santa Cruz D. Theotonio acudira com a agua benta e as suas orações, e pozera-o em fuga desastrada. Affirmavam alguns que tinham sentido perfeitamente o estoiro que dera ao desapparecer, e que ainda tinham nas fossas nasaes os restos do cheiro de enxofre que deixára nos ares.

Mas D. Theotonio, quando lhe fallavam n'isso,

ria-se e encolhia os hombros, e D. Affonso Henriques, se alguns dos seus privados lhe tocavam em semelhante coisa, ria-se tambem e dizia:

— Meus senhores, anjo ou demonio, não lhe sejâmos desagradecidos, porque a elle é que devemos Santarem. ¹

1 As exigencias da acção do romance fizeram-me em algumas coisas modificar os factos historicos; mas nas circumstancias essenciaes a tomada de Santarem foi como eu a relatei; já se vê que a intervenção do africano é completamente phantasiada. A quem quizer, comtudo, conhecê-la com todos os seus pormenores verdadeiros, aconselharei que leia a magnifica descripção que d'essa empreza faz o snr. A. Herculano na sua *Historia de Portugal*, tomo 1, liv. 11, pag. 363 a 369.

... of the ...

O ESCUDEIRO DE NUNO ALVARES

I

Uma alvorada de Castelhanos

Estava a terminar o primeiro canto d'essa gloriosa *Iliada* portugueza, que teve por Achilles Nuno Alvares Pereira, por Ulysses o doutor João das Regras, em que o mestre de Aviz representou, de certo, um papel ainda mais glorioso do que o de Agamemnon. A nacionalidade portugueza manifestara-se já de um modo deslumbrante; o povo fizera a sua apparição na scena da historia; e o rei de Castella, suspenso diante da inexpugnavel Lisboa, começava a perceber o que é e o que vale o patriotismo.

Estava quasi a findar o mez de setembro de 1384. Durante o espaço de um anno, que tropel de grandes acontecimentos n'este canto occidental da Europa! Morrêra el-rei D. Fernando em outubro de 1383, deixando, como ultima consequencia da sua desastrosa politica, a herança de Portugal a sua filha, rainha de Castella, a regencia do reino a sua esposa, a

adultera e criminosa Leonor Telles. O povo começára protestando surdamente contra o testamento que o entregára aos castelhanos, a nobreza mostrára-se decidida a não acceitar a preponderancia do conde Andeiro, amante reconhecido da rainha viuva. O mestre de Aviz apparecêra, como instrumento providencial, para satisfazer os odios da fidalguia e as aspirações do povo. A punhalada que vibrára nos paços de S. Martinho livrára o reino do valido odiado; a fuga para Alemquer de D. Leonor, que ardia em desejos de vingança, deixára o campo livre ao mantenedor da nacionalidade portugueza. Debalde os fidalgos, reconsiderando, e vendo que ao valido da rainha que odiavam succedêra um valido do povo que temiam, fizeram causa commum com D. Leonor e com os castelhanos, que ella chamára em seu auxilio. O povo, quasi inerme, e *de ventres ao sol*, como diz Fernão Lopes, tomára os castellos defendidos pelos homens d'armas, e erguêra-se em massa para defender a independencia portugueza. Nuno Alvares Pereira estreára a campanha no Alentejo, ganhando a batalha de Atoleiros; Lisboa, durante quatro mezes cercada, e commandada pelo mestre de Aviz em pessoa, repellira todos os assaltos do rei de Castella, e soffria heroicamente as torturas da fome sem pensar em render-se. É verdade que ao mesmo tempo assolava a peste o arraial castelhano, e avisava o esposo de D. Beatriz de que não poderia prolongar o seu obstinado assedio.

Nos ultimos dias de setembro o aspecto de Lisboa era soturno. A fome chegára ao seu paroxismo; já tinham sido expulsos da cidade os judeus e as me-retrizes, como as primeiras bocas inuteis que era licito sacrificar em taes apuros. Apesar d'isso, mulhe-res e crianças morriam á mingua, e apresentavam aos defensores da cidade um lamentoso espectaculo; grupos macilentos e desvairados esgaravatavam a terra nos sitios onde se vendiam cereaes quando ce-reaes havia, para encontrarem alguns pobres grãos de trigo que lhes enganassem a fome. Os soldados, resolutos, mas tristes, relanceavam um longo olhar para o Tejo, pedindo á Providencia o inesperado soc-corro. Debalde! O rio estava atulhado de navios castelhanos, por entre os quaes nem um barco se podia escoar; a bandeira castelhana tremulava tam-bem em Almada. Todos os horisontes cerrados, e em nenhum d'elles fluctuavam, mesmo vagamente, as roupas aéreas d'essa divindade consoladora que se chama Esperança!

Se os defensores de Lisboa podessem estar, na madrugada em que se abre esta narrativa, nos arre-dores de Almada, presenciariam um espectaculo que de certo os rejubilaria. Nós, que temos, como ro-mancista, o dom da ubiquidade, transportar-nos-hemos ao sul do Tejo e veremos o que por lá se passa.

Vinha rompendo o sol, e os seus raios alegres doiravam as cumiadas dos montes sobranceiros ao rio, e scintillavam nas limpidas aguas que beijavam

amorosamente as quilhas das galés castelhanas. Indolentes como quem se julgava seguro, regalavam-se os castelhanos dormindo *la grasse matinée*, como os francezes, seus alliados, diziam, nas poisadas onde se alojavam em Almada, Cacilhas e nas aldeias circumvisinhas. Subito um grito os sobresalta: *Armas, armas! Castilla, Castilla!* brada-se pelas ruas já cheias de sol. Logo em seguida ouve-se o pesado tropear de cavallos acobertados de ferro; depois o tinir das espadas, o gemido dos moribundos, os gritos dos combatentes. Levantam-se á pressa, ainda sem saberem o que os desperta; aqui um castelhano, no trajo primitivo de Adão e Eva, mas de espada em punho, procura o inimigo; outros fogem em habitos menores; aqui apparece um sem gibão, outro vestiu dois á pressa. «Mas o que é?» perguntam todos. E um outro grito lhes responde: «Nuno Alvares! Nuno Alvares!» O nome do joven heroe transforma em terror panico o sobresalto; pela ingreme encosta que vae ter a Almada arroja-se a turba fugitiva, galga-a espavorida, atropella-se, uns fatigam-se e cáem, pisados aos pés pelos que os seguem; a onda sobe, sobe sempre como as aguas de uma inundaçào. Já sentem o resfolegar dos cavallos dos soldados de D. Nuno. Jesus! aquella massa confusa, que o sol nascente illumina com espanto justificado pela variedade dos trajos, que todos alli se encontram, desde a nudez primitiva até á ferrea vestimenta de um guerreiro da edade média, faz um ul-

timo esforço, galga gemendo o monte, precipita-se no castello, entra, cerram-se as portas, e os cavallos offegantes dos portuguezes, cobertos de suor e brancos de espuma, estacam de improviso diante do muro impenetravel da fortaleza.

— Corpo de Deus, senhores castelhanos, brada uma voz forte, ainda que entrecortada pelo canção, não tardará a desforra.

Era Nuno Alvares que assim fallava; Nuno Alvares, que galopára dia e noite, seguido por um punhado de homens d'armas, desde Evora até á margem do Tejo, para dar esta desagradavel alvorada aos soldados do rei de Castella.

A temeridade fôra grande; a pequena hoste, que cercava o futuro condestavel, e que tal panico espalhára entre os castelhanos, formava um esquadrão de duzentos cavalleiros, quando muito.

— Já que tão alto subimos, continuou Nuno Alvares, mostremo-nos bem a amigos e a inimigos.

E, dando volta ao cavallo, encaminhou-se para a eminencia que domina o Tejo como um terraço natural.

Quando soffream os ginetes á beira do abysmo, todos soltaram involuntariamente um grito de admiração.

A modesta cidade de D. Fernando desdobrava-se nas collinas da margem fronteira, entre o sitio onde hoje se levanta o arsenal do exercito e o largo do Corpo-Santo. O sol banhava as pinhas de casas

que se desdobravam pelas encostas dos montes n'este limitado espaço comprehendidos. As setenta e sete torres da cêrca desenhavam na pura atmosphera os seus bellicos perfis. Em volta da cidade, a certa distancia da muralha, e começando em Santos, desenrolava-se o arraial castelhano, alinhado e resplandecente, como outra cidade improvisada. A oeste de Lisboa erguiam-se as collinas, hoje tambem cobertas de casaria, então vestidas apenas de verdura. Em baixo o rio deslisava magestoso e sereno. Cobria-o diante da cidade uma floresta de mastros, cerrada como um arvoredó virgem : era a esquadra castelhana. O sol doirava os differentes planos d'este quadro variegado, e envolvia no manto luminoso esse panorama, que alegrava os olhos de quem não sabia os horrores que occultava.

Depois de um instante de muda contemplação, Nuno Alvares, voltando-se para os seus, exclamou, procurando reprimir a commoção que lhe fazia tremer a falla :

— Senhores, saudemos a cidade heroica ! Honra ao seu heroico chefe ! Real, real, pelo mestre de Aviz !

— Real ! real ! bradaram os cavalleiros agitando as espadas.

E logo a pequena hoste se formou em linha de batalha ; os cavallo, impacientes, alinharam-se, escarvando o chão, á beira do abysmo, sobre o qual de longe pareciam suspensos. O alferes, collocando-se no centro, desenrolou á brisa o seu pendão ovante ;

os raios do sol reflectiram-se, como em espelhos polidos, n'essa longa linha de ferro formada pelas cervilheiras e os elmos.

— Real, real, pelo mestre de Aviz! bradaram de novo os cavalleiros.

E as suas espadas accenderam no ar como que um longo relampago. E as trombetas, erguendo a sua voz estridula, enviaram a Lisboa uma saudação festiva.

Respondeu-lhe ao longe um vago echo, como que um longo murmurio. Era o grito de jubilo soltado pelo povo de Lisboa, apinhado nos caes, e que n'esses lampejos indecisos, que fuzilavam aos raios do sol na margem fronteira, adivinhára as espadas robustas, as invulneraveis coiraças de Nuno Alvares.

— Oh! meu valente irmão d'armas! murmurava Nuno lançando para Lisboa os olhos arrasados d'agua. Dera dez annos da minha vida para poder agora combater ao teu lado.

— Oh! Alda! Alda! murmurava Affonso Eanes, um dos mais novos entre os escudeiros de Nuno. Dera a minha vida inteira para que este rio que nos separa me levasse a teus pés, e me permittisse poisar um beijo só nos teus labios.

E suspiraram ambos, o namorado escudeiro, e o heroico fronteiro de Entre Tejo e Odiana, cuja amante querida era a gloria.

Algum tempo se conservou a hoste n'aquella attitude soberba. Depois Nuno Alvares enterrou as esporas no cavallo, e, seguido pelos seus, galopou em direcção a Cacilhas.

N'essa mesma noite estava em Palmella.

II

As almenaras de Palmella

Era uma noite sem lua; Lisboa dormia, se se póde chamar dormir á tregoa rapida que o soffrimento concede. Um plumbeo silencio pesava sobre as tortuosas ruas da cidade, silencio cortado aqui e alem por alguns gemidos flebeis, que se exhalavam dos sitios onde penavam as victimas da fome, e pelos gritos de áleria dos atalayas que velavam nos muros, e cuja vigilancia era fiscalizada por numerosas roldas e sobreroldas.

O rio arrastava no seio das trevas a sua corrente negrejante matizada das perolas luminosas que o céo estrellado sobre ella semeava. O murmurio queixoso da vaga quebrando nos caes, aquella triste melopéa que preside á eterna evolução da superficie movel das aguas, despertava nos espiritos abatidos uma pungente melancolia e um desalento profundo.

No eirado dos paços de S. Martinho, onde residia o mestre de Aviz, passeiava este acompanhado por alguns dos membros do seu conselho, entre os quaes devemos notar o chanceller-mór interino João das Regras. O bastardo de Pedro I está inquieto, agitado, febril. Muitas vezes pára, e relanceia os olhos com certo ardor para a margem meridional do Tejo; outras vezes, chegando-lhe aos ouvidos algum gemido que se exhala do seio da cidade angustiada e oppressa, volta a passeiar com uma agitação que se trahe em palavras sem nexo, em gestos de desespero.

— Perdido! murmura elle; perdido na vespera do triumpho!... Esperar! Se eu pudesse esperar dois dias! A peste devasta o arraial inimigo! Depois de amanhã, amanhã talvez, não ha nem um castelhano diante de Lisboa! Mas esperar... como? A fome tenho-a aqui. É o espectro que me vem arrancar sem piedade da mão os loiros e o diadê... Ah! se eu fosse rei!...

— Silencio! murmurou João das Regras olhando receioso para os outros fidalgos que palestreavam áparte.

Mas o mestre não o ouvia.

— Se Nuno Alvares ao menos alli estivesse de frente... Se não fosse, como foi de certo, um vão sonho a visão d'esta manhã... Impossivel! Como poderia estar em Almada quando os castelhanos o apertam em Evora? Se eu te pudesse aqui ter, meu

fiel amigo, leal como a tua espada e valente como ella...

João das Regras franziu o sobr'olho. Nunca o chanceller-mór se pôde costumar a ouvir seu amo elogiar Nuno Alvares.

Subito os outros fidalgos soltaram um grito de espanto.

— Olhae, senhor, olhae, diziam elles apontando na direcção de Palmella.

No horisonte caliginoso, no meio das trevas profundas, accendêra-se de subito uma chamma vermelha, que fulgurava ao longe como estrella-pharol que Deus fizesse surgir para illuminar o caminho aos mysteriosos navegadores do oceano dos ares. O mestre cravou os olhos com anciedade n'esse ponto vermelho que reluzia ao longe, trémulo fanal de esperanza. Todos fitavam a vista no horisonte, anciosos sem saberem porquê. No silencio profundo da noite podia-se ouvir o bater dos corações dos homens agrupados no eirado, e o rumorejar das ondasinhas do Tejo, entoando o seu estribilho incessante. Não esperaram muito tempo; n'outro ponto do horisonte, a pouca distancia do primeiro, accendeu-se nova chamma, depois terceira, e outra ainda, e outra. Aquelles fachos silenciosos fulguravam de subito no céo, como olhos esbrazeados que o céo abria para ver as miserias terrenas. Depois as cinco estrellas rubidas permaneceram immoveis e scintil-

lantes, como as antigas almenaras moiriscas nos pincaros das montanhas.

— É elle! é elle! bradou o mestre com enthusiasmo; é Nuno Alvares que me dá signal da sua presença, que me envia de longe a saudação e o conforto! Meu fiel paladino! cavalleiro sem mancha! Annunciam-te essas letras de fogo que escreves no horisonte, como te annunciaram esta manhã os relampagos da tua espada! Depressa, depressa! venha um facho! enviemos-lhe por cima da cidade em lucto a nossa luminosa resposta.

Logo subiram pagens ao eirado, trazendo fachos, cuja chamma ondeante ao vento projectou um clarão trémulo sobre as figuras dos fidalgos reunidos no eirado, e fel-as ondear como esses vultos das velhas tapeçarias de Arrás que a luz oscillante da lampada illumina.

Reinava profundo silencio; os pagens immoveis, candelabros vivos, espancavam em torno de si as trevas com a luz que os fachos espargiam; ao longe palpitavam as rubidas estrellas que Nuno Alvares accendêra no horisonte.

Ouvia-se lá em baixo o manso rumorejar das aguas do Tejo.

O mestre aproximou-se do parapeito, sentou-se, e, firmando a barba na mão, cravou nos pontos luminosos que fulguravam para os lados de Palmella um olhar melancolico. Depois começou em voz bai-

xa, como se temesse perturbar o silencio augusto da noite:

— Fadou-nos irmãos d'armas o destino! Quando elle veio á corte, de idade de treze annos, quiz Leonor Telles vestir-lhe as armas. Não encontraram coiraça que lhe servisse, por ser criança ainda. Eu tinha então quinze annos; emprestei-lhe a minha coiraça de adolescente, e Leonor Telles, com essa mão que, banhando-se em tanto sangue, não perdeu nunca a transparente alvura, enfiou-lh'a sorrindo. Era a nossa cruel inimiga, que assim atava os laços de uma fraternidade que nunca se desmentiu! Quem nos diria, crianças descuidosas, o que havia de succeder depois! Annos tranquillos, como fugis depressa! Praias floridas, com quanta brevidade vos perdemos de vista, mal pomos o pé n'este baixel aventureiro para sulcarmos o mar procelloso da existencia!

Todos escutavam com respeito; brilhavam sempre além as chanmas longinquas, e o Tejo murmurava queixoso, revolvendo no seio das trevas as suas ondas negras.

O mestre continuou com a mesma voz melancolica e saudosa, que era apenas um murmúrio:

— Que valente espada aquella! que enthusiastico espirito! que ingenuo coração! Intrepido no perigo, é uma criança no trato intimo! Bravo leão para os inimigos, é para os amigos como esse leão de Androcles, de que ainda n'outro dia João das Re-

gras me contava a historia. É um heroe antigo! Ah! mas quanto eu te invejo agora, meu fiel companheiro! Pelejas livremente, fazes brilhar ao sol dos combates a tua invencivel espada, luctas, vences, temerario e sublime! E eu, eu, encerrado n'estes muros, combatendo com um espectro intangivel, espectro que me prostra, que eu não posso domar — a fome, hei de morrer, mas de que morte! Ingloria, obscura, e sem proveito nem para o meu nome, nem para a patria.

E o mestre deixou cair a cabeça entre as mãos. Mudos e aterrados, os seus fieis cavalleiros contemplavam com profunda tristeza o desespero sombrio do heroe. Largo tempo se conservaram assim; depois, levantando os olhos para o horisonte, viram apagar-se uma das chammas, e successivamente as outras. O mestre seguiu tambem esse expirar das estrellas ficticias, e murmurou com voz cava:

— Assim morre a esperanza.

Fez um gesto com a mão, e pagens e fidalgos saíram. Elle ficou sósinho, immerso nos seus pensamentos, com os olhos cravados no horisonte sem luz, até que os primeiros clarões da aurora vieram purpurear o oriente.

III

Dramas nocturnos

N'essa mesma noite, quando a communição mysteriosa se estabelecêra entre Nuno Alvares e o mestre, quem na praia deserta, onde hoje existe a praça do Commercio, fitasse a vista no Tejo e pozesse o ouvido á escuta, veria no seio das trevas branquearem, coroados-se de espuma, as ondas sulcadas pelo braço de um nadador audacioso, e ouviria, entre o murmurio incessante do rio, o tenue rumor produzido pela effervescencia da agua.

O vulto chegou á praia, fez um ultimo esforço e saltou em terra, caindo ao mesmo tempo quasi desfallecido; ergueu-se logo e dirigiu-se á cidade. Algumas palavras trocadas com os atalaias das torres fizeram com que uma das portas lhe fosse aberta; largo tempo se demorou, com visivel impaciencia, mas tendo que responder ás perguntas anciosas dos bésteiros, que, acolhendo-o com alvoroço e não se fartando de o interrogar, o aquentavam ao mesmo tempo, e lhe davam roupas e armas. A final conseguiu desprender-se, e logo deitou a correr na direcção da Rua Nova, enfiou por uma das labyrinthicas ruas que então se cruzavam no terreno hoje alinhado em quarteirões rectangulares, e impel-

liu, finalmente, a porta mal fechada de uma casa de soffrivel apparencia.

— Alda! bradou elle com voz alegre; minha querida Alda! sou eu! é o teu noivo!

Parou assombrado; á luz mortiça de uma candea divisára um espectaculo terrivel.

No meio da casa uma mulher velha e bem vestida estorcia-se nas convulsões da agonia; a um canto uma rapariga sentada, com os joelhos á boca, bella, mas com o rosto livido e os cabellos desgrenhados, fitava um olhar desvairado no corpo quasi inerte, em que se iam apagando os ultimos lampejos da vida.

— Alda! exclamou o nadador correndo para ella. O que é isto? que desgraça foi esta?

— Esta é Lisboa mirada, prezada e deixada, respondeu a rapariga com uma voz monotonica, repetindo machinalmente a injuria rimada que os lisboenses no principio do cêrco vibravam aos castelhanos: se quereis carneiro qual deram a Andeiro, se quereis do cabrito qual deram ao bispo! ¹

— Alda! bradou o moço. Não me conheces, infeliz? Sou eu, o teu noivo, Affonso Eanes.

— Tenho fome, respondeu Alda no mesmo tom monotonico e doloroso.

— Fome, tu! Quando faltou o pão na casa de teus paes?!

— Tenho muita fome, repetiu Alda.

1 A chronica de Fernão Lopes diz *arcebispo*; mas é natural que seja um dos muitos erros de imprensa que mancham a edição de 1644. Em 1384 ainda Lisboa era bispado.

Affonso Eanes, n'um impeto de desespero, tomou-a nos braços, levou-a junto da luz, e, cravando os olhos arrasados de agua no rosto desfigurado da pobre rapariga :

— Alda ! bradou ; não me conheces, Alda ?

A rapariga mirou-o espantada, depois fuzilou-lhe nos olhos um lampejo de razão, e, sacudindo a cabeça como para repellir as nuvens com que o delirio lhe turvava a mente, exclamou com jubilo :

— Affonso !

— Oh ! Bemdito Deus ! disse elle.

Uma torrente de lagrimas inundou as faces da pobre noiva.

— Tu vens salvar-me, não é assim ? disse ella com a voz entrecortada. febricitante, agarrando-lhe nos braços com impeto. Vês ? a minha pobre mãe morreu de fome, e eu vou seguil-a se me não aco-des ! Salva-me ! leva-me contigo ! Como vieste ? Lisboa é um inferno. Arranca-me d'elle. Oh ! fuja-mos ! fuja-mos ! que me devora a fome !

— Deus do ceo ! exclamou Affonso com desespero, ouvindo-lhe estas phrases incoherentes ; pois assim estaes ? E salvar-te, como ? Para te ver, atravessei o Tejo, deixei-me ficar em Cacilhas escondido quando Nuno Alvares partiu para Palmella, e á noite deitei-me ao rio ; o amor deu-me forças ¹. Mas a ti ! mas a ti como hei de salvar-te ?

1 A quem achar inverosimil esta façanha do meu heroe direi que, durante este mesmo cerco, um homem resolute atravessou duas vezes o Tejo n'uma noite para pôr o mestre de Aviz em comunicação com os defensores de Almada. Veja-se Fernão Lopes — *Chronica d'el-rei D. João* 1, P. 1.

— Leva-me a nado.

— Impossivel, bem vês!

— N'um barco.

— Mas como, se as galés e as naus de Castella, presas umas ás outras, tomam o rio todo em frente da cidade?

— Mata-me então, que eu não posso soffrer mais tormentos, tornou Alda com modo sombrio e resolutivo.

Affonso Eanes torceu os braços com desespero; depois, com os dentes cerrados, bradou:

— Morreremos juntos, ao menos.

Tomou-a nos braços, que ella, de fraca, não podia dar um passo, e atravessou correndo as ruas da cidade.

Chegando á porta por onde entrára, chamou de parte o anadel dos bésteiros que a guarneciam e fallou-lhe em voz baixa. A conversação foi rapida mas vehemente. Insistia o escudeiro, resistia o anadel. A final este cedeu, e, abrindo-lhe a porta, disse com voz commovida:

— Proteja-vos Deus!

Affonso Eanes saiu.

Correu ao longo da cêrca até chegar ao ponto onde as galés portuguezas, paralygadas pela força immensamente superior do inimigo, jaziam adormecidas. Soltou um bote vasio que estava amarrado á praia, e, deitando Alda no fundo, tomou os remos e vogou silenciosamente em direcção a Cacilhas.

A massa enorme da esquadra castelhana interpunha-se ao fragil bote e ao porto de salvação. As galés e as naus, presas por grossos calabres, que arrastavam na agua, baloiçavam-se indolentemente com as ondulações da vaga. As sentinellas, cedendo ao peso da somnolencia que a madrugada exhala, mal velavam na prôa e na pôpa dos navios.

O bote dirigiu-se ousadamente para um dos intervallos.

Largando os remos e deitando-se de costas, Affonso Eanes lançou a mão ao calibre, levantou-o a custo retezando os musculos, e o bote, impellido por esse mesmo esforço, deslisou rapido por baixo do calibre erguido, que ao mesmo tempo escapou das mãos de Affonso Eanes e caiu de chapuz na agua, que espadanou com estrondo.

— Um barco! bradaram as sentinellas acordando do meio somno em que se iam deixando adormentar.

— Estamos perdidos! murmurou Affonso Eanes.

E, lançando a mão aos remos, fez voar o barco sobre a liquida planura.

Os gritos de alerta despertavam a esquadra de navio a navio. Faziam-se os signaes combinados ás duas galés que cruzavam de dia e de noite no Tejo. Innumeros fachos avermelharam as aguas do rio, e mostraram o fragil bote deslisando, como um barco

espectral, e deixando atraz de si uma esteira de espuma.

Descortinou-o uma das galés do cruzeiro, aproou para elle e deu-lhe caça.

— Morremos, Affonso? perguntou Alda lançando o braço ao redor do pescoço do seu noivo.

— Quem sabe? Reza, filha; a Providencia é mãe.

Era uma lucta insensata, mas o bote voava como setta despedida pelo arco. Ainda assim, a galé, impellida pelos seus cento e vinte remadores, crescia a cada instante sobre elle, sem esforço, como um cysne que resvala á superficie do lago.

A cidade fugia ao longe; começava a surgir vagamente do seio das trevas o panorama severo da margem fronteira; a espuma refervia em torno do bote; cada vez mais perto vinha a galé, precedida pelo circulo sanguineo que projectavam nas aguas dez ou doze fachos accesos na tolda.

O bote não tardou a entrar n'esse circulo luminoso; Affonso Eanes fez um esforço sobrehumano, salvou um espaço immenso, e, ainda assim, não conseguiu quebrar a barreira de luz que o mantinha implacavelmente quasi debaixo da quilha da galé inimiga.

— Alda! exclamou elle deixando os remos; um ultimo beijo! O nosso noivado ha de fazer-se no céo! Ó Virgem Santa, sê nossa madrinha!

— Affonso! Affonso! fui eu que te perdi! ex-

clamou Alda lançando-se-lhe nos braços debulhada em lagrimas.

A galé chegava rapida como a pedra despedida da funda ; não pôde suster a velocidade da carreira, quando os tripulantes viram da tolda o barco parado ; a prôa apanhou-o ; ouviu-se um grito dilacerante ; a galé, impellida pelo movimento adquirido, andou ainda tres ou quatro braças. Quando os tripulantes correram á pôpa, viram só um referver de agua no sulco espumoso da quilha.

O barco desaparecêra.

IV

Os Martyres da Victoria

Rompêra a manhã, formosa manhã de outono. Para o lado de Lisboa uma nebrina pouco densa envolvia a cidade como que em véo de gaze ; o sol nascente brincava nas ondas buliçosas do Tejo.

Com o semblante carregado, Nuno Alvares, que se erguêra havia pouco, cingia a espada que um pagem lhe estendia, quando um escudeiro, correndo como louco, entrou no aposento do mestre de Santiago, no castello de Palmella, onde Nuno Alvares se aquartelára.

— O que é? perguntou Nuno franzindo o sobrolho.

— Meu senhor, meu senhor, respondeu o escudeiro com voz entrecortada, arde Lisboa!

— Arde Lisboa?! exclamou Nuno soltando um grito em que a raiva, a dor e a colera se confundiam.

E, descendo as escadas, montando de um pulo no cavallo apparelhado, partiu a galope.

Os seus cavalleiros estavam agrupados á beira do rio, e cravavam um olhar aterrado no horisonte, onde momentos antes se desenhava Lisboa, e que effectivamente um grande clarão, rasgando a nebrina, enrubescia.

Tinham visto ao longe surgir um ponto vermelho, que pouco a pouco se alargára, como se o sol n'aquelle dia nascesse do occidente; depois a chamma transformára-se em incendio que esbrazeára o horisonte; como que se desenrolára além uma larga téla sanguinea, que ainda projectava no Tejo reflexos escarlates; uma ligeira nuvem afugentára a alvacenta nebrina; logo rolos espessos de fumo negro se tinham evoldido do seio das chammas, completando, com o seu crepe, a recobrir a purpura das labaredas, o horror e a magnificencia do quadro.

Não havia dúvida, Lisboa ardia. Ou por traição ou por escalada, tinham os castelhanos ateado o incendio.

— Ó meu nobre irmão d'armas! exclamou Nuno; hei de eu em tal perigo ver-te sem te poder soccor-

rer! Covardes! não ousaram medir-se contigo em campo aberto, tiveram medo dos relampagos da tua espada, e pediram á traição, á manha, o que nunca poderiam obter da força! Venceram os traidores, e accendem uma cidade inteira para queimarem o mais nobre, o mais valente cavalleiro das Hespanhas!

E Nuno Alvares, o heroe de Atoleiros, chorava como uma criança, e os seus, vendo-o derramar aquellas lagrimas, contemplavam-n'o respeitosos e tremiam ao mesmo tempo, porque sabiam qual seria a colera do leão quando o seu ferreo espirito reagisse contra o desanimo.

Assim estiveram largo espaço; o horisonte passou de rubido a negro, apenas avermelhado de quando em quando por alguns relampagos expirantes do fogo que consumíra o seu alimento; depois esses mesmos rolos de fumo, que se agglomeravam no céo dispersou-os a brisa, e o horisonte reapareceu limpo e radiante.

— Milagre! bradaram os que se agrupavam em torno de Nuno.

Como se emergisse altiva de um mar de fogo e de fumo, que a respeitára, Lisboa apparecia ao longe, bella, altiva, intacta. No firmamento, já cheio de sol, recortavam-se scintillando os perfis das suas casas, as torres das suas egrejas, agrupadas em luzente pinha. O incendio envolvêra-a toda como um cordão de fogo, mas nem uma chamma a lambêra, nem uma centelha fôra expirar nas suas ruas.

— Victoria! bradou Nuno Alvares adivinhando o que succedêra. Ardeu o arraial castelhano que cercava Lisboa! O rei de Castella levanta o assedio e queima o acampamento! Venceu a constancia dos nossos! Real! real! pelo mestre de Aviz!

— Real! real! pelo mestre de Aviz! repetiram todos.

— Deixae-me dizer mais, continuou Nuno Alvares, deixae-me soltar um viva ao rei nacional que livra definitivamente a nossa patria das garras do estrangeiro! Seja nosso soberano o filho dos reis, o heroe que o triumpho consagra, a quem a victoria cinge o diadema! Real! real! real! por D. João I, rei de Portugal!

Todos repetiram o grito com enthusiasmo.

— Queira o céo, accrescentou Nuno, que seja este d'aqui a pouco o grito de todo o reino.

D'ahi a um quarto de hora, seguido pelos seus, partiu a galope na direcção de Cacilhas.

Concebêra o audacioso projecto de ir sem mais tardança abraçar o mestre de Aviz.

Em Cacilhas ser-lhe-hia mais facil encontrar um bote que o levasse.

Já impaciente, procurava Nuno Alvares descortinar algum barquinho que lhe servisse, quando um dos seus seguidores, que fitava os olhos, resguardando-os com a mão, nas vagas doiradas pelo sol, affirmou-se mais e soltou um grito.

— Dois cadaveres! disse elle.

Ao mesmo tempo dois corpos que boiavam á tona da agua, a capricho das ondulações do rio, foram no fluxo da maré arrojados á praia, onde o refluxo os abandonou.

Eram um homem e uma mulher abraçados tão estreitamente, que nem a morte os conseguira desprender. A vaga rolava-os como um corpo só.

— Affonso Eanes! disse o escudeiro que primeiro o descortinára; e esta é a sua noiva, é Alda, é Alda Gomes, que estava em Lisboa.

— Em Lisboa! exclamaram os outros.

— Quiz salvar-a dos horrores do cêrco, disse Nuno Alvares aproximando-se com tristeza. Pobre amigo! foi por isso que em segredo nos largaste! Tres horas de paciencia, e estaveis salvos, tu e a tua esposa; assim morreste no instante da victoria, porque não tiveste confiança na fortuna do mestre de Aviz! E eras um bravo; a tua morte obscura cerra dignamente o cêrco de Lisboa, em que houve tanta intrepidez, em que houve tanta constancia, e em que o proprio desalento se manifestava heroicamente, como o teu se manifestou.

Ajoelhando piedosamente, poisou um beijo na fronte livida do cadaver. Depois exclamou:

— Eis o signal da victoria! Lança-nos a vaga respeitosaente aos pés os corpos dos ultimos martyres.

N'esse mesmo dia, mettendo-se n'um bote, qua-

si sósinho, atravessou a esquadra castelhana, estupefata do arrojo, e que, ao recobrar-se do assombro para correr ao barco, já o vio abicando ás praias da cidade. Saltando em terra, Nuno Alvares exclamou com supersticiosa tristeza :

— Pobre Affonso Eanes! A minha temeridade de hoje foi a tua perda de hontem! E foste tu que me salvaste! O teu sacrificio aplacou e tornou-me propicia a fortuna!

D'ahi a um instante caía cheio de jubilo nos braços do mestre de Aviz, que o recebia com os olhos cheios de lagrimas alegres.

E d'ahi a seis mezes o mestre de Aviz chamava-se D. João I, e Nuno Alvares o condestavel de Portugal.

A PASSAGEM DO BOJADOR

I

Em Sagres

O vento do mar soprava rijamente nas agruras do promontorio Sacro, onde se erguia a villa do Infante; a onda furiosa quebrava nas penedias escalvadas, que formam um parapeito natural e altissimo, d'onde o espectador contempla o Oceano profundo e irado a tentar debalde ultrapassar os limites que a mão da Providencia lhe impôz. Algumas arvores raras e enfezadas estorciam-se gementes ao sôpro agudo do noroeste. Era triste a paizagem, nebulosa a tarde, e os ultimos raios do sol, que se escondia no occaso, apenas tingiam com desmaiada côr a crista espumea das vagas.

Dois homens passeiavam entre os rochedos, indifferentes á impressão desagradavel que o vento cortante, que lhes sibilava aos ouvidos, produzia em quem se expunha ás inclemencias d'essa tarde do principio da primavera. Estava-se em março de 1434.

Um dos dois homens, alto e forte, de physionomia um tanto severa, mas que os olhos, cheios de viveza e de luz, abrandavam quando a indulgencia lhe scintillava nas pupillas, fallava com energia, em quanto o outro escutava com deferencia e respeito.

O primeiro era o infante D. Henrique, filho del-rei D. João I, e irmão do monarcha reinante, D. Duarte; chamava-se o seu interlocutor Gil Eanes, e era natural da proxima villa de Lagos.

— E não ousastes ainda, Gil Eanes? dizia o infante. Pois sois denodado e audacioso, que eu bem o sei! Mas que tem esse cabo Bojador, que tal susto vos infunde a todos, assim que o divisaes de longe? São outros mares aquelles? tem outro aspecto as ondas? as procellas, que tão socegradamente affrontaes aqui no mar do Algarve, ou na bahia de Biscaya, ou nos estreitos de Inglaterra, onde são peiores, apavoram-vos só porque erguem a voz rugidora junto de desconhecidas terras? Voto a Christo que tinha mais confiança na vossa bravura, Gil Eanes!

— Senhor, redarguiu Gil Eanes, dizem que para aquelles lados a terra é mais baixa que o mar, que o sol queima as praias escavadas, e que as correntes impetuosas arrastam com irresistivel força os navios para terriveis paragens, onde a morte é certa.

— E quem vos diz isso? tornou o infante com intimativa. Quatro marinheiros que nunca saíram da carreira de Flandres, e que julgam que tudo o

mais são africanas impossíveis! Se a natureza para além do cabo Bojador tem mysterios, não vos sentis com animo de os devassar? Se a empresa fôra pequena, não vol-a confiára, Gil Eanes; qualquer marítimo me serviria. Os homens de altos espiritos são para as altas façanhas.

— Senhor, tornou ainda o marinheiro, a um tempo lisonjeado e envergonhado com o elogio; se os perigos fossem de natureza terrestre, não temeria eu lançar-me a elles, e com jubilo procuraria a morte, se para vosso serviço fosse necessario. Mas eu jogo a alma arriscando-me a esses mares onde o demonio impera!...

— Não cingis uma espada, Gil Eanes? perguntou o infante.

— De que serve a espada, senhor, contra inimigos infernaes?

— A espada de um christão tem lamina e tem cruz: lamina bem temperada para derribar os infieis, cruz bemdita para afugentar os espiritos maus.

Gil Eanes conservou-se algum tempo em silencio.

— Mas, senhor, redarguiu elle, os mareantes affirmam que no cabo Bojador levantou ignota mão estatuas mysteriosas, que guardam esses mares, e que prohibem aos homens a passagem. É de certo com o consentimento de Deus que taes estatuas lá campeiam, e o aviso que dão aos navegantes não pode deixar de ser um aviso da Providencia.

— E quem as viu? tornou D. Henrique meio impaciente. Ninguém. Credulos sonhos formados pela imaginação timorata dos que se acolhem ao porto apenas vêem acastellarem-se no horisonte as nuvens, e ennegrecerem as ondas ao primeiro sôpro da procella! Não julgaram os antigos que Hercules levantára no estreito de Gibraltar uns pilares com uma inscripção defendendo aos humanos a entrada no Atlantico, por ser elle o mar das trevas? Bastas vezes tendes atravessado o estreito, Gil Eanes! Vistes por acaso os pilares, lestes a inscripção? D'aqui d'onde estamos divisa-se até ao extremo horisonte a amplidão do Oceano. O que tem elle de tenebroso? A sombra que a noite, que principia, lhe espraia sobre as ondas. Quando resplende o sol, não brincam tão docemente os seus raios de oiro na espuma do seu dorso, como podem voltar sobre o lucido cristal das aguas do Mediterraneo? É mais severo este nosso velho leão, é mais alto o seu rugir, são mais tremendas as suas iras, do que as coleras femininas do mar interior! Talvez por isso mesmo eu lhe queira mais; parece-me lêr n'elle melhor a grandeza do Omnipotente, do que a leio no Mediterraneo, assim como a percebo melhor nas viris apostrophes de Isaías do que na mystica doçura do *Cantico dos canticos*.

E o infante contemplou com amor o velho Oceano, que encurvava a juba e arremessava as suas ondas de encontro á penedia, onde quebravam com es-

tampido, arrojando aos ares uma nuvem de scintillante espuma.

Gil Eanes abaixou a cabeça e não respondeu.

— Ah! pois eu não sou ingrato, continuou o infante com amargura. Que perigos ha no mundo tão grandes que não vos anime a affrontal-os a certeza de que obterieis recompensa superior a tudo quanto podesseis sonhar?

Gil Eanes interrompeu-o de subito.

— Não falleis assim, senhor, disse elle erguendo a cabeça. Não me falleis em recompensas; servir-vos é o que eu desejo, e, se um ignoto pavor se não houvesse apoderado de mim e dos meus quando o anno passado chegámos á vista do cabo, já o mysterio estaria desvendado, ou nós todos jazeríamos no fundo das aguas. Mas, senhor, não será tentar a Deus perseverar n'uma empreza diante da qual todos... todos tem recuado?...

— Não, meu amigo, tornou o infante com ardor, não, porque as nossas intenções são puras e santas. O que desejâmos nós? Alargar o dominio do christianismo, propagar a fé até aos confins do mundo, procurar esse mysterioso monarcha, nosso correli-gionario, que vive entre gentios, esse Prestes-João, de que houve remota noticia pela embaixada que enviou ha seculos ao santo padre de Roma. Com esses pios intentos, Gil Eanes, póde-se entrar illeso até no proprio inferno. Para visitar as regiões som-

brias, aos mortaes defesas, colheu Enéas no bosque mysterioso o ramo de oiro protector. Mas onde ha ramo de oiro conhecido das sibyllas que seja melhor talisman do que a propria cruz de Christo? Empunhae a cruz, Gil Eanes, tende fé, e vereis dissiparem-se os vãos prestigios com que o demonio vos aterra. Ai! continuou elle exaltando-se, sonhei que aos portuguezes estava reservada a gloria de alargar os limites do mundo conhecido, de derramar a luz no Oceano! Acredita-me! Deus não condemnou a sua propria obra, tornando inhabitavel uma tão grande porção do planeta onde collocou o homem; e, quando o exilou do paraizo, deu-lhe ao menos a terra inteira para morada. Aos pagãos da antiguidade, que o blasphemavam, que estavam ainda debaixo do peso do peccado original, negou elle o conhecimento do mundo; mas se Christo veio para nos redimir, por que não nos conduzirá tambem de novo ao paraizo terrestre? A columna de fogo não guiava os israelitas á terra promettida? Quem sabe se a doce estrella do Calvario não nos deve guiar tambem á radiosa habitação dos nossos primeiros paes? Confiados n'ella, vamos trilhando o caminho espumoso do pelago! A estrella dos reis magos conduziu-os ao berço do Redemptor, a estrella da religião talvez nos conduza ao berço da humanidade! E que gloria para Portugal, se fossemos nós o povo escolhido! Encurralados entre o mar e Castella, parece que nos quiz Deus negar a faculdade de res-

pirarmos livremente; quem sabe se nos deu isso antes como incitamento para desafogarmos pelo Oceano? A empreza é digna de nós, Gil Eanes, que somos filhos dos heroes de Aljubarrota. Vejo a cada instante partirem cavalleiros portuguezes para se illustrarem com feitos d'armas em terras estrangeiras. Lá andou por Borgonha, França e Italia, Soeiro da Costa, o nosso valente alcaide de Lagos; lá andou por Inglaterra D. Alvaro Vaz de Almada; andou tambem por Allemanha o meu irmão D. Pedro. Praticaram generosas façanhas? Quem as não pratica na Europa? Valentes cavalleiros tem meu cunhado Philippe, o duque de Borgonha; valentes cavalleiros pelejam á sombra da bandeira de Carlos VII de França; briosos fidalgos tem na sua corte meu primo Henrique VI de Inglaterra. Todos aparam e distribuem cutiladas. Mas qual d'elles ousaria medir-se com os perigos do Oceano? Talvez nenhum. Pois essas emprezas, diante das quaes os outros recuam, eram as que nós deviamos tentar. Fomos embalados com o rugir da vaga, affrontemol-a peito a peito, e saibamos arrancar-lhe do seio as perolas que lá jazem occultas.

— Que grande sois, senhor! exclamou Gil Eanes como que aterrado.

— E entretanto, continuou o infante, os meus presentimentos não me enganam. Ilhas a que talvez já os nossos portuguezes abordaram quando meu bisavô Affonso IV enviava os seus marinheiros ás Ca-

narias, e de certo mais longe ainda, appareciam vagamente designadas nos mappas; suppoz que essas ilhas não estavam alli por acaso, enviei cavalleiros meus a demandal-as, e Zarco arrancou-me das ondas aquella preciosa Madeira, e Gonçalo Velho lá me anda desentranhando do alto mar novas ilhas, que serão talvez um archipelago. Para além do Bojador, Gil Eanes, não traçam os mappas senão linhas confusas. Não poderei eu substituil-as pelos contornos reaes da costa africana? Essa gloria que eu sonhava não me estará reservada? Oh! de certo que hei de realisar o meu sonho. Lançar-me-hei eu sósinho com um piloto no primeiro batel que se me deparar, e verei se a fortuna de Cesar virá tambem poisar a mão no leme do meu barco.

— Oh! senhor! exclamou Gil Eanes.

— Talvez então me sigam os que hoje tremem, continuou o infante; quando diante de Ceuta houve soldados portuguezes que ousaram duvidar da bravura de um filho do mestre de Aviz, jurei que seria eu o primeiro ou o unico a saltar em terra, porque não me importava saber se me seguiriam ou não. Atropellaram-se todos nos bateis para me acompanharem; mas talvez hoje não succedesse o mesmo, porque os soldados de Ceuta, que não tremiam diante dos moiros, tremem diante de phantasmas que só deviam amedrontar crianças.

— Oh! não será assim, senhor, bradou Gil Eanes exaltado, não precisareis de tal. Aqui vos juro em

presença do Oceano que demandarei o cabo Bojador, e que só voltarei a Portugal depois de o ter dobrado, ainda que todos os demonios do inferno estejam apostados a impedir-me a passagem.

O som rouco do mar, quebrando nas penedias, dava uma solemnidade terrivel a esse juramento, que o leão das aguas era obrigado a testemunhar.

O infante D. Henrique estendeu a mão a Gil Eanes.

— És um bravo, disse elle.

— Senhor, tornou o marinheiro beijando-lhe a mão, se a minha barca não tornar, quando o Oceano soar assim tristemente batendo nos rochedos de Sages, se vos parecer ouvir uns gemidos vagos entre o referver das ondas, rezae um Padre-Nosso por alma do vosso servidor.

O infante só respondeu estreitando-o nos braços.

Descêra a noite; mas o mar aplacára as suas fúrias, e no céo estrellado parecia sorrir a esperança.

II

Ⓞ quarto da madrugada

Lá vae a fragil barca sulcando as ondas do mar africano; já lhe fica pela pôpa o cabo de Não, a balisa fatal das navegações da idade média. Já lá fica tambem longe a mesa do cabo de Não, alta monta-

nha que se levanta no meio do longo areial d'essa costa, como unico ponto de reparo em que se póde demorar a vista dos navegantes.

Vae quasi a findar a noite, mas nem só a gente de serviço está desperta; ninguem dorme, e toda a tripulação, agrupada á prôa, conversa em voz baixa, olhando com terror para a costa onde pallidos reflexos scintillam entre a névoa produzida pela resaca, alli fortissima, da onda.

É a lua que se vae a sumir, e que faz brilhar, antes de desaparecer no horisonte, as areias da praia.

Sentado á pôpa, envolto n'um amplo manto moirisco chamado *alquice*, divisa-se um vulto pensativo: é o vulto de Gil Eanes.

Nada ha, comtudo, que pareça infundir terror; sopra brandamente o vento de feição, a onda quebra preguiçosa no costado da barca, e no ceo azul e sereno scintillam as estrellas.

O Oceano embala no dorso das suas vagas a barca aventureira; dir-se-hia que o luar dorme recostado no leito de espumas que branqueia.

Mas o terror transluz na physionomia e nas fallas dos marinheiros agrupados á prôa.

— Lá vae a costa parece que a desfazer-se, dizia em voz baixa um dos algarvios, relanceando a vista para a terra, que mal se distinguia entre a névoa da resaca; quando chega ao Bojador some-se de todo, e está-se no mar das Trevas.

Um calafrio correu pelas veias dos circums-
tantes.

— Já houve imprudentes que o demandaram, exclamou um velho marinheiro de voz auctorizada e grave; foram portuguezes tambem; as aguas eram negras como breu, as ondas referviam e erguiam-se como montanhas; os nossos patricios fizeram o signal da cruz e investiram para diante; nunca mais se soube d'elles; um barinel que não se atreveu a avançar voltou a Portugal, mas ninguem na nossa terra conhecia os maritimos; tinham ido na flor da mocidade, voltavam de cabellos brancos.

— Credo! bradou um moço de Lagos, passando involuntariamente a mão pelos cabellos negros, e lembrando-se da noiva gentil, que lhe dera ao embarcar, lavada em lagrimas, o beijo da despedida.

— Mas, ó snr. Lourenço Dias, tornou o primeiro que fallára, como estivestes lá nos reinos do Norte, haveis de saber a historia de um santo, que dizem que andou por esses mares, e que chegou até ao paraíso de Deus.

— É verdade, tornou Lourenço Dias, o Nestor da assembléa; quando eu fui á Irlanda, a Galway, ou como demonio se chama a terra do tal loiraça que foi criado do sr. infante, os marinheiros irlandezes contaram-me a historia de S. Brandão.

Todos se acercaram com curiosidade.

— Chegou ao paraíso, isso é que não tem dúvida; mas o que passou antes de lá chegar? Este

mar está semeado de ilhas que pertencem a Satanaz, e onde os que lhe entregaram as almas soffrem as penas do inferno. N'uma estava sósinho Judas o traidor; n'outra não se ouviam senão gemidos e prantos; sentiam-se n'outra as patadas de cavallos de fogo, que galopavam sempre, sempre, montados por infelizes que soltavam gritos horriveis. S. Brandão, como era santo, zombou do cão tinoso, e chegou a uma ilha resplandecente, que era o paraizo, onde cantavam passaros de oiro, azas de prata, peito de purpura e de açafião; quando voltou á Irlanda, trazia ainda no fato um aroma suave, que bem se percebia não ser da terra.

Os marinheiros olharam uns para os outros enlevados.

— Quem me dera lá ir tambem! disse o enamorado moço de Lagos.

— Tu és santo? redarguiu Lourenço Dias. Se és santo, arrisca-te; mas olha que primeiro debes fazer voto de castidade.

O interpellado torceu o nariz e não replicou.

O vento refrescára com a aproximação da madrugada, e os seus gemidos funebres assimilhavam-se aos queixumes das almas penadas; muito ao longe ouvia-se um som rouco e mal distincto, como do mar quebrando com furia nos rochedos.

A companha caíra em silencio profundo; mas o terror pintava-se em todas as physionomias.

O vento gemia lugubrememente nas enxarcias; o

mar tingira-se de um vermelho escuro; parecia ter perdido a liquidez, e na superfície baça das vagas ficára por largo espaço traçada a esteira da barca aventureira.

Os marinheiros contemplavam com terror esse phenomeno, cuja causa é conhecida hoje de todos os navegantes; para o sul do cabo de Não, a muita areia soprada pelo vento do deserto avermelha as aguas do Oceano e torna-as espessas; mas os marinheiros de Gil Eanes julgavam que era um prenuncio da aproximação do mar Tenebroso.

De repente levantaram-se todos, exclamando:

— Jesus!

O navio corria com uma velocidade pasmosa.

— É a corrente, é a corrente do Bojador! exclamou um dos marujos.

— Estamos perdidos, bradou o enamorado.

— Vira de bordo, vira de bordo, gritou Lourenço Dias com voz clara, mas trémula.

Os marinheiros já corriam á manobra.

Porém Gil Eanes desembuçára-se com presteza, e luzia-lhe na mão a espada.

— O primeiro que dá um passo morre, disse elle.

Todos estacaram.

— Não morre ninguem, acudiu Lourenço Dias recobrado do primeiro assombro; o navio já vae levado pela corrente para o mar das Trevas; não nos importaria perder as vidas, mas não queremos perder as almas.

*

— É verdade, é verdade, bradaram os outros. Gil Eanes abaixou a espada com melancolia.

— Ide pois, disse elle, já que tendes animo para apparecerdes diante do snr. infante sem terdes cumprido a vossa promessa; mas antes d'isso lança-me um batel ao mar, e deixa-me ir sósinho demandar o Bojador.

— Sósinho! exclamaram os marinheiros.

— O que prometti hei de cumprir-o; terei por mortalha as vagas, mas o infante D. Henrique não me dirá, ao menos, quando eu voltar: «Sois perjuro e sois covarde.»

— Covarde!

— Covarde, sim; porque tão covarde é quem recua diante do inferno quando se trata de servir a Christo, como quem recua diante dos inimigos quando se trata de servir el-rei.

Houve um momento de silencio.

— Deus tenha piedade das nossas almas! disse em fim Lourenço Dias. Invistamos com o Bojador.

O navio continuava a correr, impellido pelo vento, com a mesma velocidade; o costado gemia, quando a barca se inclinava toda, obedecendo á pressão da vela.

— Animo, meus bravos companheiros! exclamou Gil Eanes. Deus é comnosco. Todos a postos.

Os marinheiros chegaram para a manobra. O ruido do mar, quebrando ao longe com furia, era

cada vez mais distincto; o referver das ondas indicava a aproximação do promontorio; a barca jogava com violencia.

Ouvia-se o murmurio das orações que todos rezavam n'este momento supremo; Gil Eanes, pallido mas firme, encostado ao mastro da barca, preparava-se para montar o cabo.

De subito divisa-se ao longe uma enorme lingua de terra que entra pelo mar a grande distancia; as ondas refervem n'um vortice medonho, ouve-se o estampido do Oceano quebrando com furia nos rochedos, e vê-se uma nuvem de espuma que tolda ao longe a frente pouco elevada das dunas de areia.

— O Bojador! o Bojador! exclamam todos pávidos, caíndo de joelhos.

— Coragem, amigos! brada a voz sonora de Gil Eanes, dominando o rugir do Oceano e o sibilar do vento. Coragem! o nosso nome será grande no futuro, e nossos netos hão de se gloriar de terem por antepassados os companheiros de Gil Eanes!

E, excitado por uma verdadeira febre de enthusiasmo, o bravo marinheiro commanda a manobra. Muda de rumo para oeste e segue longo tempo essa direcção, coisa que sempre assustava os mareantes d'esse tempo. A sua voz, em que não se conhece a minima alteração, e que vibra cheia e sonora no meio dos rumores do Oceano, infunde animo em todos os marujos.

Está-se já proximo da extrema ponta occidental do cabo. Reina silencio absoluto na embarcação. Á luz dubia da madrugada parece mais desmaiada ainda a pallidez de todas as physionomias.

Gil Eanes descobre-se vagarosamente.

— Senhor, diz elle com voz grave, é só para mais longe plantarmos a arvore da cruz que ousamos devassar os mysterios do Oceano. Se vos agrada a nossa tentativa, protegei-nos, Senhor; mas se involuntariamente vos offendemos, acolhei-nos na vossa misericordia, Deus Omnipotente!

— Misericordia, Senhor! bradou a companha, caíndo de joelhos.

Um ultimo impulso do leme quebrára o velho encanto. Estava dobrado o cabo Bojador. Todos se ergueram soltando um grito de enthusiasmo.

O sol surgira a final do oriente, e o seu alegre resplendor mostrava aos espantados marinheiros a terra ondulada e arenosa que seguia para o sul do famoso promontorio; até onde a vista podia alcançar para o lado do Oceano viam-se espumar as ondas alegres e luminosas; na terra nem sombra de estatuas, no mar nem vestigio de negras vagas. O sol banhava-se com delicias no seio esverdeado das aguas, e os seus raios brincavam á flor da espuma como scintillantes golphinhos.

— Graças vos sejam dadas, Senhor! exclamou Gil Eanes em quanto a barca, aplacada a velocidade

de da corrente, seguia, embalando-se airosa, para ir fundear n'um ancoradouro proximo.

E ajoelhou. Um rio de lagrimas corria-lhe pelas faces bronzeadas.

De tantos marinheiros rudes que o acompanhavam, não houve um só que não chorasse; mas eram prantos de alegria.

Estava montado o cabo Bojador; estava praticada a maior façanha da historia moderna, maior não pelo que em si valia, mas pelas consequencias que viria a ter. Diante da audacia de Gil Eanes caíra a terrivel porta que tinha cerrada para a civilização metade do globo terrestre. Agora os outros que seguissem o caminho que elle traçara: estavam quebrados os encantos, desfeitas em pó as estatuas mysteriosas que a imaginação dos arabes alli erigira como guardas de desconhecidos mundos.

III

As rosas de Santa Maria

Os marinheiros que passassem n'esse anno de 1434 á vista do cabo de S. Vicente podiam divisar todas as tardes, ou estivessem o mar e o céu serenos, ou a onda quebrasse com furia nas penedias da

costa, e o vento soprasse rijamente, açoitando as arvores enfezadas de Sagres, um vulto immovel n'este ultimo promontorio, mirando com olhos longos o extremo horisonte, onde se atropellavam as ondas como a espumante matilha do Scylla do paganismo.

Era o infante D. Henrique, duque de Vizeu, que vinha todos os dias espreitar a volta da barca de Gil Eanes.

E todos os dias voltava suspirando a palacio, porque nenhuma véla branca surgia no horisonte distante.

Uma tarde em que o sol se escondia nas aguas, escoltado por um cortejo magnifico de nuvens de purpura e oiro, mas em que o vento agudo, encrescando a face das ondas, arripiava as carnes, D. Henrique voltava, cançado de esperar, ao seu palacio, deixando que o sol se atufasse nas aguas sem o ter a elle por espectador.

Quando se retirava, murmurou com um suspiro:

— Meu pobre Gil Eanes!

— Quem passar o cabo de Não ou voltará ou não, disse sentenciosamente um dos seus companheiros.

O infante fez um gesto de impaciencia, e tornou a fitar de novo os olhos no Oceano.

Subito soltou um grito.

— Que ponto branco é aquelle que eu diviso além? perguntou D. Henrique apontando para sudoeste.

— É uma vela, senhor, é uma vela! acudiu um dos pilotos de que elle sempre andava rodeado.

— É a barca de Gil Eanes! exclamou o infante com um grito de alegria.

O navio aproximava-se, e o sol poente, banhando-o com os seus ultimos raios, transformava-o n'uma d'essas galés doiradas com velas de purpura que deslisavam no Archipelago ao longo das plagas resplandecentes da Grecia.

— É ella, é ella! bradaram todos com enthusiasmo.

— Meu bravo Gil Eanes! exclamou o infante.

Correram todos á praia.

Como se ha de descrever a scena de alegria, de enthusiasmo, que alli se passou, quando a barca lançou ferro?! N'um momento se viu rodeada de botes, e no convez não cabiam os visitantes que se atropellavam. A confusão era inacreditavel, mas póde-a conceber quem se lembrar de que a tumultuosa assembléa se compunha pela maior parte de algarvios.

Entretanto Gil Eanes desembarcava e era recebido nos braços do infante.

— Senhor, disse elle, a minha promessa está cumprida; foi sobrado o cabo Bojador. A terra para além do promontorio é arenosa, e n'ella não encontrei nem rastos de homens, nem de habitações. Para prova, comtudo, da minha estada lá, aqui vos

trago estas rosas de Santa Maria, colhidas ao sul do Bojador. Dissestes-me que Enéas colhera o ramo de oiro para penetrar nas regiões do inferno; estas rosas, que tem o nome da Virgem Santa, valem de certo mais do que o ramo de oiro da profana sybilla. Aqui vol-as entrego, senhor.

— Ah! meu valente Gil Eanes! exclamou o infante apertando-o nos braços; perante os teus feitos como desmaiam as acções do troyano Enéas! Se esta terra não fôr mais escassa de poetas do que de heroes, haverá um Virgilio para cantar tão gloriosas viagens; e, se a posteridade não fôr ingrata, o teu vulto, lavrado em marmore, ha de lembrar sempre ao mundo a heroica façanha com que soubeste grangear a immortalidade.

E, encostando-se-lhe ao braço, dirigiu-se, conversando sempre, para o palacio da sua residencia.

Enganava-se o nobre infante. Não faltou um Virgilio aos navegadores portuguezes, pois que tiveram Camões; mas onde campeia a estatua de D. Henrique? do glorioso iniciador dos nossos descobrimentos? do homem a quem mais deveu a patria? de um d'aquelles a quem mais deveu o mundo? E, se foi olvidado o homem do pensamento, como o não seria tambem o homem da acção? Somos pobres, e não estranhamos que, onde ha tantos heroes a reclamarem o pagamento de uma divida, faltasse uma estatua a Gil Eanes; mas o heroe, que primeiro mon-

tou o pavoroso promontorio, não merecia que ao menos a geração que se lhe seguiu indagasse onde lhe repoisavam as cinzas? Fomos grandes outr'ora, somos hoje pequenos, mas, pequenos ou grandes, uma coisa fomos sempre: ingratos!

O BERÇO DE MALDIÇÃO

(LENDA HISTORICA PORTUGUEZA)

I

Ia grande agitação nos regios paços de Lisboa no dia 20 de janeiro de 1554. Fidalgos, cavalleiros, embaixadores, altos dignitarios da egreja, e frades, que, não tendo um posto determinado na hierarchia ecclesiastica, eram apesar d'isso (ainda os mais humildes) equiparados aos mais poderosos senhores, entravam e saíam, trocando entre si algumas palavras com um certo ar de alvoroço e de inquietação.

O dia rompêra triste e chuvoso, como um verdadeiro dia de janeiro. O ceo toldava-se de carregadas nuvens, por entre as quaes mal assomava, de quando em quando, um timido raio de sol. O vento palmellão soprava rijo e agreste, e o Tejo, arqueando-se em ondasinhas encapelladas, baloiçava no seu dorso os galeões, naus, navetas, caravelas e bergantins nacionaes e estrangeiros, que pejavam então a enseada, hoje... Cautela, romancista, que estamos

em pleno seculo XVI! Que importam tristezas de agora, se a vara magica do romance, apagando n'um traço o quadro da actualidade, nos faz surgir ante os olhos deslumbrados o esplendido panorama que nossos paes contemplaram, e que nós só revemos no espelho da phantasia?

Rasgae-vos, negras ondas do pélagos dos tempos, que em vossas fauces impiedosas fostes uma a uma tragando as columnatas magnificas, as sumptuosissimas arcadas do edificio das nossas grandezas, e deixae que elle surja, radiante como outr'ora, do abysmo em que jazia. E ao fundo, ao fundo, soltae embora, ó vagas, o vosso bramido assustador como uma ameaça, funebre como um presagio!

Em triste occasião, leitor, viemos nós bater ás portas do paço em que D. João III habita. Não que haja a minima quebra no poder portuguez; nunca, pelo contrario, chegou tão alto a sua gloria, nunca em tão dilatados dominios tremularam as suas quinas. Não ha muitos annos ainda que D. João de Castro espantou os sectarios de Brahma com o classico spectaculo de um triumpho; não ha muito que os heroes da Lusitania escreveram com a lança nos desmoronados baluartes de Diu algumas das estrophes mais sublimes da nossa Iliada indiana. Se o filho de D. Manoel desprende da sua coroa florões, singelos sim, mas sanctificados pelo sangue portuguez que os tingira, em troca d'essa ingratição, os braços robustos dos seus vassallos, com florões mil

vezes mais esplendidos, lhe supriram o desfalque. Assim foi sempre.

O motivo, pois, da tristeza que vemos reinar no paço, tristeza allumiada por um raio de alegria, como as nuvens que pairam n'esse instante sobre Lisboa se doiram com um raio de sol, o motivo d'essa tristeza nada tem que ver com as nossas conquistas e victorias. Mas havia dezoito dias que a morte fôra bater á porta do regio alcaçar, e entrára, sem que lhe fossem obstaculo, como Malherbe tinha de dizer annos depois, as guardas e as sentinellas. Entrára livida, faminta, fatal! Vira um rei decrepito antes de tempo, curvado ao peso da coroa... e dos remorsos talvez, um corpo sem alma, que esta ha muito o fanatismo lh'a defecára... e passára desdenhosa. Vira um principe idiota, que se consolára de não ter ainda envergado a purpura monarchica, vestindo a purpura cardinalicia, e que, talvez para que esta lhe parecesse mais rubida, aproveitára com ufania o ensejo de a illuminar com um reflexo das chammas dos autos de fé... e passára tambem. O nobre inquisidor-mór ainda tinha por destino vestir a purpura real, mas, para que fosse digna d'elle, queriam primeiro os frades tingil-a bem de vermelho, ensopando-a no sangue de Alcacer-Kebir. E a morte continuára a atravessar, hirta e silenciosa, as camaras do regio alcaçar.

Viu a final um principe na flor da mocidade, que por todos os poros aspirava o ar da vida, que

bebia o doce philtro de amor nos vermelhos labios da sua noiva de poucos mezes, a quem afagava docemente a aura do favor popular, e foi essa, foi essa a preza cubiçada. A morte ás vezes tem caprichos de Messalina, e para companheiro do seu funebre leito escolhe o mais formoso.

Por isso andava tudo triste e alvoroçado no paço; triste porque no dia 2 de janeiro morrêra o principe D. João, alvoroçado porque a princeza viuva ficára gravida e sentira as dores do parto dezoito dias depois da morte do seu esposo.

Triste fructo o que se desprende da ramaria da arvore quando o raio a fulmina; triste planta a que ao desabrochar se vê por lagrimas regada!

N'uma das salas do paço agrupam-se os principaes fidalgos, que esperam com anciedade noticias do que está para succeder nos aposentos da princeza. Uns vão, outros vem, estes passeiam, aquelles juntam-se no vão das janellas conversando em voz baixa. Ficaríeis deslumbrados, leitores, se eu vos dissesse um a um os nomes d'esses homens que ahi vêdes com semblantes melancolicos e austera com-postura. Cada um d'esses nomes soaria aos vossos ouvidos como um clangor da épica trombeta, e iria, atravessando o Oceano, despertar milhares de ecos gloriosos nos reconcavos do Himalaya.

Sigamos, comtudo, estes dois homens que se dirigem conversando para um dos grupos das janellas. Ouvindo o que elles dizem, talvez os conheça-

mos, e á sombra d'elles poderemos ir tambem ouvir o que no grupo a que se vão juntar está lendo um moço dos seus vinte e seis annos, de aspecto grave e digno, que é escutado por todos em religioso silencio.

— Tristes novas ides levar á India, sr. D. Pedro Mascarenhas, dizia o mais novo dos dois, homem de nobre presença, tendo no seu aspecto um não sei quê de soberano, que, bem que temperado por muita affabilidade, indicava o estar elle habituado aos respeitos de todos; tristes, por nosso mal, e talvez da India tambem.

— Tristes novas receberá ella, snr. D. Constantino, e triste governador. Não passam de balde os annos e ainda menos os desgostos; estou velho e alquebrado, e o governo da India, snr. D. Constantino, é a peor enfermidade que póde achacar um homem. Bem o disse eu a sua alteza; não me quiz attender, paciencia. Darei contente por seu real serviço os dias de vida que me restam.

— Não estejaes com ruins presagios, snr. D. Pedro Mascarenhas, acudiu o seu interlocutor; conhecem-vos já bastante os pelouros de Calicut e os de Cambaya, são amigos velhos que aprenderam a respeitar-vos.

— Não é dos pelouros dos indios que hei medo, nem das zagayas dos cafres, tornou D. Pedro Mascarenhas abanando a cabeça com melancolia, mas ha hervadas settas vibradas por mãos christãs

que ferem mais certo que os tiros dos descritos. Conheço-as por experiencia de familia ¹. E, louvado Deus, não falta na India peçonha para as hervar.

E o denodado velho suspirou, como se um presentimento lhe estivesse revelando que não teria em Goa nem um anno de vida.

N'isto chegavam os dois junto do grupo. Ao verem-n'os, todos os cumprimentaram cortezmente, e o leitor interrompeu-se tambem para cortejar D. Constantino de Bragança, que esse era o interlocutor de D. Pedro Mascarenhas.

— Continuae, continuae, snr. Antonio Ferreira, disse o principe correspondendo affavelmente aos cumprimentos de todos; bem sabeis que folgo sempre de ouvir as producções da vossa musa.

Antonio Ferreira, pois esse moço de vinte e seis annos era nem mais nem menos que o snr. dr. Antonio Ferreira, desembargador e fidalgo cavalleiro, poeta de grande fama já n'esse tempo, apesar de ainda não ter escripto a *Castro*, abaixou a cabeça em signal de agradecimento, e, tornando a pegar no papel, leu com uma voz em que ressumbravam lagrimas :

1 Este D. Pedro Mascarenhas, que fôra embaixador em Roma, e que ia ser governador da India, era genro de outro Pedro Mascarenhas (sem *Dom*) que fôra victima no Oriente das odiosas intrigas de Lopo Vaz de Sampaio.

«Aquella Real planta, que crescer
Com tanta fermosura começava,
Promettendo da terra ao céo s'erguer,

Aquella flor fermosa, que alegrava
Tantos olhos e almas, que tua mão
Com tanta diligencia nos criava ¹,

Colheram-ta ante tempo : já no chão
Cortada e seca jaz ; vá-la seguindo
Com a alma e c'o desejo triste em vão !

Vejo-te ir em suspiros consumindo
Aos céos queixoso, porque te apagaram
A clara luz, que se ía descobrindo.»

Interromperam a leitura as lagrimas dos circumstantes; o proprio Antonio Ferreira sentiu embargar-se-lhe a voz na garganta. É que a perda, que elle commemorava nos seus realmente formosos tercetos, fôra uma perda deplorada por todos, fôra uma calamidade publica, um lucto nacional. Notavel desventura que parece inherente aos solios! Quantas formosas plantas, nascidas nos degraus dos thronos, não vão viçando e florindo com alegria de todos, para vir depois a morte arrancal-as, substi-

1 A elegia era dirigida a Francisco de Sá de Menezes, que fôra aio e camareiro-mór do principe D. João.

tuindo-as por outras ou malfazejas ou fataes! O principe D. João, querido do povo, grave, intelligente, cultor das letras, esperança do paiz; o principe D. Theodosio, filho de D. João IV; o principe D. José, filho de D. Maria I: e em França o filho de Luiz XIV; o neto do mesmo rei, discipulo de Fénelon; o filho de Luiz XV, pae de Luiz XVI; e n'este seculo ainda o filho de Luiz Filippe, o sympathico duque d'Orleans!

Por isso a morte do principe D. João não fôra só chorada oficialmente, fôra deplorada com lagrimas verdadeiras, que as estrophes de Ferreira haviam feito brotar de novo, lembrando a dôr ainda recente, avivando a ferida ainda fresca.

Entre as lagrimas dos ouvintes se concluiu a leitura. Depois succedeu-lhe um funebre silencio. Quebrou-o, a final, D. Constantino de Bragança, dizendo ao poeta:

— Á fé, sr. Antonio Ferreira, que não julguei ter ainda lagrimas para deplorar a catastrophe que lamentaes em tão sentidos versos. Mas a vossa musa possue de certo a vara de Moysés; arrancaria lagrimas ao mais selvatico rochedo.

Todos os fidalgos então, como se esperassem só este signal, principiaram a encarecer o merecimento da elegia, tributando grandes louvores ao poeta, e pondo-o acima de Ariosto, cuja grande reputação principiava a espalhar-se pela Europa.

Antonio Ferreira ouviu e agradeceu os elogios

que lhe faziam, e, depois de ter respirado por alguns instantes o doce aroma do incenso que lhe queimavam, esquivou-se da roda, e tomando o braço a um fidalgo, moço ainda, que se conservára silencioso, afastou-se com elle, dizendo :

— Pouco me lisongeião gabos cortezãos ; prefiro aos louvores do Palatino a rigorosa e discreta apreciação de Tibur. Dizei-me com a vossa habitual sinceridade, Antonio de Castilho¹, o que pensastes da minha modesta elegia?

— Que quereis que vos diga, Antonio Ferreira, que já vos não dissessem, mil vezes mais eloquentemente do que eu poderia fazer, as lagrimas dos que vol-a ouviram, e a commoção de que eu proprio me sinto possuido? Quando o vate isto consegue, que outras coroas deseja? As lagrimas que fazem derramar são as perolas do diadema dos poetas. Eu, por mim, tenho como garantia mais segura da belleza do sexto canto da *Eneida* o desmaio da esposa de Augusto ao ouvir o *Tu Marcellus eris*, do que os louvores mais subidos que o Venusino lhe podesse prodigalisar.

1 Ha aqui um anachronismo de que me não fica remorso. porque a liberdade do romance, e principalmente da lenda, não precisa de ser nimio agrilhoada pelas correntes da chronologia. Em 1554 ainda Antonio de Castilho, que foi depois chronista-mór d'el-rei D. Sebastião, andava cursando os estudos preparatorios. Desculpem-me os leitores o ter accrescentado alguns annos ao homem a quem Antonio Ferreira chamava

Castilho dos meus versos douta linva.

— Razão tendes, sr. Antonio de Castilho, disse por detraz d'elle uma voz de timbre harmonioso; feliz o poeta que soube encontrar na sonora lyra a corda cuja vibração foi acordar mil echos n'um coração de mãe; feliz porque, se encontrou a chave d'esse recondito mundo, possui um thesouro de poesia, uma fonte inexaurível de affectos e ternuras.

Os dois poetas voltaram-se e deram de rosto com uma formosa senhora de trinta annos, cujo semblante assombravam uns leves toques de melancolia. Acompanhavam-n'a tres damas, que se tornavam notaveis pela gravidade do seu porte, e pela viva intelligencia que lhes scintillava nos olhos.

— Ouvia-nos vossa alteza? acudiu Antonio de Castilho, curvando-se, do mesmo modo que Antonio Ferreira, para beijar a mão, que ella lhes estendeu com affabilidade.

— Só as vossas ultimas palavras ouvi, Antonio de Castilho, continuou a infanta D. Maria, que era ella a que interpellára o futuro chronista-mór, e com as idéas que exprimiam sympathisei, porque me avivaram a memoria de minha mãe, cujo coração nunca deixa de ser lacerado pelas saudades que de mim conserva. Formoso assumpto será este para os poetas do porvir, sr. Antonio Ferreira! Uma tão poderosa rainha, como é minha senhora mãe, que, vivendo na tão celebrada corte de Paris, sempre alheia a festas e folgares, que por lá como por cá abundam, só pensa na pobre filha que os destinos

não consentem que junto d'ella esteja! Que singela poesia não rescende aquelle coração maternal, em que só habita a imagem de quem tantos extremos lhe não merece! E a sorte impiedosa sempre a oppor-se a que esta alegria lhe seja concedida para consolo das suas longas amarguras!

E suspirou. Os dois amigos respeitaram com o silencio aquelle sentimento tão profundo da filha de D. Leonor, esposa que fôra de D. Manuel rei de Portugal, e de Francisco I da França. Um destino fatal perseguia a infanta portugueza, matando os esposos que lhe eram destinados, e impedindo os casamentos que poderiam contribuir para a realisação do sonho doirado que as duas pobres princezas em vão tentaram realizar durante a vida toda da infeliz D. Leonor.

— Em fim, continuou a erudita infanta, não fallemos em tristezas, que bem bastam as que vão por estes paços. Dizei-me, Antonio Ferreira, que novas me daes do vosso amigo Francisco de Sá de Miranda?

— Tranquillo vive, senhora, na sua quinta da Tapada, com D. Briolanja de Azevedo, sua esposa, cuja saude, me envia elle dizer, lhe dá serios cuidados. Monteia, lê e escreve, longe do bulicio da corte, á sombra dos seus arvoredos, n'aquelle bucolico remanso, que sempre cubiçou, e que prefere, como o seu e meu mestre Horacio, ás pompas palacianas. Grandes tristezas agora terá curtido ao saber o infausto successo que enluctou o reino, e que a elle

mais que a ninguém devia ferir, porque o chorado principe o sr. D. João o honrava com muito particular estima.

— E razão tinha, porque Francisco de Sá de Miranda é homem de raro talento e de rara inteireza, o que mais vale,

Homem d'um só parecer,
D'um só rosto, uma só fé.

Palavras são d'elle mesmo, e formosos versos tambem. Grande poeta, o maior talvez de Portugal.

Abespinhou-se um pouco a vaidade de Antonio Ferreira ao ouvir o elogio feito ao amigo, e não se pôde ter que não dissesse :

— Certo, senhora, que o seria se mais culto quizesse ser, se melhor pautasse os seus versos pelos modelos da antiguidade, que, em quanto a mim, os rifões plebeus com que matiza as suas sentenças, e os termos vulgares a que dá franca entrada nos seus versos, máculas são que a posteridade lhe não ha de perdoar.

— A mácula que a posteridade não ha de perdoar ao nosso tempo, snr. Antonio Ferreira, interrompeu em tom de colera reprimida e erguendo altivamente a cabeça uma das damas que acompanhavam a princeza, é o ter renegado o genio e as tradições nacionaes, para se ir curvar humildemente perante os modelos estrangeiros. Rifões e plebeis-

mos! Temeis que maculem a alvura da tunica romana da vossa musa as singelas expressões da poesia popular? Tempo houve em que tinham franca entrada n'estes paços, em que o senhor rei folgava de ouvir as jocosidades da veia maliciosa e portugueza de meu bom pae. Hoje principiamos a ter poesia cortezã, que desdenha o que vê em torno de si para ir copiar friamente o que outros povos sentiram, o que outros povos cantaram. Esta formosa arvore que meu pae plantou, e que tão ufana viçava e crescia á luz d'este nosso tão claro sol, ao sôpro das nossas glorias, das nossas paixões, dos nossos sentimentos, vejo-a defecar-se e mirrar-se com o desastrado enxerto que lhe estão fazendo. Caminho errado seguis, snr. Antonio Ferreira, porque o vosso genio para muito podia ser.

— Senhora minha... acudiu Antonio Ferreira confuso; senhora minha... vêde o esplendor que as letras italianas tomam da imitação dos velhos primores da antiga Roma; muito mais vale o bom e discreto imitador do que o rude e descultivado engenheiro. Vosso pae, se mais alguns annos de vida Deus lhe concedêra, isto mesmo que eu digo vos diria.

— Com Paula Vicente vos deixo pelejando, Antonio Ferreira, interrompeu a infanta, corregei bem as vossas armas, que tendes esforçada competidora. Vou-me a saber novas da minha senhora prima. Em tendo ganho a victoria, continuou ella sorrin-

do-se, ou em vendo imminente a derrota, vinde ter commigo, Paula.

E saíu, correspondendo affavelmente ás profundas cortezias dos dois poetas.

— Meu pae, continuou a filha de Gil Vicente, se hoje ainda vivêra, muito vos ajudaria, snr. Antonio Ferreira, no vosso trabalho de polir e aperfeiçoar a lingua, e, como vós, quereria tambem que o portuguez idioma fosse a toda parte senhor de si e altivo, mas o genio nacional não cuideis que elle o sacrificasse. Aperfeiçoaria o instrumento, conservaria intacta a inspiração. Ah! continuou ella exaltada, tão mesquinhos somos que os nossos vultos só se possam reproduzir no espelho dramatico, alteados pelo cothurno grego? Sei que é esse o vosso pensar, snr. Antonio Ferreira, e que meditaes uma tragedia que offuscará os autos tão plebeus do pobre Gil Vicente. Venha embora, e suma no esquecimento o jogral que teve a louca idéa de nutrir a sua *musa pedestris*, accrescentou sorrindo, com o leite que jorrava do seio robusto da mãe do Gama, de Albuquerque e de Pacheco. Mas quando a patria jazer espesinhada por estranhos, decaída a sua grandeza, olvidada a sua gloria, rotos os seus pendões, desmorrados os seus castellos, partido o seu broquel, escalavrada a sua lança, nem uma voz soará no mundo que seja echo das grandezas de hoje, não haverá nem uma flor de poesia nativa, cujo aroma forte e ardente ensine á posteridade quão rico era o torrão

que a produziu, como essas flores e fructos, que de Santa Cruz recebemos, nos denunciam pela sua ardente fragancia a prodigiosa riqueza do solo que as gerou! Os vossos balsamos estrangeiros farão o cadaver d'esta grande nação semelhante a uma d'essas mumias rachiticas que emparedadas jazem nas vastas pyramides da terra dos Pharaós. Guapa memoria deixaes de nós, snr. Antonio Ferreira!

— Senhora minha, acudiu o poeta-doutor, que agoirenta estaes hoje! Deus afaste da Lusitania os males que prevêdes!

— Deus os afaste, repetiu Paula Vicente com voz triste.

Depois ergueu os olhos, e, relanceando-os para a porta de entrada, viu levantar-se o reposteiro de veludo vermelho e entrarem dois homens, a cujo aspecto cessaram as conversações, e perante o mais velho dos quaes todos se curvaram com respeito.

Os dois atravessaram silenciosamente a sala, e dirigiram-se, pela porta fronteira áquella por onde haviam entrado, aos aposentos da princeza.

— Vêde, exclamou Paula Vicente puxando Antonio Ferreira para o vão de uma janella e apontando para os dois homens que atravessavam vagarosamente a sala, os corvos presentem já o cadaver! Ó patria, ó patria querida! nem terás a sorte de Sião. Ahi vêdes bem claro o futuro de Portugal. Reduzil-o-hão elles a captiveiro infame, e vós e os

vossos, snr. Antonio Ferreira, abafar-lhe-heis na garganta a voz dos Jeremias!

E, deixando ficar estupefacto o pobre desembargador, saíu precipitadamente. Os dois vultos sinistros continuavam a atravessar vagarosamente a sala.

Subito ergueu-se o reposteiro da porta dos aposentos da princeza, e surgiu o rosto alegre de um pagem, que disse, esquivando-se logo :

— Alviçaras, meus senhores! Temos um principe real.

— Um principe! repetiram todos com alegria.

Os dois vultos sombrios pararam e entre-olharam-se. No rosto impassivel do menos edoso não se conheceu a minima commoção; mas nos olhos do outro fulgurou uma sinistra chamma, e as suas faces tingiram-se de torva pallidez.

Este ultimo era o cardeal D. Henrique, irmão del-rei e inquisidor-mór, o outro era Simão Rodrigues de Azevedo, reitor do primeiro collegio que os jesuitas tiveram em Portugal.

II

Correu a noticia com a rapidez do raio, e, transpondo as portas dos paços da Ribeira, foi alegrar o povo que a esperava com anciedade. Logo, como por magia, se embandeiraram os topes dos innume-

ros mastros que transformavam a enseada n'um basto arvoredo. E tal era a variedade das flammulas e galhardetes, que se diria que, por milagre do céu ou encantamento de nigromante, essa formosa selva de mastreação toda florira a um tempo e se transformára em moita de jardim. Os canhões saudavam com a sua voz austera o despontar da nova estrella no céu da realeza. O povo, com as suas folias e cantares, festejava a seu modo o fausto acontecimento que o ia consolar da desgraça succedida havia bem pouco tempo. O céu é que não tomava parte nas alegrias da terra; o vento impellira as nuvens a formarem um cerrado esquadrão, diante do qual fugira espavorido o timido raio de sol que se arriscára a espreitar a sua donosa Lisboa.

O firmamento mostrava-se, pois, sombrio e carregado, e desdobrava um véo de lucto, ameaçando descarregar formidavel pancada d'agua sobre os basbaques que andavam pelo meio da rua gritando e dançando em signal de regozijo; porque os grandes acontecimentos publicos, venturosos ou desgraçados, são sempre um pretexto para os basbaques folgarem, que elles, valha a verdade, tanto se divertem no baptisado de um principe, como no enterro de um rei.

Quando mais divertidos andavam os bons populares lisbonenses, saiu por uma porta do paço da Ribeira uma mulher, que pela ligeireza do passo mostrava ser rapariga, mas que só por isso o in-

dicava, porque a desgraciosa capa de lã, que era então moda aqui e em Hespanha, escondia-lhe a elegancia do talhe, se a tinha, e até a formosura do rosto, se Deus lhe concedêra esse predicado. Mas o desembaraço do andar bastava para denuncia da sua juventude, e os escudeiros e os pagens galanteadores tinham fardo bastante para descobrirem uma Rosina gentil, ainda mesmo que fosse envolta em habito de frade ou em opa de peregrino.

A nossa formosa passeiante, dêmos que seja formosa, enfiou pela rua Nova em direitura á Madanela, como então se dizia, atravessando, ligeira como um passarinho, os magotes do povo, e dando reverenciosamente passagem a alguma nobre senhora, que, envolta na sua capa de seda, precedida pelos seus pagens e donas, se dirigia ás innumeradas lojas de ourives que de um e de outro lado orlavam essa extensa e larga rua, lançando vistas cubiçosas para os armazens em que se vendiam objectos vindos da India, taes como côcos lavrados, cofres de madre-perola e outras maravilhas, que então inundavam Portugal, excitavam a admiração dos estrangeiros, e, segundo se vê, tambem da nossa gentil patricia. N'uma d'estas lojas estava um escudeiro tangendo desenfadadamente a sua viola. Viu a rapariga parar um instante diante da porta, farejou boa caça, talvez porque suspeitasse que só uma galante menina se poderia namorar de tão formosos artefactos, e, levantando-se e piscando o olho

ao dono da loja, foi no encaço do passarinho, que já lhe levava grande dianteira.

Tinha boas pernas o escudeiro. N'um instante se aproximou d'ella, e, apenas chegou ao alcance de ser ouvido, começou a entoar a seguinte cantiga, acompanhando-se da viola, que tangia dando ao mesmo tempo grandes passadas:

«A serra he alta, fria e nevosa;
Vi vir serrana gentil, graciosa.
Cheguei-me per'ella com gran cortezia,
Disse-lhe: Senhora, quereis companhia.»

Ao proferir este ultimo verso, já o escudeiro caminhava a par com a dama em cujo seguimento fôra, e concluia a trova mettendo-se á cara para ver naturalmente se a realidade confirmava as suas suspeitas, e se não tomava a nuvem por Juno, e alguma velha dona por uma gentil donzella. Mas a sua curiosidade recebeu mais ampla satisfação do que elle desejaria, porque na face risonha, que introduziu por entre as pregas da capa, assentou a mais sonora bofetada que deram mãos de portugueza desde a velha Brites de Almeida até á recente Isabel Fernandes, cujo nome e fama enchiam n'essa epocha Lisboa. E como explicação da bofetada, uma voz zombeteira concluiu a trova, cantarolando:

«Disse-me: Escudeiro, segui vossa via.»

— Juro ao corpo de Deus! exclamou o escudeiro retrahindo a cara vermelha da bofetada. Andam por Lisboa os perros moiros de Arzilla disfarçados com capa de donzellas?

— Zote e moiraz sois vós, mofino escudeiro, que andaes barganteando com moças sem vos lembrardes da noiva que escolhestes, acudiu a rapariga desembuçando-se da capa.

— Pezar meu! tornou o escudeiro recuando dois passos espantado, vós sois, Ignez mana? E eu que vos julgava a estas horas lavrando¹ nos aposentos da sra. Paula Vicente, dama do estrado da nossa infanta!

— E d'isso te aproveitavas, Gil Affonso, para andares fazendo-te discreto e requebrado com as moças que vão pela rua! Tange viola, tange, escudeiro de má morte,

Que não te fartas de pão
E queres musiquiar,

como lá dizia o pae da minha senhora e ama.

— Pezar de minha mãe, Ignez Mendes, que logo vos conheci pela graça do andar e pelo donaire dos modos, e, se tal não fosse, não faria o que fiz, noiva minha da minha alma. E depois a ligeireza da mão e o discreto do fallar... Quem se enganaria comvosco, Ignez querida?

1 Cosendo.

— Rascão, burlão! Conhecestes-me vós? Melhor fôra que estivesseis em casa do vosso amo, o snr. D. Pedro Mascarenhas, preparando-vos para irdes até á India, ou antes que estivesseis n'alguma das aulas de esgrima que ahi ha por essa cidade, adestrando-vos no jogo das armas. Que se julgaes que tangendo viola afugentaes essa moirisma toda, bem enganado estaes.

— Que dizes, Ignez mana? Melhor sei florear a espada que Amadis de Gaula ou qualquer outro d'esses cavalleiros de quem rezam os livros. E não tiveram elles de certo dama tão formosa como esta minha.

— Vae-te, embusteiro. Já sabes dizer doçuras?

— Culpa é dos teus olhos, que tão doces são. Ai, Ignez, assim me deixarás partir para essas terras de gentios, sem que possa uma vez ao menos ver-te e fallar-te á janella da tua camara?

— T'arrenego! que diria a snr.^a Paula Vicente?

— Como o saberia ella, minha rosa perfumada? Com uma promessa tua, ficaria mais esforçado que esse Rolando em quem agora tanto se falla.

— E a fama que tens, bargante? tornou Ignez Mendes relanceando para elle uns olhos gaiatos, que prometiam o que a boca não ousava ainda conceder.

— *Mal me quieren en Castilla*, cantarolou o escudeiro. Dás ouvidos a ruins praguentos? E dizes que me tens amor?

— Ainda o duvidas, Gil Affonso?

— Se duvido! Por que não queres tu casar comigo antes de eu ir para a India?

— T'arrenego! Para me succeder como á Ignez Pereira da farça do snr. Gil Vicente, que Deus haja em santa gloria.

— Mau lavor faça Deus a esse Gil Vicente de má morte, que para tudo inventou farças. Alguma inventou elle para que tambem me não falleis á noite? berrou o escudeiro todo assomado.

— Fallae mais baixo, homem, exclamou Ignez Mendes, parece que quereis que vos oiçam em S. Vicente. Ide embora lá esta noite, já que tão importuno sois. E queira Deus que os criados vos apanhem e vos dêem bastante pancadaria com um arrocho sêcco.

E a travêssa rapariga, soltando-lhe na cara uma sonora gargalhada, desatou a correr pela rua fóra, enviando ao seu namorado um beijo com os dedos.

— Moreno diabrete! exclamou o escudeiro seguindo-a com amoroso olhar; esta noite m'as pagarás. E viva o snr. Gil Affonso, que é mais feliz que um rei ou que um principe! Se não, vejam; o principe D. João, que Deus lhe tenha a alma em descanço, nem se pôde gozar da sua noiva, apesar d'ella ser filha de imperador, e eu, Gil Affonso, escudeiro do snr. D. Pedro Mascarenhas, governador que vae ser da India, estou vivo e são, e tenho uma noiva que não é filha de imperador, mas

que tem faces mais morenas, olhos mais travessos, labios mais vermelhos do que se o fosse! E viva Deus, que me fez tão saborosa a vida!

E o alegre escudeiro, concluindo o seu monologo, sobraçou a viola e dirigiu-se para casa de seu amo.

Vinha já a cair a noite; repicavam os sinos de todas as egrejas, e o povo atropellava-se na rua cantando e foliando.

Os paços da Ribeira, pouco illuminados, erguiam o seu triste vulto no meio das trevas; o Tejo, beijando os caes, soltava não sei que lugubre gemido.

III

Vae já alta a noite, e nem o mais leve rumor se escuta nos paços da Ribeira. Tudo jaz immerso no somno, e paira profunda tristeza sobre a cidade adormecida, que ha pouco tanto foliava.

Geme sentidos queixumes o Tejo quebrando nas paredes do caes: as luzinhas morticças, que ora aqui, ora além, se divisam no mastro de alguma nau, oscillam como os fachos na mão das feiticeiras em noite de congresso infernal.

A negra mastreação d'esse bosque denso de navios assume no seio das trevas não sei que sinistro aspecto.

Pesa sobre a cidade agoireiro silencio.

Só o vento zune lugubrememente, infiltrando-se pelas fendas das portas e uivando nas ermas escadarias do palacio de D. João III.

Não brilha uma estrella só no céu carregado, para substituir o brilho ausente do astro suavissimo, a quem compete a soberania das noites.

Apenas um outro relampago silencioso lampeja de quando em quando, e augmenta ainda, dando-lhes fórmas phantasticas, o vago terror que inspiram esses negros vultos dos navios, que tão sinistra impressão produzem no meio das sombras d'essa noite invernal.

Sente-se no ar um peso indescriptivel, prenuncio vago da procella imminente. A natureza parece preparar-se para a tremenda lucta, mas por ora nada perturba a terrivel serenidade da terra e dos céos.

Só os relampagos silenciosos abrem, de quando em quando, na massa escura das nuvens, um sulco de pallidas chammas, e o vento de inverno geme tristemente nas escadas sonoras dos paços de D. João III.

N'uma janella baixa, que deitava para um dos pateos interiores do palacio, pateo para que dava entrada a porta da *varanda del-rei*, desenhava-se o perfil de um vulto de mulher.

Deram onze horas na egreja de S. Gião.

A voz austera do bronze resoou pavidamente no meio do silencio funebre d'aquella noite de triste-

zas. Cada pancada do martello parecia dobre de finados.

O vulto da janella baixa sentiu-se estremecer.

— Jesus, disse a voz de Ignez Mendes, nossa conhecida, já onze horas, e Gil Affonso sem vir. E que triste está a noite, meu Deus! Parece que andam as bruxas ás soltas. Vou-me rezar a ladainha da Virgem.

E, desviando-se da janella, o vulto de Ignez Mendes desapareceu.

Instantes depois, voltou de novo; trazia na mão um rosario.

Mal assomava pela segunda vez á janella, sentiu passos mansos como de quem teme ser ouvido, e viu entrar a porta do pateo, cosendo-se com a parede, um vulto airoso de capa e sombreiro, capa até ás canhas e sombreiro derrubado.

— É elle, por fim! murmurou com alegria a aia de Paula Vicente.

E era effectivamente o nosso Gil Affonso, que assim vinha, em trajo de embuçado, fallar á dama dos seus pensamentos.

— Ninguem te viu? perguntou mansinho a gentil Ignez Mendes.

— Ninguem! respondeu o affeito escudeiro.

Depois começou uma longa conversação em voz baixa, que não é para labios humanos repetil-a. Essas phrases não póde a linguagem escripta fixal-as; talvez o podesse a musica, se um murmurio

mais doce do que as palavras, murmurio cujas melodias mal sabe repetil-as a harpa eólia, não viesse, de quando em quando, interromper o dialogo. O perfume d'esses requebros que labios de vinte annos entre si trocam, aspira-o a fada da noite de envolta com o aroma das rosas, com o canto do rouxinol, e com os raios da lua, porque o dialogo entre dois namorados radiantes de mocidade, é luz, é fragrancia, é melodia.

Não ha prazer que não tenha termo. O cantar do gallo acordou o escudeiro e a aia do extase em que estavam embevecidos; não o seu hymno matinal, mas o seu primeiro descante, o seu hymno nocturno.

Gil Affonso parecia que não se podia apartar do sitio querido onde passára, indifferente ás ameaças da natureza, uma hora deliciosa. Tres vezes se afastou da janella a que um encanto o agrilhoava, e tres vezes voltou a accrescentar mais algumas notas ao amoroso duetto que ambos tinham garganteado.

— Então não vos ides, Gil Affonso? murmurou com fingido agastamento a aia de Paula Vicente ao vêr o namorado aproximar-se pela terceira vez das suas janellas.

— Volto só a dizer-vos uns versos do pae de vossa ama, que hoje mesmo aprendi, porque os achei discretos e de molde para o meu caso. Cantára-os

eu se estas malditas paredes m'ò permittissem. Ahi vae a trova :

« Já vêdes minha partida,
Os meus olhos já se vão.
Se se parte minha vida,
Cá me fica o coração.»

— De molde vem para o vosso caso, bem dissetes, respondeu Ignez Mendes, soltando uma gargalhada argentina, mas comprimida pela prudencia. Não sabeis quem descanta essa trova na farça do snr. Gil Vicente? É Ayres Rosado, escudeiro com quem tendes muitas parecenças.

— Eu?

— Sim, vós; vêde se está certo o retrato :

« Pentear e jejuar,
Todo o dia sem comer;
Cantar e sempre tanger,
Suspirar e bocejar.»

— Ira de drago leve as trovas mais a vossa lingua afiada, diabrete por quem morro. Deixae estar, Ignez Mendes, que hei de casar na India com alguma filha de capitão-mór, ou de veador da fazenda, que nem saiba trovas de Gil Vicente, nem tenha esse genio de vivo demo.

— Figas, brazonador !

Gil Affonso, meio rindo, meio desconfiado, foi-se esquivando. Embuçou-se na capa, enterrou o sombreiro até aos olhos, e dirigiu-se para a porta.

A noite estava cada vez mais escura, e os relampagos, cujo trovão ainda se não ouvia, incendiavam de quando em quando as nuvens acastelladas. Gil Affonso sentiu um calefrio correr-lhe até á medula dos ossos, e persignou-se por baixo da capa.

Ignez, relanceando os olhos para o céo, perdêra a vontade de brincar, e mirava, cheia de um vago terror, o vulto sombrio do seu namorado, que se sumia no seio das trevas.

Viu-o atravessar o pateo e chegar á porta. N'isto, um relampago mais intenso illuminou-o em cheio. Ignez, toda trémula, pegou no seu rosario e balbuciou uma Ave-Maria. Gil Affonso ía a transpor o portal. Segundo relampago illuminou com o seu clarão livido a negra massa do palacio. Como se uma visão horrivel lhe ferisse de repente a vista, o escudeiro recuou dois passos, cambaleou, levou a mão aos olhos como que para não vêr um espectáculo pavoroso, e caíu no chão, fulminado, dizendo apenas:

— Jesus!

— Jesus! repetiu Ignez caíndo de joelhos.

Dava meia noite.

IV

Na camara da princeza viuva reina o mais profundo silencio. No seu leito solitario dorme a filha de Carlos v. Aos pés do leito recosta-se n'um divan moirisco a ama da criança real, que dorme tambem o primeiro somno da existencia no seu berço doirado e primorosamente lavrado.

A pobre princeza exigira que seu filho ficasse junto d'ella, embora os vagidos do recém-nascido lhe perturbassem o somno. Temia que o espectro da morte lhe arrancasse dos braços o filho, como lhe arrancára o esposo.

Tudo é pois socego na régia camara. Uma lampada de alabastro derrama o seu doce clarão no ambiente, vae afagar o rosto da criança adormecida, e inunda de reflexos ondeantes a fina seda adamacada que forra o aposento.

N'um dos cantos do quarto, para onde a tibia luz repellira as sombras, via-se um genuflexorio de carvalho primorosamente lavrado por entalhadores portuguezes. Fôra presente d'el-rei D. João III. Por cima do genuflexorio pendia da parede um quadro que infundia pavor, e comtudo representava Christo, o loiro Messias. Mas era um Christo ascectico, doloroso, sombrio; sentia-se a tortura, o martyrio, na contracção do rosto, no arripiar das car-

nes. O fundo era negro, escura a téla, pallida a figura. As sombras condensavam-se-lhe em torno. Este quadro dera-o a sua filha o imperador Carlos v; pintára-o um d'esses artistas precusores de Murillo e de Velasquez. Os cortinados do leito, corridos de um lado, deixavam ver o rosto pallido da princeza, illuminado a meio pelo suave clarão da lampada, e aljofrado por gotas de suor que lhe escorria da fronte. Movimentos convulsos lhe agitavam o corpo e lhe contrahiam as faces.

Os labios entreabriam-se-lhe, pronunciando palavras incomprehensíveis. De certo um pesadelo horrível a empolgára nas suas garras malditas.

Um pesadelo que a fazia soffrer incomportaveis torturas, que lhe esmagava o peito com os seus joelhos de bronze, que lhe estrangulava a garganta com as suas mãos de ferro.

A princeza sonhava.

E nos sonhos adelgaçava-se-lhe o véo que escondia a todos um porvir tão proximo, e, como através de um tecido semi-transparente, fluctuava-lhe ante os olhos a imagem confusa do futuro.

E desdobrava-se diante d'ella um campo immenso, immenso, um areial vastissimo, onde dardavam a pino os raios abrazadores de um sol de fogo.

E um grande exercito rompia de um dos extremos do areial, e mais numerosos que as areias, mais numerosos que as vagas, esquadrões sobre esquadrões vinham juntar-se ao exercito que avançava

sempre, sempre, engrossado pelas turbas que recresciam de instante a instante, como a levada d'agua não pára no seu curso vertiginoso para receber as torrentes que de todos os lados affluem a avolumal-a.

E era de infieis o exercito. Nos pendões e nos estandartes ondeiava o crescente de Mahomet. As faces tostadas dos soldados cobria-as o turbante moirisco ou o capuz do albornoz arabe. Os walis traziam ao lado o yatagan ornado de pedras preciosas.

E das montanhas visinhas desabavam, como avalanchas, os esquadrões impetuosos das tribus bereberes. Espirravam fogo os cavallos selvagens; as pregas do branco albornoz dos cavalleiros tufava-as o vento do deserto, e as tribus ferozes, soltando o grito de «Allah», volteavam em torno dos peões vibrando a lança e galopando nos seus jogos infernaes do djèrid.

E os marabutos, magros, pallidos pela abstinencia, iam por serras e campinas prégando a guerra santa, e ao ouvil-os o pastor largava o cajado, o agricultor a charrua, e, pegando na lança ou no arco, vinham engrossar o rio caudaloso.

A princeza sentia-se possuida de um invencivel e inexplicavel terror; queria gritar e não podia, escorria-lhe o suor pela frente, e, a seu pezar, não desfitava os olhos da turba immensa dos infieis.

Depois, o mesmo incomprehensivel poder que a obrigava a ter a vista cravada n'esses perros descri-

dos, obrigou-a a relancear os olhos para o extremo opposto do areial. Então viu uma pequena mas luzida hoste, que avançava, bem ordenada, ao encontro dos musulmanos.

Na vanguarda tremulava ufano um rico estandarte, e o vento beijava com respeito as invenciveis quinas e triumphantes castellos bordados a oiro na lustrosa seda.

Depois seguia-se um formoso esquadrão, todo oiro e galas. Os cavallos, garbosamente ajaezados, relinchavam de ufanos com o peso dos seus nobres cavalleiros.

Depois vinha a peonagem, extenuada pela fadiga, oppressa pelo intoleravel ardor do sol africano.

Depois... oh! céos! que vê ella? Turbantes á sombra da cruz! Ao lado das quinas portuguezas a meia lua musulmana!

Mysterio incomprehensivel! Não tenta decifral-o a princeza, que se lhe vão os olhos n'um cavalleiro quasi imberbe, cuja nobre estatura entre todas avulta, cujo porte soberano infunde involuntario respeito.

Reluzem-lhe as armas doiradas, e o sol, batendo-lhe de chapa no elmo fulgurante, cerca-o de sobrenatural auréola.

Uma invencivel sympathia attrahe a princeza para esse cavalleiro; arrasam-se-lhe os olhos de agua ao contemplal-o. Queria poder desprender-lhe o elmo, beijar-lhe os cabellos, a fronte, os olhos,

acaricial-o, ameigal-o, protegel-o, dar a vida por elle.

O seu rosto parece-lhe um espelho phantastico, em que vê retratadas as suas proprias feições.

E a pequena hoste era apenas uma ligeira mancha negra na téla branca do areial, em quanto o exercito moirisco parecia ennegrecer o horizonte.

E a princeza sentiu um immenso terror ao contemplar as desproporcionadas phalanges que avancavam ao encontro uma da outra.

Mas o cavalleiro de elmo doirado e de porte soberano parecia antes folgar do que assustar-se com o numero infinito dos seus inimigos.

Reluz-lhe nos olhos um fulgor selvagem, meinea com garbo o formoso ginete, que se enfeita e relincha ao sentir-lhe os acicates de oiro roçarem de leve pelos seus ilhaes.

Ai do inimigo! ai d'elle, porque o leão do Occidente não teme os caçadores, e aspira com avidéz a aragem do deserto, que reconhece mais sua que a da terra natal.

Mas os caçadores augmentam, augmentam, formam uma compacta massa, uma formidavel meia-lua. Treme a terra ao peso dos seus passos, e os turbilhões de areia que erguem entenebrecem a luz do sol.

Ai, leão, formoso leão da Lusitania, por que intentas essa lucta desigual? Reserva os teus brios

para defender o teu antro, que o tigre astuto já ameaça invadir.

E a princeza sentia um suor frio aljofrar-lhe a fronte. Estendia as mãos supplicantes para o gentil cavalleiro, que a não podia vêr.

São baldadas supplicas e preces! Já sôam os clarins do combate, e das fileiras musulmanas sae um immenso «Allah!» que rebôa nos ares e vae perder-se ao longe na amplidão do deserto.

«S. Jorge e ávante» resôa nas fileiras contrarias, mas esse grito, a cujo som baquearam outr'ora as muralhas de Ceuta, é fraco e timido comparado com o «Santiago» dos hespanhoes, com os gritos ferozes de aves de rapina, que soltam os lansquenets allemães e os *condottieri* italianos, e com o «Allah» que tambem resôa nas fileiras dos musulmanos, que ao lado dos christãos combatem.

E a peonagem avança com intrepidez, e ao furioso embate recuam e desordenam-se as fileiras dos descritos. Deus! será ainda a victoria dos filhos da Lusitania?

Vêde! como a terrivel cavallaria portugueza dispersa as tribus arabes! Fogem os filhos do deserto, acossados pelas fidalgas lanças dos heroes de Mazagão! Mas, como Anteu, os selvagens esquadroes recuperam novas forças ao tocarem no solo da patria, e voltam, voltam espessos como nuvens de procella, impetuosos como o sirocco que ergue turbilhões de areia.

Porém que vê ella? Afrouxa o impeto dos lusitanos, embaralham-se as fileiras, voltam as costas, fogem. Fugis, vós, portuguezes! Sois um contra cem? Quando combatestes de outra maneira?

Mas não se perca a esperança! O esquadrão da nobreza, dizimado já, mas intrepido, agrupa-se em torno do cavalleiro de elmo doirado. Nas faces cheias de pó e sangue brilha o ardor do combate. Despedem centelhas as armas reluzentes, onde o sol bate de chapa.

No rosto melancolico do moço cavalleiro lê-se um desespero profundo. Arranca da espada, e, voltando-se para o seu brioso esquadrão, exclama: «Ávante!»

Ondeia o estandarte das quinas nas mãos firmes do alferes. Todas as espadas, já embebidas em sangue, fulguram de novo ao sol das batalhas.

Cravam-se os acicates nos peitos dos ginetes. «Pela patria e pelo rei!» exclamam com voz grave os moços cavalleiros.

Lá se abala o formoso terço.

Galopa, unido, compacto. Fluctua na vanguarda o estandarte real. Será estrella de ventura ou estrella de perdição?

Galopa, galopa! Fogem diante d'elle os filhos do deserto. Os brancos albornozes vôam na direcção do sul, como as nuvens acossadas pelo vento do norte.

Galopa, galopa! A peonagem fugitiva pára en-

vergonhada, e tenta voltar á peleja. Assim a onda alterosa arrasta de novo para a praia as gotas de agua que murmurando fugiam.

Galopa, galopa! Como a relha do arado rasga a terra fremente, assim elles rasgam o exercito mahometano. Como a quilha do navio sulca as ondas agitadas, assim elles sulcam a turba sarracena.

Mas as ondas, quando o navio passa, juntam-se e vão-lhe fustigar a pôpa. Da rapida passagem só fica um rasto de espuma.

Assim se unem de novo as fileiras musulmanas, e só um longo rasto de cadaveres denuncia a passagem do terrivel esquadrão.

É vermelha a espuma d'estas ondas, porque é de sangue.

E a princeza voltou os olhos lachrymosos para o céo, e viu um anjo que subia, subia n'um raio de sol, embebia-se no ether e fluctuava no esplendor das estrellas.

Doiravam-se as azas brancas com os fulgores dos céos.

E subia, subia; poisou a final junto do throno do Omnipotente.

E ajoelhou, e disse com uma voz mais harmoniosa do que o concerto das espheras:

— Eis-me aqui, Senhor Deus! Anjo da guarda de Portugal, venho implorar para o povo que me confiastes a vossa suprema misericordia. O povo, que abriu as portas do Oriente a esse raio da vossa luz

que se chama civilização, vê sumir-se-lhe a gloria nos areiaes africanos. Morre a gloria portugueza se vós a não salvaes, Senhor, Senhor, Senhor!

Mas a voz do archanjo foi abafada por um clamor immenso, que, partindo da terra, ía expirar aos pés do Omnipotente.

E o archanjo olhou, e viu um espectáculo aterrador.

O mar estava coberto de estragos e ruinas. Navios incendiados espalhavam o seu clarão sobre as ondas, e d'entre as chammas saíam gritos de mulheres e de crianças, que imploravam a justiça do Altissimo contra a barbaridade dos portuguezes. Eram as naus de Meca.

E o archanjo olhou, e viu mais atroz espectáculo.

Nas praias do velho mundo, nas praias do mundo novo, nas praias do mundo oriental, ardiam innumeradas fogueiras. Um cortejo immenso as rodeava gravemente. Uns homens vestidos de negro arrojavam ás chammas velhos e mulheres, que invocavam a justiça do Altissimo contra o fanatismo sanguinario dos portuguezes. Eram os autos de fé.

E em todas as partes do mundo resoavam identicos clamores. Não se via senão tumulos profanados, mulheres violadas, incendios, mortes, perjurios, traições. No solo virgem da America uma raça inteira desaparecia, exterminada pelos portuguezes. E os filhos da natureza, erguendo os olhos ao céo, invocavam mudamente a justiça do Altissimo.

E o Altissimo ouviu esse clamor, e desviou do archanjo que o implorava a face luminosa. O anjo das vinganças do Eterno aproximou-se, a um olhar de Deus, de um livro que continha os destinos de Portugal, e, a um signal do Omnipotente, arrancou-lhe, uma a uma, as paginas doiradas.

E o anjo da guarda da Lusitania velou o rosto com as brancas azas, e dos meigos olhos azues deslisaram-lhe as lagrimas, como as gotas do orvalho se desprendem da corolla de um lirio quando o tu-fão o baloiça.

E a princeza, aterrada, volveu os olhos para os areiaes da Africa, e viu já disperso o formoso esquadrão da nobreza, rotas as suas fileiras, mortos ou prisioneiros a maior parte dos seus combatentes.

Mas o estandarte das quinas tremulava sempre nas mãos firmes do alferes, e seguia ávante, ávante, sem vacillar, sem tremer.

E o cavalleiro de doirado elmo galopava calcando aos pés a turba musulmana, e prostrando com a sua robusta espada os cavalleiros que se lhe aproximavam, como o cegador corta com a foice as espigas de trigo que erguem a cabeça ufana, e pisa desdenhoso as plantasinhas rasteiras que entre as searas viçam.

Lá caíu a final o estandarte das quinas! Jesus! a princeza sentia gelar-se-lhe o sangue nas veias, porem mão incognita lhe dá forças para contemplar o horrído espectaculo.

Que importa? Suma-se embora a gloriosa bandeira, não cessa por isso a tarefa sobrehumana do sombrio cavalleiro.

Avança, avança, avança! Não lhe esmorece o alento, não lhe enfraquece o braço. O cavallo galopa sempre. Aqui baqueia o ginete, outro se lhe depara logo. E os musulmanos, ao verem-n'o passar sombrio, silencioso, fatal, julgam ver passar o proprio anjo Azrael.

Como o naufrago que, luctando com as iras do Oceano, aqui some-se no abysmo, além ergue a cabeça por entre a espuma das vagas, de novo se afunda, surge de novo, galga as serras de agua, desaba nos liquidos valles, e, ludibrio das ondas, vae nadando, nadando, sem que se lhe depare a praia, e vendo até ao mais extremo horisonte aguas sem fim, aguas sem termo, o pelago immenso, o incommensuravel mar:

Assim o cavalleiro christão, sumido nas ondas da moirisma, aqui desaparece entre uma selva de lanças, além ergue o elmo doirado sobre um montão de cadaveres, mais longe some-se de novo, e reaparece, e foge aos olhos da princeza, que o procuram anciosos, e debalde lucta, debalde combate, não tem limite o mar dos inimigos, não finda o exercito, não termina a seara.

Deixa a final cair o braço com desalento. Vôa-lhe o elmo em lascas, e os formosos cabellos, soltos da prisão, ondeiam, folgam ao sôpro ardente da ba-

talha. Debalde a princeza o procura já com o olhar; sumiu-se nas ondas, sumiu-se no mysterio. O naufrago esforçado pereceu nas vagas, ou arribou a ilha salvadora? Debalde a princeza o procura saber, que só o vê a final entrando, vestido de alva tunica, no porto da eternidade.

E a princeza acordou. Fluctuavam-lhe ainda diante dos olhos as imagens confusas do sonho, escorria-lhe no fronte um frio suor. A camara estava silenciosa. A doce luz da lampada de alabastro illuminava brandamente todos os objectos.

A princeza relanceou os olhos em torno de si, e o que viu devia de ser alguma coisa horrivel, porque a filha de Carlos v tapou com as mãos o rosto, como se procurasse convencer-se de que era ainda sonho o que via.

Olhou de novo; a mesma visão lá estava!

Uma mulher vestida de negro, á moda antiga, conservava-se de pé junto do berço da criança adormecida. Com uma das mãos apontava para o berço, a outra pendia-lhe ao lado. O seu rosto livido tinha um aspecto sombrio. E a altura descommunal que parecia crescer de instante a instante, infundia pavor.

— Jesus, valei-me! exclamou a princeza, sentindo a final desprender-se-lhe a falla.

Dava meia-noite.

V

Ao grito da princeza acordou a ama sobresaltada, e, pondo-se em pé, correu para o berço do menino, julgando que alguma coisa succedêra á criança real.

— Não vêdes, ama, não vêdes esse vulto negro? bradou a princeza desvairada. Oh! dizei-lhe que se vá, dizei-lhe que se vá!

E tapava o rosto com as mãos: e com os hombros nús, as tranças desatadas, parecia querer fugir do regio leito, onde a salteavam taes visões.

Os gritos afflictivos da princeza resoavam já nos outros aposentos. A marqueza de Navarrez e a princeza d'Asculy, damas hespanholas que a haviam acompanhado, acordaram sobresaltadas, e vieram, correndo, informar-se do que tinha a sua régia compatriota.

Encontraram-n'a no estado que dissemos, em quanto a ama, aterrada contagiosamente pelo terror da princeza, exclamava trémula de susto:

— Onde está esse vulto, real senhora, onde o vê vossa alteza?

Os quartos iam-se enchendo de gente, a infanta D. Maria, cujos aposentos eram proximos, correu tambem inquieta ao quarto de sua prima. Acompanhava-a Paula Vicente.

Todos perguntavam o que era, e ninguém sabia responder; a princeza derramava lagrimas copiosas, e a criança, que acordára, chorava nos braços da ama.

N'isto, uma mulher, correndo com os cabellos desgrenhados, entra como doida no aposento, e cae aos pés de Paula Vicente, bradando :

— Salvae-me, salvae-me, senhora !

— Que é isto, Ignez Mendes? exclamou a dama do estrado da infanta D. Maria; esqueceis o sitio em que estaes? olvidaes o decoro a tal ponto, que assim entreis n'estes aposentos sagrados?

— Os moiros, os moiros, senhora! redarguiu Ignez Mendes n'uma convulsão de medo e sem attender a coisa alguma.

— Os moiros! exclamou a princeza sentando-se na cama, quem falla ahi em moiros?

— Desculpae, real senhora, acudiu Paula Vicente, este accesso de loucura de uma criada minha, loucura que não sei como explicar.

— Que falle, que falle! tornou a princeza ansiosa. Que moiros viu ella? o meu sonho! o meu sonho!

— Fallae, Ignez Mendes, sua alteza vol-o ordena, disse Paula Vicente.

A noiva de Gil Affonso arrastou-se de joelhos até ao leito da princeza, e exclamou, erguendo as mãos para D. Joanna:

— Senhora, grandes desgraças pesam sobre este reino! Agoiros fataes o annunciam.

— Tambem a vós! acudiu D. Joanna firmando-se no cotovelo e lançando um olhar desvairado para a criada, que se lhe rojava aos pés. Vistel-a tambem?

— Oh! o que eu divisei, senhora, nem sei como a vossa alteza o hei de contar... Estava á janella da minha camara, quando vi de subito, ao clarão de um relampago que illuminou com horrenda luz o palacio, uma longa procissão de phantasmas, vestidos á moirisca, de roupas alvejantes, que entravam pela porta da *varanda del-rei*. Traziam nas mãos tochas, que derramavam uma luz tão vermelha como sangue. Gelada de terror, mal pude bradar «Jesus!»; mas o santo nome não afugentou os descridos, que em funebre precissão continuaram a girar á roda do pateo. Cantavam, ou antes rosmeiavam umas palavras tão lugubrememente ensoadas, que infundiam pavor. Quiz fugir e não pude; os pés como que se me haviam pegado ao chão. Tive de vêr até ao fim o desfilar dos phantasmas, que, ao passarem por diante das janellas dos aposentos de vossa alteza, soltavam um tão prolongado e tão lamentoso uivo, que se diria o uivar de cainçada sem conta. Depois formaram uma fogueira no meio do pateo, e em torno d'ella travaram umas danças compassadas e vagarosas. O clarão das fogueiras illuminava-lhes o rosto descarnado, e accendia-lhes uma chamma no logar vasio onde os olhos deviam de estar. E um d'elles

arrojava, com intervallos, ás chammas a coroa, o sceptro e as quinas portuguezas. E de cada vez bradavam: «Allah! vingança!»

— O sonho! exclamou a princeza aterrada.

— Depois, continuou Ignez Mendes, os descritos saíram em procissão como haviam entrado, e foram direitos ao forte do Caes: senti um baque como se todos se houvessem precipitado no rio, e só então pude fugir, para me lançar aos pés da minha ama; encontrei abertas todas as portas, e corri, corri cada vez mais ligeira, porque me parecia sentir atraz de mim na escuridão dos quartos os passos dos phantasmas, e vêr fluctuar a luz dos seus fachos côm de sangue. Assim vim ter aos aposentos de vossa alteza. Desculpae-me, real senhora, a ousadia, e não me expulseis, oh! não!

— Agoiros fataes! exclamou a princeza no meio do pavido silencio de todos os circumstantes: oh! o meu filho! o filho das minhas entranhas! conspira contra elle o inferno. Chamae um padre, um padre que venha abençoar o berço de meu filho.

— Eis-me, senhora! disse uma voz grave.

Olharam, e viram junto da porta o austero vulto do jesuita Rodrigues de Azevedo.

Assistira elle de manhã ao primeiro baptisado da criança real, que fôra admittida no gremio da egreja por seu tio-avô, o cardeal D. Henrique. Naturalmente demorára-se nos aposentos del-rei, que

muito lhe queria, e, attrahido pela bulha, viera á camara da princeza.

— Oh! meu padre! exclamou D. Joanna, bem-vindo sejaes! abençoeae meu filho, abençoeae o reino.

— Sebastião, disse o jesuita avançando vagarosamente para o berço da criança real, em nome de Deus, de quem sou indigno ministro, eu vos abençôo. Futuro rei D. Sebastião, possa o vosso reino erguer-se ao cumulo da gloria, conduzido pelas vossas mãos bemditas. Não prevalecerão contra elle as portas do inferno, que a benção tendes de Deus, rei D. Sebastião, e do meu padre Ignacio de Loyola, filho dilecto de Christo Redemptor.

Um relampago formidavel, insinuando-se pelos postigos entreabertos da janella, illuminou o quarto, e tingiu de livida luz o Christo ascetico e macerado. A tempestade, que toda a noite estivera imminente, rebentou alfim. A voz pavorosa do trovão como que respondeu á benção do jesuita.

Todos os circumstantes caíram de joelhos, brandando:

— Meu Deus!

Só no rosto de bronze de Rodrigues de Azevedo não transpareceu a mais leve commoção.

.

Vinte e quatro annos depois perdia el-rei D. Sebastião nos plainos de Alcacer-Kebir a coroa, a vi-

da e o reino. Realisava-se o sonho da princeza D. Joanna, desabava a cúpula do edificio das grandezas de Portugal.

Seria a benção do jesuita?

UMA AVENTURA DE CAPA E ESPADA

I

De como não é bom esconder-se a gente por traz das arvores, para ouvir as confidencias de um Richelieu octogenario

Havia serenata no real paço de Queluz na bem-dita noite de 24 de junho de 1772. Em quanto os feis subditos de sua magestade festejavam o santo popular, saltando fogueiras e queimando alcachofras, el-rei D. José assistia, com toda a seriedade imposta pela etiqueta, a um d'esses festejos celebres, em que os illustres compositores David Perez e João Cordeiro da Silva desenvolviam todos os recursos do seu talento, e que Pucci, Raff, Caffarelli e Geziello abrilhantavam com toda a magia das suas vozes magnificas.

As luzes que resplandeciam na sala das serenatas, e que se multiplicavam ao infinito, mirando-se nos espelhos, e fulgindo nos moveis admiravelmente entalhados por Sylvestre de Faria, iam depois, coando-se pelas janellas, deslumbrar a plebe, que mirava estupefacta aquelles esplendores reaes.

E os pobres saloios invejavam-n'os! Occulto de baixo da purpura regia como poderiam elles vêr o cilicio da magestade! Como podiam elles saber, que essas luzes deslumbrantes illuminavam fronte pallidas e sorrisos hypocritas de cortezãos! E rir-se-hiam de certo se lhes fossem dizer, que havia mais alegria nas suas modinhas e descantes ao luar, do que nas sonatas e concertos que jorravam em torrentes de melodia nas opulentas salas do palacio real!

Pois não tinham razão para se rir, porque realmente era assim.

Se nós, deixando os saloios embasbacados diante das janellas do paço, não nos atrevendo a entrar na residencia predilecta do infante D. Pedro, irmão e genro del-rei, seguirmos a avenida de tilias que vae terminar na Ajuda, havemos de reparar forçosamente n'um vulto embuçado, que, encostando-se a uma das arvores, contempla o astro da noite com a melancolia tradicional em poetas e namorados. A capa, em que se embrulha, não disfarça completamente a elegancia das fórmas do moço fidalgo.

E digo moço, porque um raio indiscreto da lua me veiu denunciar as feições juvenis do seu contemplador; e fidalgo, porque ainda que o espadim, erguendo airoosamente a parte inferior da capa, m'o não revelasse, a brisa favoravel, que se levantou n'este momento, e que lhe desviou as prégas do

manto, m'o daria a conhecer, mostrando-me a riqueza e a elegancia da sua casaca de veludo preto.

Se não fosse a brisa e a lua, não sei que seria feito dos romancistas!

— Ai! noite de S. João! murmurava elle, deixando pender a cabeça, se o teu orvalho bento fez florir doces esperanças, bem depressa as desfolhou o tufão da adversidade! Ai! noite de S. João! faz hoje um anno, foste a noite das meigas promessas! és hoje a noite dos tristes desenganos! A luz das tuas fogueiras foi para mim a suavissima alvorada de um amor celestial! Mas após as promessas da aurora não rompeu o sol esplendido; vieram nuvens a occultar-lhe o brilho! Hoje nem já o echo longinquo dos descantes populares, ao som dos quaes balbuciei o hymno do meu affecto, nem já me chega aos ouvidos. É tudo silencio em roda! Apagaram-se as risonhas fogueiras, e fulge solitaria a lua no céo, tocha funeraria do meu viver feliz! Ai! noite de S. João!

E uma lagrima deslisou pelas faces do mancebo.

— O teu orvalho santo dá viço e gala á pobre flôr já murcha! Com o roseo clarão da tua madrugada assoma um timido azul nas folhas denegridas da alcachofra! Assim o teu magico influxo veio azular as folhas negras das flôres de minha alma, que una desgraça precoce tinha crestado em botão! Durou poucos momentos! Mais tempo dura a alcachofra reverdecida.

E n'uma agitação vehemente desviou-se da arvore a que se encostava, embuçou-se na capa, e começou a andar com rapidez.

— Para que me esqueci eu do meu nome? D. Paulo de Lencastre, o ultimo dos Aveiros, póde pôr de parte a missão que o Eterno lhe confiou, para ir sentar-se á beira da estrada, e recostar a fronte no regaço de um anjo? A mão, que deve sempre apertar o cabo do punhal vingador, póde por acaso descair languidamente na mãosinha gentil de virgem seductora? Instantes o pensei, e, Samsão captivo nos braços de Dalila, não mais me recordei dos impios Philisteus! Lembraram-se elles, e eu, proscripto e errante, vagueio em torno do paço da corrupção, vigiando a pomba que o acaso foi collocar em ninho de milhafres, e espreitando a occasião em que poderei cravar o punhal no peito do sanguinario ministro.

Se o senhor D. Paulo de Lencastre não fosse tão amigo de monologar, não estaria tanto tempo sem reparar em dois vultos, que, tendo sahido do portão de ferro da quinta real, vinham na direcção opposta á que elle seguia; porém as tendencias scenicas do nosso amigo, impedindo-o de dar attenção ao que se passava em torno d'elle, fizeram com que, só ao sentir já proxima a bulha do andar, levantasse a cabeça, e por um movimento instinctivo se desviasse da estrada, e se escondesse precipitadamente detraz de uma arvore, a qual, encruzando com outras duas

os ramos cobertos de folhas, formava uma especie de caramanchão natural, que preservava perfeitamente quem n'elle se escondesse das vistas dos curiosos.

Mas porque se escondia D. Paulo? Foi o movimento instinctivo de quem tem razões para não ser visto, e que não reflecte que é mais perigoso dar a conhecer esse receio, do que apresentar-se com audacia a quem de certo não repara em nós. Em todo o caso bom foi para o parente do duque de Aveiro que as duas pessoas, que o fizeram fugir, viessem tão entretidas em conversar, que nem sequer repararam na existencia de terceira pessoa na estrada.

Completamente escondido pelos ramos das arvores, conchegando muito a capa, para que o vento a não fizesse fluctuar, não espreitando sequer para a estrada, mas desejando só que os dois importunos desaparecessem depressa, se deixou ficar D. Paulo, amaldiçoando o movimento irreflectido que o levára a esconder-se, e que lhe não permittia reaparecer, sob pena de se tornar suspeito ou pelo menos ridiculo.

Os dois entretanto approximavam-se, e ainda que elles tentassem não levantar a voz, o vento, que sopra traioçoeiramente do lado d'onde vinham, levava todas as palavras ao ouvido de D. Paulo de Lencastre.

— Eu logo vi que a nympha lhe não resistiria, senhor marquez, dizia uma voz aflautada, as Gala-

theas não tem rigores para Melibeus como v. exc. E qual é o pastor d'estes prados, que póde competir em galas e cortezia com o illustre marquez, meu senhor e amo?

— Nem sempre assim é, respondia a voz trémula de um velho; algumas inconstantes preferem estes peralvilhos de agora a homens de idade madura.

— De idade madura! De idade madura! tornava a primeira voz, quererá v. exc. alcunhar-se de ancião?

— Ancião, não digo! Mas já vão longe os verdos da mocidade.

— Tanto melhor, senhor marquez! Mais adestrado está nas guerras de Cupido. Se não é uma d'essas voluveis mariposas, que vão queimar-se em todas as luzes da corte, mais esperanças de constancia dá á nympha que escolher!

— Ah! Ah! Ah! tornava o marquez com um risinho de vaidade satisfeita; n'esse ponto sou incorrigivel; meu caro Bernardo Domingues, as bellas ainda não conseguiram fixar-me, e só Magdalena talvez poderá prender o meu inconstante coração.

— Magdalena, murmurou Paulo, e prestou mais attentamente o ouvido.

— Ah! Ah! Ah! respondia o complacente Domingues. Cupido emprestou-lhe a aljava, e v. exc. faz uso frêquente das suas settas!

— A constancia tambem tem os seus encantos.

— Pois não! a constancia é a primeira das virtudes de um terno pastor.

— Mas como ha de um simples mortal resistir aos olhos maganos das Deidades, que povoam o Olympo de Queluz?

— Não é possível, senhor marquez, não é possível, tornava lacrymosamente o bom do companheiro; n'esses casos a inconstancia é quasi um dever.

— Dever, não, necessidade!

— Exactamente; dever não é o termo proprio, necessidade, necessidade!

N'este momento chegavam os dois conversadores ao pé das arvores onde se abrigava D. Paulo de Lencastre. O marquez parou, e, fazendo parar tambem o seu companheiro, continuou:

— Eu te vou contar. Como tu sabes, não se passava dia em que a minha bella não recebesse um madrigal, que a tua musa punha ao serviço dos meus amores. Ramalhetes enviados todos os dias, o seu nome entalhado em todas as arvores da alameda onde costumava passeiar, o meu trajo adornado com as suas côres predilectas, estavam-lhe demonstrando sempre o meu ardente affecto. Em toda a parte via ella provas evidentes do meu amor.

— Sim, senhor marquez, percebo; como dizia Domingos dos Reis Quita, ha dois annos fallecido:

Tronco aqui não verás, nem branca areia,
Em que o teu doce nome se não leia.

— Deixa em paz os manes do cabelleireiro, tornou o marquez impaciente, e escuta-me com attenção. Até hoje nenhum signal me tinha dado a esquiva Magdalena de corresponder ao meu amor; mas hoje... ouve bem!

— Sou todo ouvidos, senhor marquez.

— Ainda agora na serenata conversava eu com José de Seabra, com D. Luiz da Cunha, e com o sapiente bispo de Beja D. Fr. Manuel do Cenaculo; mas, apesar dos encantos da sua conversação, não me podia ter que não olhasse ternamente, de vez em quando, para o grupo gentil das açafatas da rainha e da princeza, que, por traz das duas camareiras-móres, duqueza d'Abrantes e marquezia de Villa-Flor, contemplavam curiosas os esplendores do paço de Queluz, aonde tão raras vezes vem. Mas oh surpresa! quem hei de eu divisar olhando para mim com meiguice e pudor, ainda meio esquiva, mas já quasi rendida? Ella, ella mesma, o idolo do meu coração, a Tircis por quem suspiro, a nympha por quem ardo, D. Magdalena de Vasconcellos!

— Ah! murmurou Paulo ao ouvir este nome, apertando com força o punho do espadim.

— Era de esperar, senhor marquez! era de esperar, bradou com enthusiasmo o officioso poeta.

— N'este momento saiu da sala sua alteza real ruidada pela marquezia de Villa-Flor, e pelas suas botas. Ao passar junto de mim outra vez, Magdalena deitou-me um d'esses olhares, que me lan-

çaram cadeias de flores, que são para o seu fiel captivo mais seguras do que ferreos grilhões. Tão perturbado fiquei, que, vindo ter commigo o distraido consul da Inglaterra, Mr. Hort, a conversação entre nós ambos tornou-se tão embaraçosa por causa das mutuas distracções, que saí receando excitar a veia satyrica do conde da Ponte, que andava em torno de nós mirando-nos com um sorriso malicioso.

— Quando o deus menino de Cythera, tornou sentenciosamente o poeta Domingues, se apodéra do nosso pensamento, não consente na minima rivalidade.

— Tens razão. Mas agora é necessario audacia.

— *Audaces fortuna juvat*, acudiu o erudito interlocutor.

— O plano, que formei, é digno do duque de Richelieu. O snr. D. João V muitas vezes o costumava empregar, e sempre se deu bem com elle. Lembro-me perfeitamente que uma das suas aventuras amorosas, tinha eu os meus vinte e cinco annos, alli por 1715... quero dizer, acrescentou o pobre marquez, reparando na involuntaria certidão de baptismo, que ia dando, em 1715 não... talvez por 1745.

— Sim, de certo, disse o bom Domingues soccorrendo o marquez no seu embaraço, o snr. D. João V até á hora da morte foi sempre galanteador. Ora elle morreu em 1750.

— É isso! É isso! Mas em fim deixemo-nos de historias, vou-te contar o meu plano e as minhas

idéas. As damas, fia-te em mim, meu caro Domingues, gostam principalmente de aventuras romancescas. A escada de seda, fluctuando pendurada da varanda, sorri sempre á sua imaginação; e o audaz galanteador, que souber violental-as um pouco, tem sempre certa a victoria. Não ha nada que apreciem mais do que despertarem de um desmaio, um tanto voluntario, á vista do cavalheiro por quem em segredo suspiram.

— Já Ovidio o disse: *Gratus raptæ raptor*.

— Folgo muito de me encontrar com esse senhor. Hoje por conseguinte, á hora em que Morpheu visitar os habitantes do palacio, eu, protegido pela sombra nocturna, entrarei na quinta, e, trepando por uma escada de seda ao quarto da minha nympha, que deixa ficar, já eu o consegui saber, a janella aberta para gozar a fresca viração das noites de junho...

Perdeu-se a voz na distancia, porque os dois já tinham continuado a andar, incidente que não mencionei, para não commetter a incivilidade de interromper o excellentissimo senhor marquez.

Do asylo, que escolhera, saiu D. Paulo de Lencastre. O chapeo carregado sobre os olhos não esconde comtudo os raios de indignação que elles despedem. A testa franzida e a mão, apertando convulsamente o punho do espadim, denunciam a lucta que lá vae por dentro. Treme-lhe a voz ao balbuciar estas palavras:

— Já vim tarde. Manchou as azas no lodaçal do mundo a candida pomba que eu tanto estremecia. Quantos punhados de oiro custaria a esse velho libertino o olhar com que ella lhe acariciou a tropega vaidade? É necessario salvar-a, se ainda é tempo, ou vingar-me e vingar o seu nome profanado.

Com passo resolutu caminhou direito a Queluz. Não era já o proscripto cauteloso, era o vingador audaz.

Estava ainda aberto o portão da quinta. Entrou.

Largo tempo vagueou pelas alamedas desertas. Tinha acabado a serenata, e os cortezãos atravessavam em grupos animados as quadras de buxo, com cedros pyramidaes nos angulos, que cercavam o magnifico tanque do antigo jardim das abobadas.

Graças ao borborinho ninguem reparou n'elle.

Foi a pouco e pouco diminuindo o ruido. As luzes, que scintillavam na esplendida fachada que deita para o jardim, foram-se extinguindo. Só alguma estrellita perdida fulgiu finalmente n'uma ou n'outra janella. Só algum cortezão mais vagaroso cruzou as ruas, fazendo ranger a areia com os pés. Depois ficou tudo em trevas e em silencio.

Ouvia-se apenas o ruido dos fios de agua caindo mansamente e de continuo na superficie prateada dos tanques. E a lua illuminou sósinha a quinta real com a mesma luz melancolica que fulgia na choupana do pobre e na loisa do cemiterio!

Saindo do jardim para a quinta, entrou D. Paulo

de Lencastre na rua magestosa, onde campeiam as duas estatuas equestres da fama. Lá ao fundo a soberba cascata no meio do semicirculo, rodeiado pelos macissos de buxo, que as aguas dos dois lagos inundam, fazia scintillar á luz da lua as suas limpidas torrentes. Debruçado sobre o lago da cascata, a escutar tristemente esse melancolico ruido, se demorou por um grande espaço D. Paulo de Lencastre.

Mas a idéa, que alli o trouxera, depressa o despertou d'aquelle verdadeiro lethargo. Desviou-se da cascata, e dirigiu-se para o palacio.

Atravessando quasi ao acaso as ruas da quinta, foi parar ao taboleiro do jogo da bola, onde el-rei D. José costumava exercitar-se no seu jogo predilecto. Entre as copadas arvores, que o assombream, pareceu-lhe distinguir dois vultos; ouviu um ruido de vozes, e parou.

Nada havia que mais repugnasse á indole do nosso heroe do que andar escondido a espreitar e a perscrutar mysterios. Mas nas circumstancias em que se achava, coisa alguma lhe podia ser indifferente, e, movido por um secreto instincto, D. Paulo foi-se aproximando pé ante pé, desviando cautelosamente os ramos das arvores, até chegar ao sitio onde lhe parecêra distinguir os vultos.

Encoberto com o arvoredado, espreitando pelos intersticios da folhagem, conseguiu finalmente ver o que procurava.

Viu, e foi-lhe necessario empregar suprema for-

ça de vontade para não cair desmaiado no sitio onde se escondêra.

Uma formosa donzella, em cujas tranças de ebanho brincava amorosamente um raio da lua, estendia a frente a um velho, que lh'a beijava com ternura.

Era Magdalena de Vasconcellos, a noiva de D. Paulo!

—Devo-lhe tudo, senhor marquez, dizia ella com uma voz melodiosa, como poderei eu pagar tantos e taes beneficios?

—Dividas d'essas, velho infame, trovejou D. Paulo, cahindo como um raio sobre o marquez espantado, compete-me pagal-as com a ponta d'este punhal!

II

De como a lua, espreitando por entre a folhagem das arvores de Queluz, pode fazer observações curiosas ácerca do coração dos estadistas

Como o nosso heroe já se encarregou de nol-o dizer no seu monologo ao luar, era elle proximo parente da familia proscripta dos Aveiros. Complete-mos agora as informações, dizendo que D. Paulo era filho bastardo do infeliz duque; que fôra educa-

do n'uma terra de Traz-os-Montes em casa da familia de D. Magdalena de Vasconcellos; que fôra reconhecido por seu pae pouco antes do attentado de 3 de setembro de 1758; que, depois da sentença condemnatoria de 12 de janeiro de 1759, se occultou cuidadosamente o seu nascimento; e que a familia, em casa da qual fôra educado, accusada de ser afeiçãoada ao duque, a muito custo, e graças á protecção da rainha e á perfeita ignorancia em que vivia dos acontecimentos politicos do reino, se pôde salvar das iras do ministro omnipotente.

D. Paulo de Lencastre tinha dez annos quando seu pae foi suppliciado em Belem. Quando nos longos serões de inverno, agrupados os Vasconcellos em torno da mesa contavam em voz baixa os terribes pormenores da horrenda execução, Paulo erguia-se com altivez, e dizia com a sua voz infantil e reprimindo, com precoce orgulho, as lagrimas que lhe bailavam nos olhos:

— Quando for homem hei de vingar meu pae.

Magdalena, gentil criancinha de oito annos, tinha tanto medo do seu companheiro de brinquedos, quando o espirito da vingança o transfigurava, que desatava a chorar perdidamente, e o pae d'ella, olhando receioso em torno de si, dizia a Paulo com voz tremula:

— Não te lembres nunca de que te chamas Lencastre. Lembra-te do que soffre o filho legitimo de

teu pae, pobre criança, que nem sabe amaldiçoar os seus algozes.

Foi crescendo em annos e em altivez o filho do duque de Aveiro. Nas veias de Paulo, do fructo dos amores illegitimos do infeliz fidalgo com uma senhora da nobreza transmontana, corria com toda a pureza o sangue da velha aristocracia. Elle, o filho bastardo, era o mais legitimo representante da fidalguia portugueza. Tinha o mesmo orgulho indomavel, o mesmo valor cavalleiresco, o mesmo espirito religioso, e tambem o mesmo odio ás idéas novas, e o mesmo desprezo consagrado a todos os que não pertenciam á classe privilegiada. Mas a par d'esses sentimentos austeros, ia viçando um sentimento mais suave, consagrado por elle á companheira da sua infancia.

Eram duas por conseguinte as idéas predominantes no espirito de D. Paulo; a idéa da vingança, e a idéa de ligar a sua existencia á existencia de Magdalena.

Não se podiam combinar taes idéas. Não dizia bem com a felicidade domestica o feroz prazer da vingança. As mãos tintas de sangue manchariam forçosamente a candidez do vestido nupcial. O amor, que dulcifica as almas, não póde consentir que exista, juntamente com elle, um sentimento sanguinario.

Triumphou Magdalena. Paulo abjurou as suas tenções vingativas, e preparou-se a dar a mão de esposo á noiva estremecida.

Por este tempo falleceu o pae de Magdalena. A viuva, que fôra muito estimada pela rainha D. Marianna Victoria, foi chamada á côrte, e offereceu-se-lhe para sua filha um logar de açafata da princeza.

Acceitaram. Paulo ficou só.

Em quanto elle fôra protegido pela respeitabilidade do character de Luiz de Vasconcellos, e pelo valimento da que estava para ser sua sogra, todos tinham fechado os olhos, e fingiam nem saber da sua existencia. Apenas Luiz de Vasconcellos morreu, e sua mulher partiu para Lisboa, levando comsigo a filha, que no momento de se despedir de Paulo, revelou pela intensidade da sua dor o immenso affecto que lhe consagrava, apenas tal aconteceu, alguns vis lisongeiros do marquez deram-lhe parte de tudo o que succedia, revelando-lhe ao mesmo tempo as intenções vingativas do moço D. Paulo de Lencastre.

Foram logo expedidas ordens para o prender.

Avisado a tempo, D. Paulo fugiu para a Hespanha, e durante seis mezes soffreu todas as privações e amarguras do exilio e da perseguição. Não recebendo noticias da sua noiva, e não podendo resistir á saudade que o devorava, tornou a Portugal, e, atravessando o reino com innumeradas precauções, e a coberto de milhares de disfarces, veio parar a Queluz, onde o encontrámos contemplando a lua nas primeiras paginas d'esta historia.

Dadas estas indispensaveis explicações, reate-

mos o fio interrompido da narração, no ponto em que o deixámos.

É facil de imaginar o effeito que produziria a repentina apparição do nosso heroe. O marquez, impellido pelo pulso vigoroso de Paulo, recuou involuntariamente dois ou tres passos, Magdalena estupefacta segurou no braço do seu noivo allucinado, e bradou:

— Que fazes, Paulo?

— Vingo-me!

— Oh! lança no esquecimento essas loucas idéas!

Sou eu quem t'o pede.

— Deixa-me! Surja do tumulo, por ti aviltado, a sombra de teu pae, e, estendendo para ti a mão já descarnada, associe á minha a sua maldição!

— Que horror! Em que mereço, Paulo, essa terrivel ameaça?

— Através de mil perigos, com a morte sempre diante dos olhos, vim eu de longes terras para ver a casta pomba a quem tinha consagrado o mais ardente amor. Dize-me agora: onde está a tua ingenua candidez? As brancas azas da tua innocencia não desprenderam o vôo na região ethérea, onde eu te vi tão linda, e baqueaste fascinada aos pés de um decrepito seductor! Mas a vingança velava na sombra, e a hora do castigo soon logo depois da hora do crime. E não julgues, infame, acrescentou Paulo voltando-se para o marquez, que o mirava immovel e altivo, não julgues que te has de ir gabar

ao teu servil confidente da inesperada victoria da tua repugnante seducção.

— Estás louco, Paulo? Não sabes a quem fallas? Não sabes quem insultas? Não sabes quem provocas? Não sabes que estás diante do snr. marquez de Pombal?

Este grande nome produziu um effeito involuntario no animo do filho do duque de Aveiro. Esse nome, que fazia tremer o reino todo, como que fascinou D. Paulo de Lencastre. Recuou espantado; mas veio depois a reflexão, e a reflexão disse-lhe que o seductor da sua noiva era ao mesmo tempo o assassino de seu pae. A colera incendiou-lhe o rosto, e, crescendo para o marquez, bradou com voz concentrada:

— Marquez de Pombal, conde de Oeiras, assassino infame, que na sombra do throno procuras a impunidade, encontrei-te alfim! Oh! quanto eu ambicionava este momento! Quero ver n'essa fronte criminosa a nuvem d'um remorso! Quero fazer-te ouvir, depois da voz mentida das adulações cortezãs, a voz do sangue innocente, que ha de echoar terrivel na posteridade! Assassino omnipotente, tens diante de ti o filho do assassinado! Tigre, que tens rasgado com delicia as entranhas d'um reino inteiro, treme; porque se levanta, em mim personalisado, o leão indomavel da nobreza de Portugal! Ai! julgavas que depois de teres saboreado a voluptuosidade ferina do sangue, podias prender nas garras libi-

dinosas as filhas das tuas victimas, algoz! Enganaste-te. Deus é justo, e no antro do crime fez lampejar nas minhas mãos o gladio vingador!

Era curioso o aspecto dos tres personagens d'esta scena. D. Paulo com os labios espumantes, os olhos inflammados, as feições transfiguradas, parecia o ministro das iras celestiaes. Magdalena, espantada, nem podia atinar com palavras que exprimissem o que sentia. O marquez de Pombal, tranquillo e altivo, não se dignava responder, e mirava com a historica luneta o filho do duque de Aveiro. Este continuou com um tom de voz mais socegado:

— Sobre as ruinas amontoadas da velha aristocracia bem alto levantaste o solio portuguez! Na antiga floresta, derrubados os troncos altivos das casas nobres portuguezas, ficou inteiro e só o roble de Bragança! Gloria-te da tua obra! A mão do algoz decepou as cabeças que se elevavam a par da fronte do monarcha, e as outras, curvadas por essa aragem de morte, beijam as plantas regias de involta com a plebe humilde! Desimpedidos os degráos do throno do sequito aristocratico, ao qual ficava sobranceiro o primeiro fidalgo do reino, apparece elle isolado na sua esplendida magestade aos olhos deslumbrados d'um povo de vassallos! A luz do sol monarchico, que não é já precedida pelo fulgor secundario dos astros da nobreza, cega os olhos dos populares; mas, quando se costumarem a ella, hão de lhe divisar as manchas, e descreer da infallibilidade! As ruinas,

amontoadas por ti mesmo, serão os degrãos pelos quaes ha de subir a plebe a profanar a monarchia! Do grande terremoto fizeste surgir Lisboa mais bella e remoçada; mas do terremoto social, que está para vir, nem tu, ó grande estadista, poderias fazer surgir o throno dos nossos reis!

—É novo de mais para criticar o meu systema politico, senhor D. Paulo de Lencastre, tornou o marquez serenamente, sorrindo-se, e assestando a implacavel luneta.

—Mas que me importa a mim o futuro, que me importa a mim o presente?—continuou D. Paulo sem ouvir sequer a voz do marquez. Impelle cegamente para o abysmo a instituição que julgas fortalecer; enrama a tua frente, que se ha de erguer na posteridade sobranceira ao throno a quem déste uma perigosa gloria, com o loiro dos estadistas; mas sabe que o loiro distilla tambem venenos, e que estes, caindo gota a gota da tua coroa de gloria, serão lethacs para o solio que te deve o seu passageiro esplendor. Na carreira vertiginosa do teu carro triumphal vae impellida a realza; baqueará finalmente; e tu ficarás á beira do precipicio, enigma tremendo para a posteridade absorta. Não te peço contas d'isso; á historia compete pedir-t'as. Peço-te contas do sangue derramado em Belem, que, tingindo de vermelho as paginas da tua historia, illuminará com sinistros reflexos a esplendida narra-

ção das tuas grandes emprezas. Ajustemos essas contas, senhor marquez de Pombal.

— Que fazes, Paulo? — balbuciou Magdalena, caindo de joelhos aos pés do mancebo allucinado; no momento em que o senhor marquez me concedia o teu perdão?

— Infamia! Vil artificio da sua hypocrita malvadez.

— Perdoe-lhe, senhor, continuava Magdalena chorosa voltando-se para o ministro, é o amor quem o allucina.

— Esteja socegada, senhora D. Magdalena, disse o marquez em voz baixa e benevolamente, não me faz impressão o que elle me diz! É o fogo da mocidade! Não são perigosos estes temperamentos.

— Querias alternar com a furia de Nero a lubricidade de Sardanapalo? Sorria á tua imaginação fe-roz a idéa de profanares as virgens nobres, depois de veres rolar na praça publica as sanguinolentas cabeças dos fidalgos portuguezes? Não esperavas que d'entre o rebanho dos cortezaões surgisse, implacavel e austero, um defensor audaz? Juntas á malvadez o ridiculo! O tigre decrepito adorna-se, perfuma-se, e arvora-se em seductor das pombas innocentes!... Oh! não o negues, acrescentou elle, vendo um sorriso de desprezo volteiar nos labios do marquez; escondido detrás d'uma arvore da estrada, fui confidente dos teus planos conquistadores.

— Como? — bradou o marquez sinceramente espantado.

— Enganas-te, Paulo, enganas-te! Fui eu, quem procurou o senhor marquez de Pombal para lhe implorar o teu perdão, perdão que me foi concedido com immensa bondade pelo homem que tanto insultas.

— Abusou da innocencia, como já tinha vilipendiado a velhice!

— Mas foi hoje que eu tomei essa resolução! Foi sabendo que o senhor marquez vinha passeiar, depois da serenata, sósinho, nas alamedas da quinta, que me resolvi a aproveitar essa occasião para lhe dirigir o meu pedido...

Uma verdadeira indecisão se apoderou do espirito de Paulo. A tranquillidade do marquez, o tom de verdade com que Magdalena pronunciava estas palavras, a sua colera tambem um tanto evaporada em discursos, tudo isto o fez afrouxar na premeditada resolução. Mas ao mesmo tempo a imagem de seu pae atravessou-lhe rapidamente o espirito, soltando o grito de vingança; a conversação ouvida na estrada soou-lhe aos ouvidos, se não offensiva para o seu amor, pelo menos desagradavel para a sua vaidade. Apoderou-se d'elle um novo accesso de raiva, e, desviando violentamente Magdalena, que o abraçava convulsa, bradou dirigindo-se ao marquez com o punhal erguido:

— Não! é mister que o destino se cumpra.

Quando o marquez, um tanto perturbado, se esquivava por um movimento rapido ao golpe que lhe vibrava o allucinado mancebo, quando Magdalena, soltando um grito, agarrava no punhal, e resguardava com o seu corpo o ministro de D. José, ouviram-se grandes gritos do lado do palacio, sentiu-se a builha de janellas que se abriam, e pôde-se distinguir a voz esganiçada d'uma velha, que bradava :

— Soccorro! prendam o seductor! o salteador da minha honra.

D. Paulo parou espantado; o marquez, aproveitando-se da distracção, desviou-se serenamente, e caminhou para o palacio. D. Paulo e Magdalena seguiram-n'o por um movimento instinctivo.

A fachada do palacio, pouco antes envolvida em trevas, resplandecia agora com luzes em todas as janellas. Onde era tudo silencio havia agora borborinho. Assomavam por todos os lados cabeças curiosas. Uns perguntavam, bocejando, se havia fogo no palacio. Outros, com os olhos ainda meio cerrados, investigavam quem seria o auctor do desacato nocturno. E, n'uma janella do paço, um velho fidalgo, com a cabelleira descaida, o chapeo derrubado para traz, uma das pernas bamboleando-se fóra do parapeito, bradava com voz que D. Paulo reconheceu, com espanto, ser a mesma que ouvira na estrada da Ajuda.

— Não calumnie este desditoso mortal, minha senhora, não o calumnie.

E uma velha, gesticulando furiosamente, bra-

dava, em quanto outra velha empurrava o pobre fidalgo :

— Soccorro ! prendam o seductor ! o salteador da minha honra.

III

Onde se falla no espectro do infante D. Francisco, nas tribulações de uma dama de honor, e na gymnastica de um marquez

Quando D. Paulo de Lencastre transpunha os umbraes da porta de ferro da quinta de Queluz, transpunham tambem os umbraes da porta do quarto, que pertencêra até então a D. Magdalena de Vasconcellos, duas velhas, que tomavam posse, de castiçal em punho, do seu novo alojamento.

Esse quarto pertencia, como já disse, a D. Magdalena de Vasconcellos; mas n'essa tarde tinha havido mudanças nos arranjos internos do palacio, e para o alojamento da gentil açafata da princeza fôra transferida uma dama de honor da sra. D. Marianna Victoria, esposa de sua magestade el-rei o sr. D. José.

A boa senhora tinha já visto florir a laranjeira pelo menos setenta vezes; mas, apesar do amor com

que sempre mirára a casta e etherea florinha, nunca um homem só, um do sexo perverso, como ella dizia, tentára adornar com a grinalda nupcial a anciosa fronte da pobre donzella.

Desornada sempre do invejado diadema, foi-se-lhe enrugando a testa; mas nem as rugas fizeram desaparecer os desejos e as esperanças.

Acompanhada pela sua fiel criada, solteirona como ella, entrava D. Anna — tal era o nome da pobre senhora a quem Hymeneu esquecêra — no aposento abandonado pela açafata gentil.

— É tão isolado este quarto, dizia ella para a criada, entrando com timido pé na quadra que ia habitar; está tão distante dos outros! Póde a gente gritar, que não acode ninguém.

— É verdade, minha senhora, respondia a velha criada tremendo de susto; estamos aqui tão sós... e dizem que no paço apparecem tantos espectros...

— Não são os espectros que eu receio, Theresa; tenho medo das machinações do sexo perverso. Os homens, Theresa, só querem abusar da virtude desprotegida.

— Ah! minha senhora! meu tio foi guarda da quinta, e dizia elle que muitas vezes tinha encontrado lobishomens nas alamedas, e até nos corredores do palacio.

— Olha que has de dormir ao pé de mim, ouviste? tornou a sra. D. Anna, sentando-se junto da mesa, e mirando tudo em torno de si; se sentires

bater á porta, não respondas; póde ser algum atrevido que venha de proposito com más tenções, sabendo que estão aqui duas donzellas.

— E elles então que já hão de saber o caminho da porta!

— É verdade, é, mas acham-se enganados! A tal D. Magdalena anda sempre com modos sentimentaes, passeando sósinha nas alamedas, e desviando-se dos fidalgos que a procuram. Sonsinha! Julga que eu não a entendo! Foge-lhes de proposito, que é para andarem atraz d'ella! Assim é que se apanham casamentos. Delambida!

— É verdade, minha senhora, os homens deixam-se cair como uns patinhos nas redes que estas sonsas lhes armam.

— Eu não! Elles a andarem atraz de mim, e eu logo a repellil-os de modo que não se atrevem a voltar. Podéra! É um sexo perverso, Theresa, é um sexo perverso! Só estas delambidas os enlevam!

— Deixal-os. Eu antes quero viver solteirinha!

— Tambem eu! Matrimonio! *Vade retro Satanaz!* Elles bem tem querido! Mas eu não lhes dou troco! Nada, nada, apegada aos meus santinhos, rezando as minhas orações, faço figas ao inimigo!

— Ai! senhora! não falle assim no démo! Olhe que elle póde-se vingar! Aqui nos corredores apparecem almas penadas, que andam cumprindo o seu fadario! Não venha alguma ter connosco.

— Ora deixa-te d'isso, Theresa! Não falles assim, que até mettes raiva.

— Ó minha senhora! pois quererá negar que a alma do sr. infante D. Francisco, que morreu ha de haver trinta annos, anda por Queluz a cumprir as penas do purgatorio?

— Ó Theresa, chega a ser peccado dizer isso!

— Pois, minha senhora, muitas vezes meu tio m'ò contou! Ai! senhora, que até tremo de susto a repetil-o.

E a medrosa criada chegou-se para ao pé de sua ama, e continuou em voz baixa:

— O sr. infante D. Francisco, tio d'el-rei, que Deus guarde, e irmão do senhor rei D. João (Deus lhe falle n'alma), sempre, desde pequeno, foi muito travesso; mas logo se conheceu que as travessuras de que mais gostava, eram aquellas que faziam mal aos outros! Quando apanhava algum passarinho, o seu gosto era depennal-o vivo, ou queimal-o a fogo lento, dando gritos de alegria, quando o pobre animalsinho começava a extrebuxar. Todos agoiraram que d'alli havia de sair um genio muito ruim.

— Está bom, Theresa, tornou severamente a dama da rainha, lembra-te que estás fallando n'uma pessoa real.

— Ó minha senhora, isto é uma coisa que todos sabem! Foi crescendo em annos e em malvadez, e, se em quanto era pequeno se divertia a matar pas-

sarinhos, quando foi homem divertiu-se a matar o seu semelhante! Uma vez que um marinheiro estava encarapitado nas vergas de um navio a dar-lhe vivas, sua alteza pegou n'uma espingarda, apontou com todo o socego, desfechou, e bateu depois as palmas muito contente, quando viu o marinheiro cair desamparado das vergas, como cae uma pera da arvore quando algum travêso rapaz se diverte a atirar-lhe pedradas.

— Lembro-me perfeitamente de ouvir contar isso. Era eu então uma criancinha.

— Por força. Ora o sr. infante D. Francisco principiou a gostar de Queluz, e, como elle era grande caçador, vinha para aqui muita vez para se entreter em caçadas, nas quaes, dizem, se divertia a matar não só lebres e gamos, porém homens tambem. O que é certo é que sempre alguma travessura assignalava a sua estada em Queluz, e que não partia nunca de cá sem ir acompanhado pelas maldições d'estas pobres familias, que tinham constantemente alguma desgraça a deplorar.

— Pois faziam muito mal, acudiu a velha fidalga, fizesse o sr. D. Francisco o que fizesse, deviam-se lembrar que era de uma familia sagrada.

— Pois se era, não o parecia. O sr. infante morreu em 1742; e, d'ahi por diante, dizia meu tio, que é pessoa a quem se póde dar credito, dizia elle que todas as noites, depois da meia noite, apparecia um espectro dando gemidos e ais, e que muitas ve-

zes esse francez, que dirigia as obras do jardim, e que tem um nome arrevezado...

— João Baptista Robillon se chama elle, homem de muito merecimento.

— Pois esse tal, que andava de noite a passear pela quinta a pensar nos seus planos, muitas vezes encontrou o espectro; mas nunca abriu bico a esse respeito, porque o maroto do herege dizia á boca cheia que eram tudo petas, e então não queria dar o seu braço a torcer. Pois olhe que era assim!

— N'esse caso talvez o sr. marquez de Pombal o encontre agora! Elle tem o costume de passeiar na quinta, depois de todos estarem recolhidos, para meditar mais á sua vontade nos negocios do estado.

— Ai! minha senhora! respondeu a criada toda tremula, dizem que são os remorsos que o salteiam, e que, quando vae passeiar sósinho, encontra os espectros do duque d'Aveiro, dos marquezes de Tavora, e do conde de Atouguia, que o perseguem dando gritos horrorosos.

— Ih! Jesus, mulher, és capaz de me pegar os teus ridiculos pavores.

— Isto não é comnosco, é lá com o sr. Sebastião de Carvalho e Mello! Sua alma sua palma. Assim o quiz, assim o tenha.

— Cala-te, mulher! Isso são modos de fallar no ministro d'el-rei!

— Então, minha senhora, aqui ninguem nos póde ouvir! Inda mal que assim é; porque dizem que

o infante D. Francisco apparece nos quartos para fazer maldades, mesmo depois de morto! E então de mais a mais que não acaba o seu fadario senão em passando cem annos depois da sua morte; e são passados só trinta. Já não é no nosso tempo!

— Provavelmente não, respondeu suspirando a septuagenaria donzella.

— E o espectro anda pela quinta; se vê luz no quarto, é capaz de se metter pela janella!

— Pois vae fechal-a.

— Eu! minha senhora!

— Medrosa! é preciso que eu me levante!

E a resoluta dama de honor ergueu-se da cadeira, e dirigiu-se á janella para a fechar. Mas de repente deu um grito e recuou.

No parapeito acabava de apparecer um chapeo de tres bicos e uma cabelleira, e d'ahi a pouco o rosto bochechudo e luzidio de um velho cortezão.

Içou-se com muito custo, deitou uma perna para dentro do quarto, e bradou :

— Não tenha receio, D. Magdalena, é o seu terno adorador.

— O senhor marquez de Valladares! bradou a velha, quem me acode! Soccorro!

— Perdão, minha senhora, foi engano, desculpe, bradou o marquez estupefacto, e procurando descer outra vez.

Mas o fiel Bernardo Domingues, que tinha segurado na escada de seda a fim de facilitar a pe-

rigosa ascensão do seu tropego e bojudo amo, apenas viu turvarem-se os ares, largou a fugir com toda a ligeireza que lhe permittiam as suas compridas pernas; e o pobre marquez, vendo a escada abandonada, e fluctuando ao vento, não ousou entregar-se a tão perigoso exercicio gymnastico.

Ficou portanto o pobre fidalgo empoleirado triumphalmente no parapeito, resistindo aos empurões da velha Theresa, a qual, tendo primeiro quasi desmaiado de susto quando viu apparecer na janella uma cara, tinha finalmente reflectido que não podia haver espectros bochechudos, e, retomando animo, começára aos safanões ao marquez, procurando socegar a velha dama de honor, que berrava esganiçadamente:

— Acudam! Soccorro! Prendam o seductor! o salteador da minha honra!

IV

Onde o auctor, para desembaraçar esta meada, não teve remedio senão acordar el-rei e perturbar o socego da familia real

Depois da scena violenta do parque, scena que fôra felizmente interrompida pelos gritos da pudibunda e septuagenaria dama de honor, o marquez

de Pombal dirigiu-se para o palacio com tanta tranquillidade, como se nenhum incidente extraordinario tivesse alterado o socego dos seus passeios habituaes.

D. Paulo de Lencastre, ao lado de Magdalena toda trémula ainda das commoções por que passára, viera até proximo do palacio, sombrio e meditabundo. De um lado accommettia-o o pensamento do crime judicial do marquez, crime de que seu pae fôra victima, e do crime ridiculo e pretencioso da villã tentativa sobre a virtude de Magdalena. Por outro lado pensava na incerteza em que o tinham lançado as palavras da sua noiva, e a attitude nobre do velho ministro tão differente dos modos jactanciosos do homem, cuja conversação surprehendêra. Em conclusão abençoava o incidente que o salvára da villania de commetter um crime, que nem o amor filial desculpava, sendo crime tão feio como era o de assassinar um velho indefeso.

Tanto se absorvêra nos seus pensamentos, que nem fez caso da sua noiva, que ia ao seu lado olhando para elle com ternura e timidez.

Chegaram assim ao pé da fachada do palacio.

Os gritos partiam do torreão do poente, onde eram situados os aposentos de sua alteza real, e do infante D. Pedro seu marido. Magdalena observou com espanto que a scena mencionada no capitulo precedente se passava no quarto que lhe pertencêra, antes das mudanças que n'esse mesmo dia houvera.

As janellas da *sala das talhas*, cheias de cabeças

curiosas, que appareciam ainda em todo o desarranjo nocturno, estavam illuminadas pelas luzes que cada um trouxera do seu quarto. N'uma das janellas apparecia o conde de Val-de-Reis, que, recuperado do susto que tivera, julgando que havia incendio, conversava pacificamente com o conde de Azambuja, seu irmão, que olhava para tudo com gesto carregado. N'outra janella estavam reunidos os camaristas do infante, o conde da Ponte analysando a scena, e achando no seu inesgotavel thesouro satyrico bons ditos e epigrammas, com que fazia sorrir os seus collegas conde de Povolide e D. Vasco Manuel da Camara; mais adiante o védor conde de Redondo esforçava-se por se fazer ouvir do conde de Soure, o que não conseguia apesar de lhe berrar aos ouvidos com quanta força tinha; em fim em todas as janellas da *sala das talhas* e das salas adjacentes reinava um extraordinario borborinho e uma desusada confusão.

— Mas o que vem a ser isto? perguntavam todos.

Ninguem sabia responder; nem que soubessem, podiam, porque as gargalhadas promovidas pela atrapalhada situação do marquez de Valladares lh'o não permittiram de certo.

O mais espantado de todos era incontestavelmente D. Paulo de Lencastre. Na voz masculina, que procurava socegar e abrandar a esganiçada velha, tinha elle reconhecido, sem lhe restar a minima

duvida, a voz que pronunciára as palavras fataes da estrada da Ajuda.

Pelas poucas palavras que o marquez de Pom- bal soltára na violenta entrevista, tinha D. Paulo percebido que havia uma certa differença entre as duas vozes. Mas de allucinado que estava, promptamente esquecêra este reparo, que era de mais explicado pela alteração que scena tão extraordinaria devia forçosamente produzir na voz do marquez.

Mas agora que ouvia de novo a voz que sentira na estrada, tornou-se-lhe mais sensivel a differença, e, voltando-se espantado para Magdalena, perguntou-lhe :

— Quem é este homem ?

— E' o marquez de Valladares ; não percebo como elle foi alli parar.

— Parece-me que percebo eu. Dize-me ; este homem fez-te a corte ?

— Creio que sim, á moda d'elle. E' um pateta, um galanteador caduco, que pretende namorar todas as senhoras, e que se gaba de que todas o attendem. Ninguem faz caso d'elle.

— Oh ! perdôa-me, Magdalena, bradou Paulo percebendo tudo, curvando-se e beijando com paixão a mão da sua noiva, fui um infame : julguei que as perfidas emanações, que fluctuam na atmosphaera corrupta do paço, tinham entontecido tambem a casta pomba do meu amor. Ouvindo este homem na estrada da Ajuda fallar de ti como de uma conquista

realisada, julguei que, esquecendo os teus juramentos, sacrificavas o amor a um casamento interesseiro. Pensando ainda agora que esse trôpego seductor era o marquez de Pombal, aventurei ainda peor opinião; julguei que tinhas trocado o véo da tua innocencia pelo invejado manto de oiro de valida do grão-visir portuguez. Allucinou-me esta idéa. Oh! perdôa-me.

Os dois amantes estavam collocados por traz de um dos cedros pyramidaes que rodeiam o tanque. A luz brilhante, que diffundiam as janellas do paço, illuminando esplendidamente una certa área, tornava ainda mais escuros os sitios aonde não chegava. Paulo ajoelhou e beijou devotamente a mão de Magdalena. Esta inclinou-se para elle sorrindo, e, desviando-lhe os cabellos, poisou-lhe na fronte um beijo, ligeiro como o ligeiro roçar das azas do anjo do amor, ardente como os ardentes raios do sol de uma paixão.

— Se te perdôo! É tão doce inspirar esses delictos amorosos! É tão suave perdoal-os! Mas diz-me, acrescentou ella, mudando de tom, o marquez gabou-se da minha conquista, e o inconstante foi logo tentar nova empreza, assaltando o quarto da pobre D. Anna?

— Creio que foi engano, respondeu Paulo, elle tencionava assaltar o teu quarto: foi para te salvar d'esse perigo que me atrevi a entrar na quinta.

— Ridiculo e infame! Como ousava elle a fazel-o?

— Dizia que o tinhas contemplado com ternura na serenata real.

— Eu?

— Sim. Estava elle conversando com José de Seabra, e com D. Luiz da Cunha. Vê como eu me lembro. Cada uma das suas palavras ficou-me gravada no coração.

— Louquinho! Agora percebo tudo. Ao pé d'elles e na mesma direcção estava o marquez de Pombal conversando com el-rei. Desde que entrei no paço, projectei, Paulo, implorar o teu perdão. Uma invencivel timidez me tinha retido até agora. Mettia-me tanto medo aquelle rosto impassivel do marquez, aquella mascara de bronze, onde o tempo não pôde cavar uma ruga, a alegria abrir um sorriso, a tristeza desdobrar seus véos! Mas hoje resolvi-me! Não via a menor esperanza no futuro; e no horisonte carregado bruxuleava cada vez mais frouxa a luz da estrella do nosso amor! Tomei animo! Sabia que o marquez costumava ir á noite passeiar na quinta, e meditar, no meio do silencio nocturno, algum d'esses actos energicos, que deslumbram a Europa, ou alguma d'essas reformas gigantes que reanimam Portugal! Imagina como eu olharia para o homem, que dentro de duas horas ia decidir do meu destino!... Quando tudo caiu em silencio, saí do quarto, e dirigi-me ao jardim. O coração batia-me com uma força incrível! Vinte vezes parei, não me sentindo com animo de progredir! Deu-me forças a tua ima-

gem, Paulo! O marquez passeiava no jogo da bola. Vendo-me, voltou-se espantado! Cheguei-me e disse-lhe, ou antes balbuciei tudo. Mais eloquentes do que as minhas palavras foram as minhas lagrimas. Caí aos pés d'elle, lavada em pranto. O marquez, com o mesmo rosto impassivel levantou-me, beijou-me na testa, dizendo-me com bondade: Esteja descançada, tudo se ha de arranjar; mande dizer a Paulo que volte, e ninguem o tornará a incommodar. N'este momento appareceste tu.

— Alimentaste esperanças vãs, Magdalena, tornou Paulo sombrio, o meu procedimento d'esta noite destruiu-as.

— Não, no momento do teu maior furor disse-me o marquez: Esteja descançada; o que prometto cumpro.

N'este momento um grande reboliço, que tinha logar nas salas do paço, attrahiu a attenção dos dois namorados.

Historiemos o que se passára durante a palestra explicativa.

O pobre marquez de Valladares conservára-se empoleirado, sem que ninguem lhe valesse, livrando-o das garras das velhas, e da incommoda posição. Redobravam as gargalhadas dos circunstantes, quando o infante D. Pedro e a princeza real appareceram nas janellas da *sala de D. Quixote*.

Apenas a princeza D. Maria se mostrou inquirindo o motivo de tanto reboliço, a velha dama de

honor aproveitou a occasião para berrar com toda a força dos seus pulmões :

— Justiça, serenissima senhora! Mande vossa alteza real prender este seductor, este salteador da minha honra!

— O que é isso, D. Anna? — acudiu serenamente a futura D. Maria I.

— O senhor marquez de Valladares, serenissima senhora, tentou introduzir-se pela janella do meu quarto.

— O marquez! acudiu a austera princeza, franzindo as sobrancelhas. Leviandades, imperdoaveis n'uma cabeça juvenil, são ainda mais dignas de censura e de severo castigo n'um ancião. Desça, ande, senhor marquez de Valladares.

— Mas vossa alteza real bem vê que não posso, balbuciou o pobre fidalgo, que tinha a cara vermelha como um pimentão, e os olhos esgaseados de espanto.

— Acudam ao pobre marquez, disse rindo o infante D. Pedro.

Correram uns criados, que tinham apparecido a segurar na escada. Sentiu-se n'este momento o reboliço que perturbou D. Paulo de Lencastre, e el-rei D. José entrou na *sala das talhas*, vindo do seu aposento, collocado na outra extremidade do corpo do edificio.

El-rei tinha-se levantado á pressa, julgando, como todos os outros, que havia fogo no palacio;

depois, socegado a esse respeito, mas incitado pela curiosidade, dirigiu-se para o sitio d'onde partiam os gritos.

Acompanhavam-n'o o marquez de Pombal, que se tinha encontrado com elle ao pé da *sala da tocha*, e que lhe vinha explicando o acontecido e aconselhando a resolução que devia tomar, a qual, apesar da seriedade com que o marquez a dizia, fazia rir muito sua magestade; o marquez de Marialva, esse typo da velha aristocracia, generoso e beneficente; o marquez de Angejá, que devia ser successor de Sebastião de Carvalho e Mello; o superficial marquez de Alvito; e o moço conde do Prado, que já tinha tido a honra de salvar, em Villa Viçosa, a vida de el-rei.

Quando a comitiva chegou á *sala das talhas*, todos os cortezãos se desviaram, e o rosto de sua magestade assomou a uma das janellas, apparecendo, um pouco mais atraz, a physionomia impassivel do primeiro ministro, que assestava a luneta para a comica scena com tanta gravidade, como a que assumiria ao entrar no conselho de estado.

— Então o snr. marquez de Valladares, disse el-rei, confessa ter tentado penetrar no quarto de uma senhora solteira?

— Eu, real senhor...

— Confessa, já se vê, interrompeu o marquez de Pombal; se todos viram...

— Mas...

— Ahi tem vossa magestade a que está exposta, até no paço real, a virtude das donzellas, bradou a voz esganiçada da dama de honor.

— Socegue, minha senhora, acudiu cortezmente el-rei, que ha de ter completo desaggravo. O sr. marquez de Valladares de certo não póde, nem quer, nem ha de negar a desaffronta devida a reputação tão respeitavel como é a da sr.^a D. Anna, reputação que podia ser dilacerada pelas bocas da calumnia. Do proximo casamento serei, pois, eu o padrinho, e a princeza real a madrinha.

— Mas, meu senhor...

— Sou eu o padrinho, sr. marquez de Valladares. Basta. É já alta noite, meus senhores, e todos precisâmos de repouso. Vamos a aproveitar as poucas horas que faltam para ser dia claro.

Todos se retiraram; o marquez de Valladares, que tinha descido a escada com a ajuda de um criado, partiu cabisbaixo e triste. D. Anna fechou a janella com um suspiro, e disse para a criada:

— Se não fosse o cuidado da minha reputação, não era eu quem casava. De mais a mais, entre nós ambos ha uma grande desproporção de idade; uma differença de doze annos é demasiada.

— Quasi que podia ser seu pae.

— Eu tenho setenta annos, e elle oitenta e dois. Ah! Theresa, acrescentou a dama de honor com um suspiro, é uma tyrannia obrigar a gente a contrahir d'estes casamentos deseguaes.

.....

No dia seguinte D. Paulo de Lencastre, chamado a uma entrevista na quinta por Magdalena, via-a apparecer quasi louca de alegria.

— Venho agora de estar com o marquez, disse-lhe Magdalena assim que chegou ao pé d'elle, que bem que me tratou! Quando eu lhe pedi que se não irritasse comtigo, respondeu-me sorrindo: «Que lhe disse eu hontem? Ninguem ha de incommodar o seu noivo. Casem depressa. Elle mostrou que era um estouvado, mas rapaz desembaraçado e franco. De gente assim gósto eu. Bem se vê que não foi discipulo dos jesuitas. Dê-lhe este pergaminho, acrescentou o marquez estendendo-m'o, é uma patente de capitão no exercito de sua magestade. Digalhe que ahi póde ganhar, por si mesmo, illustração para o seu nome. É essa a melhor nobreza. A illustração, que nos vem dos nossos antepassados, é apenas o pallido reflexo da gloria brilhante que outros adquiriram. Vale mais ser sol do que planeta. Este outro pergaminho, continuou elle dando-m'o tambem, é o meu presente de noivado. É o titulo de propriedade de uma quinta em Traz-os-Montes. Vão, casem, lembrem-se alguma vez do marquez de Pombal, e façam-lhe mais justiça do que os seus contemporaneos, e talvez do que a posteridade!

— Este homem é um enigma para mim, como o ha de ser para os vindouros, disse Paulo pensativo. Pesados os seus crimes e os seus beneficios pela jus-

tiça divina, para que lado penderá a balança do Eterno? Não o sei. Mas nós, simples mortaes, não devemos invadir as attribuições da Providencia. Devemos calar-nos e submetter-nos ao julgamento de Deus.

.....
Passados quinze dias, chegavam os dois a Trazos-Montes. D'ahi a um mez estavam casados.

E entretanto, na capella real de Queluz, effectuava-se pomposamente o casamento do marquez de Valladares com D. Anna de Faria Ximenes Encerrabodes. A noiva trajava de branco, levando a coroa virginal da flor de lorangeira. Todos admiraram a pudibunda cor das faces da donzella. A senhora D. Anna costumava comprar o pudor em caixinhas, disfarçado com o nome prosaico de carmim.

Derramou copiosas lagrimas na solemnidade matrimonial. Despedia-se com saudade dos seus sonhos candidos de virgem, e da sua descuidosa innocencia.

Ah!

O marquez ficou de tal maneira escarmentado, que nunca mais pensou em commetter a mais leve infidelidade conjugal. Entregou-se em compensação aos prazeres da mesa, engordando de fórma que se não podia mexer, depois de jantar, da ampla cadeira onde se recostava.

Era n'esses momentos que o illuminava uma prophetica inspiração, e que dizia, conversando com os bordados da casaca, o verso que Francisco Palha havia de escrever quasi um seculo depois :

« Ganchei gordura se illusões perdi ».

THE HISTORY OF THE

... ..

... ..

... ..

... ..

... ..

... ..

... ..

A NOIVA DO CADAFALSO

(EPISODIO DA GUERRA DO ROUSSILLON)

I

A tomada de Collioure

Entrára a revolução franceza na sua phase sanguinolenta. Esse grande cataclysmo, tão auspicioso para todos os povos da Europa, como fiador da abertura de novas eras prosperas para a humanidade, atterrara-os afinal com os estragos, que ia commettendo. Não percebendo, pela demasiada proximidade a que estavam dos acontecimentos, que todas essas crueldades, todas essas demasias eram as companheiras fataes d'uma reacção violentissima, que respondia em quatro annos a uma compressão de quatorze seculos, a Europa julgou ter-se enganado quando acolheu com enthusiasmo os primeiros symptomas de transformação politica, quando applaudiu o heroismo do povo parisiense erguido, triumphal e sereno, sobre as ruinas da Bastilha demolida. O esplendor do sol de julho deslumbrára os povos;

começaram a entristecer-los as sombras da noite de 6 d'outubro, em que uma horda feroz rugiu embravecida e sanguinaria nos aposentos não d'uma rainha mas d'uma mulher bella, sympathica, virtuosa. O regresso de Luiz XVI, prisioneiro do seu povo, da tentativa de fuga mallograda fatalmente em Varennes sobresaltou a Europa, costumada, por uma tradição de seculos, a respeitar a realesa. Os insultos de 20 de junho indignaram-na. Pareceu-lhe uma profanação a tomada das Tulherias no dia 10 de agosto. O captivo da familia real, as atrocidades de 2 e de 3 de setembro, e finalmente a subida de Luiz XVI ao cadafalso excitaram em toda a Europa um brado geral de reprobção. Quem sabe o que succederia, se os governos, aproveitando esse sentimento repulsivo, se conservassem silenciosos na expectativa, e deixassem os povos contemplar cada vez com mais repugnancia a republica franceza a resvalar, impellida no pendor do crime pelos Marats e Robespierres, para um abysmo de sangue? Talvez a revolução se consumisse a si mesma, e d'esse vulcão, que assustára a Europa, restasse apenas uma cratera negra e extincta.

Não quizeram; abriram caminho á lava; retemperaram na agua lustral do patriotismo o cutélo dos algozes, lançaram a luva á liberdade, e a liberdade, que assistia, muda e triste, á orgia de sangue que em seu nome se praticava, despregou as azas brancas, pairou sobre a terra da França, e á sua voz

brotaram soldados e generaes. Um milhão de bayonetas, erguidas nas fronteiras em broquel augusto sobre o sólo da patria, esconderam aos olhos da Europa, de novo admirada, a guilhotina em permanencia na praça da Revolução. Depois sabe-se o que succedeu. Refugiram os mercenarios da realesa diante dos filhos da republica, e esses evangelisadores armados percorrendo a Europa, lançaram nos sulcos dos campos de batalha a semente da liberdade. Germinou, floresceu, fructificou ao sol do seculo XIX, e hoje os reis, vagueando exilados por toda a Europa, choram com lagrimas de sangue os erros de seus paes.

Contra a Europa colligada tomou a Convenção uma resolução heroica. A patria foi declarada em perigo, e o levantamento em massa decretado. Não era um recrutamento vulgar, era o chamamento ás armas d'um povo inteiro, geração por geração, para vir defender os seus lares e a liberdade. E a França ergueu-se toda, soltando um grito de entusiasmo, e a Europa recuou fascinada por este espectáculo sublime.

Esse recrutamento colossal reclamava novos esforços da parte dos colligados. A Hespanha invocou o perigo dos thronos, as alianças de familia, e conseguiu lançar uma nova potencia na guerra contra a republica. No dia 15 de julho de 1793 um tratado assignado em Madrid por D. Manoel Godoy, duque de Alcudia e futuro principe da Paz, e por D.

Diogo de Noronha, nosso embaixador junto da cõrte de Hespanha, obrigou Portugal a enviar ao exercito dos Pyrenéos uma divisão auxiliar.

No dia 20 de setembro uma esquadilha, composta de tres naus, *Medusa*, *Bom Successo* e *S. Sebastião*, e d'uma fragata *Venus*, esquadilha commandada pelo chefe de divisão Pedro Mariz de Sousa Sarmiento, saio da foz do Tejo, escoltando quatorze navios de transporte onde ía embarcada a divisão expedicionaria debaixo do commando do tenente general João Forbes Skellater.

Era essa divisão de cinco mil e quatrocentos homens, e de vinte e duas bocas de fogo. Levava seis regimentos de infantaria, e oito companhias de artilheria. Eram aquelles o regimento de Peniche, o de Freire de Andrade, o de Cascaes, o 1.^o e o 2.^o do Porto, e o 1.^o de Olivença. Estes seis regimentos formavam duas brigadas de fusileiros commandadas pelos marechaes de campo D. João Corrêa de Sá, e José Corrêa de Mello. Uma terceira brigada formada pelas doze companhias de granadeiros (cada regimento tinha duas) devia ser commandada pelo coronel Gomes Freire de Andrade.

Dois marechaes de campo, D. Antonio de Noronha, e D. Francisco Xavier de Noronha, íam como generaes subalternos. Era ajudante general (ou chefe de estado maior) o conde de Assumar, e quartel mestre general o coronel de engenheiros José de Moraes d'Antas Machado.

Numerosos voluntarios nobres, estrangeiros, portuguezes e francezes emigrados acompanhavam a expedição. Foi n'essa qualidade que n'ella tomaram parte o duque de Northumberland, o principe de Montmorency, e o marquez de Niza.

Foi triste a viagem da esquadra. Ventos ponteiros, tempestades, doenças a bordo a fizeram prolongada e fatigadora. Saídos de Portugal a 20 de setembro só a 9 de novembro desembarcaram os nossos soldados em Rosas, na Catalunha, n'um estado miserando. Ahi estabeleceram um acampamento junto da praça á espera que o general Ricardos lhes dêsse destino. As intemperies da estação invernosa augmentaram as miserias da divisão expedicionaria, e essas tropas frescas chegaram ao acampamento hespanhol no dia 25 e 26 de novembro, tão fatigadas como se tivessem terminado uma guerra desastrosa. Isso não as impedio, comtudo, de mostrarem o mais brilhante valor.

No dia 25 de novembro de 1793 chovia agua a cantaros. Corria o Tech torrentuoso e sombrio. Com o estampido do trovão confundia-se o rugido da artilheria que trovejava desde pela manhã. A ponte monumental de Ceret desenhava na atmospherá nebulosa a curva arrojada, que os relampagos do céu e o fusilar dos canhões lambiam de quando em quando com as suas linguas de fogo livido. A pobre cidadinha, muda e aterrada, esperava que se decidisse o duello travado entre as forças francezas e hespanho-

las que disputavam a posse dos reductos, que lhes erriçavam as penedias dos arredores. Era essa ponte de Ceret a comunicação do acampamento do exercito hespanhol com a sua patria; todas as outras communicações estavam interceptadas pela inundação. Por isso o velho e incansavel general Dagobert se obstinava em cortal-a, por isso o general conde de la Union se obstinava em repellir os ataques dos republicanos.

O dia estava triste, e esse tiroteio de artilheria, sem despertar a actividade dos soldados, sem lhes exaltar o animo com a perspectiva da batalha, não fazia senão carregar de mais lugubres sombras o quadro funebre d'um inverno passado longe dos lares, no meio dos horrores da guerra e da intemprie das estações. Os soldados hespanhoes sentiam o desalento, e o cançasso; não os inebriava o entusiasmo da liberdade, a defesa da patria ameaçada, o orgulho de luctarem com a Europa inteira, como succedia a esses heroicos recrutas que tinham na sua frente. Estavam ali simplesmente cumprindo um dever, sem perceberem mesmo a causa que defendiam, e esse dever militar, cumprido á risca, era tão mal recompensado pelo descuidoso governo de Madrid, deixando-os privados de objectos de primeira necessidade, que estes tristes quadros de guerra invernall, fria, lugubre e mortifera, entenebreciam-lhes o espirito, e minguavam-lhes a coragem.

Apesar da chuva, o conde de la Union, inquieto

pela responsabilidade do seu commando, conservava-se a cavallo, envolto n'uma capa, n'uma eminencia d'onde podia ver uns vinte atiradores catalães, avançando, a abrigo dos accidentes do terreno, contra uma pequena columna franceza, que parecia querer praticar um reconhecimento. Alguns officiaes do seu estado-maior rodeiavam-no, tremendo de frio nos selins dos seus cavallo, que abaixavam tristemente as orelhas debaixo da chuva gélida que lhes escorria do lustroso pello. A tarde ia declinando, e a escuridão invernosa, cerrando-se mais e mais, annunciava a approximação da noite. N'isto apparece um ajudante de campo vindo a todo o galope do lado de Hespanha, sofreia a dois passos do general o cavallo que, animado pela corrida, e não podendo continuar-a, se empinava tentando resistir á mão firme do joven official hespanhol, e, inclinando-se ao ouvido do conde de la Union, depois de o cortejar tirando o chapéo, diz-lhe duas palavras em voz baixa. Logo a physionomia do general hespanhol se desenruga, levanta a cabeça como que reanimado, e, voltando-se para os officiaes do seu estado-maior, diz-lhes, com um sorriso:

— Meus senhores, grande nova! Chega hoje a Ceret a vanguarda da divisão auxiliar portugueza, que ha tanto tempo nos estavam annunciando de balde.

— Comtanto que a tal divisão auxiliar se não desfaça em fumo, como todos os outros soccorros

que os ministros de Sua Magestade não cessam de dizer, que nos enviam, — acudio a meia voz um dos seus ajudantes. Parece que as neves dos Pyrenéos tem a singular propriedade de derreter homens, cavallos, e munições que o senhor duque de Alcudia nos está enviando a cada passo.

Os outros officiaes sorriram-se, mas o conde de la Union, que ouvira, voltando-se severamente para o seu ajudante, disse-lhe com emphase:

— Outra propriedade tem as neves dos Pyrenéos, e é cederem debaixo dos pés dos hespanhoes que retrogradam, e sepultarem-nos, assim que lhes entra no espirito a idéa da fuga. Não precisamos de homens nem de cavallos; munições temos as do inimigo. Se folguei com a chegada da divisão portugueza, foi porque muito me lisongeou o ter que fazer as honras do campo de batalha a uma nação alliada e amiga. E espero que a artilheria dos nossos vizinhos sirva apenas para celebrar as exequias da republica franceza.

Esta fanfarronada fez emmudecer os ajudantes sem lhes inspirar, segundo parecia, uma profunda convicção.

O general, depois de fechar com a palma da mão os tubos do oculo com que observava a retirada da columna franceza, deu ordem de cessar o fogo, e de entrarem as tropas nos quartéis; recebeu as participações dos chefes subalternos, que voltavam a galope de todos os pontos fortificados, o brigadeiro D.

Gregorio de la Cuesta (o mesmo que depois se havia de deixar bater tantas vezes, á testa dos exercitos da Hespanha revolucionada, pelos generaes de Napoleão), o coronel do regimento de Sevilha, conde de Xevans, o sargento mór dos granadeiros de Castella D. Juan Obregoso, o sargento-mór de infantaria de Hespanha D. Luiz de Aragon, e rodeiado por elles e por um brilhante estado-maior de ajudantes de campo, dirigiu-se caminho da Catalunha ao encontro das columnas portuguezas.

Não teriam andado duzentos passos quando avistaram ao longe um outro grupo de officiaes-generaes. Hespanhoes e portuguezes metteram a galope, conservando-se d'um e d'outro lado os estados-maiores alguns passos á rectaguarda dos generaes em chefe, e, quando se encontraram, o conde de la Union apertou cordialmente a mão a um velhinho, esperto e activo, de nariz proeminente e um tanto grosso na extremidade, barba levemente revirada, labios delgados, olhos vivos e ainda ardentes, fronte espaçosa, que montava a cavallo, senão com a firmeza, ao menos com a elegancia d'um rapaz de vinte annos.

— Por ordem que no acampamento de Rosas recebi do general commandante em chefe do exercito do Roussillon, o excellentissimo senhor D. Antonio Ricardos Carrillo, disse o recém-chegado depois de trocados os primeiros cumprimentos, venho pôr á disposição de v. ex.^a, senhor conde, a divisão

auxiliar portugueza, á excepção do primeiro regimento do Porto, que, por ordem do mesmo senhor, foi destinado a embarcar na expedição marítima projectada contra Banyuls. Trago comigo quatro regimentos, que chegam extenuados da marcha pelas montanhas, e repassados pelas chuvas; outro regimento, o de Peniche, deve chegar hoje ou amanhã. Queira v. ex.^a collocar-nos sempre na vanguarda, e verá que os meus soldados saberão merecer desde já a confiança do seu chefe.

— É tradicional em Hespanha, senhor tenente-general, acudio cortezmente o conde de la Union, o valor dos portuguezes. Como inimigos e como aliados os respeitámos sempre. Teve de bom a revolução franceza o ensinar povos irmãos a olvidarem as suas rivalidades para se reunirem contra esses monstros inimigos dos thronos, dos altares e da humanidade. E para lhe provar, senhor general Forbes, a confiança que deposito nas tropas do commando de v. ex.^a, já hoje as empregarei n'um ataque ás linhas francezas, que me foi ordenadoprehender esta noite, se por acaso, acrescentou o conde, não vem os seus regimentos de tal modo fatigados que não possam tomar parte nesta expedição.

— Estão promptos sempre os regimentos portuguezes para entrarem em fogo, acudio o velhinho, um pouco seccamente; porque não deixára de se es-

pantar d'essa entrada repentina em campanha sem lhe conceder um momento de descanso.

Depois veio a apresentação reciproca dos chefes portuguezes e hespanhoes. A todos os generaes da divisão auxiliar achou o conde de la Union alguma palavra agradavel que dirigir, comprimentando uns pela sua gloria pessoal, outros pela dos seus antepassados. Quando saiu d'entre o grupo que rodeiava o general Forbes um moço official de trinta e quatro ou de trinta e cinco annos, de altivo e ao mesmo tempo melancolico semblante, respirando energia intelligente, o velho general apresentou-o ao conde, dizendo apenas, mas n'um tom que mostrava profunda consideração pelo apresentado:

— O senhor coronel Gomes Freire de Andrade.

— Ah! disse o conde de la Union estendendo cordealmente a mão a Gomes Freire, o nosso heroe de Oczakoff. Bem vindo seja. Andou em boa escola, e ensinará aos nossos soldados como se sóbe a um assalto. É v. s.^a um verdadeiro cruzado. Vem de combater os Turcos e passa a combater os atheus.

Gomes Freire cortejou, sorrindo-se.

Acabavam de se trocar estas poucas palavras, quando assomou ao longe a vanguarda do regimento de Olivença, que tinha sido precedido pelos generaes para comprimentarem mais depressa o commandante hespanhol. Os dois estados-maiores afastaram-se, e o conde de la Union, tendo ao seu lado o general Forbes, viu desfilar com evidentes mostras de satis-

fação esses quatro magníficos regimentos, que deviam d'ahi a poucas horas receber o baptismo do fogo.

Effectivamente n'essa mesma noite saíam do acampamento hespanhol tres columnas, em cuja vanguarda marchavam o segundo regimento do Porto, o primeiro de Olivença, e algumas forças dos regimentos de Cascaes e Freire de Andrade. Extenuados, tremendo de frio, desejosos de repouso, os soldados portuguezes entraram em linha sem um murmurio. A inundaçáo das planicies e as torrentes transbordadas impediram que a expedição se realizasse. Regressaram as tropas de madrugada, mas, ainda mal tinham cerrado os olhos os soldados rendidos de fadiga, quando as cornetas, tocando por toda a parte a assembléa, os despertaram em sobresalto. Ás sete horas da manhã rompia o fogo em toda a linha, atacada com impetuosidade pelo inimigo. Corre o acampamento ás armas; os hespanhoes surprehendidos pelo inesperado e vigoroso ataque, os portuguezes, além de surprehendidos, semi-mortos de cançasso, como quem havia dois dias que só marchava e peléjava, depois de breve combate abandonam uma grande parte das posições. Pareciam os francezes querer fulminar de vez no primeiro encontro os soldados dessa vetusta realeza occidental, que ousava ir profanar o territorio da sua juvenil republica. Dagobert, o velho guerreiro cuja senectude se retemperára no fogo da liberdade, queria mostrar ao

seu collega em annos adiantados, o venerando Forbes, como sabe domar as fraquezas do ultimo quartel da vida a energia dos defensores d'uma causa santa. Não precisava da lição o commandante da divisão portugueza, e n'esse mesmo dia lhe demonstrou que os brios militares, e o sentimento do dever bastam para dar á velhice o ardor da mocidade. Com effeito, recobrado da surpresa, o conde da Union fórma as tropas alliadas em columnas de ataque, e lança-as contra os reductos republicanos. Estavam excitadas igualmente as paixões de tres povos rivaes; combatiam os portuguezes ao lado e á vista dos seus velhos inimigos, queriam os francezes mostrar aos seus novos adversarios o quanto valiam as suas heroicas recrutas. Foi longa e mortifera a peleja; mas depois de seis horas de combate violentissimo as tropas republicanas desampararam as baterias, e o regimento de Peniche, vindo a marchas forçadas tomar parte na batalha, escutava ao entrar em linha os ultimos eccos dos tiros, e via, atravez da cortina densa de fumo que lentamente se rarefazia, os seus companheiros de armas tomando, depois de dois dias de fadigas, o primeiro descanso nas plataformas dos canhões inimigos conquistados.

Livre do receio de perder as suas communicções, Ricardos ordenou ao general Courten que marchasse sobre Villelongue. Para cobrir o movimento teve ordem o general barão de Kesel de chamar para outro ponto a attenção do inimigo. Essa diver-

são operou-a elle á testa de seis mil homens, em cujo numero entravam dois regimentos portuguezes. Tres regimentos da divisão figuraram ás ordens do general Courten no ataque e tomada de Villelongue, de La Roca, e de Saint-Genis. Pouco depois caíam em poder dos hespanhoes Banyuls e Argéles. O exercito republicano retirava sem cessar.

Para coroar dignamente a campanha restava conquistar as posições importantes de Port-Vendres, Saint-Elne, e Collioure. Foi encarregado da expedição o general D. Gregario de la Cuesta. Um regimento portuguez fazia parte do corpo d'assedio. Era o regimento de Olivença.

Como o nosso principal heroe pertence a este regimento, seguiremos as operações do exercito sitiante de preferencia ás do resto da divisão portugueza, cujo quartel general se estabelecera em Ceret.

Formam Port-Vendres, Saint-Elne, e Collioure uma linha não interrompida de fortificações no litoral. Aproveitando a desordem e desanimação dos republicanos, D. Gregorio de la Cuesta investe-as com energia. No dia 20 de dezembro Port-Vendres é tomada de assalto, retiram os francezes para Saint-Elne, seguem-nos as tropas alliadas. A chuva caindo em torrentes não lhes affrouxa a resolução; não hesitam sequer diante das baterias de Saint-Elne, quebram as correntes da ponte levadiça d'este forte, expulsam os francezes, viram contra Collioure os

canhões do forte conquistado, e o general Solano intima o governador d'este ultimo refugio dos republicanos para lhe entregar a praça. Hesita o governador na resposta, mas uma agitação immensa reina na cidade. A divisão Delattre, que n'esse dia soffrera duas derrotas consecutivas em Port-Vendres e em Saint-Elne, estava inteiramente desorganizada; os jacobinos fugiam ou escondiam-se, o povo irritado pelo despotismo dos clubs que tinham organizado o terror ali como em toda a parte, reagia violentamente, assassinava os *sans culottes*, e ameaçava o governador de abrir as portas aos hespanhoes, se não capitulasse immediatamente.

Sobreviera a noite, noite escura e tormentosa. O mar bramia no seio das trevas, e quebrava nos rochedos com furia. Por entre o negrume via-se alvejar a crista das vagas empinadas, que balouçavam os navios fundeados no porto. A chuva caía em torrentes. Os relampagos de quando em quando sulcavam as sombras com o seu fulgor livido, e entre-mostravam o Mediterraneo espumante, a cidade aterrada, e as longas fileiras dos regimentos hespanhoes estreitando Collioure n'um cinto de bayonetas. A artilheria emmudecera. Mas o estrondo do trovão, o rugido das vagas, e o bramir selvagem da plebe amotinada enchiam de lugubres pavores o silencio triste d'essa noite invernal.

Subito um clarão immenso espanca as trevas e illumina esse quadro terrivel. Surge do seio da es-

curidão o castello de Saint-Elne erriçado de canhões, a cidadinha de Collioure espraiaando-se á beira do Mediterraneo com os seus caes onde negrejava a multidão alvorotada, com a sua cortina de fortes, onde alguns artilheiros republicanos, tristes e desanimados, velavam junto dos canhões adormecidos. O mar apresenta-se no seu horrído aspecto, furioso, verde-negro, e espumeo. Scintillam milhares de bayonetas a essa luz immensa e vacillante, mas as trevas repellidas formam em torno d'este circulo de esplendor uma muralha de ébano.

E esse clarão caminha, caminha, açoutado pelo vento e pela chuva, espargindo em torno de si feixes de scintellas que vão pairar, alcyons de fogo, sobre a espuma das vagas. Um grito immenso de horror sáe da cidade sitiada. E a luz avança immensa e oscillante, projectando, no chão alagado, as sombras collossaes dos regimentos, e illuminando plenamente as muralhas de Collioure.

Tres batalhões, descendo do forte de Saint-Elne, ameaçavam com os horrores do incendio a cidade cercada. Cada soldado levava um facho, e essas tres espiraes de chammas, que incendiam as bayonetas, davam a esse quadro pavoroso um sinistro relevo.

Tinha um não sei que de theatral este systema de ataque, mas produziu o effeito desejado. Atterrados por semelhante manifestação os republicanos abriram as portas da cidade, e constituiram-se prisioneiros. Quando rompeu a alvorada do dia 21 de dezembro,

a tibia luz d'essa manhã de inverno illuminou os leões de Castella, tremulando ao vento nos fortes de Collioure.

.

D'ahi a oito dias, n'uma das salas dos aposentos do principe real no palacio incompleto da Ajuda, um moço de vinte e seis annos, de physionomia mais bondosa que intelligente, e mesmo assim mais intelligente do que energica, com o labio inferior caído quasi até a barba, dava affectuosamente a mão a beijar a um sujeito grave que vestia rigorosamente á côrte.

— Então boas novas temos do nosso exercito do Russilhão, dizia o mais novo d'estes personagens. Diga-m'as depressa, senhor Sousa Coutinho, que desejo ir já communicar-as a minha augusta mãe. Não poupemos as alegrias áquelle pobre espirito que vae cada vez mais immergindo-se nas trevas.

— Boas novas lhe levará Vossa Alteza, respondeu o ministro da guerra, Luiz Pinto de Sousa Coutinho. A bandeira dos republicanos foi derrubada em Villelongue, em Argéles, em Port-Vendres, em Saint-Elne, em Collioure. A 21 de dezembro os francezes retiravam em desordem para a retaguarda de Tet. As tropas alliadas entravam em quartéis de inverno. A campanha de 1794 abrir-se-ha provavelmente com a tomada de Perpignan.

— E cerrar-se-ha com a tomada de Pariz, con-

cluiu o principe esfregando as mãos, e passeiando no aposento.

Sousa Coutinho conservou-se em respeitoso silencio.

— Ah! bom Ricardos! bom Ricardos, continuava o principe sem reparar na muda reprovação do seu ministro, se fossem como elle todos os generaes da colligação mais cedo se teria vingado a morte do santo martyr Luiz XVI! Mas d'esta vez levaram os jacobinos uma boa lição, e essa ephemera republica, vergonha da Europa, não tardará a desapparecer do mundo, desaffrontando os thronos que insulta.

N'isto bateram discretamente á porta do aposento, e um reposteiro entrou com uns despachos que entregou ao principe real.

Este abriu-os, e, assim que os percorreu com os olhos, espalhou-se-lhe uma nuvem no semblante.

Sousa Coutinho olhou para elle inquieto.

— Sempre vem alguma sombra turvar um horizonte sereno. Toulon caíu no poder dos republicanos.

— Toulon no poder dos republicanos! exclamou o ministro espantadissimo.

— A 19 de dezembro, exactamente quando os nossos bravos soldados derrotavam por toda a parte os francezes. A praça resistia e negaceava os sitiadores, quando um tenente ou um capitão de artilheria, ou não sei que, descobriu o ponto vulneravel, estabeleceu baterias, dirigiu as columnas

do ataque... enfim tomou Toulon... Um capitão de artilheria! Veja, Luiz Pinto, se estes republicanos não revolucionam tudo, até a arte militar! Um capitão de artilheria tomar uma praça defendida por generaes! O que diria o sr. principe de Lippe se ainda vivesse!

— E, se vossa alteza me consente esta indiscrição, tornou o ministro sorrindo-se, pode-se saber como se chama o Ulysses d'esta nova Troya?

— Não sei, disse o principe real com indifferença, e tornando a percorrer os despachos, um nome completamente desconhecido, um Corso, creio eu. Chama-se... chama-se... ah! Napoleão Buonaparte. Conhece?

— Não, meu senhor, respondeu o ministro rindo, não tenho a minima idéa de tal nome. Só confesso que é exquisito. Nunca vi no kalendario o nome de S. Napoleão.

— Nem eu. O certo é que me transtornou o dia, que eu esperava passar tão agradavelmente. Vou beijar a mão á rainha.

Foi esse o primeiro desgosto que Napoleão Buonaparte causou ao principe D. João, depois rei D. João VI. Como sabem, o Corso não parou em tão bom caminho.

II

La jeune captive de André Chénier

Voltemos agora um pouco atraz, afim de entrarmos finalmente no modesto episodio que temos abandonado para cedermos á fascinação, que sempre no nosso espirito exerce este grande quadro das guerras da Republica, e transportemo-nos á noite invernall, em que o regimento de Olivença, formando ao lado das tropas hespanholas, entrava, extenuado de dois combates successivos, nas ruas de Collioure. Como dissemos, reinava uma confusão indescriptivel; a entrada das tropas alliadas ainda augmentou essa confusão. D. Gregorio de la Cuesta ordenára a alguns dos regimentos hespanhoes que fossem tomar posse dos fortes, e, fiel ao systema dos nossos alliados, que consistia em sobrecarregar de serviço as forças portuguezas, deu ordem ao coronel Ernesto Frederico de Werna que fizesse com o seu regimento o serviço nocturno da pequena cidade de Collioure, distribuindo-o em fortes patrulhas para manterem a ordem nas ruas, contendo a população amotinada, e velando pela segurança do corpo de exercito.

Á testa de uma d'essas patrulhas, caminhava um joven alferes de granadeiros, rapaz alto, vestindo com elegancia a farda, mostrando no rosto moreno e sympathico a altivez bem natural n'um moço que supportou heroicamente durante quinze dias as provas do fogo em batalhas successivas, e relanceando para todos os lados os olhos vivos e intelligentes, com a curiosidade de quem subitamente se vê transportado do paiz sereno e pacato de Portugal para esse Vesuvio em plena erupção que se chamava França.

Fechavam-se as portas por onde quer que elles passavam; os habitantes, uns, jacobinos ferozes, temiam a punição dos excessos praticados, outros, opprimidos pelos sicarios da guilhotina, mas francezes de coração, não podiam ver de olhos enxutos o estrangeiro, pisando, vencedor e altivo, a terra sagrada da patria. Só alguns realistas exaltados, em cujo espirito os odios partidarios sobrelevavam ao patriotismo, corriam ao encontro das patrulhas, e, fundando-se na proclamação que o general Ricardos espalhára quando invadira a França, proclamação em que elle se annunciava como o defensor do throno de Luiz XVII, davam clamorosos vivas ás tropas alliadas, ao rei de Hespanha, e á rainha de Portugal. Devemos, comtudo, confessar que o joven alferes de granadeiros, em vez de acolher com agrado esses transfugas, desviava-se d'elles seccoamente, e aos seus calorosos protestos respondia com

um silencio desdenhoso, como se não entendesse a lingua franceza.

Comtudo, o incidente que vamos narrar mostrou que não era real essa ignorancia.

Um official republicano appareceu na extremidade de uma rua, e, dirigindo-se ao encontro da patrulha, disse tranquillamente ao nosso compatriota :

— Senhor official, queira acceitar a minha espada. Segundo as condições da capitulação, assignada pelo general Delattre, as tropas da Republica, que defendiam Collioure, são prisioneiras do exercito hespanhol. Faço parte d'essas tropas, estou, por conseguinte, comprehendido na capitulação, e venho render-me.

— Senhor official, tornou cortezmente e em puro francez o alferes de granadeiros de Olivença, não faço prisioneiros depois da batalha. Da capitulação assignada só me constou que cessára o fogo, e que os nossos inimigos de ha pouco passavam a ser nossos irmãos. Portanto, se lhe apraz, entre na primeira casa que se lhe deparar, dispa o uniforme, vista um fato paisano, e vá caminho de Perpignan levar a noticia da capitulação de Collioure ao general Doppet. Se nos encontrarmos no campo da batalha, e se eu o poder fazer prisioneiro, continuou o alferes de Olivença rindo, creia que terei muito gosto em me aproveitar então da sua amavel companhia.

— Com a bréca! está enganado; já o não desamparo. Os homens de espirito são raros, e ser-se prisioneiro de um d'esses poucos é quasi tão agradavel como ser-se escravo de uma linda mulher, principalmente se essa linda mulher fôr Thereza Cabarrus, que está em Bordeus fazendo andar a cabeça á roda ao nosso proconsul Tallien. Mas, continuou o official republicano com uma seriedade commovida, creia que me tocou profundamente a sua delicada generosidade, mas por isso mesmo não devo acceital-a. Bati-me emquanto pude; se não cessasse o fogo, em virtude da capitulação, teria ficado estendido ali á porta da cidade com vinte dos meus camaradas. Devo supportar-lhe as consequencias rigorosas da mesma fórma que lhe acceitei os beneficios. Se o general Delattre seguisse o exemplo que deu o anno passado a todos os patriotas Beaurepaire, o glorioso defensor de Verdun, tel-o-hia imitado com jubilo, e morreria cantando a *Marselheza*. Não succedeu assim; parece um máo fado perseguir o exercito dos Pyrenéos Orientaes. Paciencia. Não procurarei esquivar-me á sorte que fere igualmente os meus companheiros d'armas. Vamos, meu caro inimigo, continue a sua patrulha triumphal, o seu prisioneiro o acompanha.

E, pondo a espada debaixo do braço, o official francez collocou-se ao lado do alferes de Olivença, e ambos continuaram a percorrer as ruas de Collioure, conversando tão amigavelmente, como se mo-

mentos antes não fossem capazes de rachar a cabeça um ao outro, se se encontrassem no campo da batalha.

Não tinham dado vinte passos e já se conheciam intimamente. Chamava-se o alferes portuguez Gaspar da Silveira e era bastardo do marquez de***. O official francez chamava-se Paulo Deschamps, e andava estudando jurisprudencia quando rebentou a revolução. Leitor mais assiduo de Voltaire e de Rousseau do que de Cujacio e de Bartholo, no dia 14 de julho fez a sua estreia de advogado, orando ás turbas como Camillo Desmoullins, debaixo dos castanheiros do Palais-Royal; e vendo que seu pae, membro dos mais fogosos do parlamento de Pariz, promotor da reunião dos Estados-Geraes, mas que ficára aterrado sentindo brotar uma revolução, um cataclysmo social, do sulco onde julgára apenas, quando muito, lançar as sementes de uma nova Fronça; como seu pae, dizemos nós, se mostrou muito pouco entusiasmado com a estreia de seu filho, Paulo Deschamps disse adeus definitivamente ao Foro, foi applaudir Mirabeau, a quem seu pae chamava *suppôt de Satan*, e, quando se fallou em guerra, sentou praça nas cohortes de Lafayette, correu ás fronteiras do norte, deixou o seu general emigrar, seguiu as phalanges de Dumouriez ás Ardennas, foi feito alferes em Valmy, levou uma bala em Jemmapes que o teve suspenso entre a vida e a morte o resto do anno de 92, quando soube em 93

dos perigos da republica, tornou, ainda mal curado, para o exercito do Rheno, foi feito capitão em Mougancia, enviado para a Vendéa, donde conseguiu, pelos muitos rogos que dirigira a Kléber, obter passagem para exercito que tivesse de combater estrangeiros, e chegára aos Pyrenéos-Orientaes a tempo de tomar parte nas derrotas que o habil Ricardos infligira aos republicanos.

Gaspar da Silveira ouviu com pasmo esta Iliada, de que não tinha a minima idéa. Elle entrára simplesmente como cadete no regimento de Olivença, na sua qualidade de bastardo de marquez obtivera a patente de alferes, como esperava obter a patente de capitão, e depois a de coronel, se Sua Magestade houvesse por bem conceder-lhe um regimento. Idéas politicas não as tinha; professava um respeito tradicional pela realeza, e estaria prompto a dar o seu sangue pela pobre Maria Antonieta prisioneira no Templo. Avaliava todos os republicanos pela bitola de Marat, e não ficou pouco espantado vendo um d'esses bebedores de sangue professar, juntamente com o maior desdem pelos thronos e o maior entusiasmo pela liberdade, a mais calorosa sympathia pelos infortunios dos reis de França.

Não pôde elle deixar de manifestar o seu espanto, e Paulo Deschamps respondeu-lhe com certa melancolia:

— Caia a reprovação da posteridade, meu caro

inimigo, sobre os vultos ignobeis que teem dado á Europa uma idéa falsa da nossa revolução, regeneradora da humanidade. Não! os verdadeiros republicanos odeiam esse Marat, coroado pelo populo, que tripudiava sobre o cadafalso, monstro cuja memoria sanguinosa maculará no futuro as paginas da nossa epopéa revolucionaria. Ah! se a Europa nos deixasse um momento de descanso, iriamos, todos os que luctamos com o estrangeiro, levando á nossa frente Jourdan, Hoche, Kléber e Marceau, derrubar a guilhotina infame. Não podemos; a patria ameaçada pelo despotismo reclama os nossos braços, e é necessario unirmo-nos todos em torno dos homens que representam a França, e que, ainda que estejam cheios de crimes, teem, pelo menos, energia bastante para comprimirem as facções, e decretarem a victoria. Venha a paz, possa resplandecer desaffrontada a luz da liberdade, e os Robespierres, os Collot-d'Herbois, os Couthon desaparecerão como aves nocturnas, como ignobeis morcegos assustados pelo seu esplendor.

Gaspar da Silveira olhava para elle estupefacto. No seu espirito, cheio de prevenções contra os revolucionarios, entrava a custo a convicção.

-- Não julga isto possivel? tornou Deschamps sorrindo-se; pois bem, quero dar-lhe uma prova de que nós, os filhos da liberdade, não somos todos algozes. O convento dos dominicos, transformado em cadeia, pelos ferozes emissarios da junta de salvação

publica, está atulhado de presos. Depois da capitulação os reaccionarios pensaram em assassinar os jacobinos, mas nenhum se lembrou de restituir a liberdade ás victimas do odioso systema, debaixo do qual geme a França. Preste-nos o unico serviço que nas circumstancias actuaes nos pôde prestar a invasão estrangeira; vá arrombar com a coronha das suas espingardas as portas das masmorras.

— Oh! vamos depressa, acudiu Gaspar com impetuosidade, mostre-me o caminho.

— Não pôde estar mais ancioso do que eu, tornou o official republicano. E, seguido pela patrulha portugueza, tomou o caminho da cadeia.

Era um vasto edificio sombrio e fundo. As janellas estavam illuminadas pelos presos, que, ebrios de alegria, acudiam ás grades pedindo que lhes abrissem as portas, e estendendo os braços para os parentes e amigos que da rua os saudavam com jubilo. Mas os carcereiros tinham fugido levando as chaves como ultima vingança, e as portas espessas resistiam aos impulsos da turba desprevenida. Ninguém se lembrára ainda, na perturbação em que estavam, ou talvez por um certo pundonor nacional, de ir chamar os soldados estrangeiros. Porém, quando a patrulha portugueza appareceu no extremo da rua, acolheram-na gritos de enthusiasmo. Gaspar e os seus soldados atravessavam por entre a multidão desvairada pela ventura, que lhes beijava as mãos. Paulo Deschamps afastou-se, melancolico. Indigna-

vam-no essas manifestações, e não tinha animo de as condemnar, lembrando-se que assim se expandia o amor, por tantos mezes angustiado, dos paes, das mães, das esposas, dos irmãos d'essas victimas da Convenção.

Ás primeiras coronhadas foram as portas dentro. Gaspar confiou a um sargento a missão de ir arrombar as portas dos carcerees interiores. Poucos minutos tinham decorrido quando se ouviu um clamor jubiloso encher a escadaria. Logo depois irrompeu a multidão dos presos, lividos, magros, e com o rosto banhado de lagrimas de jubilo. Foram recebidos nos braços de outra multidão que os esperava, e durante um largo espaço de tempo não se ouviram senão choros, perguntas que se cruzavam não esperando as respostas, acções de graças, um delirio de alegria. Gaspar contemplava enternecido este espectáculo, e agradecia a Deus o ter-lhe proporcionado ensejo de ser causa principal de tanta felicidade.

Então, lembrando-se do seu prisioneiro, e ainda não curado de todo das suas prevenções, voltou-se julgando ver no rosto de Paulo Deschamps a expressão de amarga ironia, que o seu semblante tomava, quando lhe acudia aos labios a palavra «aristocrata.»

Paulo tinha o rosto banhado de lagrimas.

— Oh! meu amigo, exclamou Gaspar, apertando-o nos braços, a sua alma é verdadeiramente nobre.

— Aproveite melhor os seus abraços, tornou Paulo Deschamps como que envergonhado de ter sido surprehendido n'esse accesso de commoção. Veja aquella pobre menina que desfallece se a não amparam.

Gaspar voltou-se vivamente. Um grupo de pessoas, que parecia formarem uma só familia, assomára á porta do convento transformado em prisão. Compunha-se de um homem de idade, de desempenada estatura, e de physionomia levemente desdenhosa, e de uma senhora tambem de idade, pallida e de cabellos brancos, que chorava de jubilo encostada ao braço do velho. A pobre menina, para quem Paulo chamára a attenção do alferes portuguez, essa era uma creatura adoravel. Teria dezoito annos quando muito, e desabrochava ao sol da vida, em todo o encanto da sua primavera. As lagrimas que derramára tinham-lhe desbotado a rosada côr das faces, mas a sua pallidez, que realçava o aveludado e a ternura melancolica dos seus grandes olhos azues escuros, ainda a fazia mais bella e interessante. A expressão quasi extatica da sua physionomia revelava o prazer ineffavel com que a pobre creança tornava a respirar a aragem da liberdade. Como Aimée de Coigny, a graciosa menina, immortalisada pelos versos de Chénier, esta «jeune captive» tambem havia de ter dito ao cadafalso que a ameaçava:

*O mort, tu peux attendre; éloigne, éloigne-toi,
Va consoler les coeurs que la honte, l'effroi,
Le pâle désespoir dévore.
Pour moi Palés encore a des asiles verts,
Les Amours des baisers, les Muses des concerts;
Je ne veux pas mourir encore.*

E a morte fugira da pallida flor, reanimada pelos orvalhos da aurora. E tanto foi o jubilo com que ella renasceu á vida, que mal pôde supportar tão inesperada alegria, e cairia desmaiada, se Gaspar da Silveira, avisado pela indicação levemente ironica de Paulo Deschamps, não corresse a amparal-a.

Já os dois velhos se tinham approximado com inquietação. Mas a alegria não mata. O deslumbramento passou rapidamente, e a gentil criança, abrindo os lindos olhos, e vendo-se amparada por um official estrangeiro, no qual instinctivamente reconheceu o homem que lhes abrira as portas do carcere, cedeu a um impeto de reconhecimento irreflectido, e, apertando-lhe docemente a mão, murmurou com uma voz, melodiosa como gemido de harpa éolia :

— *Oh! merci, merci.*

Depois córou, e afastou-se rapidamente d'elle ; mas este aperto de mão, e estas duas palavras tinham feito estremecer Gaspar da Silveira, quando elle não tinha estremecido, ouvindo pela primeira vez em Ceret o silvar das balas e o estrondo da artilharia.

Era já o amor ? Que triste aurora para amores essa tempestuosa noite!

III

O episodio de Herminia

Chamava-se Edmée de Montlac a joven presa, de quem Gaspar podia dizer como Chénier da sua meiga inspiradora :

*Blanche et douce colombe, aimable prisonnière,
Quel injuste ennemi te cache á la lumière?*

Com effeito, só os tigres da revolução podiam resistir a tanta belleza e a tanta innocencia. Mais immaculada victima nunca teria sido devorada pelo Minotauro ignobil da guilhotina. Nem um pretexto dava a doce creatura aos seus algozes para a encerrarem na masmorra. Educada no seio da opulencia, nunca fôra surda á voz da pobreza ; embalada com os preconceitos aristocraticos, o meigo instincto da sua alma de anjo fizera-lhe beber de preferencia o leite do Evangelho, ensinára-lhe que todos os homens são irmãos antes que essa verdade fosse proclamada nas salas das Tulherias pela voz bramidora da revolta. Não era seu pae assim ; o seu desenfreado orgulho de aristocrata, e de aristocrata da Gasconha, nem o terror conseguira domal-o. Obsti-

nara-se a ficar em França, julgando sempre ephemera a revolução; quando o cadafalso de Luiz XVI o fez mudar de idéas, preparou-se para a fuga, e homisiou-se em casa de um dos seus rendeiros, ou antes de um dos seus *vassallos*, como elle teimava em dizer, á espera de ensejo para sair de França. O lavrador gascão, bom homem, que adorava a duqueza de Montlac, e sua filha, mais em attenção a ellas do que ao fidalgo, que poucas sympathias lhe merecêra, foi a Collioure fretar a occultas um navio que conduziria a um porto da Catalunha a familia aristocratica. Presos, como suspeitos, nesta cidadinha, graças ás maneiras incorrigiveis do duque, os tres desgraçados havia dois mezes que esperavam a cada instante a morte, quando os salvou a intervenção de Gaspar da Silveira.

O duque de Montlac saio da cadeia como para lá entrára, orgulhoso, e fanfarrão. Foi esse o defeito constante de todas as aristocracias, e foi esse, principalmente, n'estas epocas nefastas, o defeito da aristocracia franceza. Vinte e um annos de exilio, de privações, de acontecimentos extraordinarios que transformaram completamente a face do mundo, nenhuma influencia exerceram n'aquelles espiritos frivolos. *Ils n'ont rien appris, ils n'ont rien oublié!* dizia creio que Talleyrand, quando em 1814 foi prestar as suas homenagens aos Bourbons restaurados. Assim era com effeito, e bem o demonstraram as inconse-

quencias com que essa raça predestinada á cegueira e ao infortunio provocou a explosão de 1830.

O duque de Montlac, apenas se viu livre, e protegido pelas bayonetas estrangeiras, foi estabelecer-se na casa melhor de Collioure, e começou, durante o periodo d'essa restauração ephemera, a tomar de novo ares de grande fidalgo, sem fazer caso do odio que a população lhe mostrava, e que não tardaria a fazer explosão, se as tropas hespanholas a não reprimissem. Descendente, por bastardia, de Henrique IV, facto que elle narrava com ufania, não herdára de seu illustre avô nem a bondade nem o fino tacto. Ia contraíndo loucamente com o povo dividas terriveis que os jacobinos homisiados juravam fazer-lhe pagar, assim que uma d'essas fluctuações, vulgares na guerra, obrigasse os hespanhoes a cederem, mais ou menos momentaneamente, a praça de Collioure aos republicanos.

Felizmente para o tresloucado duque, os exercitos haviam entrado em quarteis de inverno, e os hespanhoes, debaixo do commando do general Navarro, gosavam tranquillamente da sua nova conquista.

Sua filha affigia-se com estas loucuras, e dizia-lh'o. Gaspar da Silveira, que o fidalgo francez convidára para ir a sua casa, depois de se assegurar de que tinha nas veias sangue aristocratico, Gaspar da Silveira que formava um juizo mais sensato sobre a republica, depois das longas conversações que tivera com Paulo Deschamps, tambem o exhortava a não

ter demasiada confiança nas prosperidades eventuaes da guerra, mas o duque de Montlac sorria-se, e encolhia os hombros, respondendo :

— Qual! esta canalha jacobina leva-a Ricardos adiante de si. A campanha de 1795 ha-de ser um passeio militar até Paris. Hei-de acompanhal-os de carruagem porque o rheumatismo não me deixa montar a cavallo.

Era o que elles diziam desde 1792, foi o que disseram até 1814. Não os curaram nem as vinte campanhas victoriosas dos republicanos transformados depois em imperialistas, nem o tremular das bandeiras tricolores e das aguias napoleonicas em todas as capitães da Europa. Sempre que se abria uma nova campanha, os emigrados preparavam as suas bagagens para Paris; afinal tinham de aproveitar os preparativos para fugirem de Milão, Florença e Roma, se a campanha era a de Arcola e de Rívoli; de Veneza se era a do Tagliamento, de Napoles se era a de Civita-Castellana, de Vienna se era a de Austerlitz, de Berlin se era a de Iena, de Madrid se era a de Somo-Sierra.

Gaspar abanava a cabeça com tristeza e não respondia. Edmée olhava-o melancolica. Depois suspiravam ambos.

Porque? Porque ambos tinham um remorso. Porque nenhum d'elles ousava proferir a palavra «emigração» que era por fim de contas a unica resolução rasoavel.

E porque a não proferiam? Porque a emigração separava a fidalga fugitiva do official preso á sua bandeira pelos laços da honra militar, e, sem o terem dito um ao outro, ambos sabiam que a separação para elles seria o ultimo dos infortunios.

Não o tinham dito não, mas ambos o adivinhavam, porque entre elles já se estabelecera essa corrente magnetica do amor, que funde duas vontades n'uma só, que dá a dois espiritos as mesmas azas para se irem embalar n'um ceo de ignotas delicias. Amaram-se. Entre os horrores da guerra, entre o cataclysmo pavoroso d'um mundo que desabava em ruinas, tinham elles edificado um doce ninho, onde o seu amor, ainda implume, se abrigava e se aquentava. Rugia a procella, e elles não viam senão a ineffavel serenidade que dos olhos d'um se espelhava nos olhos do outro.

Fascinara-o a elle, além da belleza, o prestigio do infortunio; a ella não só a gentil presença e as elevadas qualidades de espirito e de coração que adornavam o joven official portuguez, mas tambem a aureola como que sobre-natural, com que lhe rodeiava a fronte a ingenua superstição da pobre creança que o encontrára, como que á beira do seu tumulo, a revocal-a á vida.

Contudo, Gaspar não ousava tomar a iniciativa de uma declaração; e assim ficariam, sem trocarem mais do que olhares carregados de effluvios magne-

ticos, e suspiros apaixonados, se os acontecimentos lhes não viessem cortar as irresoluções.

A campanha findára definitivamente: as armas republicanas haviam sido vencedoras em toda a parte, excepto no Roussillon. Ao norte as victorias de Jourdan, no Rheno as de Hoche, nos Alpes as de Kellermann, na Vendéa as de Marceau e Kléber haviam tirado a Republica do perigo maior que ella até ahí correrá. Lyão fôra tomada; Toulon caíra no poder do general Dugommier; graças á pericia de Bonaparte, as insurreições parciaes dos departamentos haviam sido ou aplacadas ou vencidas; nos Pyrenéos Occidentaes, sem ter havido resultados decisivos, pendera, comtudo, a balança um pouco para o lado dos francezes graças aos feitos de armas do general Moncey. Só nos Pyrenéos Orientaes o genio militar do general D. Antonio Ricardos Carrillo infligira aos republicanos as mais humilhantes derrotas. A campanha protrahira-se até aos fins de dezembro: era tempo de invernar; mas os francezes, desaffrontados em todas as fronteiras, haviam de querer tomar vingança dos desastres succedidos n'esta. Já fôra demittido o general Doppet, voltára o commando ás mãos senis, porém nada frouxas, do veterano Dagobert; o general Dugommier, o vencedor de Toulon, estava já em caminho para vir pôr-se á testa das phalanges desbaratadas; chegavam de todos os lados reforços. Os hespanhoes não podiam dormir á sombra

dos seus louros, e precisavam de vigilancia activissima se queriam passar tranquillamente o inverno.

Não havia que receiar pela direita; apoiada no mar, e na linha fortificada do littoral, era completamente inexpugnável. Mas a esquerda estava no ar, apoiando-se apenas nos entrincheiramentos de Ceret, de Boulon etc., expostos ás incursões das guerrilhas francezas, e dos destacamentos do seu exercito regular.

Segundo o costume constantemente adoptado pelos nossos alliados, foram as tropas portuguezas as sobre-carregadas com o serviço mais pesado. Á divisão auxiliar foi confiada a esquerda dos acantonamentos, e quando o general Forbes, vendo as suas tropas privadas durante o inverno todo dos commodos e do repouso que os hespanhoes gosavam, prostradas pelas fadigas de incessantes combates, pedia que as viessem render por algum tempo, dizia-se-lhe muito cortez e lisongeiramente que perigaria a segurança do exercito hespanhol, se as tropas portuguezas fossem por outras substituidas. Modo engenhoso de dourar a pilula com que o governo hespanhol ia illudindo os inexperientes, e economizando o sangue dos seus proprios soldados á custa da nação visinha.

Respirava, pois, com delicias, o nosso Gaspar da Silveira as primeiras fragrancias do seu amor suave e mysterioso, quando uma ordem subita, emanada

do quartel-general, veio encher-lhe de amargura o coração que nadava em jubilo.

O regimento de Olivença fazia parte, como vimos, das tropas que, debaixo do commando do general D. Gregorio de La Cuesta, haviam entrado triumphantes em Collioure. Esperava o nosso alferes que o seu regimento não recebesse outro destino, mas qual não foi o seu desgosto, quando o coronel Frederico de Werna, que era amigo da sua familia, lhe disse ter sido avisado pelo general Navarro para sair de Collioure, e ir reunir-se ao segundo regimento do Porto, afim de se acantonarem debaixo do commando dos generaes D. João Correia de Sá, e D. Antonio de Noronha, na villa de Peraldá e forte des Bains, a pouca distancia de Ceret.

Na tarde d'esse dia foi Gaspar da Silveira, segundo costumava, visitar o duque de Montlac. Encontrou todos reunidos na sala principal em torno do fogão acceso. O dia estava carregado e frio. Uma nebrina intensa desdobrava o seu véo sobre as casas de Collioure, que por entre ella se divisavam indistinctas, rasgando apenas aqui ou alem o campanario de alguma igreja as préguas do nevoeiro. O mar bramava, soturno, rolando as suas vagas fatigadas por entre o manto nebuloso.

O duque e a duqueza conversavam sobre o modo de liquidarem quanto podessem dos seus bens, emquanto as armas hespanholas lhes favoreciam essa operação. O duque teimava em não se apressar di-

zendo que de Paris se negociaria muito melhor. A duqueza dava o seu assentimento á theoria, mas achava-lhe difficuldades na pratica. Era melhor, dizia ella, aproveitar o que se tinha nas mãos. Terras seria difficil vendel-as, porque não appareceriam compradores, mas as mattas, por exemplo, podia-se conseguir, talvez, que o governo hespanhol as comprasse, e mandasse cortar, aproveitando a madeira para construcções navaes. Era isto o que se discutia entre os dois fidalgos. Entretanto Edmée mirava com olhar vago a chamma vermelha e alegre, que scintillava na moldura polida do fogão, e voltava depois os olhos distrahidos para a janella, d'onde se podia vêr o mar envolto em nevoeiro.

E este espectaculo triste ennublava a fronte limpida, mas pensativa, da gentil criança.

Entrou Gaspar. Vinha desfigurado. Havia tal desespero na vista de olhos que lançou a Edmée, que esta sentio um rebate de angustia no coração presago.

— Venho despedir-me, disse o joven official portuguez, depois de trocar os primeiros cumprimentos.

— Continua a campanha? perguntou o duque entre alegre e sobresaltado.

— Antes assim fosse! tornou tristemente Gaspar. Ao menos teria a esperanza d'uma bala, continuou elle em voz tão baixa, que parecia um murmurio. Mas Edmée ouviu-o; e acceso rubor lhe illuminou as faces pallidas.

— Então o que ha de novo? disse o duque.

— Muda de acantonamentos o regimento de Olivença; vamos para o lado de Ceret, acudio Gaspar com uma tristeza, que não deixava de ter o seu lado comico para quem ignorasse os motivos d'ella.

— Ah! ah! tornou o duque, e por tão pouco se afflige o nosso Gaspar! Entendo, alguma Venus de Collioure lhe captou o coração. Descance, homem; eu conheço Ceret, tenho até lá um solar, e posso-lhe dizer que são appetitosas as minhas vassallas.

Gaspar lançou primeiro a elle, e depois a Edmée um olhar cheio de desespero.

Os olhos de Edmée estavam humidos das lagrimas reprimidas. Percebendo que não podia conter a sua dôr, levantou-se e saio da sala.

Gaspar levantou-se tambem irreflectidamente como que para a seguir. Reteve-o um olhar de Edmée. O duque ria como um perdido.

Não se demorou muito mais o joven alferes. Edmée fugira-lhe. Não podendo vel-a, queria escrever-lhe ao menos. Tardava-lhe estar só.

A noite sobreviera entretanto, ou antes um crepusculo sombrio em que a nevoa se ia tingindo cada vez mais de negro. Gaspar despedio-se, e saio.

Ia triste, profundamente triste. Ainda se não tinham accendido as luzes. Estavam mergulhados em trevas os quartos que atravessava.

Subito sente pousar-lhe no braço mão fina e tre-

mula, e uma voz doce e tímida murmurar-lhe ao ouvido:

— Gaspar!

— Edmée, torna elle num impeto de douda alegria, e deixando irromper de subito a paixão por muito tempo reprimida, anjo, tu aqui! Oh! eu tinhá um presentimento que me não deixarias assim partir, cheio de desespero, e louco de dôr! Não sei que ignota fragrancia me denunciou a tua presença, sulcaram-se de luz as trevas do aposento, e eu... insano! não adivinhei que eras tu.

— Sim, sou eu, disse Edmée com voz sumida, mas oh! por Deus lhe peço, contenha-se. Commetti uma injustificada imprudencia; não me faça arrependen d'ella.

— Imprudencia, Edmée! É imprudente o anjo que vem com a ponta da aza branca inundar de esplendor a fronte humilde do misero mortal? Não! é divino, é misericordioso como Deus, bom como elle, digno de ser adorado de joelhos, como os archanjos seus irmãos, como o louro Jesus, como a sagrada Virgem.

— Oh! sim, sei que me ama, tornou Edmée com uma expressão de jubilo infinito, disseram-m'o os seus olhos, disse-m'o ainda mais o seu silencio. E eu...

— E tu? tornou elle suspenso.

— Amo-te! balbuciou ella.

Ouvio-se um murmurio doce, um como que roçar das azas de dois seraphins amantes encontran-

do-se presos entre os labios de dois entes mortaes, que da plumagem etherea colhem n'esse rapido momento a essencia divinal.

— Gaspar! disse ella balbuciante, e meu pae que póde vir e os criados! Jesus que loucura fiz! Mas olha, querido, nestes tempos fataes quem póde contar com o dia de amanhã? Quem sabe do futuro? Por isso vim esperar-te e dizer-te: «Amas-me, e eu amo-te!» Para que a morte não venha surprehender-nos antes que um laço eterno nos ligue, toma o talisman que estabelecerá entre nossas almas uma ineffavel communicação.

E, soltando as tranças rescendentes e ondeadas, inundou com ellas e com o perfume inebriante que exhalavam o rosto de Gaspar, e quando elle, doudo de prazer immenso, lh'as beijava num extasi d'amor, ella cortou de subito um dos loucos anneis que volitavam em torno do rosto do nosso alferes, entontecendo-o com os seus effluvios magneticos, e deixando-lh'o nas mãos, fugio dizendo:

— Ver-me-has antes de quinze dias! Amor e esperança!

D'ahi a quinze dias passeiava na praça de Ceret o alferes de Olivença, e o capitão republicano Paulo Deschamps.

Gaspar estava de máo humer.

— Com generaes assim á testa das tropas colligadas, dizia elle, não admira que os seus recrutas nos derrotem. Veja, vae Ricardos para Madrid. Fi-

ca interinamente commandando o marquez de Las Amarillas. Tem na sua frente um exercito reforçado; sabe que, estando apaziguadas, como estão, as revoltas intestinas, voltará contra nós a Republica as suas tropas disponiveis. Pois bem! em vez de concentrar o exercito e de o reunir em torno de uma posição forte, dissemina-o desta maneira, expondo-nos a uma derrota vergonhosa!

— E essa posição forte devia ser Collioure, respondia Paulo Deschamps com seriedade comica.

Gaspar corou.

— Ou outra qualquer, respondeu elle balbuciando.

— Nada! Collioure unicamente, tornava Deschamps com gravidade. O quartel-general em casa do cidadão, quero dizer do duque de Montlac.

— Cidadão! Ahi vem as utopias sanguinarias d'uma falsa igualdade, bradava Gaspar exasperado e aproveitando ao mesmo tempo o pretexto para mudar de palestra. O nivel atroz da guilhotina, para decepar as fronteiras que se elevem acima do vulgar.

— E com que direito se elevam ellas acima do vulgar? tornava tranquillamente o republicano.

— Com o direito, que uma longa illustração de seculos lhes dá, com o direito que os seus antepassados compraram nobremente derramando o seu sangue pela patria.

— Ta, ta, ta! e os nossos antepassados não derramaram tambem o seu sangue pela patria? Cuida que

em Fontenoy, em Almanza, em Lens, não havia senão coroneis e generaes?

— Mas tinham os chefes a illustração do talento.

— De que os seus descendentes se aproveitam mais do que elles, porque, segundo a sua theoria, devem ser nobres os bisnetos de Jourdan, e de Kléber, enquanto os vencedores de Watignies, e de Savenay não passam de ser uns miseros plebeus.

— Em todo o caso, meu amigo, a igualdade é um dogma absurdo.

— Que o meu amigo invocará um dia, quando em vez de olhar para baixo, levantar os olhos aos que lhe estão acima.

— Eu! como?

— Supponha, por exemplo, que se namora d'uma filha dos Braganças. Julga que lh'a dariam por esposa?

— Não, de certo; oppunham-se a isso rasões de Estado.

— Mas supponha ainda que os Braganças não estão sentados no throno.

— Oh! então, acudio Gaspar, levantando a cabeça com orgulho, nas veias de muitos fidalgos corre sangue tão nobre como o dos descendentes de D. João I.

— És verdadeiro peninsular, tornou Paulo com um sorriso em que havia uma ironia amarga; e a barra da bastardia?

Gaspar corou.

— Bragança de bastardos descende.

— Ah! sim?

— E de bastardo de bastardo. O primeiro duque de Bragança era filho natural de D. João I, de D. João I que era filho natural de D. Pedro I.

— O que é não saber de genealogias! E ha quanto tempo succederam essas cousas?

— Ha quatro seculos.

— Onde isso vae! Nada sei de nobrezas, mas creio que os cidadãos fidalgos veneram o sangue azul como se venera o vinho; quanto mais velho melhor. Aos pergaminhos deve succeder o que succede ás garrafas, virem cheios de teias de aranha. Essas antigas bastardias são as teias de aranha genealogicas.

Gaspar da Silveira tomou o partido de se rir. Mas esse riso, um tanto forçado, transformou-se n'uma expressão de jubiloso espanto, ao ver sobre o arco arrojado da ponte monumental de Ceret passar uma berlinda de viagem, parar á porta de uma casa de nobre apparencia onde estivera, em tempo, o quartel-general do conde da União, e apeiarem-se o duque de Montlac, a duqueza, e Edmée.

Paulo Deschamps seguiu a direcção do olhar do joven alferes e sorriu-se.

— *Et vera incessu patuit dea*, disse elle. Adeus! Eclipso-me detraz da sombra de Edmée. *Bonne Chance!*

.....
Leram a *Jerusalem Libertada* de Tasso? Lem-

bram-se d'aquella doce figura de Herminia, que resplende, com luz tão suave, entre a formosa galeria de vultos femininos que o poeta de Sorrento legou á posteridade? Um dia, recordam-se, Herminia, saindo de Jerusalem sitiada, dirigia ao acaso os seus passos, fugindo da brava peleja que se feria em torno dos muros da cidade santa. Deparou-se-lhe um bosque ameno e aprazivel; ouviam-se ao longe os clamores dos guerreiros, o estrondo das maquinas bellicas, o alluir das torres, o estridor das armas. Herminia entrou no bosque, pallida de susto, offegante de cansasso. Um anjo invisivel conduzio-a á beira de um regato limpido, onde fluctuava a ondeante imagem do arvoredó. Ali, um velho pastor, rodeiado d'uma familia tranquilla e feliz, apascentava o seu rebanho, entoava na sua frauta doces canções de paz e de amor, e vivia ignorante das discordias que as paixões sanguinosas accendiam entre os humanos, em torno d'esse eremiterio suavissimo. Não chegava ali nem um ecco das batalhas; ouvia-se apenas o murmurio das folhas onde suspirava a brisa, o palrar dos arroyos com as pedrinhas do seu leito e o canto do *bulbul*, esse rouxinol do Oriente, desfiando as perolas dos seus gorgeios no meio da serena transparencia d'uma noite de primavera.

Pois essa casa de Ceret, a cuja porta vimos apeiar-se a familia de Montlac, foi o bosque dos pastores encontrado por Herminia. Durante os primeiros mezes de 1794 ali habitou a paz, o amor, em-

quanto por esses arredores a guerra continuava a sacudir o facho avermelhado. Foi um paraíso ás portas do inferno. Quando Gaspar da Silveira, furtando-se ás fadigas da vida do acampamento, voltando das innumeradas escaramuças, em que as tropas francezas tiveram sempre de sobresalto as forças alliadas e principalmente a divisão auxiliar, via desenhar-se na atmospheria a curva da ponte e avultar depois a casinha branca e n'uma das janellas assomar um vulto ancioso e conhecido!... oh! pulsava-lhe com jubilo o coração; perspectivas risonhas, illuminadas pelo roseo fulgor da phantasia, vinham substituir os quadros tristes d'essa guerra ingloria e lugubre em que todos os dias aventurava a existencia, quando sobre essa existencia tinham caído, com o amor de Edmée, todas as benções do céo.

Não se podiam vêr a miudo, porque havia distancia de leguas entre Ceret e Peraldá; mas quantas vezes Gaspar da Silveira, depois de ter perdido a noite nos pontos ameaçados ou em expedições contra os guerrilhas, depois de voltar aos arraiaes, tomava uma ou duas horas de descanso, montava a cavallo, devorava o caminho que o separava de Ceret, chegava á quinta do duque, e fazia um signal convencional. Depois entrava na villa, e ali estava até ao anoitecer. Logo voltava, embrulhado n'uma capa; via accenderem-se as luzes na casa de campo, por diante dos vidros via passar e tornar a passar uma sombra esbelta, que elle seguia com os olhos radiantes

de amor e de esperança, depois, uma outra luz incendiava de subito os vidros de uma janellinha do segundo andar: era esse o fanal de Hero, o doce revelador de que se approximava a hora da entrevista. Edmée recolhia-se ao seu quarto, e logo depois, descendo pé ante pé a escada, vinha á pequena porta, onde Gaspar já estava, batendo-lhe o coração com violencia. Depois...

Para que tentar, pela millessima vez, reproduzir em palavras humanas esse dulcissimo poema do amor, a que só alguns genios privilegiados tem sabido conservar o perfume impalpavel, a vaga melodia, poema que se resume em dois versos de *Julieta e Romeu*, n'uma estrophe do *Lago* de Lamartine, e n'aquelle canto sublime das *Folhas de Outono*, que principia :

Hier la nuit d'été qui nous prêtait ses voiles?

Não, não o profanaremos nós tentando exprimir-o. Murmúrios abafados, longos silencios, extasis do céo, fragancias e esplendores que perfunavam e illuminavam essa noite de inverno, tudo isso... advinhe-o quem ler.

Quando o alvor da manhã listrava debilmente o horisonte, quando a ave temida de Romeu fazia ouvir o seu grito agudo, que debalde Edmée, como Julieta, queria suppôr que era o canto do rouxinol, apartavam-se um do outro com lagrimas e beijos.

Gaspar tornava a montar a cavallo, galgava os longos valles do Roussillon, como o cavalleiro phantastico de Bürger, e chegava muitas vezes ainda a tempo de tomar parte na expedição.

Assim correram janeiro, fevereiro e março; com os primeiros dias de abril, com os primeiros bafejos da primavera, com as primeiras brisas revivificadoras da natureza veio a desgraça cair sobre os descuidosos namorados. Quando revivem as flores, que fatal destino murchava aquelle amor tão fresco e juvenil?

IV

Edmée de Montlac

Abrio-se debaixo de tristissimos auspicios a campanha de 1794. Fallecera a 13 de Março, em Madrid, o habil general Ricardos; fôra nomeado, para o substituir, o general O'Reilly, mas morrera no caminho. E, entretanto, continuava no commando interino do exercito dos Pyrenéos Occidentaes o marquez de Las Amarillas, cuja capacidade era muitissimo inferior a tão pesado encargo.

Nos principios de abril recommçou a campanha; o marquez de Las Amarillas deseioso, quanto possivel, de nãoprehender movimento algum antes da

chegada do novo commandante em chefe, e dotado de suprema irresolução, e de falta de tacto militar, deixou que os republicanos se estabelecessem tranquillamente em Banyuls-les-Aspres, a pouca distancia dos acampamentos hespanhoes, e que tudo fossem concertando para darem um golpe decisivo nos invasores da França. Nem um movimento de concentração foi ordenado pelo marquez de Las Amarellas.

Estas circumstancias melindrosas aterravam os menos perspicazes. O proprio duque de Montlac percebeu que teria de adiar para outra occasião a sua viagem a Paris, feita de companhia com um exercito restaurador do throno e dos privilegios feudaes.

Um dia voltava Gaspar da Silveira d'uma expedição em que o proprio marquez á testa d'algumas companhias de granadeiros desalojára um destacamento republicano da posição de Tressere, quando o seu amigo lhe entregou uma carta que viera durante a sua ausencia.

Devemos dizer que Paulo tornára-se tão sympathico a todos os officiaes, que obtivera, em vez de ser internado na Hespanha, ficar prisioneiro debaixo de palavra na companhia de Gaspar, a quem consagra um affecto fraternal.

Gaspar abriu a carta. Era de Edmée. A pobre menina estava no auge da afflicção. Seus paes haviam decidido partir immediatamente para o estrangeiro. Dizia-lhe ella que não tinha tempo a perder, se que-

ria obter de seu pae consentimento para o matrimonio, pelo qual ambos anhelavam.

O alferes de Olivença descorou. Um secreto presentimento dizia-lhe que estava a findar a sua felicidade.

Sem dizer palavra estendeu a carta ao official francez. Depois saíu do quarto para mandar sellar um cavallo.

Quando voltou, Paulo Deschamps recebeu-o nos braços.

— Pobre amigo, disse-lhe elle, que tencionas fazer agora?

— Crês em Deus? respondeu simplesmente Gaspar.

— Ainda não perdeste de todo, tornou Paulo Deschamps com certa amargura, as tuas prevenções contra os pobres defensores da liberdade, da liberdade que é a filha do Evangelho?

— Pois se crês em Deus, reza por mim. Vai-se decidir a minha sorte.

E Gaspar, montando a cavallo, partio a galope na direcção de Ceret.

Horas depois voltava, sombrio e como que desvairado.

— Então? perguntou-lhe Paulo ancioso.

— Tinhas rasão no outro dia, Paulo, respondeu Gaspar com riso sarcástico. O sangue azul, como o vinho, purifica-o a velhice. A uma distancia de seculos a barra da bastardia já se não divisa a olho nu,

e o neto do bastardo dos Bourbons pede contas ao bastardo dos Silveiras da mancha que lhe empana o brilho da sua genealogia. É divertido, não é?

E Gaspar soltou uma gargalhada estridula, cujo som fazia estremecer.

Paulo encarou-o por um instante; depois, aproximando-se d'elle, e tocando-lhe no hombro, disse-lhe gravemente :

— Chora! Não recalques as lagrimas no fundo do coração. Transformar-se-hiam em fel.

— Oh! como eu sou desgraçado, bradou Gaspar desabafando em gritos e lagrimas a dor que o dilacerava.

Paulo amimava-o, acariciava-o, como faria a uma criança.

— Assim foste repellido? perguntou-lhe afinal com meiguice.

— Repellido barbara, insolente e ignominiosamente. Não me julgou nobre bastante para me conceder a mão de sua filha, a mim, descendente de Antonio da Silveira, que encheu a Europa com o seu nome! Nada poderam contra aquelle orgulho feroz as lagrimas de sua filha... Tambem é possivel que eu fosse culpado. Rebellou-se o meu orgulho contra o insulto. Não instei, não supliquei, e perdi a ventura num lance.

— Peninsular e Gascão, pensou o republicano, nenhum vergaria. E Edmée? continuou elle em voz alta.

— Chorou, soffreu comigo, confundio com as minhas lagrimas as suas n'uns breves instantes, a um tempo os mais doces e os mais amargos da minha vida, que podémos furtar á vigilancia posta em sobresalto de seus paes. Medita ella alguma resolução extrema. Não me disse qual era, mas brilhou nos seus olhos uma chamma tão viva quando não sei que idéa lhe passou pela mente, disse-me com tanta firmeza: «confia em mim» que eu senti-me reanimado involuntariamente, e julguei ver entre o negrume que me toldava o futuro scintillar o arco-iris que se segue á tempestade.

— Tanto confias n'ella?

— Oh! Paulo, creio n'ella como em Deus. Mais, continuou elle em voz baixa e como que temendo soltar esta blasphemia, porque foi ella e o seu amor quem me revelou verdadeiramente a Providencia, quem me ensinou a adoral-a e a bemdizel-a.

N'esse momento ouvio-se o galope d'um cavallo que parou um instante á porta da barraca. O cavalleiro trocou algumas palavras com o camarada de Gaspar, depois tornou a partir.

Era uma carta de Edmée.

«Partimos para Rosas, dizia ella. Não desanimes; confia n'aquella que antes quer morrer nos teus braços que viver longe de ti. Amor e esperança».

— Oh! perdi-a para sempre, exclamou Gaspar deixando cair o bilhete com profundo desalento.

— Incredulo! disse Paulo com força. A tua fé

não resiste á primeira provação. Oh ! não sabes ainda que thesouros de abnegação e de amor encerra um peito de mulher !

.....

Na noite de 27 de abril Paulo Deschamps e Gaspar da Silveira conversavam tristemente junto da banca onde ardia uma vela. A noite estava chuvosa, o vento zunia frio e agreste como costumava ser ás vezes no principio da primavera. Chegára n'esse dia o conde da União, novo commandante em chefe do exercito hespanhol. Vinha achar tudo em máo estado ; as tropas desmoralizadas pelos combates inglorios e continuos com que o marquez de Las Amarillas as fatigára. Algumas vantagens parciaes, alguns feitos de armas brilhantes, entre os quaes citaremos o de quarenta soldados portuguezes que sustentaram sós contra as columnas republicanas uma posição abandonada pelos nossos alliados, não compensavam de modo algum a inutilidade de tanto sangue derramado. Gaspar tinha alem de muitos outros motivos de tristeza um ainda mais pungente. Caíra nas mãos dos francezes uma boa porção de soldados hespanhoes, pertencente ao corpo commandado pelo conde de Saint-Hilaire, que Dagobert repellira de Seo d'Urgel, e uma troca de prisioneiros fôra combinada. Paulo Deschamps ia partir, e, apesar do entusiasmo, que lhe fazia pulsar o coração, pensando que se ia lançar de novo no turbilhão fervente das batalhas, um sentimento doloroso se lhe apoderava

do espirito, lembrando-se que tinha de deixar o joven alferes que tantas sympathias lhe inspirára.

—Vamos ser inimigos de novo, dizia tristemente Gaspar.

—Oh! não; conheço Dugommier, obterei d'elle que me envie ou para o exercito do Rheno, ou para o Norte ou para a Italia. Não me posso resignar á idéa de te encontrar no campo de batalha, varado pelas balas dos meus soldados.

Gaspar olhou com profunda tristeza para o seu amigo.

—Não seria essa a maior ventura que eu poderia esperar? murmurou o alferes portuguez.

—Louco, mil vezes louco, tornou o republicano! Tomas por nuvens de procella os raros nevoeiros que te velam docemente, como tecido de gaze, o esplendor da tua aurora. Ouves? continuou Deschamps indicando com um gesto a campina, que estava sendo inundada pelas torrentes de chuva que toda a tarde tinham ameaçado desabar. Quem não dirá, em presença d'este temporal desfeito, que um inverno tormentoso cerra por longos mezes o horisonte? Pois bem! ámanhã da tempestade d'esta noite não restará outro vestigio que não sejam diamantes a resplenderem no calice das flores. A tempestade, a que tu agora curvas a cabeça, esvair-se-ha logo que a presença d'um ente querido seccar os teus prantos com um raio de sol.

Tinha elle acabado de proferir estas palavras

quando no enquadramento da porta assomou um vulto nobre e elegante.

Era um mancebo imberbe, de rosto feminino e formoso. Trajava um fato airoso de cavalleiro enso-pado pela chuva. Quando entrou no circulo de luz projectado pela véla, pôde-se-lhe descobrir a physionomia pallida, illuminada pelo vivido fulgor d'uns olhos, onde transluzia a resolução energica a par da ineffavel meiguice.

Foi direito ao official portuguez; mas parou comprimindo um grito, quando vio Deschamps.

Este inclinou-se com uma cortezia cavalheiresca.

— Sou amigo de Gaspar e sou francez. Isto duplamente lhe diz, mademoiselle de Montlac, que póde contar com a minha discrição, e com o meu profundo respeito.

— Edmée, tu . . . , balbuciou Gaspar chamado ao sentimento da realidade pelas palavras do seu amigo, porque até ahi parecera-lhe estar sonhando.

— Eu, sim! eu que venho cumprir a minha promessa, lançar-me nos teus braços e dizer-te: «Morramos juntos, ou vivamos juntos para um futuro de felicidade.»

— Santa, anjo de dedicação, como pagar-te esse amor celeste, de que me não acho digno? E como podeste . . . ?

— Vir ter contigo? Deu-me forças o amor. Fugi em Rosas, montei a cavallo e parti, envolvendo-me

com a escolta numerosa e com a criadagem que acompanha o conde da União. Chama-te algum combate? Acompanhar-te-hei. Seremos como os dois noivos do poema de Tasso. Queres, consentes?

— Oh! sou feliz, disse Gaspar deixando cair a cabeça entre as mãos, como se effectivamente lhe vergasse ao peso de tanta e de tão inesperada ventura.

— Posso deixar-te agora, disse Paulo apertando-lhe affectuosamente a mão. Vêla por ti um anjo.

E, curvando-se profundamente perante Edmée, como se não curvaria perante a rainha de Hespanha, o austero republicano saíu da tenda com os olhos marejados de lagrimas.

V

A derrota de 1 de maio

N'essa mesma noite foi Edmée de Montlac para a sua casa de Ceret; uma creada, já confidente destes juvenis amores, e dedicada sinceramente a sua gentil senhora, ouvio, com espanto, por noite velha, baterem á porta da habitação de que ella, com seu marido e filhos, ficára sendo a guarda. Não podendo perder a esperanza de regressar em breve á pa-

tria, o duque de Montlac tomára, saindo de sua casa, todas as providencias que tomaria se tivesse simplesmente que partir para uma viagem de recreio. Deixára ficar tudo no mesmo estado afim de que, logo que soubesse da marcha dos alliados sobre Paris, podesse elle entrar no territorio francez, e tomar posse da sua residencia senhorial, no meio das acclamações entusiasticas dos seus vassallos do Roussillon.

Gaspar da Silveira acompanhou Edmée até á porta. Estava então debaixo do commando de Gomes Freire de Andrade, que lhe consagrára muito affecto, e que prometteu interessar-se pela situação dos dois namorados, começando por dar ao joven alferes as licenças necessarias para poder visitar a sua noiva. O casamento, para o qual forçosamente se obteria licença dos duques, depois do succedido, esperavam que podesse realisar-se antes de dois meses. Estas esperanças, estes projectos de futuro iam-nos elles confiando um do outro, no trajecto, enquanto os cavallo, desanimados pelo negrume da noite e pela chuva, caminhavam lentamente, de oreilha baixa, e faziam resoar o ecco dos seus passos na amplidão da planicie, envolta em lugubre véo. Gaspar e Edmée esses nem viam as trevas, nem sentiam a chuva. Para elles, a noite era verdadeiramente uma noite de primavera, uma noute de abril. O amor azulava-lhes e estrellava-lhes o céo negro e toldado, e

enchia-lhes de fragrancia e melodia o ambiente lobrego e soturno.

Assim chegaram á porta da casa de Montlac. Bateria, e, como já disse, abriu-lhes a porta a creada, que ficára como louca de alegria, quando, depois d'um largo parlamentar, afinal reconhecera a sua joven ama. O marido da creada veio, tonto de somno, tomar conta do cavallo; os filhos, uns com candieiros na mão, outros com castiças, mostravam as suas cabezinhas louras, espreitando, curiosos, a apparição d'aquelles dois guapos cavalleiros.

Edmée apeiou-se, e, voltando-se, estendeu a mão ao seu noivo. Este deu um grito de espanto e de terror. A pobre menina estava horriavelmente pallida, e lagrimas silenciosas lhe corriam dos olhos.

— Não te assustes, disse ella procurando sorrir, e reprimindo a custo os soluços. É a influencia d'esta noite sombria.

— Sombria? tornou Gaspar, que julgava ter por cima da cabeça um céo em que resplandeciam as estrellas divinaes, que o amor lhe accendera no coração, e que pareciam haver-se reflectido no firmamento.

— Sombria, sim, tornou Edmée com tristeza; illuminára-m'a a tua presença, e o nosso louco devanear; mas agora que entro sosinha n'essa casa d'onde saí, amparada no braço maternal, parece-me que o olhar de Deus se desvia de mim, e que não sinto ao lado o meu anjo da guarda.

— Porque outro seraphim tão meigo como elle, te protege com as brancas azas, o seraphim dos amores, o paranymphe nupcial.

— Nupcial... murmurou ella deixando cair a cabeça sobre o peito, que tristes nupcias serão as nossas! Entre os horrores da guerra, e longe de minha mãe!

— Julgas que ella, ao primeiro aviso que receber, não virá trazer-te o seu perdão, e santificar o nosso casto jubilo?

— Talvez, suspirou Edmée com desalento, E Gaspar tentava animal-a. Mas a influencia lugubre da noite pesava sobre elle, e esfriava todas as suas palavras.

Dez vezes se despediu d'ella, e dez vezes, com o rosto banhado de lagrimas, voltou a apertal-a ao peito, a beijar-lhe os cabellos, e a beber-lhe nas faces as perolas do pranto.

Afinal tomou uma resolução decisiva, e, montando a cavallo, cravou as esporas nas ilhargas do brioso corcel.

— *Adieu!* bradou Edmée n'um soluço.

— *Au revoir*, respondeu alegremente o joven official.

Ella soltou um grito, e, caindo nos braços da creada que voltava para lhe dizer que tinha o quarto preparado, exclamou entre soluços que já não procurava reprimir:

— Oh! não o torno a ver.

Debalde a pobre camponeza, misturando com as d'ella as suas lagrimas, procurou consolal-a. O céo estava sombrio, a chuva caia gelida e incessante, o rio murmurava surdamente batendo nos arcos da ponte, e um atroz presentimento envolvia, como um negro véo, o coração de Edmée.

Atravessou silenciosa os aposentos; quando entrou no seu, despedio com um gesto a creada. O lume do fogão espalhava no quarto uma doce alegria, mirando as suas chammas rubras nos espelhos dourados. Mas o vidro polido reflectio, durante a noite longa e invernal, o vulto da pallida creança ajoelhada e chorosa aos pés d'um crucifixo.

A chuva batia nos vidros, o vento gemia lugubremente, e só aos primeiros clarões d'uma alvorada tristissima, a pobre menina adormeceu, sentada junto da mesa, com a fronte encostada ás mãos, e murmurando :

— Gaspar... Minha mãe!

.....

Entra a fatalidade em scena. A fatalidade é o Maelstrom. Sulca um navio o mar, tranquillo, descuidoso, com as vélas desfraldadas ao vento, com a equipagem cantando na tolda. Subito, sem que se turve o céo, sem que se desencadeie o vento, sem que o mar tome um aspecto differente, corta o navio a circumferencia fatal do circulo de attração, e, d'um instante para o outro, sem transição alguma, sem o minimo indício de desgraça, corre, levado por uma

força invencível, para o abysmo que o soverte. Debalde se quer esquivar á fascinação prodigiosa, fugir á vertigem louca, lá está o redemoinho terrível estendendo por debaixo das vagas os seus braços invisíveis, lá estão as garras dos demonios marinhos que não desamparam a preza.

Pois a fatalidade é assim; caminha-se descuidoso na vida, não ha motivo algum para que o dia de amanhã não seja sereno como o de hoje, nem uma nuvem no horisonte, nem um signo precursor de tempestade, e, comtudo, a procella rebenta, e uma cadeia ininterrupta de acontecimentos imprevistos conduz á perdição o baixel d'uma existencia.

Gaspar da Silveira, n'essa noite, quando, dirigindo-se a Gomes Freire, lhe pedira licença para se ausentar do acampamento, contára-lhe, muito pelo alto, a historia do que lhe succedera. Gomes Freire ouvira-o com um sorriso amavel, dera-lhe a licença, mas, devemos confessal-o, não lhe prestara uma attenção continuada. Percebera que era uma historia de amores. Ora em espiritos de vinte annos é esse o thema perpetuo e pouco variado, sobre que versam todos os pensamentos. Gomes Freire escutára distraído essa narrativa amorosa; por mais que o fascinasse a melodia do poema juvenil, não podia este absorvér completamente a attenção d'um moço coronel, que se vê encarregado d'um commando importante, em frente de tropas, como as republicanas, dirigidas por um general como Dugommier.

Porque a fatalidade começava em tudo e de todos os modos a entrançar em torno dos dois noivos a sua rede, muito mais terrível que a famigerada rede de Vulcano. Exactamente quando o conde da União chegava ao acampamento hespanhol, chegava o general Dugommier ao acampamento francez. Ha coincidencias notaveis. Parece que um invisivel laço prendia um ao outro os destinos d'esses dois adversarios. No mesmo dia, ou quasi no mesmo dia, tomaram elles o commando dos dois exercitos, no mesmo dia e na mesma batalha uma bala franceza matava o conde da União, uma bala hespanhola prostrava o general Dugommier.

Mas, dir-me-hão os leitores, de que modo podia actuar fatalmente na sorte do alferes d'Oliveña a chegada do novo commandante das forças republicanas? D'um modo muito simples. Por maior que fosse a actividade do general Dagobert, sempre era um velho de mais de oitenta annos, e não podia ter a energia d'um general na força da idade; nem a sua imaginação cançada podia conceber e pôr em execução rapidamente um plano atrevido de campanha. Por isso o general Dugommier, longe de imitar as suas hesitações, resolveu logo tornear o campo hespanhol; por isso o nosso Gaspar da Silveira, quando chegou ao acampamento, na intenção de tomar Gomes Freire de parte e de lhe pedir que protegesse Edmée no caso que a fortuna da guerra o impedisse a elle de a proteger immediatamente, ouviu

rufar o tambor, vio o seu regimento já formado o prompto a marchar; chamado pela voz da honra, apeou-se precipitadamente, correu a apresentar-se ao seu coronel, e tomou o seu posto na retaguarda da sua companhia.

Nem um instante pensou o descendente de heroes em não ir affrontar o inimigo, mas, quando zuniram as primeiras balas, quando a voz grave e austera do canhão acordou os eccos da alvorada, Gaspar sentio confranger-se-lhe o coração, e vio passar por diante de si a forma vaporosa, o rosto suave de Edmée.

Fechou os olhos um instante; quando os abriu, estava pallido mas firme. Sobresaltava-o um unico receio; a casa de Edmée, situada proximo da ponte, não estaria exposta aos acasos da peleja?

A supposição era insensata. O quartel general do exercito portuguez estabelecera-se na propria villa de Ceret. E um exercito victorioso, que na campanha precedente só contára triumphos, podia desmoralisar-se n'um só momento e ceder as suas posições ao inimigo, o que equivaleria a perder os fructos d'uma campanha feliz?

Era impossivel; mas, para que o fosse absolutamente, para que a pomba que se confiára á sua protecção nada tivesse a temer, era necessario que os republicanos conhecessem logo no primeiro ataque a insania das suas tentativas.

Por isso Gaspar sentira primeiro um leve estre-

meamento ao pensar na morte que o podia saltar, quando a ventura principiava a illuminal-o, tornou a encontrar a sua coragem de leão, lembrando-se de que ía arriscar a vida para salvar os dias da sua noiva.

E tanto o exaltou este pensamento, que, apenas soou o signal do ataque, apenas as columnas republicanas se desdobraram na planicie, entoando o canto sublime da *Marselheza*, e erguendo aos ares o grito de «Viva a Republica», apenas o ajudante de campo de Forbes, D. Miguel Forjaz, levou ao coronel Werna a ordem de carregar com o seu regimento, Gaspar, erguendo na ponta da espada o seu chapéo tricornio, e collocando-se na frente dos seus granadeiros, com grande espanto e ira do tenente commandante, Francisco Leite Pereira Rebello, electrizou-os com a palavra e com o gesto, e arrojou-os n'uma carreira impetuosa sobre os regimentos francezes.

Estes não os esperaram a pé firme. As espadas dos officiaes republicanos scintillaram tambem á luz do sol que despontava, correu um fremito pelas fileiras dos soldados da liberdade, vibrou nos ares o formidavel estribilho de Rouget de l'Isle :

Aux armes, citoyens! armez vos bataillons!

Marchons, marchons,

Qu'un sang impur abreuve nos sillons!

e uma lucta de gigantes se travou entre os portuguezes exaltados e os entusiasticos republicanos.

Nunca tinham sido mais denodados os soldados da republica, mas tambem nunca fôra mais brilhante o procedimento das nossas tropas. Os francezes perguntavam a si mesmos que leões eram esses, trazidos, pelos reis, do fundo da peninsula hispanica, para combaterem nesse vasto circo já inundado de sangue. Os hespanhoes, pelejando tambem valentemente, contemplavam, ao mesmo tempo, com admiração, o denodo dos seus briosos alliados. O conde da União dava-nos aos seus soldados como modelo, o general Forbes julgava toda a sua divisão digna dos maiores premios.

Rivalisavam em ardor o regimento d'Oliveança e o regimento Freire d'Andrade; o sargento-mór de artilheria, Antonio Teixeira Rebello (que foi depois o primeiro director do collegio militar), ia collocar duas peças em alturas quasi inaccessiveis, e de lá metralhava furiosamente os republicanos. Depois de algumas horas d'um combate sanguinolento, estes retiraram afinal, e deixaram os nossos soldados exhaustos de fadiga, mas cobertos de gloria.

Queria o joven official correr a casa de Edmée, mas questiunculas de etiqueta militar, complicadas com as exigencias sérias do serviço, vieram impedir-o de realisar esse projecto.

O tenente de granadeiros, escandalizado pela indisciplina, com que o seu alferes guiára a compa-

nhia á victoria, deu parte ao coronel Werna, e este ao general Forbes, da falta commettida por Gaspar da Silveira.

Punir o official que se comportára mais valentemente era cousa que muito repugnava ao bom do tenente general. Não dar ouvidos á representação do superior offendido era caso sério tambem para esses militares rigidos na observação dos artigos de guerra. Forbes temeu seriamente que a sombra indignada do principe de Lippe lhe viesse lançar em rosto uma tão grave falta.

Foi Gomes Freire quem resolveu o caso. O tenente ficaria satisfeito, quando lhe tirassem da companhia o official que dava tão heroicos exemplos de insubordinação. Ao mesmo tempo Gaspar da Silveira seria recompensado, porque Gomes Freire, commandante, apesar de coronel, da brigada de granadeiros, o tomaria para seu ajudante de campo.

Este problema de casuistica militar foi resolvido mesmo no campo de batalha, e Gaspar, saindo das fileiras, saltou, com jubilo, para cima do primeiro cavallo abandonado que se lhe deparou, e foi-se collocar ao lado de Gomes Freire. N'este momento passava, por diante do grupo, o commandante em chefe, conde da União; vinha felicitar o general portuguez pelo brilhante comportamento das suas tropas. Essas felicitações formulou-as elle com a amabilidade que o caracterisava, e, voltando-se depois para Gomes Freire d'Andrade, continuou:

— Coronel, vi e admirei a carga brilhante que deu á testa do seu regimento. Desejo manifestar-lhe de algum modo a minha estima e consideração. Queira, pois, designar um dos seus officiaes para ir a Montesquiou levar noticia da victoria, e saber o que se passa por esse lado. Se as noticias forem boas, como espero, o mesmo official levará a Madrid a participação dos successos das nossas armas. Espero o seu escolhido no quartel-general. Que venha immediatamente.

O escolhido foi Gaspar da Silveira. Exultou de alegria; a sua partida para Madrid habilitava-o a ir com Edmée pedir o perdão maternal, e obter a sancção d'um casamento que se tornára inevitavel.

D'ahi a dez minutos estava no quartel-general. O conde da União deu-lhe os despachos, e disse-lhe:

— Não perca um instante, nem um instante só. Não lhe consinto mesmo que volte ao acampamento. Parta para Montesquiou; é importantissimo que eu saiba o que por lá occorreu.

Gaspar ficou assombrado; mas, rigido observador da disciplina, montou a cavallo, escreveu na sella um rapido bilhete a Edmée, deu-o á ordenança para que lh'o levasse, e partio a galope.

O bilhete continha estas palavras:

«Estou são e salvo. Amanhã voltarei d'uma importante missão que o general me confiou, e que me não permite ir-te abraçar. Depois de amanhã par-

tiremos para Madrid. Para Madrid! Entendes? para junto de tua mãe! Amor e esperança.»

D'ahi a poucas horas entregava os seus despachos a D. Francisco de Venegas, commandanté das tropas fortificadas em Montesquiou.

— Quer levar ao conde da União noticias seguras? perguntou o general hespanhol depois de ler os despachos.

— D'isso estou encarregado, respondeu Gaspar.

— Pois bem, tornou Venegas, espere algumas horas e levar-lhe-ha a noticia da derrota completa dos francezes. Será o conde informado melhor do que Dugommier, porque, com a ajuda de Sant'Iago, não deixarei um republicano vivo que lhe leve a noticia.

Gaspar descórou. A fatalidade, Arachné mysteriosa, a tecer... a tecer...

Não havia que recuar. Por isso o moço alferes cortejou silenciosamente, e esperou.

Fez o nosso fanfarrão de Venegas o que pôde para sustentar o seu dito, mas Gaspar, assim que ao alvorecer do dia 30 vio despontar a vanguarda das tropas francezas, percebeu que estava tudo perdido. O ataque da vespera em Ceret não fôra senão uma demonstração energica; o verdadeiro ataque dirigia-se contra as posições de Montesquiou, de Trompette, de Bellegarde. O plano de Dugommier, plano que o valente, mas inhabil, conde da União nem por sombras advinhára, consistia em tornear a

direita do exercito hespanhol, em lhe cortar a retirada, e em lhe infligir assim uma derrota que vingaria plenamente os desastres que Ricardos fizera soffrer ao exercito francez.

Disse-o Gaspar a Venegas, insistindo para que avisasse immediatamente o conde da União, e lhe pedisse reforços.

Venegas olhou para elle com uma indefinivel ironia.

-- Quer *usted, portuguezito*, disse elle, ir pedir esse auxilio?

O rubor da indignação affogou as faces de Gaspar. Conteve-se, porém, e respondeu friamente :

— Mande v. exc.^a um dos seus officiaes. Eu fico.

— Bem, então não incomodaremos o sr. conde da União por cousa tão pouca. Temos chicotes que farte para azorragar estes rebeldes.

Gaspar encolheu os hombros. Com adversarios assim, não admirava que a republica triumphasse.

No ardor da refrega, se alguem encontrou um dos chicotes em que Venegas fallava, foi de certo Dugommier que dirigia pessoalmente o ataque. Os hespanhoes abandonaram as posições depois d'um combate furioso. Debalde Venegas, cedendo já tarde aos conselhos de Gaspar, enviára um official pedir socorro ao principe de Monforte. Debalde um batalhão das tropas commandadas por este ultimo vinha a marche-marche entrar em linha. Debalde Venegas, resgatando com a sua bravura de cavalleiro as impru-

dencias de general, carregava á testa do seu estado maior, e, ferido n'um braço, voltava a oppor-se á fuga dos seus soldados. Debalde. As tropas da republica levavam adiante de si, nas pontas das bayonetas, os soldados de Carlos IV, e estes, largando as armas, mostravam aos francezes que a natureza os dotára de ligeirissimas pernas.

— Morramos aqui, bradou Venegas furioso, precipitando-se com o seu estado-maior sobre um corpo de cavallaria franceza, que perseguia os fugitivos.

O pequeno grupo engolphou-se e desapareceu nas fileiras republicanas. Houve, durante alguns minutos, uma confusão indescriptivel. Afinal, o estado maior de Venegas saiu dizimado e levando no centro dois feridos, o general e o official portuguez. Dois officiaes e quatro ordenanças tinham ficado mortos.

Um regimento de infantaria hespanhola, que retirava com mais ordem, voltou-se, formando-se em quadrado, e abrigou á sombra das suas bayonetas o grupo fugitivo.

Gaspar levára uma formidavel cutilada; não pôde paral-a, mas amortecera o golpe que lhe rachára a barretina, e lhe abrira a cabeça, sem que a ferida tivesse gravidade. Comtudo, foi tal o embate, que o nosso heroe desmaiou, e cairia do cavallo se um official hespanhol o não amparasse, e puxando-lhe ao mesmo tempo as redeas do corcel, o não collocasse no centro do grupo, e o não levasse a todo o galope para longe d'aquelle matadouro.

As ultimas palavras que Gaspar pronunciou, foram as seguintes:

— Pobre Edmée!

Entretanto, em Ceret, aos jubilos da victoria succedera um incrível desanimo. As noticias da tomada de Montesquiou, de Bellegarde, da Trompette haviam chegado em tropel. O conde da União, vendo cortada a sua retaguarda, perdera completamente a cabeça. Debalde o general Forbes lhe aconselhava que respondesse com um movimento offensivo tambem á aggressão dos republicanos. O conselho podia ser bom, mas tinha os seus visos de imprudente. Essa resolução, comtudo, não podia dar peiores resultados do que a que se tomou. A desastrosa retirada de 1 de maio degenerou immediatamente n'uma fuga vergonhosa.

Que aspecto apresentava esse exercito dos Pyrenéos Orientaes, havia pouco tão brilhante! Ao principio a retirada fez-se com ordem pela ponte de Ceret, pela planicie de Morellas, e por Plá du Roi. Engravou-se a artilheria, lançaram-se as munições ao Tech, e oppoz-se á perseguição do inimigo uma resistencia intrepida. Entre outros o regimento portuguez de Cascaes fez, na presença de forças superiores republicanas, uma retirada leonina. Mas a resolução fatal, tomada pelos generaes, de se lançarem nas montanhas, desorganizou completamente o exercito; a artilheria abandonada a cada passo, as mu-

nições, as armas semeadas pelos fraguedos attestaram aos francezes que o exercito hespanhol, de todo desmoralizado, entregava nas mãos da feliz e juvenil republica a sorte da campanha. A obra de Ricardos desfizera-a a impericia dos seus successores. Estava salva a fronteira dos Pyrenéos, livre de estrangeiros o solo sagrado da patria.

No meio d'estes desastres portou-se briosamente a divisão portugueza. Resoára nas fileiras hespanholas o grito fatal *que nos cortan*, e espalhára o terror em todos os fugitivos. Entretanto, os regimentos de Peniche e primeiro do Porto, debaixo das ordens do marechal de campo D. Francisco Xavier de Noronha, retiravam-se galhardamente, sem perderem a artilheria, graças aos esforços dos sargentos-mores José Antonio da Rosa e Antonio Teixeira Rebello, ao passo que o regimento Freire de Andrade protegia a retirada, fazendo frente aos francezes logo que se lhe deparava uma posição onde podia firmar-se.

Por outro lado o general Forbes era encarregado de retirar com as tropas portuguezas e hespanholas que guarneciam o alto Vallespir. Essa columna, que constava do segundo regimento do Porto e do regimento d'Olivença, e dos batalhões de Malaga e Vallespir, marchou com fortuna e denodo e pôde reunir-se ao corpo principal sem perdas demasiadas.

No meio d'esse desastre formidavel, que anniquilava para sempre as esperanças do governo hespanhol, e dos emigrados francezes, o que faziam os nos-

soz dois pobres heroes, cujo barquinho florido boiava á toa sobre este mar de tempestades?

É o que veremos no capitulo seguinte.

VI

Uma Deserção heroica

Emquanto Gaspar da Silveira corria de Ceret a Montesquiou, e, ferido na cabeça, era transportado na direcção de Hespanha, Edmée jazia n'um leito prostrada por uma febre ardentissima.

A fadiga da jornada, a commoção que sentira ao entrar de novo na casa, d'onde saíra com sua mãe, casa que estava como que immersa nas tempestades bellicas, haviam produzido essa doença, que assustára muito a sua boa criada, mas que a presença de Gaspar dissiparia de certo, como a sua ausencia, e os rumores distantes da peleja, rumores que lhe annunciavam os perigos que elle corria, haviam corrido tambem para a fazer brotar.

O bilhete do seu noivo dera-lhe um momento de jubilo e por consequencia de melhoras, revelando-lhe que ainda dessa vez escapára ás balas inimigas, mas a noticia de que ia partir para uma missão talvez perigosa, e que nem sequer lhe consentia ir á casa

da ponte, veio de novo mergulhal-a n'um desespero sombrio. O pulso logo se resentio do estado moral. A febre devorava a pobre menina.

Passou-se o dia 29 n'estas angustias. Alvoreceu o dia 30 e Gaspar não chegou. Em vez d'isso começaram a correr pela villa sinistros boatos, destes desconhecidos precursores que se anticipam sempre ás grandes desgraças. Fallava-se na derrota do exercito hespanhol e na probabilidade de uma retirada.

A creada, cheia de susto, veio contar tudo a sua ama. Esta bem desejava acolher-se ao acampamento da divisão portugueza. Mas um novo bilhete de Gaspar, datado de Montesquiou, tranquillizando-a sobre o destino do seu noivo, indicava-lhe ao mesmo tempo que no acampamento se veria isolada, exposta á curiosidade da soldadesca, sem conhecer pessoa alguma a quem se dirigisse. Gaspar da Silveira, como vimos, não tivera tempo de a confiar ao coronel Gomes Freire de Andrade.

Chegou o fatal dia um de maio. As tropas aliadas pozeram-se em movimento para se retirarem. Das janellas da casa d'Edmée podiam-se vêr as tropas portuguezas na ponte a encravarem peças, e a lançarem munições ao Tech. Ao mesmo tempo ía grande alvoroço na villa de Ceret. Começavam-se a divisar as vanguardas dos regimentos republicanos, e todos os habitantes da villa, que tinham acolhido os hespanhoes e os portuguezes com jubilo ou simplesmente com hospitalidade, receiando as vingando

ças dos vencedores, lustravam o caminho do desterro, levando comsigo os objectos mais preciosos, e regando de lagrimas as casas, onde tinham nascido, e que provavelmente abandonavam para sempre. Viase uma longa fila de fugitivos atravessarem a ponte uns a cavallo, mas a maior parte a pé, porque faltavam meios de transporte, contando-se no numero das pessoas que assim caminhavam senhoras, algumas de nobilissima extracção, que viam, com susto, a horrivel perspectiva da longa e penosa romaria que as devia conduzir á terra do exilio.

Aterrada com este espectaculo, a boa creada correu ao quarto d'Edmée pedindo-lhe que se levantasse e fizesse um esforço supremo para se esquivar á vingança dos revolucionarios. Até ao ultimo instante esperára Edmée, vêr apparecer Gaspar; mas a esperança era já impossivel. Uma desgraça qualquer impedira o seu noivo de correr em seu auxilio. Este pensamento ainda mais lhe paralysoou as forças, já extenuadas pela febre. Caio n'um estado de delirio que a tornou incapaz de se preparar para a fuga. A creada, com auxilio do marido, procurou transportal-a para fóra de casa; porém ella, completamente louca, julgando vêr inimigos nos dois fieis servidores, fugia-lhes, e recusava obstinadamente segui-los. Esta lucta horrivel durou meia hora. Afinal caio n'um deliquio, n'uma prostracção, que faria perigoso o transporte. Quando voltou a si, estava extenuada, mas com o juizo perfeitamente claro, ainda que n'um

grande abatimento moral. Deixou-se levar para cima do cavallo, em que viera, quasi sem ter consciencia do que fazia. Porém, á saída da ponte, foi-lhe impossivel ir mais adiante.

— Salvem-se! salvem-se! dizia ella apeiando-se e deixando-se cair encostada ao parapeito. Abandonem-me ao meu infeliz destino.

— Isso nunca, minha boa menina, respondia a creada lavada em lagrimas. A sua sorte será a nossa.

— Demais a mais a fuga já é impossivel, acrescentou o creado olhando em torno de si e vendo a cavallaria republicana espalhada por todo o valle em perseguição dos fugitivos.

— Voltemos então para casa, disse a pobre mulher que não pensava senão em Edmée, talvez os malditos se esqueçam de nós, ou, pelo menos, talvez possamos esconder a nossa boa menina.

O marido abanou a cabeça com ar de duvida, mas dirigio-se para a casa, que julgára não tornar mais a vêr.

A villa de Ceret estava sendo theatro de scenas horriveis. A reacção operava-se violentissimamente. Sequiosos de sangue, os republicanos, (não tanto os soldados, como os miseraveis que tinham fugido diante dos hespanhoes) exerciam as vinganças na mais larga escala. Não vinha já longe o 9 de thermidor, e o systema terrorista, como que presentindo o seu fim proximo, redobrava de atrocidades. Apenas o exercito republicano entrára em Ceret, a

guilhotina erguera-se na praça publica, o representante do povo publicára a lei de sangue, arvorára a bandeira negra, a funebre bandeira de Lyão, de Toulon e de Marselha, e começára a receber as denuncias, que surgiram de todos os lados. Uma horda feroz principiou logo as visitas domiciliarias, arrastando para as cadeias não só os que haviam tido relações com o inimigo, não só os realistas que não tinham podido fugir, mas tambem muitos sectarios da republica, victimas, n'essa occasião, dos odios particulares, que, á sombra do bem publico, procuravam saciar-se.

Não havia escolha; não havia ordem. Essa vilasita franceza parecia uma cidade tomada de assalto. O estupro, o roubo, o assassinio praticavam-se ás soltas. Em muitas partes rebentava o incendio. Os gritos das victimas, os urros dos assassinos formavam um lugubre concerto, que era agradável consonancia para os ouvidos dos ferozes emissarios de Robespierre, de Couthon e de Saint-Just.

Não tardou muito que essa horda ebria de sangue viesse bater á porta da casa de Edmée. O tirar dos vidros quebrados ás pedradas, e o *Ça ira*, cantado por vozes avinhadas, foram o annuncio da sua presença. Dentro de casa passava-se uma scena dilacerante. Queriam os creados que Edmée se escondesse, ella queria morrer com elles. Entretanto a porta não se abria. Os assassinos desesperados ameaçavam arrombal-a. A execução seguiu de perto a

ameaça. Ouvio-se o estrondo da porta que cedia. A ama e a creada, igualadas pela morte, e pelo heroismo da abnegação, estreitaram-se nos braços, e ajoelharam diante do crucifixo. O creado, sombrio mas resolutto, collocára-se atraz da porta com uma caçadeira na mão.

Ouviu-se nas escadas o tropel da turba furiosa.

.....

Entretanto, Gaspar acompanhava a retirada, levado n'um dos carros que o physico-mór João Francisco de Oliveira fizera arranjar de modo que os feridos tivessem n'elles a possivel commodidade. Ainda o celebre medico Larrey, tão querido depois do imperador Napoleão, não organisára o seu systema de ambulancias de campanha. Comtudo João Francisco d'Oliveira fez o que pôde com os limitados recursos de que dispunha.

A ferida de Gaspar não tinha, como já dissemos, a mais pequena gravidade, mas de a ter recebido na cabeça proviera o delirio, que não cessára durante o primeiro dia de marcha, por causa dos descommodos e da rapidez da retirada. Mas, assim que as forças portuguezas chegaram a S. Lorenzo de Muga, onde fizeram alto no dia 2 de maio, bastaram algumas horas de descanso e de tratamento regular, para que o nosso heroe recuperasse o juizo.

Quando abrio os olhos, viu ao seu lado o joven cirurgião-ajudante do regimento de Cascaes João Antonio Lisboa, e um moço capitão do regimento

de Peniche, de quem era intimo amigo, que se chamava Antonio de Lemos Pereira de Lacerda, e que depois veio a ser o primeiro visconde de Juromenha.

As primeiras palavras que pronunciou foram, com pouca differença, as ultimas que pronunciára antes de desmaiar :

— Onde está Edmée?

— Bonito! acudio o cirurgião pegando n'um calmante, que pozera em cima d'uma meza proxima; lá volta o delirio.

— Delirio! tornou Gaspar com espanto. Mas não, snr. Lisboa, eu estou em meu perfeito juizo. Pois não é verdade, meu caro Lacerda? continuou elle voltando-se para o joven official que lhe apertou a mão sorrindo.

— Bem! bem! respondeu o cirurgião-ajudante do regimento de Cascaes, mas n'esse caso porque põe o meu amigo ao lado de pessoas tão verdadeiras, tão de carne e osso como nós somos, essa pessoa phantasiada, a quem dá o nome estrambotico d'Edmée?

— Edmée! creatura phantasiada! Mas, por amor de Deus, ajudante, se vamos retirar, avisem-na primeiro, deixem-me ir ter com ella. Vou n'um pulo. É aqui na ponte de Ceret.

— N'um pulo! C'o a bréca; não está máo pulo. Para dar pulos d'esses, meu caro alferes, precisa primeiro que tudo de calçar as botas de sete leguas.

E, dizendo isto, o cirurgião-ajudante desatou a

rir; mas Antonio de Lemos, que presentio que sob aquelles apparentes disparates se escondia alguma terrivel desgraça, voltou-se para o ferido, e estendeu-lhe a mão, dizendo:

— Meu bom amigo, estás laborando n'um erro que talvez te fosse fatal. Fomos derrotados, Gaspar, e estamos em plena retirada. O dia de hontem, durante o qual, segundo me consta, não déste acordo de ti, foi o dia mais infeliz da campanha. Fugimos desapoderadamente, abandonámos o territorio francez, deixámos, pelos fragedos de serras altissimas, toda a nossa artilharia, e estamos hoje em terra hespanhola, em S. Lorenzo de Muga, a um bom par de leguas de Ceret.

— Oh! meu Deus, bradou Gaspar sentando-se d'um impeto na cama, e dando um grito de dôr e de raiva, agora me lembra. . . O conde da União. . . Venegas. . . a minha ferida. . . Oh! pobre Edmée!

E chorou; chorou o intrepido moço que se arrojava ao seio ardente das batalhas, como se entrasse n'uma sala de baile.

Lisboa olhava para elle inquieto; Antonio de Lemos adivinhou tudo, e sentio os olhos marejados de lagrimas.

— Não te afflijas, meu amigo, disse elle affectuosamente; os republicanos são soldados, e soldados não matam mulheres sem defeza.

Longe estava o joven capitão de se convencer d'isso; n'esse mesmo dia escrevia elle a seu pae que

os republicanos tinham praticado em Ceret inauditas barbaridades, matando os feridos, e *dividindo entre si as melhores rapanigas*. (1)

Mas Gaspar não o escutava; sem dizer cousa alguma relanceou os olhos em torno de si procurando o seu fato. Estava pallido, e as sobrancelhas franzidas davam ao rosto juvenil um aspecto severo.

— Snr. Lisboa, disse elle, quero ir apresentar-me ao coronel Gomes Freire de quem sou ajudante de campo.

— Impossivel, meu caro, respondeu o cirurgião, está livre de perigo, mas precisa de alguns dias de convalescença. Não póde entrar em serviço.

— Por força, exclamou Gaspar exasperado.

— Mas, meu amigo...

— Snr. Lisboa, tornou Gaspar friamente, se me não dá alta já, dou-lhe a minha palavra de honra que arranco o apparelho da ferida e bato com a cabeça no muro, até ella se me rachar de todo.

— Ó homem de Deus, acudiu Lisboa, que está a dizer? O meu amigo só precisa de dois ou tres dias para se restabelecer completamente. Porque

(1) Palavras textuaes d'este official, citadas nas notas com que o meu bom amigo Claudio de Chaby acompanhou os seus bellissimos *Excerptos historicos sobre a campanha do Roussillon*, optimo livro, que, juntamente com os escriptos francezes sobre o mesmo assumpto foram as fontes principaes, onde bebi as informações necessarias para este esboço de romance historico.

diabo se ha de ir expôr a um perigo inutil, quando, com pequena demora, pôde voltar ao seu posto completamente curado?

— Ajudante, a minha alta! tornou Gaspar no maior auge de exaltação, e preparando-se para executar a sua ameaça.

— C'o a bréca, bradou o cirurgião ajudante já exasperado tambem, com doidos não me entendo. Vá-se na paz do Senhor.

Gaspar nada mais quiz ouvir. N'um pulo saltou abaixo da cama, vestio-se com igual rapidez, e, dando o braço ao capitão Antonio de Lemos, saíu da enfermaria com passo vacillante, mas vencendo a extenuação das suas forças com o vigor passageiro da febre que o devorava.

Foi pelo caminho contando ao futuro visconde de Juromenha as peripecias do seu amor com Edmée. Antonio de Lemos ouviu-o attento, e, quando elle acabou, perguntou-lhe com verdadeira commiserção:

— E agora o que tencionas fazer, meu pobre amigo?

— Voltar á retaguarda, salvar Edmée ou morrer com ella.

Antonio de Lemos olhou para elle com assombro.

— E julgas que Forbes Skellater te dará licença? perguntou o joven capitão.

— Bem sei que não é possível.

— Então o que fazes ?

— Deserto !

Lemos julgou-o doudo.

Gaspar percebeu o sentimento que inspirára, e tornou com melancolico sorriso :

— Não é loucura, é expiação d'um crime horri-
vel que involuntariamente commetti. Se fôr feliz,
volto d'aqui a dois dias, e conto com Gomes Freire,
a quem te peço que tudo narres, para palliar a mi-
nha ausencia. Mas, se d'aqui a tres dias não voltar,
Antonio, reza pela minha alma.

Antonio de Lemos caio-lhe nos braços, soffoca-
do pelos soluços.

Gaspar, sempre febril, envolveu-se n'uma grande
capa que lhe escondia o uniforme e partio a todo o
galope na direcção de França.

D'ahi a instantes apparecia Gomes Freire.

— Onde está Gaspar ? disse elle assim que vio
Antonio de Lemos sósinho. Dizem-me no hospital
que elle saira com v. s.^a, e afinal não o apanho.

— Gaspar da Silveira desertou, meu coronel, res-
pondeu ainda com lagrimas na voz o capitão aggre-
gado do regimento de Peniche.

— Desertou ! acudio Gomes Freire espantado.

— Deserção de heroe ! tornou Antonio de Lemos
sombrio.

— Como a de Themistocles antes da batalha de
Salamina ? retrocou Gomes Freire sorrindo.

— Mais gloriosa, acudio Antonio de Lemos, por-

que o nosso infeliz compatriota foi consummar o sacrificio obscuro, o sacrificio d'onde, em vez de lhe resultar gloria, lhe póde resultar a deshonra!

E, caminhando ao lado da futura victima de 1817, Antonio de Lemos contou-lhe tudo quanto acabára de ouvir.

VII

As nupcias na guilhotina

Lembram-se d'aquella corrida phantastica e vertiginosa que Burger nos descreve n'uma das suas admiraveis balladas? Lembram-se daquella carreira espectral, que devorava montes, galgava precipicios, aplanava rios, e fazia percorrer a esses sombrios cavalleiros do tumulo no breve espaço d'uma noite o espaço que os vivos só em longos mezes percorrem?

Lembram-se da caçada infernal que arrasta no seu turbilhão de risos, de clamores, de sons de trompa, de latidos de cães o *beau Pécopin* da ballada de Victor Hugo, caçada que parece percorrer, como locomotiva diabolica, todas as devezas da floresta de Sátan, e que percorre o infinito, que parece durar uma noite, e que dura um seculo?

Pois só assim poderiam ter idéa da rapidez verdadeiramente vertiginosa do nosso Gaspar.

Sombrio, envolto na sua longa capa, com os cabellos fluctuantes ao vento, porque lhe caíra o chapéo na primeira galopada, atravessava Gaspar, como um turbilhão, os postos avançados dos portuguezes, e dos hespanhoes, que o julgavam encarregado de despachos importantes para o marquez de Vallesantoro, governador de Bellegarde, conforme elle lhes dizia de passagem.

A pouco e pouco foram diminuindo as guardas avançadas, e a estrada, ou antes, o trilho aberto na montanha, desenrolou a sua fita deserta diante dos olhos do joven official. Só de quando em quando um grupo de emigrados francezes, que, tendo ficado á rectaguarda, acceleravam o passo para se pôrem ao abrigo do exercito alliado, apparecia ao longe, e desviava-se para deixar passar esse cavalleiro, seguindo-o com olhos arrasados de agua, porque o viam internar-se na terra querida, onde lhes ficára o coração.

Se elles soubessem a tempestade que rugia no espirito d'esse cavalleiro impassivel!

Ás vezes uma pobre senhora, succumbindo á rapidez da marcha e ás dores pungentes do exilio, caía desfallecida á beira da estrada. Então Gaspar sustava o cavallo, e, dirigindo-o para ella, procurava distinguir-lhe as feições; mas, encontrando um des-

engano, continuava no galopar vertiginoso, murmurando :

— Edmée!

E os companheiros da pobre emigrada não o accusavam de egoismo e de indiferença, não o amaldiçoavam, mas, depois de o terem encarado fritos, curvavam-se em silencio perante essa dor immensa.

E elle continuava no seu galopar vertiginoso. Não o faziam parar nem as torrentes, nem as asperzas das rochas, nem os despenhadeiros. Descera a noite sobre as montanhas. Os pincares escaldados dos Pyrenéos desenhavam-se vagamente na atmosphera nocturna. De quando em quando ouvia-se o grito sinistro das aves das alturas. E no meio d'esse silencio austero das cumiadas resoava lugubrememente, acordando eccos infinitos, o tropear do cavallo. Algum pastor, que ao longe preparava a sua ceia frugal junto da fogueira que illuminava o horisonte, como almenara do moiro, julgava sentir a bulha dos passos do demonio das geleiras, do espirito infernal, que desprende rindo as avalanchas e as despenha sobre a choça da planicie. Qualquer dos romanticos deste seculo, se visse passar no seio da noite esse centauro sombrio, julgaria ver Fausto levado por um Mephistopheles invisivel ao congresso demoniaco de Brocken, na sinistra noite do Walpurgis.

O cavallo, rendido, não obedecia já ás esporas que se tingiam de sangue. O nosso joven official vio-

se obrigado a parar n'uma aldeia da serra, mas nesse rapido descanço não cuidou de si, cuidou unicamente em restaurar as forças do pobre corcel. Bem pensado, reanimado por um repouso d'uma hora, o cavallo pôde outra vez descer, no mesmo galope voador, as escarpas dos Pyrenéos. Alvoresceu a manhã semeiando das rosas do nascente o horisonte, onde se recortavam as cristas dos serros, e entre as brancuras lividas da nebrina, entre a purpura affogueada do Oriente surgia sempre, sempre esse cavalleiro phantasma, esse ente indefinivel, esse vaporoso centauro que transpunha os abysmos n'um galope infernal.

A galope! a galope! Cada instante de demora pôde trazer comsigo o infortunio, cada hora que se escoa na ampulheta do tempo, é uma pagina doirada que se rasga talvez no livro d'uma existencia.

A galope! a galope! O sol já inunda o céo com torrentes de luz, as flores erguem a corolla para receberem o beijo matinal do seu ardente amante. Mas quem sabe se nesse momento essa purissima flor, que os homens chamam Edmée, não pende na haste, desfallecida, exhalando, como ultimo perfume, uma palavra de amor?

A galope! a galope! Já se divisa ao longe a vasta planicie, onde ha pouco se erguia o acampamento portuguez, a ponte magestosa desenha na atmosphaera a arrojada curva do seu arco monumen-

tal; ouve-se o bramir do Tech, deslizando por entre as pedras do seu leito.

A galope! a galope! lá está ao longe a branca villa de Ceret, com a sua casaria timidamente agrupada em torno dos seus campanarios. Victima innocente da guerra, quantas vezes a teem pisado e repisado, nas fluctuações da victoria e da derrota, os exercitos contendores!

Na sua excursão pelas montanhas, Gaspar encontrára os tristes vestigios dos combates; cadaveres abandonados, que ainda não houvera tempo para sepultar, e em torno dos quaes volteiavam os negros bandos dos corvos.

Passando por ao pé d'um cadaver de official republicano, Gaspar apoderou-se-lhe do chapéo, e pôl-o na sua cabeça. A longa capa continuava a esconder-lhe completamente o uniforme.

Não eram necessarias essas precauções. A audacia é, muitas vezes, mais prudente que a prudencia. Como podia o exercito victorioso pensar que um official do exercito derrotado voltára atraz para internar-se *de gaieté de cœur*, como elles diriam, no territorio sulcado pelas tropas inimigas? Tres ou quatro palavras em puro francez, com que Gaspar respondeu concisamente a um soldado de cavallaria, foram bastantes para o pôrem ao abrigo de qualquer suspeita.

Chegou, finalmente, a casa de Edmée. Os vidros das janellas, todos quebrados, deram-lhe logo

tristíssimos rebates no coração. Subiu porém. Vagamente esperava que Edmée se tivesse escondido n'algum recanto. As salas conservavam os vestígios da devastação brutal. Espelhos partidos, moveis espalhados, uma desordem completa. Gaspar, desorientado, chamou Edmée em altos gritos. Respondeu-lhe o silencio lugubre. Correu ao quarto d'ella. A porta estava arrombada, e n'um lago de sangue jazia o cadaver do creado. O crucifixo querido de Edmée pendia apenas d'um prégo, e, melancolico, parecia contemplar com desalento esta scena de carnificina.

— Oh! morrer! morrer com ella, ou por ella e vingando-a, bradou Gaspar.

E, louco de desespero, desceu as escadas, montou a cavallo, e partiu a galope na direcção da villa.

Quando entrou nas ruas, notou que havia uma grande affluencia de povo, que se encaminhava para a praça. Ouviam-se gritos de morte, gargalhadas ferozes, e o *Ça ira* cantado em coro por homens desbragados que ameaçavam as pessoas amontoadas n'uma carreta, que sulcava a muito custo as ondas do populacho.

Gaspar poz-se em pé nos estribos, mas não pôde ver coisa alguma. A carreta ia rodeada de gendarmes a cavallo, que escondiam completamente os vultos dos infelizes, alvo dos insultos da plebe.

Comtudo, o joven official não podia avançar com a rapidez que desejava, porque a multidão era tão

compacta que o seu cavallo ia como que impellido lentamente pelas ondas da turba. Afinal chegaram a um largo. O povo, apertado nas ruas estreitas, pôde ali espriar-se, e Gaspar desaffogado pôde ver, no centro da praça, essa horrivel machina de invenção nova que se chamava guilhotina, e que havia dois annos estava sendo instrumento de tantos crimes!

A carreta parára, e as pessoas que n'ella iam assomavam á plataforma do cadafalso. Gaspar mirava com avidez esse espectaculo horrendo. Duas vezes vio o cutello sanguinolento erguer-se e abai-xar-se, e decepar a cabeça de um velho, e a d'um moço na flor da juventude. Mas de subito o nosso infeliz compatriota soltou um grito de desespero. Vira surgir ao cimo dos degráos vermelhos de sangue o rosto pallido, coroado com loiras tranças, d'Edmée.

— *Lâches, bourreaux!* bradou elle em voz vibrante, e lançando para traz a capa, e atirando para longe o chapéo republicano appareceu aos olhos d'essa turba, ébria de sangue, com o seu brilhante uniforme de official portuguez.

— Mata, mata! rugio a multidão exasperada.

E precipitou-se sobre elle. Mas Gaspar tirou friamente do cinto duas pistolas, disparou, prostrou os dois primeiros homens que lhe lançaram a mão, fez em torno de si um claro com a espada, e correu na direcção da guilhotina.

Edmée, a um tempo louca de jubilo e dôr, estendia-lhe os braços. Iam ter o gosto ineffavel de se beijarem uma vez antes de transpôrem os umbraes da eternidade. Mas o algoz, temendo que a sua victima lhe escapasse, agarrou-a pelos cabellos, meteu-lhe á força a cabeça na fresta da guilhotina e soltou o cutello. A cabeça gentil da herdeira dos Montlac foi rolar na plataforma aos pés de Gaspar que assomava n'esse momento. O official portuguez deu um grito de raiva, e, como se anhelasse sentir no pescoço o ferro ainda humido do sangue da sua noiva, foi immediatamente collocar-se debaixo do cutello. Este ergueu-se e caíó com a sua atroz impassibilidade, e a cabeça de Gaspar da Silveira rolou para junto da cabeça de Edmée.

Contava depois o carrasco, tremendo sempre com essa recordação, que vira os labios d'essas cabeças decepadas unirem-se n'um beijo ultimo.

Ou foi fascinação do algoz, ou vira elle realmente consummar-se esse funebre noivado da guilhotina?

São os mysterios da morte. Quem ousa penetrar-os?

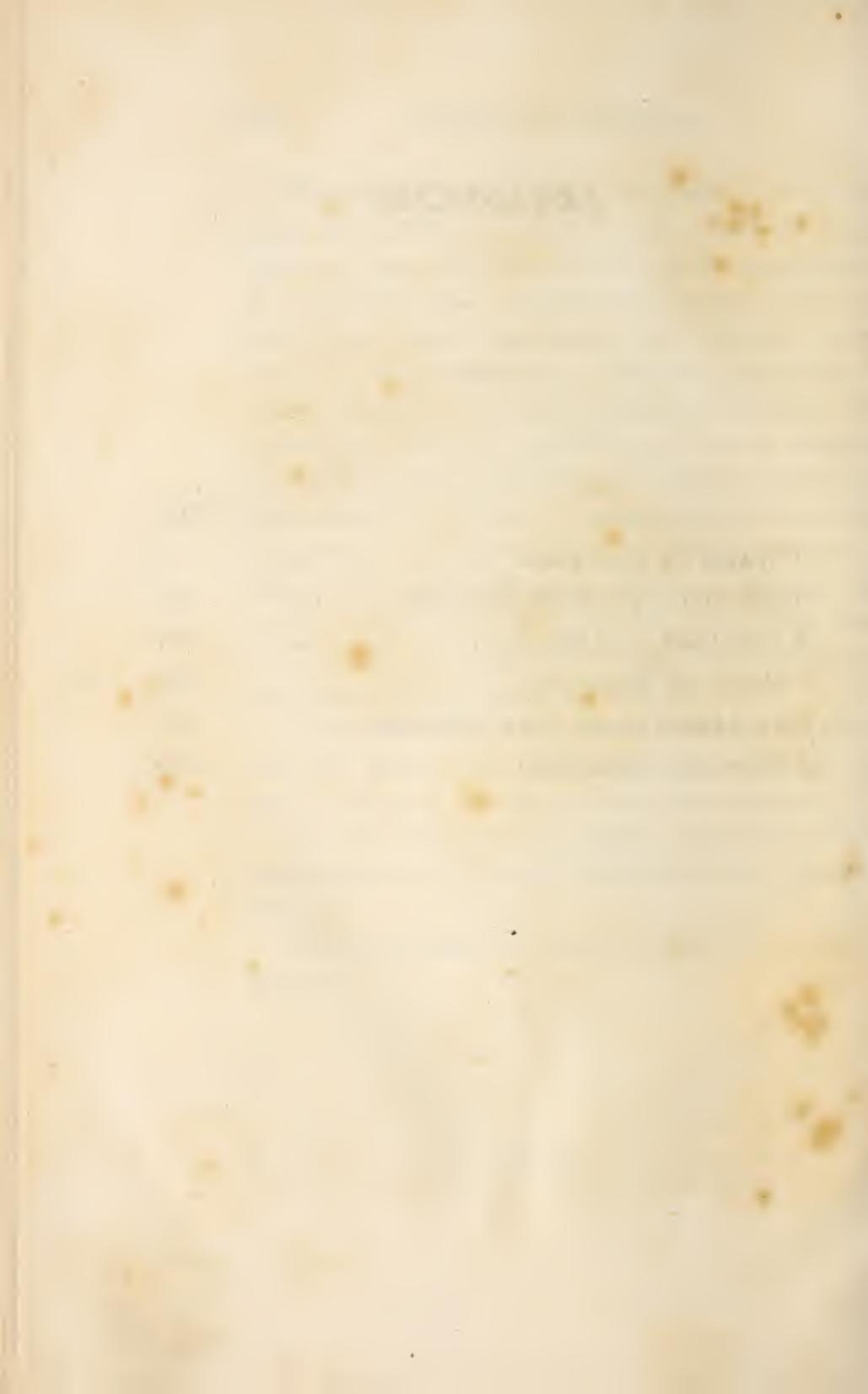
FIM.

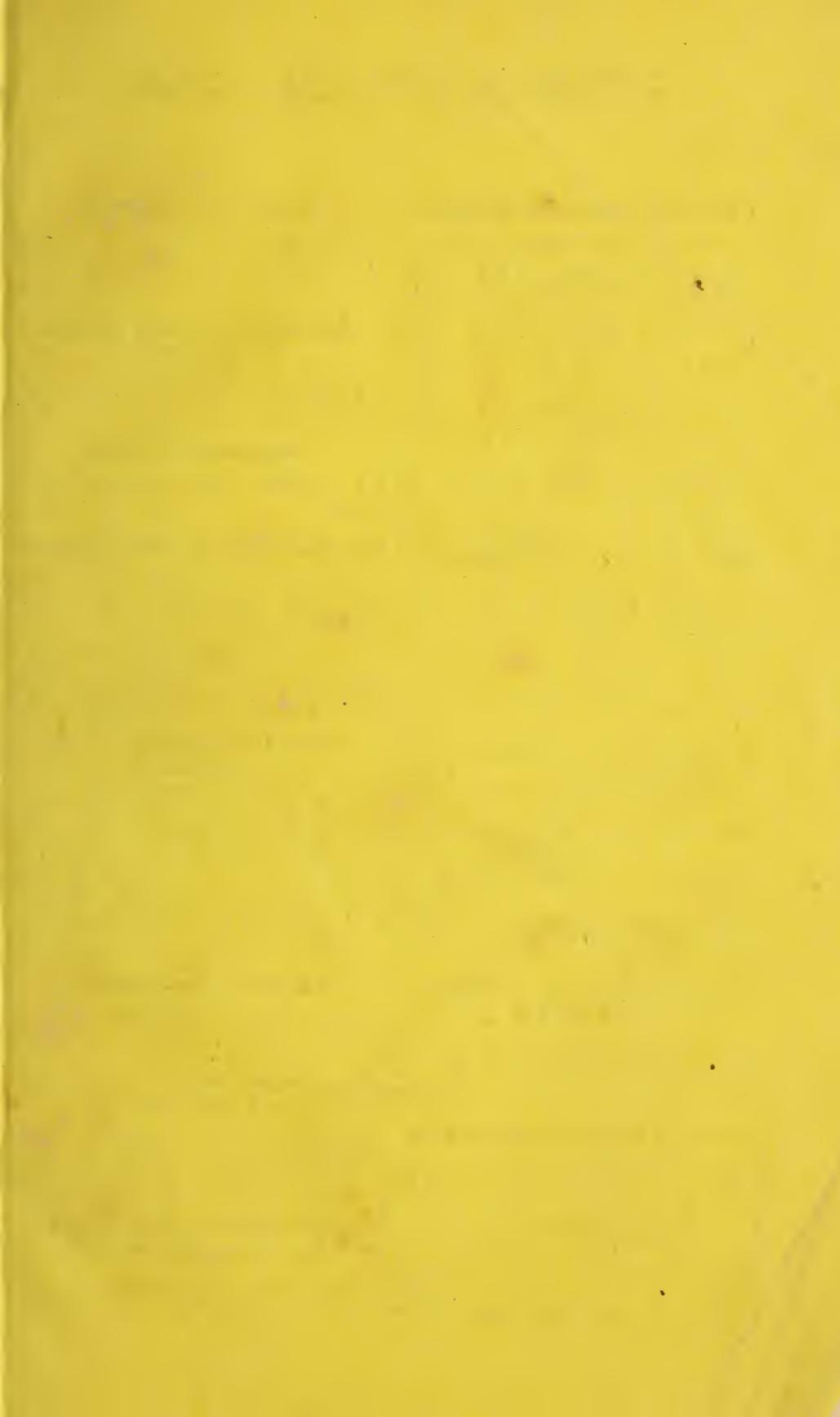
FEB 1 1934

INDICE



	PAG.
O WALLI DE SANTAREM	5
O ESCUDEIRO DE NUNO ALVARES	81
A PASSAGEM DO BOJADOR	107
O BERÇO DE MALDIÇÃO.	129
UMA AVENTURA DE CAPA E ESPADA	175
A NOIVA DO CADAFALSO	219





Camillo Castello Branco

AGULHA EM PALHEIRO, 2. ^a ed. rev. pelo autor, 1 vol.	500
AMOR DE PERDIÇÃO, 2. ^a ed., revista pelo autor, 1 vol.	500
AMOR DE SALVAÇÃO .	500
ANNOS DE PROSA, romance— 1 vol. 8. ^o	500
DIVINDADE DE JESUS.	600
DOZE CASAMENTOS FELIZES, 2. ^a ed. rev.—1 vol.	500
ESTRELLAS FUNESTAS, 2. ^a edição, 1 vol.	500
ESTRELLAS PROPICIAS	400
MEMORIAS DO CARCERE, 2. ^a ed. rev.—2 vol.	800
AS TRES IRMÁS, 2. ^a ed.	500
ROMANCE D'UM HOMEM RI- CO, 2. ^a ed. com um prefacio— 1 vol.	500
NO BOM JESUS DO MONTE, 1 vol.	500
ESBOÇOS DE APRECIÇÕES LITTERARIAS	500
A SEREIA, 1 vol.	500
UM LIVRO, 3. ^a ed., com um pro- logo por Thomaz Ribeiro.	500
O JUDEU, romance historico, 2 vol.	1\$000
VAIDADES IRRITADAS E IR- RITANTES	200

**Luiz Augusto Rebello
da Silva**

A MOCIDADE DE D. JOÃO V, 2. ^a edição, revista pelo autor—3 vol.	1\$500
--	--------

João de Andrade Corvo

UM ANNO NA CORTE, roman- ce; nova ed. rev. 3 vol.	1\$500
--	--------

Theophilo Braga

TEMPESTADES SONORAS, 1 vol.	500
POESIA DO DIREITO, 1v.	500

Thomaz Ribeiro

SONS QUE PASSAM, 1 v.	1\$000
D. JAYME, 3. ^a ed., rev. 1 v.	600

**Adrião Pereira Forjaz
de Sampalo**

O BUSSACO E A SERRA DA LOUZAN, 1 vol.	500
--	-----

Arnaldo Gama

O FILHO DO BALDAIA, 1 vol.	600
---------------------------------------	-----

Manoel Pinheiro Chagas

ENSAIOS CRITICOS, 1 v.	500
NOVOS ENSAIOS CRITICOS, 1 vol.	500
A MORGADINHA DE VAL FLOR	400
NOVELLASHISTÓRICAS	500

**Almeida Garrett (vis-
conde)**

PORTUGAL NA BALANÇA DA EUROPA, 2. ^a ed. 1 vol.	600
DA EDUCAÇÃO, 2. ^a edição, 1 vol.	600
RETRATO DE VENUS e Histo- ria da poesia e lingua portugueza. 1 vol.	600

Ricardo Guimarães

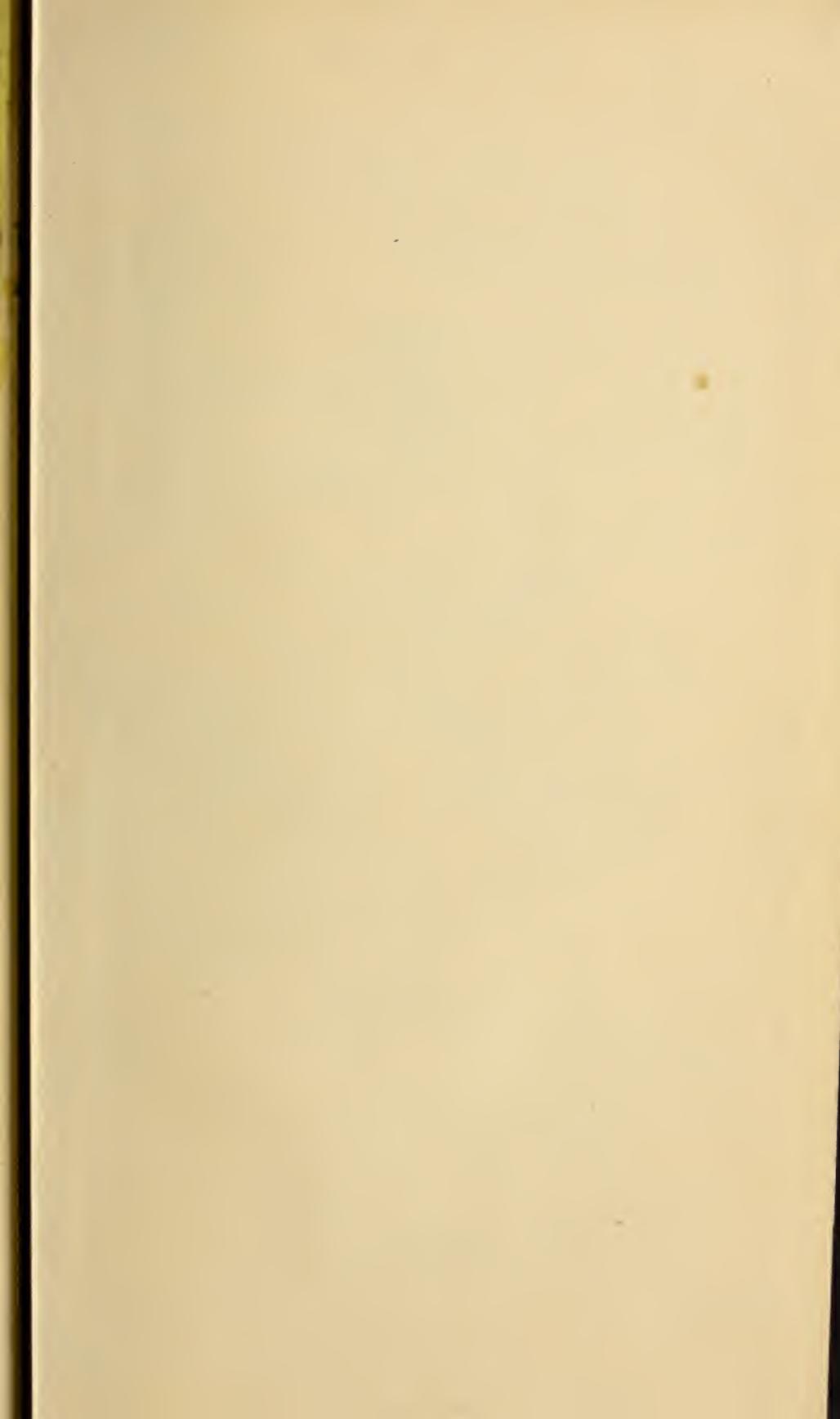
IMPRESSÕES DE VIAGEM, 1 vol.	500
---	-----

**Fr. Francisco dos Praze-
res Maranhão**

DICCIONARIO GEOGRAPHI- CO de Portugal e suas possessões. Nova edição, 1 vol. in-8. ^o	500
---	-----

**Joseph Gregorio Lopes
da Camara Sinval**

SERMÕES, com uma introdução por C. C. Branco, 1vol.	1\$000
--	--------



LIBRARY OF CONGRESS



0 027 250 914 1